

**TORNAR-SE MÃE DE UM SEGUNDO FILHO: DA GESTAÇÃO AO  
SEGUNDO ANO DE VIDA DA CRIANÇA**

**ALINE GROFF VIVIAN**

**Tese de Doutorado apresentada como exigência parcial  
para a obtenção do grau de Doutor sob orientação  
da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia Sobreira Lopes**

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia**

**Porto Alegre, abril de 2010**

Dedico essa tese ao meu amor Eduardo e à nossa maior obra juntos, nosso bebê.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu marido amado “Du”, que me ajudou a chegar aqui, com todo seu amor, incentivo e energia, sempre ligado à vida, indo cada vez mais longe e ainda assim estando junto comigo. Obrigada por estar tão perto e ao mesmo tempo entender quando a distância foi necessária. Pelo nosso bebê que carrego em meu ventre e que já têm nos ensinado tanto, desde o começo, sobre que somos e sobre quem ainda nos tornaremos.

À minha mãe, que estreou na maternidade com minha chegada e soube me ajudar a me tornar quem eu sou hoje, uma mulher, ainda filha a caminho de me tornar mãe. E ao meu pai, que mesmo vindo de uma família tão numerosa, soube ser tão singular comigo.

Ao mano Diego, com quem me tornei irmã e tive oportunidade de sentir e viver profundamente meu complexo fraterno, para assim compreender como é bom ter um irmão de verdade, o mais novo, segundo filho, mas primeiro menino e único filho homem. E a Andrea que se juntou a nós, vinda dos mares do sul.

À Dinda, minha “segunda” mãe e única madrinha do coração, que me mostrou como é bom ter o amor de mãe em dobro. E ao Osmar Fadanni seu querido companheiro e meu conhecido de longa data, com quem eu já convivía antes dele entrar para a nossa família, sempre compreensivo e tão habilidoso na cozinha, nos reunindo em torno de suas delicias preparadas com tanto carinho.

Ao meu “sogrão” Zago, ao cunhado André (Dedeco) e à inesquecível Nilza, que partiu muito cedo, mas que está sempre em nossa lembrança.

À Rita, minha orientadora, com seu pensamento profundo e sensível. Agradeço por apostar em mim e ajudar a revelar meu potencial acadêmico e por me apresentar melhor Winnicott e ainda auxiliar a descobrir o que não é fácil de ser encontrado, com um olhar apenas.

Ao Picicini, nesse momento relator, mas antes de disso professor e modelo de pesquisador. Obrigada pelo exemplo e seriedade com que nos auxilia a conduzir projetos, não só de pesquisa, mas de vida.

Aos membros da banca Regina O. Sordi e Maria Consuelo Passos pelas contribuições a esse estudo, desde o tempo em que ele era apenas um projeto.

A todos os professores e colegas do programa, em especial, às que me acolheram no Elsefi, num segundo momento do projeto, Débora de Oliveira e Caroline Rossato Pereira, com quem troquei experiências e compartilhei angústias e alegrias, desde o mestrado e, em especial, ao longo desse trajeto.

Às minhas parceiras de congressos e viagens da UFRGS. À amiga Aline Grill Gomes, que soube despertar com sua espontaneidade o meu lado mais leve, se tornando minha “mana”, a quem eu sinto sempre próxima, mesmo com as pequenas distâncias que às vezes teimam em serem maiores do que gostaríamos. À Giana, a nossa querida “bicho-curioso”, que costuma nos brindar com seus dotes culinários e sabores inesquecíveis de terras por onde ainda nem andei e de outros lugares em que estivemos juntas. À Milena e nossos encontros também no IEPP, espero que possamos continuar próximas. À Angela que quero poder encontrar mais. À Daniela Levandovski com sua sensibilidade e ternura. E aos maridos de todas vocês também.

Às amigas do “grupo” que compartilharam momentos intensos, Maria Cristina Bressani (Crica), também colega do Mestrado, à Gabriela Bichinho e à Clarissa Menezes, com quem compartilhei o seu processo tornar-se mãe do Nicolas, do Arthur e do Erico. E pelo grato reencontro com a Gabriela Filiposki (Beia), com quem dividi bons momentos desde a graduação e na Armação, por seu jeito acolhedor, genuíno, afetivo e marcante de viver a vida.

Às amigas da turma mais unida do IEPP, colegas que se tornaram muito especiais ao longo desses quatro anos de especialização, à Cristiana Ilha Moreira, Daniela “Garrafinha”, Denise Steibel, Elisa Bochernitsan, Fernanda Ribas, Luciana Rosa e a Fabi Sperb que tive o prazer de reencontrar algum tempo depois de formada. Espero ouvir *Black Birds* novamente com vocês e que ainda possamos seguir nos encontrando pela vida afora, depois da conclusão do curso.

Às supervisoras que colaboraram para minha formação acadêmica e clínica, em especial à Helô Tonetto, Kátia Jung e à Regina Klarman, por seus diferentes olhares sobre meus pacientes e casos. Aos docentes, em especial ao Calich, por me ajudar a encontrar o “complexo fraterno”.

Aos pacientes com quem aprendo tanto, obrigada pela confiança e por dividirem dores e alegrias de suas vidas comigo.

A todos que já foram meus alunos de graduação, extensão e especialização, bem como às bolsistas de iniciação científica com quem compartilhei momentos de ensino e aprendizagem.

Às colegas de Canoas: Bárbara, Lauren, Isabel e Patrícia Costa, com quem divido projetos e sonhos.

Às Loyolas queridas, amigas de tantos momentos especiais e fortes, Luciene, Tatiane, Michele, Simone, Carol e Verônica, por tantos encontros e também pelos desencontros que nos fizeram crescer e amadurecer. E aos “Loyolos” também. De novo e, em especial à Pati, “sócia”, com quem tanto as afinidades como as diferenças foram importantes para nos unir e aproximar. E ao Cristiano Kalkmann, parceiro de tantas corridas do Du e de viagens nossas.

Às amigas de infância que já não estão mais tão por perto quanto eu gostaria, mas que me ajudaram a entender o complexo fraterno, em especial à Aninha e à Carlinha, que se torna mãe junto comigo, por mais uma dessas coincidências de nossas vidas.

Aos amigos do Eduardo que se tornaram nossos, Pchara, Kieling e Felix e também a todo o pessoal do Terra, em especial, ao Salatino e à Lise, ao Miro e à Martina e aos demais colegas eu se tornaram amigos e suas esposas/namoradas.

Aos professores, colegas, alunos e amigos da Ulbra que acompanharam parte de minha trajetória. Ao Dr. Nestor Beck, exemplo profissional e ético.

À minha primeira e à segunda analista, que também me ajudaram a me tornar autora de minha própria história.

Ao CNPq, por viabilizar recursos para transformar esse trabalho em realidade.

E a todos que participaram de forma direta ou indireta desse trabalho, em especial às famílias participantes do estudo.

*“As ideias são como a respiração; são também como crianças, e se eu não faço nada por elas, [o paciente] sente que estão abandonadas. Seu medo maior é pela criança desamparada, ou pela ideia ou observação abandonadas, ou pelo gesto de uma criança que fica sem resposta”.*

Winnicott (1954/2000, p. 352)

## SUMÁRIO

RESUMO.....	9
ABSTRACT.....	10
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO.....	11
1. Tornar-se mãe: estudos teóricos e empíricos sobre a maternidade....	12
2. Tornar-se mãe de um segundo filho .....	28
2.1 Panorama de estudos internacionais e nacionais envolvendo um segundo filho .....	34
3. Justificativa e Objetivos.....	49
CAPÍTULO II - MÉTODO.....	52
Participantes.....	52
Delineamento e procedimentos.....	53
Instrumentos.....	55
Procedimentos e análise de dados.....	58
Considerações éticas .....	59
CAPÍTULO III - RESULTADOS .....	61
Tornar-se mãe de um segundo filho: da gestação ao segundo ano de vida .....	61
Caso 1: Dinorá, Pedro: Benjamin & Florence .....	61
Gestação: “ <i>Eu não sei ainda... vou ver como é que eu vou ser como             mãe dupla</i> ” .....	62
6 Meses: “ <i>Engraçado como um filho é diferente do outro</i> ” .....	71
12 Meses: “ <i>Tudo é o dobro</i> ” .....	76
24 Meses: “ <i>É impressionante, a gente ama igual, de forma diferente</i> ” .....	82
Síntese do caso 1 – Dinorá: de filha única à mãe dupla .....	88
Caso 2: Alice, Julio: Lívia & Pietro.....	96
Gestação: “ <i>Foi uma revolução...</i> ” .....	97
6 Meses: “ <i>um mais um não são dois, um mais um é um batalhão!</i> ” .....	108
12 Meses: “ <i>E agora tinha que dar conta de dois, então é mais             cansativo, é mais difícil</i> ” .....	115
24 Meses: “ <i>Eu tive que reaprender... ela não foi escola pra ele</i> ” ...	123
Síntese do Caso 2 - Alice: Uma aventura diferente .....	127
Caso 3: Constance, Ronaldo: Clarisse & Giulia.....	128
Gestação: “ <i>Tu já sabe tudo como é que vai ser</i> ” .....	139
6 Meses: “ <i>Uma mãe descabelada... privilegiada... feliz... realizada</i> ” .....	147
12 Meses: “ <i>É bem mais fácil, porque a gente já teve experiência da             primeira</i> ” .....	154
24 Meses: “ <i>Ter dois filhos é complicado</i> ” .....	160
Síntese do Caso 3 - Constance: uma mãe descabelada e realizada..	167
Caso 4: Natália, Diógenes: Fernando & Lorenzo .....	171
Gestação: “ <i>A gente fica bem mais tranquila</i> ” .....	172
6 meses: “ <i>O segundo é bem mais fácil</i> ” .....	176

12 meses: “ <i>O trabalho realmente é dobrado</i> ” .....	180
24 meses: “ <i>Mãe tinha que ser um polvo, com uma dúzia de tentáculos, para conseguir atender a todos</i> ” .....	186
Síntese Caso 4 – Natália: trabalho dobrado .....	194
<b>CAPÍTULO IV – DISCUSSÃO GERAL</b> .....	199
4.1 Semelhanças entre os casos quando ao tornar-se mãe de um segundo filho: as repercussões do “complexo fraterno” .....	199
4.1.1 O “complexo fraterno” e seu impacto na maternidade .....	200
4.1.2 Impressões sobre o tornar-se mãe de um segundo filho.....	200
4.1.3 Impressões sobre o bebê e relação com o segundo filho.....	215
4.1.4 Relação com a própria mãe .....	220
4.1.5 Relação com a marido .....	225
Considerações finais .....	229
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	236
<b>ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</b> .....	252
<b>ANEXO B - Ficha de Contato Inicial</b> .....	253
<b>ANEXO C - Entrevista de Dados Demográficos do Casal</b> .....	254
<b>ANEXO D - Entrevista sobre a Gestação e as Expectativas da Gestante</b>	255
<b>ANEXO E - Entrevista sobre a Experiência da Maternidade e o Desenvolvimento do Segundo Filho aos 6 meses</b> .....	257
<b>ANEXO F - Entrevista sobre o Relacionamento Familiar aos 6 Meses do Segundo Filho</b> .....	258
<b>ANEXO G - Entrevista sobre a Experiência da Maternidade e o Desenvolvimento do Segundo Filho aos 12 meses</b> .....	259
<b>ANEXO H - Entrevista sobre o Relacionamento Familiar aos 12 Meses do Segundo Filho</b> .....	261
<b>ANEXO I - Entrevista sobre a Experiência da Maternidade e o Desenvolvimento do Segundo Filho aos 24 meses</b> .....	262
<b>ANEXO J - Entrevista sobre o Relacionamento Familiar aos 24 Meses do Segundo Filho</b> .....	266
<b>ANEXO L - Estrutura de categorias e subcategorias temáticas</b> .....	268
<b>ANEXO M – Carta de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa</b> .....	270

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Dados demográficos das famílias com dois filhos.....	53
---	----



## RESUMO

O presente estudo investigou o processo de tornar-se mãe de um segundo filho, da gestação ao segundo ano de vida da criança. Especificamente, buscou-se compreender o impacto do “complexo fraterno” nesse processo. Participaram do estudo quatro mães, com idades entre 33 e 34 anos, contatadas no terceiro trimestre de gestação. Todas residiam com o marido, pai dos dois filhos, na região metropolitana de Porto Alegre e o nível socioeconômico das famílias variou de médio a alto. A pesquisa teve um delineamento de estudo de casos coletivo, em que cada caso foi investigado longitudinalmente, em quatro períodos: na gestação, aos 6, aos 12 e aos 24 meses do segundo filho. Os dados foram obtidos através de entrevistas individuais, estruturadas, aplicadas de forma semi-dirigida. Os relatos das mães foram submetidos à análise de conteúdo qualitativa. As categorias que guiaram a análise foram: as impressões sobre o tornar-se mãe de um segundo filho, expectativas e relação com o segundo filho, relação com a própria mãe e relação com o marido. Foram apresentadas as particularidades e semelhanças entre os casos. Os resultados foram discutidos a partir do referencial psicanalítico e de teorizações derivadas do campo da psicologia do desenvolvimento. Notaram-se mudanças ao longo do processo de tornar-se mãe de um segundo filho, que acompanharam o desenvolvimento tanto da criança quanto da própria mãe. Mesmo com o respaldo da experiência anterior, a ideia que o segundo seria mais fácil foi sendo revista, ao longo do desenvolvimento do segundo filho. A criação gradativa de espaço para mais uma criança constituiu-se num desafio que se deu paralelo ao desenvolvimento rumo à independência do segundo filho. As mães recorreram a muitas comparações entre os filhos, antes de poderem identificar e aceitar a singularidade de cada um. Em paralelo, a relação com a própria mãe passou por uma reorganização com a chegada do segundo filho. Houve aproximação entre ambas, que possibilitou uma reavaliação do modelo materno e da própria identidade das participantes como mães. A relação com o marido foi marcada pelo apoio, em especial, nos cuidados do primogênito, durante o período investigado. O “complexo fraterno” revelou-se como um importante conceito para se compreender processos evolutivos no tornar-se mãe de um segundo filho.

**Palavras-Chave:** tornar-se mãe, segundo filho, “complexo fraterno”

## ABSTRACT

The present study investigated the process of becoming a mother of a second child, from pregnancy to the second child's second year of life. More specifically, the study aimed to understand the impact of the "fraternal complex" in this process. Four mothers, aged 33 to 34, were contacted in the third trimester of pregnancy. They all lived with their husbands, who were the fathers of both children, in the metropolitan region of Porto Alegre. The families' socioeconomic level varied from medium to high. The research was based on a collective-case study design, in which each case was investigated longitudinally, in four periods: during pregnancy, at the child's 6, 12 and 24 months of life. Data were obtained from individual, semistructured interviews and were submitted to qualitative content analysis. The categories which guided the analysis were: impressions on becoming a mother of a second child, expectations and relationship with the second child, relationship with their own mothers and relationship with the father. The cases' similarities and particularities were presented. The results were discussed based on the psychoanalytic framework and theorizations derived from the developmental psychology field. Some changes could be identified alongside the process of becoming a mother of a second child, which followed both the child's and the mother's development. Despite the previous experience, the idea that the second child would be easier was revised alongside the second child's development. The gradual creation of a space for one more child was a challenge that followed the second child's development towards independence. Mothers resorted to many comparisons between the children before they could identify and accept each one's singularity. At the same time, mothers' relationship with their own mothers also went through a reorganization with the arrival of the second child. The proximity between them increased and enabled a reassessment of the maternal role and of their own identity as mothers. The relationship with their husbands was characterized by support, especially as far as firstborn care during the period investigated is concerned. The "fraternal complex" revealed itself as an important concept for understanding developmental processes in the process of becoming a mother of a second child.

**Keywords:** becoming a mother, second child, "fraternal complex"

## CAPÍTULO I

### INTRODUÇÃO

O tornar-se mãe vem sendo amplamente investigado, especialmente em relação ao primeiro filho (Arendell, 2000; Correia, 1998; Solis-Ponton & Lebovici, 2006; Nelson, 2003; Trad, 1990). Na literatura, estudos sobre a maternidade do segundo filho são menos frequentes e mais recentes (Frost, 2005; 2006; O'Reilly, 2002; 2004). Muitos autores conceituaram questões ligadas às transformações decorrentes de tornar-se mãe (Brazelton & Cramer, 1992; Stern, 1997; Winnicott, 1966/1987). Desde antes da gestação, em especial durante esse período, mudanças complexas começam a ocorrer (Piccinini, Lopes, Gomes & Nardi, 2008; Szejer & Stewart, 2002). Tornar-se mãe implica em uma trajetória de amadurecimento, vivida através da relação com a criança em desenvolvimento e da experiência com os próprios pais, o cônjuge (Balsam, 2000; Brazelton, 1988; Houzel, 2004; Winnicott, 1968/1987) e irmãos (Kancyper, 1999, 2002, 2004). Esse percurso implica em um processo complexo, envolvendo identificações em níveis conscientes e inconscientes, experienciado de forma única com cada filho.

O nascimento do segundo filho é considerado qualitativamente diferente do primeiro (Gottlieb & Baillies, 1995; Upton, 2000). Dessa forma, ter um segundo filho ocasiona mudanças para a mãe e no cenário familiar (Maldonado, Dickstein, & Nahoum, 1996; Pereira & Piccinini, 2007; Raphael-Leff, 1997). Cada experiência de nascimento de uma criança é nova (Mercer, 2004; Szejer & Stewart, 2002). De maneira diversa da primeira vez, a chegada de um novo bebê remete para a criação de estratégias diversas para lidar com as tarefas de desenvolvimento, capacidade de adaptação para receber a criança na família e habilidades para administrar as necessidades emergentes (Dessen & Braz, 2000; Pereira & Piccinini, 2007). Sendo, assim tornar-se mãe de dois filhos gera mudanças, que vão além das transformações físicas (Walz & Rich, 1983). Tais modificações costumam se estender desde a gestação até os dois anos subsequentes ao nascimento da criança (Kreppner, 2000; Trad, 1990), podendo ir além desse período (Weaver & Ussher, 1997).

Tendo em vista que tornar-se mãe de um segundo filho constitui-se uma experiência diferenciada e nova, fazem-se necessárias investigações que estudem longitudinalmente esse acontecimento. Nesse sentido, o presente estudo busca

investigar o tornar-se mãe de um segundo filho, desde a gestação até o segundo ano de vida da criança.

Inicialmente será traçado um panorama sobre os conceitos psicanalíticos e da psicologia do desenvolvimento envolvendo a maternidade, incluindo o processo de tornar-se mãe, a partir de sua história pessoal e posição na família e através da relação com o bebê, com a própria mãe e o cônjuge. Posteriormente, serão apresentados os estudos encontrados na literatura envolvendo a maternidade e o contexto de um segundo filho. O referencial teórico psicanalítico embasará a discussão e o entendimento do processo de tornar-se mãe de um segundo filho, nos casos aqui analisados.

### **1. Tornar-se mãe: estudos teóricos e empíricos sobre a maternidade**

Para a maioria dos adultos, o nascimento de um filho e a transição para a parentalidade estão entre as mudanças mais expressivas da vida (Stewart, 1990). Muitos autores conceituaram questões ligadas à maternidade e as transformações psíquicas decorrentes de tornar-se mãe (Brazelton & Cramer, 1992; Stern, 1997; Winnicott, 1956/2000). Desde antes da gestação, em especial durante esse período, mudanças complexas começam a ocorrer (Piccinini et al, 2008). Sendo assim, a vida de uma mulher se modifica de muitas maneiras quando ela concebe um filho (Winnicott, 1964/1982a). Para o autor, a experiência revela que se opera uma gradual transformação, tanto nos sentimentos, quanto no corpo de uma mulher que concebeu.

Com base na teoria psicanalítica, a motivação para ter um filho é alimentada por diferentes fatores, de acordo com a história pessoal de cada mulher. Incluem-se aí a identificação, a satisfação de necessidades narcisistas e as tentativas de recriar velhos laços no novo relacionamento com o bebê (Brazelton & Cramer, 1992; Colarusso, 1990; Freud, 1921/1969; Stern, 1997), dentre outros motivos possíveis. A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa (Freud, 1921/1969). O mecanismo da identificação baseia-se na possibilidade ou desejo de colocar-se no lugar de alguém ou em uma situação semelhante. Contudo, para Freud, a identificação é um processo ambivalente desde o início, pois tanto pode tornar-se facilmente uma expressão de ternura quanto um desejo de afastamento de alguém. Assim, a identificação se trata de algo que o sujeito gostaria de ser, como se fosse um modelo. De acordo com Freud (1921/1969), a identificação é o que prepara o

ingresso no complexo de Édipo. Nesse sentido, conforme Ferrari, Piccinini e Lopes (2006), a herança identificatória vivenciada no período edípico liga-se à possibilidade futura de a mulher tornar-se mãe, saindo da condição de filha.

O início do processo de identificação com o bebê se dá na infância da própria mãe. Brazelton e Cramer (1992) lembram que, nos primeiros anos, a mulher também recebeu algum tipo de cuidado materno. À medida que a autonomia da menina se desenvolve, ela passa a imitar e aprender como age a figura materna ou a sua própria mãe. Tais comportamentos tendem a ser incentivados pelos adultos e acabam por fortalecer a identificação inconsciente da menina com sua mãe e outras figuras maternas, através da própria experiência de ter sido cuidada. As brincadeiras maternas e simbólicas costumam ocorrer em grupos de meninas, a sós ou com suas mães. Assim, cada mãe, a partir de suas experiências da infância e das exigências do ambiente, acaba por criar sua definição de papel maternal e passa a constituir seu modelo pessoal (Cramer, 1997). Posteriormente, durante a gestação a mãe começa a desenvolver um processo de identificação com o filho (Winnicott, 1967/1987). Além disso, a gravidez é o momento de preparação para uma nova identidade, que na mulher, que já começou a se constituir desde a infância (Stern, Bruschiweiler-Stern, & Freeland, 1999).

Ainda no relacionamento inicial entre uma mãe e seu filho, é necessário distinguir aquilo que pertence à mãe daquilo que já começa a se desenvolver na criança. Constatamos na mãe grávida uma identificação cada vez maior com seu filho (Winnicott, 1960/1993). Nessa etapa, estão presentes dois tipos diferentes de identificação, a da mãe com seu filho e o posterior estado de identificação da criança com a mãe. A partir dessa distinção, Winnicott (1966/1987) nos lembra a diferença fundamental que existe entre a mãe e o bebê. A mãe já foi um bebê e tal experiência está localizada em alguma parte do seu ser. Ela própria já partiu de uma situação de dependência e, aos poucos, também já adquiriu autonomia. Além disso, ela brincou de ser um bebê, assim como brincou de ser pai e mãe. Pode também ter regredido a um comportamento de bebê nas ocasiões em que ficou doente e, talvez, tenha observado sua mãe cuidando dos irmãos mais novos. Ela própria pode ter aprendido a cuidar de bebês e, talvez tenha lido livros e formado suas próprias ideias a respeito da forma certa ou errada de lidar com eles. Ela também pode buscar ou seu próprio caminho, como uma pioneira.

O bebê, por sua vez, nunca foi mãe e, nem mesmo, anteriormente, um bebê. Para qualquer bebê, tudo é uma *primeira experiência*, inexistindo qualquer medida para comparação ou julgamento. Para essa criança o tempo não se mede tanto por relógios, pelo nascer ou pôr-do-sol, como pelo ritmo do coração e da respiração maternos e outros dispositivos não-mecânicos (Winnicott, 1968/1987). Aí o autor nos apresenta a fundamental dicotomia, na descrição da comunicação mãe-bebê que inclui a possibilidade da mulher de regredir. Enquanto a mãe pode retroceder a formas de experiência infantil, para o bebê é impossível tamanha sofisticação, característica de um adulto.

A partir do que foi apresentado, considera-se que o cuidado materno se dá pela identificação da mãe com o bebê e não por via de um ato mental deliberado, pois ela sente o que é necessário para o filho no momento em que alguma situação se apresenta (Dias, 2003). Por isso, há consequências importantes derivadas das concepções de experiência e da capacidade de ter experiências. Para Winnicott (1960/1993), é por causa dessa identificação com o bebê que a mãe sabe como protegê-lo, de modo que ele comece por existir e não por reagir, através desse relacionamento especializado com a mãe, descrito pelo autor como devoção. Nesse sentido, o cuidado materno capaz de satisfazer as necessidades específicas de desenvolvimento do filho é fundamental. Também para Winnicott (1965/1993), o cuidado materno muda de acordo com o crescimento da criança, indo ao encontro tanto da dependência do bebê quanto dos primeiros movimentos rumo à independência. Ainda assim, o essencial do papel da mãe e do pai não repousa somente sobre o que se faz pelo bebê, mas nas trocas que se estabelecem (Brazelton, 1988).

A mãe devotada comum é capaz de fornecer um ambiente no qual os processos complexos e essenciais do *self* podem se desenvolver. Para Winnicott (1965/1993), o funcionamento do meio ambiente facilitador começa com uma adaptação praticamente perfeita que vai diminuindo de acordo com as necessidades do bebê, bem como uma disposição da mãe de se identificar temporariamente com o filho. O autor revela a importância de distinguir entre a capacidade que uma mãe tem de identificar-se com seu bebê, mantendo naturalmente sua autonomia, e o estado próprio ao bebê de não haver emergido ainda da dependência absoluta. Com isso, entende-se que o bebê só se torna capaz de separar o eu do não-eu, gradativamente. Um importante passo no desenvolvimento emocional ocorre quando o bebê pode reconhecer o fato da

dependência e conseguir ter um *self* apenas relativamente dependente. Portanto, a fim de oferecer provisão ambiental, a mãe tem que perceber adequadamente as necessidades emocionais dos filhos, o que lhe exige bastante (Winnicott, 1960/1993). Nesse sentido, a mãe é o ambiente facilitador no começo do desenvolvimento infantil, que vai favorecer o amadurecimento da criança (Winnicott, 1945/2000).

Quanto ao desenvolvimento nos anos iniciais e as repercussões da crescente autonomia infantil para a maternidade, apresenta-se a perspectiva de Colarusso (1990), que comenta que, ao mesmo tempo em que o papel parental se expande, ocorre uma maior individuação em relação aos próprios pais. Com base nesse aspecto, o autor aponta para três temas que emergem: a) tornando-se mãe, a mulher assume um papel que antes era exclusivo de seus pais e que a aproxima deles; b) são feitas constantes comparações, conscientes e inconscientes, entre a forma como cuida de seu bebê e maneira como foi criada, gerando conexões entre as gerações e c) o fato de “dar um neto” aos pais incrementa sua própria individuação, trazendo-lhe prestígio por ser um evento único e importante, além de remeter a mudança dos papéis geracionais e continuidade genética.

Ainda no que se refere à parentalidade, alguns pontos em comum são expostos por Houzel (2004), para quem a parentalidade designaria o processo através do qual a mulher e o homem se tornam pais, do ponto de vista psíquico. Nesse aspecto, tornar-se mãe liga-se à maturidade psíquica e implica no reconhecimento de que a vida que foi recebida dos próprios pais pode ser transmitida a um filho. O autor destaca que nesse processo estão envolvidas as questões de identificação com o genitor do mesmo sexo e edípicas, fantasias inconscientes, além de um desejo de separação dos objetos parentais. Sendo, assim a relação com os pais, em especial com a própria mãe repercutem na maternidade.

A história familiar da mãe interfere no tipo de relacionamento que será estabelecido com o bebê, após seu nascimento (Fraiberg, Adelson, & Shapiro, 1994). Considera-se que a mãe, foco do presente estudo, a partir de suas experiências pessoais, faz projeções sobre seu filho. Brazelton e Cramer (1992) destacam que existem graus adaptativos e destrutivos da projeção. Em se tratando da relação inicial de uma mãe com seu filho, um certo grau de projeção constrói o relacionamento. Em especial, quando o bebê é revestido das características valorizadas pelos pais. Já nas projeções patológicas, exageradas ou distorcidas, há

interferência no relacionamento da dupla e dificuldade de reconhecer a individualidade da criança. Isso pode ocorrer nos casos em que um bebê é revestido de expectativas inatingíveis. Sendo assim, um certo grau de projeção é necessário e mediado por fantasias e conflitos internos parentais (Brazelton & Cramer, 1992; Kancyper, 2004; Lebovici, 1987).

No ensaio sobre o narcisismo, a famosa expressão “Sua Majestade o Bebê” é cunhada por Freud (1914/1969, p. 98), para se referir à maneira pela qual os pais, em sua atitude emocional, muitas vezes, atribuem perfeições ao filho e ocultam suas dificuldades. A partir dessa observação Freud nos remete tanto ao narcisismo infantil, quanto ao ideal de ego, ou seja, o amor dos pais revivido no filho, que será o centro e o âmago da criação. Nesse sentido, a criança passa a ser vista como aquela que é capaz de concretizar os sonhos que os pais jamais realizaram. No ponto mais sensível do sistema narcisista, a imortalidade do ego, tão oprimida pela realidade e a segurança pode ser alcançada por meio do refúgio na criança. De acordo com Freud, se prestarmos atenção à atitude dos pais afetuosa para com os filhos, podemos observar o quanto os pais revivem e reproduzem seu próprio narcisismo através das crianças. Ainda assim, o filho também pode investir os pais na categoria de reis. Kancyper (2004) relembra que os pais ocupam uma posição particular para o sistema narcisista filial. Eles representam os primeiros herdeiros da transição do narcisismo primário da criança e se encontram investidos das perfeições inerentes à onipotência infantil.

Quanto à expressão do narcisismo na vida psíquica feminina, este se expressa por meio das fantasias de ser completa e onipotente (Brazelton & Cramer, 1992). Assim, no tornar-se mãe está envolvido o desejo de conservar uma imagem idealizada de si mesma como um ser completo. Além disso, inclui-se o desejo de duplicar a si mesma ou espelhar-se e o de realizar os próprios ideais. O desejo de completude é satisfeito tanto pela gravidez quanto pela própria existência da criança. Em algumas mulheres predomina o desejo de estar grávida, pois a gestação é o que oportuniza sentirem-se plenas, de experimentarem a potência e a produtividade do corpo (Brazelton & Cramer, 1992). Portanto, um filho pode ser considerado um complemento narcisista da mãe (Cramer, 1997). Para Lebovici (1992), o desejo de maternidade não se inicia quando a mulher decide ter um filho. Ser mãe corresponde a um desejo que pode aparecer na mais tenra idade. Conforme apresentado anteriormente, os processos identificatórios iniciam muito cedo, a identificação primária já se constrói nas interações



primitivas mãe-bebê. Assim, o filho fantasmático é fruto do desejo inconsciente da maternidade. Enquanto o filho imaginário pertence ao pré-consciente e é fruto do desejo de ter um filho. Esse filho pode tornar-se portador de valores transmitidos de geração em geração. O filho imaginário é investido pela mulher de uma projeção narcisista considerável. Contudo, muitas vezes, o desejo de ser mãe e o desejo de ter filhos se confunde. Somente quando a criança nasce, a mãe se confronta com o filho da realidade. É esse bebê que ela segura nos braços, cuida e alimenta, com a dupla referência existente, o registro fantasmático (inconsciente) e o registro imaginário (pré-consciente).

A mãe pode projetar no seu bebê o que há nela do bebê que ela foi, ou seja, suas regressões mais profundas (Soulé, 1987; Raphael-Leff, 1997). É preciso que essas não a angustiem demasiadamente e que ela tenha coesão de ego suficiente para lidar com essas regressões. Lembramos que os bebês são capazes de despertar sentimentos muito primitivos em quem convive com eles. Eles podem trazer à tona as partes infantis de quem os cuida (Golse, 2003). Para Winnicott (1968/1987), pode se falar de um confronto de desamparos, pois a mãe também se sente desamparada em relação à dependência e desamparo do seu bebê. Também para Golse (2002), os bebês reativam as posições infantis dos pais e dos que convivem com eles, assim como as angústias e depressões primárias, por remeterem à fragilidade e desamparo inicial do ser humano. O autor aponta que em um nível de interação fantasmática, as representações mentais da mãe podem influenciar o funcionamento do bebê, assim como as projeções maternas sobre a criança. Há uma ambivalência inevitável para com os bebês, tanto para os pais, quanto para os cuidadores. Para os pais, porque ao nascer, a criança altera em muito o equilíbrio familiar existente, ao mesmo tempo em que favorece a reorganização das identificações familiares.

A fim de retomar conceitos acerca da maternidade encontramos na literatura diversas menções às mudanças físicas e psíquicas que se produzem na mãe já na gestação e no pós-parto, como a preocupação materna primária (Winnicott, 1956/2000), a constelação da maternidade (Stern, 1997) e a transparência psíquica (Bydlowski, 2002), dentre outras como a neoformação psíquica (Cramer & Palácio-Espasa, 1993). A fim de compreender como algumas mães conseguem fazer uma adaptação quase perfeita às necessidades do bebê, torna-se importante apresentar o conceito preconizado por Winnicott (1956/2000), denominado de preocupação materna primária. Esse estado de sensibilidade

aumentada se desenvolve no período final da gravidez, seguido das primeiras semanas após o nascimento, em que a mãe está dedicada ao cuidado do seu bebê, que de início parece ser parte dela mesma. Além disso, o autor menciona que a mulher está muito identificada com o filho e sabe como ele está se sentindo. Isso lhe possibilita ser uma presença constante e receptiva no atendimento às necessidades do bebê. Desta forma, torna-se capaz de fornecer um contexto para que a constituição da criança comece a se manifestar, para que as tendências do desenvolvimento possam desdobrar-se e para que o bebê comece a experimentar movimentos espontâneos e se aproprie das sensações correspondentes a essa etapa inicial. Por isso, propiciar um ambiente suficientemente bom na fase mais primitiva capacita o bebê a começar a existir, a ter experiências, a constituir um ego pessoal, a dominar os instintos e a defrontar-se com as dificuldades inerentes à vida.

Usando outro conceito para referir-se à mesma fase, Stern (1997) definiu uma organização psíquica inaugurada com o nascimento de um bebê, denominando-a de constelação da maternidade. Essa constelação é capaz de favorecer, temporariamente, uma nova série de tendências de ação, sensibilidades, fantasias, medos e desejos. Entretanto, para este autor diferentemente de Winnicott (1956/2000), que circunscreve este momento aos primeiros meses, a constelação da maternidade teria uma duração mais variável, podendo persistir por alguns meses ou até por muitos anos. Ela torna-se o eixo central da vida psíquica da mãe e envolve um conjunto de preocupações distintas sobre os seguintes temas: vida-crescimento, relacionar-se primário, matriz de apoio e reorganização da identidade. O primeiro tema, denominado pelo autor vida-crescimento, gira em torno da capacidade materna de manter o bebê vivo, além de promover seu crescimento e desenvolvimento físico. É comum perceber a preocupação das mães em verificar se o bebê adormecido está respirando, além de se preocuparem com as questões sobre a alimentação ou ainda que não se deixe o bebê cair. O segundo tema do relacionar-se primário, também preconizado por Stern (1997), implica na capacidade materna de envolver-se emocionalmente com seu bebê, de forma suficientemente autêntica, para promover seu desenvolvimento psíquico. Para o autor este momento duraria aproximadamente um ano e incluiria a “preocupação materna primária” de Winnicott (1956/2000). O terceiro tema diz respeito à matriz de apoio (Stern, 1997) e refere-se à necessidade da mãe de criar, permitir, aceitar e regular uma rede de apoio protetora para si, para que possa realizar as tarefas dos

temas anteriores: manter o bebê vivo e promover seu desenvolvimento psicoafetivo. A primeira função da matriz de apoio é proteger a mãe fisicamente, provendo suas necessidades vitais e permitindo que possa dedicar-se ao bebê. A segunda função é de ordem psicológica e educativa: a mãe precisa sentir-se apoiada, valorizada e apreciada. O pai parece cumprir melhor a primeira função, enquanto que as figuras maternas da mãe são evocadas para auxiliar na segunda. Nesse sentido, observa-se uma tendência à reativação e reorganização do relacionamento da mãe com sua própria mãe (Stern, 1997). O quarto tema é chamado pelo autor de reorganização da identidade. A mãe precisa transformar e reorganizar sua identidade. Isso é necessário para que a mulher consiga alterar seus investimentos emocionais, sua distribuição de tempo e energia em suas atividades. Nesse ponto, a necessidade de modelos é evidente, pois o trabalho mental exigido para tal transformação fará com que a mulher reviva sua história de identificações com a própria mãe e com outras figuras maternas e paternas. Por fim, para Stern (1997), a constelação da maternidade reúne o discurso da mãe com sua própria mãe, seu discurso consigo mesma e seu discurso com o bebê, formando a trilogia materna. Stern aponta ainda que a mãe costuma apreciar a ajuda e pode precisar da aprovação e valorização da própria mãe ou de uma figura parental, nos cuidados com o bebê.

Outra modalidade particular de funcionamento do psiquismo materno foi chamada por Bydlowski (2002) de transparência psíquica. A emergência de conteúdos psíquicos relativos a experiências e fantasias encontra-se facilitada, pois o recalçamento encontra-se reduzido. Para a autora, esse estado é marcado por um superinvestimento da história pessoal da mãe, com uma plasticidade das representações mentais, centradas em uma polarização narcísica. Ela ainda considera que, em se tratando da filiação, uma dívida de vida inconsciente liga o sujeito aos seus pais. Para que se dê a transmissão da vida, é necessário reconhecer tal dívida de existência, fundamento de todo nascimento. Nesse sentido, a mãe é influenciada por sua experiência pessoal prévia, com os próprios pais. Para Stern (1997), o que a mãe experienciou com a própria mãe, enquanto bebê pode ser evocado pelo contexto de cuidados do próprio filho, através da identificação.

Por fim, Cramer e Palácio-Espasa (1993) apontam que a chegada do bebê desperta nos pais, especialmente na mãe, a revivência de fantasias infantis, promovendo o que denominam de neoformação psíquica, ou seja, uma forma

particular de funcionamento psíquico. A partir deste processo, os pais costumam atribuir características e significados ao comportamento do bebê, através da identificação projetiva. Essa nova relação com o bebê também poderá ser uma chance de reviver antigos relacionamentos (Brazelton & Cramer, 1992).

Conforme apresentado, o período em que se instaura a maternidade é considerado um momento diferenciado para a mulher. Durante a gestação, na medida em que o corpo se encarrega da transformação física do feto, a mente cuida da formação de uma ideia de mãe que a mulher vai se tornar. Stern et al (1999) falam de três gestações simultâneas, a do feto, a da atitude da maternidade e a do bebê imaginado. Além disso, o ser mãe também nasce com o bebê e esta experiência traz mudanças definitivas para a mulher. Stern (1997) aponta ainda que as representações maternas sobre o bebê e sobre ela própria como mãe, desempenham um importante papel no relacionamento com o filho. Além do contraste do bebê imaginado pela mãe com o bebê real, também existe a mãe real que contrasta com o seu *self* como mãe imaginada.

O desejo narcisista de se completar por meio de uma criança é diferenciado por Brazelton e Cramer (1992) da seguinte forma: a mãe vê a criança desejada como uma extensão de seu próprio *self*; a criança acrescenta uma nova dimensão que pode ser exibida. Já na gestação, o futuro bebê encerra em si a promessa de uma relação íntima, de uma realização de fantasias de infância. Para Lebovici (1992), o bebê imaginário é fruto do desejo de gravidez, da interação entre o feto e a mãe, pertencendo ao pré-consciente materno e fazendo parte de seus devaneios. Contudo, Cramer e Palácio-Espasa (1993) alertam que se o funcionamento materno permanecer sendo do tipo narcísico ocorrerá predomínio de projeções e identificações maciças. Por isso, na medida em que a diferenciação eu não-eu ocorre, as relações objetais adquirem tanta importância para o desenvolvimento emocional.

É necessário, para nossa vida mental, ultrapassar os limites do narcisismo e ligar a libido a objetos (Freud, 1914/1969). O autor diferencia a libido narcísica (do ego) da libido objetal. Além disso, marca os caminhos que levam à escolha de um objeto, de tipo narcisista ou anaclítico (de ligação). No primeiro caso, a pessoa pode amar: o que ela própria é, o que ela própria foi, o que ela própria gostaria de ser ou alguém que foi uma vez parte dela mesma. Já, na segunda forma (anaclítica), o sujeito ama a mulher que o alimenta e o homem que a protege, e a sucessão de substitutos que tomam o seu lugar. Nesse sentido, a finalidade e

satisfação de uma escolha objetal narcisista consiste em ser amado, enquanto na escolha de tipo anaclítico, transfere-se o narcisismo vivido na infância para o objeto. No que diz respeito à maternidade, Freud apontou que para as mulheres que mantêm uma escolha de objeto narcisista ainda existe a possibilidade de atingir o amor objetal, através do filho. Se o desenvolvimento ocorre de forma típica, a fonte de escolha objetal original se dará com a mãe ou a cuidadora do bebê e será anaclítica ou de ligação.

O conceito de ideal de ego, cunhado pela primeira vez por Freud, em 1914, está ligado à perfeição narcisista. Esse conceito é retomado por Freud (1921/1969), quando disserta sobre a identificação, e esclarece que essa instância é “herdeira do narcisismo original, em que o ego infantil desfrutava de auto-suficiência” (p. 119). O ideal de ego difere do ego ideal, narcísico, pois acaba sendo relacionado ao ‘superego’ e é descrito mais detalhadamente, em o *Ego e o Id* (1923/1969). No que se refere à maternidade do segundo filho, importa aventar a hipótese de que o ideal do ego se liga à possibilidade da mãe de encontrar satisfação na nova experiência com segundo filho, caso esta não tenha sido alcançada com o primeiro.

Outra dimensão fundamental do narcisismo reside no desejo de espelhar-se na criança (Brazelton & Cramer, 1992). Sobre o papel de espelho da mãe, Winnicott (1967/1975), afirma que o bebê vê a ele mesmo quando olha para o rosto da mãe. Podemos compreender que a mãe está olhando para o bebê e aquilo com o que ela se parece está relacionado com o que ela vê ali. Posteriormente, uma menina que investiga seu rosto no espelho pode sentir que a imagem materna também se encontra ali. Isso se refletirá também em sua futura experiência como mãe. A partir de apresentação de um caso, discutido com base em pressupostos freudianos, dentre outros autores psicanalíticos, Ferrari et al (2006) estudaram o narcisismo no contexto da maternidade. A partir dos dados de seu estudo viram que a reprodução do narcisismo da mãe na relação com a criança pode ser compreendida pela supervalorização da sua atitude emocional em relação ao filho.

Devido aos complexos fenômenos psíquicos ligados ao tornar-se mãe, tal experiência costuma ser acompanhada de intensos sentimentos. Na literatura, a maternidade costuma ser retratada como uma experiência idealizada e, muitas vezes, sentimentos ambivalentes ou agressivos que as mulheres possam experimentar são retratados como se não fossem aceitos (Shelton & Johnson, 2006). Para afirmar isso, as autoras basearam-se nas narrativas de cinco mulheres,

que tiveram o primeiro filho após os 30 anos, sendo que três destas já tinham um segundo filho e uma esperava seu terceiro, quando participou do estudo. A análise resultou em uma diversidade de percepções das mulheres, refletindo a natureza paradoxal da maternidade. As mães apresentaram sentimentos contraditórios, refletidos de maneira ambivalente e, por vezes, idealizados em suas narrativas. Da mesma forma, Tardy (2000) considerou que a maternidade envolve um papel idealizado por parte de muitas mulheres.

A idealização é um termo bastante disseminado na literatura psicanalítica. Idealizar seria exaltar, pensar em alguém de conforme padrões de perfeição. A definição de Laplanche e Pontalis (1995) para idealização é a de um processo psíquico, pelo qual as qualidades e o valor do objeto são levados à perfeição. Para além da idealização, outro sentimento presente na experiência da maternidade e que vem sendo recentemente mais explorado é a ambivalência (Parker, 1995; Kruger, 2003), especialmente na transição para a maternidade e no tornar-se mãe (Sevón, 2005). Para Laplanche e Pontalis (1995), a ambivalência é conceituada como a presença simultânea, na relação com um mesmo objeto, de tendências, atitudes e sentimentos opostos, fundamentalmente o amor e o ódio. A ambivalência materna consiste em lidar com a tensão entre esses sentimentos de amor e ódio dirigidos à criança (Parker, 2005). Parker alerta para o uso equivocado do termo ambivalência como significado de sentimentos mistos ou indefinidos, ao invés do sentido psicanalítico, acima referido, que remete a sentimentos contraditórios dirigidos ao mesmo objeto. Freud (1914/1969) afirmou que para ter um filho é preciso amar o que somos, o que fomos e o que gostaríamos de ser e aponta para uma ambivalência fundamental no laço mãe-filho. Já durante a gestação, a mãe costuma atribuir características ao filho, através da projeção e da idealização, muitas vezes ancoradas na sua própria história infantil.

A ambivalência acompanha a maternidade de forma implícita ou explícita (Parker, 2005). Mais do que isso, a autora afirma que a ambivalência é inevitável e que os sentimentos ambivalentes da mãe em relação ao seu bebê não são apenas regressivos, mas fazem parte de seu desenvolvimento adulto como mãe. A autora aponta que a ambivalência é vital para a mãe e para a criança, pois auxiliaria a dupla a funcionar de forma separada, ao invés de unitária. Para Parker, se a ambivalência for pensada e compreendida, pode se tornar uma força criativa que auxilia o crescimento pessoal e o desenvolvimento. Este aspecto criativo da

ambivalência não tem sido muito contemplado em estudos empíricos atuais, o que contribui para uma certa tendência a idealizar ou denegrir a maternidade. Naturalmente, além das possíveis frustrações, medos e falhas, o exercício da parentalidade também traz consigo prazeres intrínsecos, privilégios e benefícios (Bornstein, 2005).

Para Winnicott (1990), não é fácil para as mães expressarem seus sentimentos sobre as experiências que tiveram na maternidade, por serem sentimentos fortes e nem sempre agradáveis. De acordo com Brazelton (1988), são comuns tanto os sentimentos de desamparo, ansiedade como de agradável expectativa. Por isso, a atenção aos diversos sentimentos que acompanham as mulheres que se tornam mães, na medida em que seu filho se desenvolve, pode contribuir para o entendimento da maternidade de forma mais integrada (Guendouzi, 2005). Ainda assim, são escassos os estudos destes aspectos, embora um artigo sueco tenha investigado o desenvolvimento emocional de crianças durante os primeiros anos no que diz respeito à ambivalência e idealização da maternidade (Nimela, 1980). Hoffman (2003) descreveu a ambivalência de mulheres com seus bebês e crianças e as manifestações de conflito, a partir de uma perspectiva psicanalítica. Para o autor, muitas mulheres são intolerantes em relação à própria ambivalência quanto à experiência de ser mãe. Esses achados corroboram as ideias de Baraitser e Noack (2007), para quem as mães capazes de tolerar seus sentimentos ambivalentes passam a se ver de forma mais integrada, como mães que falham e que são suficientemente boas por isso.

Um estudo qualitativo realizado na Inglaterra examinou como a maternidade mudou a vida de 13 mães de crianças de 1 a 3 anos (Weaver & Ussher, 1997). Foram examinadas as expectativas, experiências e as mudanças advindas da maternidade entre as participantes. A partir dos temas emergentes da análise das entrevistas semi-dirigidas, as autoras argumentam que os efeitos da transição para a maternidade não se restringem ao período pós-natal ou a primeiro ano de vida da criança, mas se prolongam devido às mudanças na vida da mulher, especialmente em termos da percepção de si mesma. Para essas autoras, a realidade de ser mãe é contrária à imagem idealizada normalmente disseminada pela mídia, na sociedade. Muitas mulheres sentiam-se inadequadas diante dessa idealização, embora tentassem encontrar meios de contrabalançar os aspectos negativos da maternidade, enfatizando Brown e Small (1997) obtiveram o conceito de “boa mãe” de 90 mulheres, entrevistadas sobre a experiência da

maternidade, nos dois primeiros anos após o nascimento de um filho. Todas as participantes tiveram seu filho na Austrália, sendo que 25 destas mulheres tinham apenas um filho, 33 tinham dois e 32 tinham três ou mais crianças. As autoras elaboraram uma lista de atributos e tarefas a partir das respostas das mães, que incluíram características como ser paciente, cuidadosa, amorosa e estar atenta às demandas da criança, entre muitos outros. A maioria das mulheres aceitou a impossibilidade de corresponder a um ideal de ser “uma boa mãe” todo o tempo. As participantes buscaram conciliar suas crenças sobre o que é ser uma “boa mãe”, com as múltiplas demandas de suas vidas naquele momento, em que tinham filhos pequenos.

Em um estudo qualitativo realizado com 24 mulheres, sendo nove primíparas e 13 múltiparas, Choi, Benshaw, Baker & Tree (2005) buscaram compreender como as mães percebiam sua experiência em relação à ideologia da maternidade, socialmente construída. Para os autores, há um “mito da maternidade”, que envolve altas expectativas e pode influenciar a experiência das mães, em especial das que têm o primeiro filho. Os resultados foram apresentados e discutidos com base em dois temas gerais: a realização da nova maternidade e lidando com a nova experiência da maternidade. As categorias envolvendo o primeiro tema foram expectativas, sentimentos após o nascimento do bebê, demandas da criança, adaptação à maternidade, apoio do companheiro. Quanto ao segundo tema, foram considerados o apoio familiar e de amigos, as opiniões dos outros, as atribuições, a adaptação, a forma de lidar e a negação envolvida na experiência. A realidade da experiência vivida mostrou-se diferente das expectativas de serem super-mães ou super-esposas, gerando sentimentos de inadequação em algumas mulheres. Um estudo tailandês realizado por Liamputtong, Yimyam, Parisunyakul, Baosoung & Sansiriphun (2004) não encontrou resultados semelhantes aos estudos ocidentais em termos de insatisfação com a maternidade. Para essas autoras, mesmo que as 30 mães tailandesas participantes da investigação percebessem o exercício da maternidade como uma tarefa difícil, que exige sacrifício pessoal, tal experiência trouxe prazer e alegria às suas vidas. Para Liamputtong et al (2004), tais percepções estão ligadas à cultura tailandesa.

Existe um modelo de maternagem intensivo, em que as mulheres são submetidas a uma pressão para se tornarem uma *uber-mom* (Guendouzi, 2005). A autora realizou um estudo, a partir de entrevistas etnográficas com dois grupos de



mulheres inglesas, sendo um de professoras de classe média e outro de trabalhadoras sem ensino superior, a autora apontou as características de uma “boa mãe”, com base no discurso das participantes, que seriam: proteger a criança de perigos, alimentar e prover cuidados físicos para seu filho; demonstrar preocupação e cuidar da criança; socializar e ensinar valores morais; propiciar oportunidades de a criança ser bem sucedida acadêmica, atlética e socialmente; manter a casa e a família organizadas. Em contraposição a tais exigências da “boa mãe”, Guendouzi (2005) retoma os conceitos winnicottianos relativos à “mãe devotada comum”, a fim de equilibrar as elevadas aspirações sociais vigentes em relação à experiência da maternidade. A mãe devotada comum é capaz, justamente, de promover falhas e desadaptar gradativamente o bebê, para que esse prossiga em seu desenvolvimento (Winnicott, 1966/1987).

Dias (2003) lembra que ao descrever os cuidados “suficientemente bons” da mãe dedicada comum, Winnicott afasta a idealização da figura materna. Assim como utilizar a expressão “mãe suficientemente boa” implica em reconhecer o que é possível, não o que é ideal na maternidade, para que a mulher preserve sua espontaneidade e seja consistentemente ela mesma. A mulher com seu bebê também pode se encontrar em estado de dependência. Seria possível dizer até que as mães são tão desamparadas em relação ao desamparo do bebê, quanto ele próprio (Winnicott, 1968/1987). Porém, com a capacidade de amadurecimento crescente do filho, a mãe torna a adaptação inicial cada vez menos absoluta, permitindo que a criança passe para a dependência relativa e rumo à independência. A reação da mãe ao crescimento do filho pode despertar diversos sentimentos tanto de prazer, como de perda ou rejeição, o que pode repercutir também na criança e em suas explorações do mundo (Lopes et al, 2007; 2009; Steiner, 1999). As mães costumam valorizar o sentimento de realização, na medida em que a criança apresenta aquisições em termos de desenvolvimento (Raeff, 1996). Além disso, as mães crescem com cada filho de uma forma muito sutil (Winnicott, 1967/1987).

Ainda assim, o essencial do papel da mãe e do pai não repousa somente sobre o que se faz pelo bebê, mas nas trocas que se estabelecem (Brazelton, 1988). Colarusso (1990) aponta que o nascimento e o desenvolvimento de cada filho repercutem de diferentes formas nos pais. Para o autor, a partir dessa experiência se daria uma nova oportunidade de elaborar conflitos e tarefas específicas, desde a relação com os próprios pais da infância, até reexperimentar temas de sua própria

infância e adolescência, a partir do crescimento dos filhos. Em relação à gestação, além da questão da plenitude física e biológica, há a completude narcísica pela possibilidade de gerar uma vida. Esse fato perdura através da interação com o bebê, estendendo-se aos cuidados maternos. Portanto, a mãe também está aprendendo sobre si mesma, enquanto aprende sobre o bebê. Assim, tornar-se mãe é um processo complexo vivido com cada filho.

Ter um bebê também repercute na relação da mãe com seus próprios pais e à mudança da vivência de ser cuidada, para uma nova experiência construída com base naquela relação anterior (Colarusso, 1990). Cabe destacar que para se tornar mãe ou pai é necessário um trabalho interior que começa pela aceitação de que herdamos algo de nossos pais. Na infância, toda mulher recebeu algum tipo de cuidado materno (Brazelton & Cramer, 1992). À medida que a menina se desenvolve, ela passa a imitar e aprender como age a figura materna ou a sua própria mãe, esses comportamentos tendem a ser incentivados pelos adultos. Isso acaba por fortalecer a identificação inconsciente da filha com a mãe e outras figuras maternas. Além disso, existem as lembranças da própria experiência de ter sido cuidada. Winnicott (1966/1987) destaca que as recordações de que alguém a cuidou repercutem na sua própria experiência como mãe. Sendo assim, o nascimento de um filho também remete a mulher à relação com a própria mãe.

Portanto, o processo de tornar-se mãe está intimamente ligado às relações da mãe com os próprios pais (Balsam, 2000; Colarusso, 1990; Passos, 2007; Stern, 1997; Solis-Ponton & Lebovici, 2006), a partir dos cuidados que a mãe recebeu enquanto bebê (Winnicott, 1968/1987). Cramer e Palácio-Espasa (1993) apontam que a chegada de um bebê desperta nos pais, especialmente na mãe, a revivência de fantasias infantis, promovendo uma forma particular de funcionamento psíquico. Para Lebovici (1992), através dos cuidados da mãe, o recém-nascido vivencia os primeiros contatos com o mundo. Nesse processo complexo, estão implicadas as fantasias da mãe e a natureza de seus investimentos narcisistas, assim como as fantasias do pai e, finalmente, dos avós.

O nascimento de um bebê é um evento único que traz mudanças na vida pessoal da mãe, tendo ela um outro filho ou não (Salmela-Aro, Nurmi, Saisto & Halmesmäki, 2000). Mas cabe questionar o que faz uma mãe querer ter outro bebê, após já ter vivido a maternidade do primogênito. Ou ainda procurar entender em que medida o segundo filho seria uma nova oportunidade de realização de ideais maternos. A fim de compreender o processo de tornar-se mãe de um

segundo filho, pode se pensar nesta vivência como uma nova oportunidade de elaborar questões infantis ainda não satisfeitas pela maternidade do primogênito. De fato, há uma lacuna na literatura, no sentido de explorar a fundo tais questões, para entender suas repercussões no desenvolvimento emocional da mãe de um segundo filho, já que essa área vem sendo pouco investigada.

Conforme apresentado na revisão da literatura, a transição para a maternidade do primeiro filho tem sido intensamente estudada. Mesmo em tais estudos, a experiência emocional da maternidade tem recebido pouca atenção científica (Luthar, Doyle, Suchman, Mayes, 2001). Dentre os estudos existentes, muitas questionam o mito da “boa mãe” (Brown & Small, 1997; Johnston & Swanson, 2003; Shelton & Johnson, 2006; Tardy, 2000) ou a “fantasia da mãe perfeita” (Kruger, 2003), apontando para a necessidade de retratar as experiências maternas de forma mais realista. Desta forma, a pressão para ser perfeita poderia ser amenizada (Poirier, 2004), assim como as descrições de expectativas associadas à maternidade poderiam ser melhor abordadas, a partir da experiência das próprias mães (Kruger, 2003). Brazelton (1988) também aponta que a pressão para criar um ou dois filhos de modo ótimo é mais intensa do que em famílias com mais filhos. Os sentimentos considerados negativos (Arendell, 2000) e ambivalentes também poderiam ser melhor compreendidos (Kruger, 2003; Serrurier, 1992), assim como as atitudes contraditórias apresentadas por muitas mães (Hare-Mustin & Broderick, 1979), o que vale especialmente para os novos estudos que podem vir a contribuir para compreender a experiência da maternidade.

Diversos autores sugerem que a experiência de tornar-se mãe difere quanto ao segundo filho (Upton, 2000), mas poucos caracterizam tais mudanças (O’Reilly, 2002, Frost, 2006). A literatura carece de descrições da experiência vívida da maternidade do segundo filho, com base em estudos empíricos (Stewart, 1990). Diante do que foi apresentado, pode se compreender que tornar-se mãe envolve uma série complexa de sentimentos e mudanças psíquicas, sendo este um terreno fértil para investigações científicas. Além das transformações com amplo potencial de amadurecimento ligadas ao processo de tornar-se mãe, Racamier (1997) assinalou que esse processo nem sempre se desenvolve com a chegada do primeiro filho, podendo se prolongar por mais de uma gestação. Sendo assim, o tornar-se mãe ainda precisa ser explorado no contexto da chegada de um segundo filho. A seguir, apresentaremos os estudos envolvendo a maternidade um segundo

filho, bem como os conceitos implicados no processo de tornar-se mãe do novo bebê, que também envolvem a relação com a própria mãe e o marido, incluindo o desafio de lidar com o primogênito e de criar espaço para mais uma criança na família.

## **2. Tornar-se mãe de um segundo filho**

Diversos estudos apresentados destacaram as transformações advindas do tornar-se mãe. Contudo, o papel parental que já havia sido assumido no nascimento do primogênito, precisa se diferenciar com a chegada do segundo filho, de acordo com cada uma das crianças (Walz & Rich, 1983). Ser mãe de um filho é diferente de ser mãe de dois, assim como cada gestação é diferente e requer reestruturações, que podem gerar mudanças psíquicas na mãe (Maldonado, 1994; Raphael-Leff, 1997; Salmela-Aro et al, 2000). Para Winnicott (1969/2005), a criança também é diferente se é o filho mais novo, pelas variações no ambiente que a influenciam. Toda gravidez tem um projeto, consciente ou inconsciente, que faz parte do significado que cada criança terá para a mãe (Szejer & Stewart, 2002). As vivências da mãe, durante a gestação, podem ser essenciais para as relações posteriores com cada filho.

Cada gravidez tem sempre um sentido particular que dá lugar a uma criança única, a partir da história pessoal da mãe (Szejer & Stewart, 2002). Sendo assim, cada gestação remete à mãe ao seu lugar na família. Se, por exemplo, a mãe é primogênita, sua relação com o primeiro filho será marcada pela forma como ela mesma viveu essa experiência. Assim, o lugar singular de cada filho do casal será permeado pelos diferentes lugares ocupados por seus pais, entre os próprios irmãos. Para Raphael-Leff (1997), em termos psicológicos, cada gestação é influenciada por concepções passadas da mãe que, por sua vez, influenciarão as futuras.

Além disso, tornar-se mãe implica em um movimento de retorno às relações primárias familiares, a fim de criar, investir e sustentar os laços com os filhos (Passos, 2007). Para a autora, a instauração da parentalidade depende dos recursos intrapsíquicos que permitem aos pais desejarem e criarem imaginariamente seus filhos. Esse processo também está ligado às redes parentais de origem. Portanto, a experiência de tornar-se mãe liga-se às relações da mulher com os próprios pais, em especial com sua mãe, bem como com sua posição na família em relação aos irmãos (Kancyper, 2002; Goldsmid & Feres-Carneiro,

2007; Passos, 2005). A mulher grávida pode sentir maior necessidade de visitar, observar e mesmo questionar sua própria mãe, acerca de sua infância (Brazelton, 1988).

Sendo assim, a posição da mulher na família de origem e o fato de ela ter tido ou não irmãos é muito importante no processo de tornar-se mãe de um segundo filho. Kancyper (1999) aponta para a existência de um “complexo fraterno”, mesmo que a mãe tenha sido filha única. Para Goldsmid e Feres-Carneiro (2007), os filhos reavivam muitas lembranças dos pais, a partir de suas vivências com os próprios irmãos. Assim, a mãe cria expectativas não só quanto ao novo filho, mas também ao modo como a relação entre ele e o mais velho vai se desenvolver. Portanto, a mãe também pode projetar no segundo filho sua relação com os próprios irmãos na infância, ou as fantasias que fazia a respeito de um irmão imaginário, caso tenha sido filha única. Além disso, a futura mãe, ao saber que espera uma menina, pode desejar ou temer que ela se pareça com sua irmã; ou se foi filha única, pode projetar no bebê as histórias que possa ter construído a respeito de um irmão imaginário (Goldsmid & Feres-Carneiro, 2007; Ruffo, 2003; Kancyper, 1999).

O nascimento de um filho costuma ressignificar diversas situações vivenciadas pelos pais, que podiam estar aplacadas durante anos e só obtêm um novo significado a partir do investimento identificador de suas histórias não processadas em algum de seus descendentes (Kancyper, 2002). É possível que os pais comecem a recuperar, através de um dos filhos, alguns capítulos de sua própria história de vida não elaborados ou não integrados (Brazelton & Cramer, 1992; Kancyper, 1999). Além disso, para Passos (2005), o laço de filiação coexiste com outros laços no interior da família, como os do casal, os fraternos e também o laço que associa a criança a seus antepassados. Todos eles dependem do nível de investimentos que são feitos reciprocamente. Para a autora, esses investimentos, por sua vez, dependem do reconhecimento que cada um faz do outro no interior do grupo e, particularmente, entre as parcerias. Isso significa dizer que, no processo de filiação, assim como na formação dos demais laços, é fundamental que cada sujeito se reconheça em uma determinada posição, ao mesmo tempo em que legitima a posição do outro.

O nascimento de um segundo filho, especificamente, inaugura a fratria e dá origem a conflitos intrageracionais (Goldsmid & Feres-Carneiro, 2007). A fratria é uma entidade psíquica grupal, sincrônica, diferente da soma de

psiquismos individuais dos irmãos e irmãs (Benghozi & Feres-Carneiro, 2001). As autoras fazem ainda uma distinção entre laço fraterno e relação fraterna. O primeiro diz respeito a partilhar o mesmo laço de filiação, sendo irmão ou irmã em uma mesma família. Contudo, ele não define a relação fraterna que pode ser fria ou calorosa, próxima ou distante, conflitiva ou amistosa. Já o vínculo fraterno é uma construção psíquica comum aos membros de uma fratria, que distingue um subgrupo dentro da família (Brusset, 1987).

Torna-se importante compreender a questão da posição não só da criança, mas da própria mãe na família. Nesse sentido, o conceito de “complexo fraterno” é bastante elucidativo. A partir de Laplanche e Pontalis (1995) entende-se “complexo” como um conjunto de representações e lembranças dotadas de intenso valor afetivo, parcial ou totalmente inconscientes. Para Kancyper (1999; 2002; 2004), o “complexo fraterno” é um conjunto organizado de desejos hostis e amorosos que a criança experimenta, a respeito de seus irmãos. Ele apresenta especificidades e se articula com as dinâmicas narcísicas e edípicas. A identidade de cada pessoa é perpassada pela estrutura fraterna internalizada. Contudo, este complexo não se reduz a uma situação real, ou à influência exercida apenas pela presença de irmãos, porque transcende o que é vivido individualmente. Também o filho único é perpassado pelos efeitos do “complexo fraterno” dos pais.

O “complexo fraterno” possui quatro funções diferenciadas: a) substitutiva; b) defensiva; c) elaborativa e d) estruturante (Kancyper, 1999; 2004). A primeira função é usada uma alternativa para compensar ou substituir funções parentais que falharam. A substituição também pode operar como função defensiva de angústias e sentimentos hostis relacionados aos pais, mas projetados sobre os irmãos. Já a função defensiva do “complexo fraterno” se manifesta quando este encobre situações conflitivas narcísicas ou edípicas, não resolvidas. Em muitos casos, serve para iludir e desmentir a confrontação geracional, assim como para amenizar as angústias. A terceira função do “complexo fraterno” é fundamental para a vida psíquica, pois colabora para o incessante trabalho de elaboração e superação dos remanescentes normais e patológicos do narcisismo. Assim como o complexo de Édipo põe limite à ilusão de onipotência do narcisismo (Faimberg, 1985), também o “complexo fraterno” participa da tramitação e da desconstrução do poder vertical detido pelas figuras parentais e edípicas. Ele estabelece outro limite às crenças narcísicas relacionadas às fantasias de ser único. Kehl (2000) aponta que, muitas vezes, a mãe pode

incentivar a fantasia infantil de que só há lugar para um no amor parental, sendo que esta também pode ser a fantasia inconsciente de um ou de ambos os pais. Por fim, em termos da quarta função, Kancyper considera que o “complexo fraterno” possui um papel estruturante e um caráter fundador tanto da organização da vida psíquica do indivíduo, quanto mais amplo, em termos de povos e da cultura. No nível social está na dinâmica do “narcisismo das pequenas diferenças”. Essa expressão refere-se às pequenas diferenças em pessoas que, quanto ao resto, são semelhantes. Tais diferenças formam a base dos sentimentos de estranheza e hostilidade entre os envolvidos (Freud, 1918[17]/1969). E liga à intolerância à diferença (Freud, 1930/1969). O conceito também foi usado por Freud como uma das formas de explicar que desse narcisismo das pequenas diferenças se derivaria a hostilidade que em cada relação humana, a despeito do mandamento de que todos os homens devem amar o seu próximo. Esse fenômeno se liga também à rivalidade entre povos vizinhos, sobrepujando os sentimentos de companheirismo. Quando essa hostilidade se dirige contra pessoas que de outra maneira são amadas, é descrita como ambivalência de sentimentos (Freud, 1921/1969). O autor ainda escreve: “Nas antipatias e aversões indisfarçadas que as pessoas sentem por estranhos com quem têm de tratar, podemos identificar a expressão do amor a si mesmo, do narcisismo” (p. 113). Contudo, nesse estudo será enfatizado o impacto do “complexo fraterno” no psiquismo materno e não em termos sociais, que seria a quarta função apontada por Kancyper.

A existência do “complexo fraterno” é determinada em cada sujeito de forma particular, pela presença de uma fantasmática singular, que provém do interjogo que se estabelece a partir da dinâmica narcisista entre os distintos tipos de duplo (Kancyper, 1999). Sendo assim, considera-se que tal complexo ultrapassa em muito a importância de um simples conjunto fantasmático, tendo sua própria estrutura e relaciona-se à dinâmica narcisista e paradoxal do duplo em suas variadas formas: imortal, ideal, bissexual e especular. O irmão pode ser simultaneamente um duplo de si e um estranho. Por sua proximidade consanguínea, favorece ser o depositário de certos aspectos inaceitáveis de si mesmo. A diferença entre os diversos duplos pode ser assim sintetizada: o duplo imortal, como suporte da tensão entre o ego e o ego ideal; o duplo ideal, como suporte da tensão entre o ego e o ideal do ego; o duplo bissexual, como suporte da tensão conflitiva entre a heterossexualidade e a homossexualidade, e o duplo especular, como suporte da tensão surgida pela impossibilidade de alcançar uma

exata coincidência espelhada no outro e pela inquietante ameaça de perda ou roubo parcial da identidade que se manifesta de modo eloquente na gemelaridade. Portanto, na estrutura fraterna intervém a dinâmica do duplo, com uma particularidade, é um duplo consanguíneo. Sendo assim, para Kancyper (2004), as fantasias inerentes à fratria podem ser, entre outras, fratricidas (Caim e Abel); furtiva e de excomunhão (Jacob e Esaú); de gemelaridade (Rômulo e Remo); de bissexualidade (o mito de Narciso segundo a versão de Pausânias), de complementaridade (Moisés e Araão) e de confraternidade (reconciliação de José com seus irmãos).

No que se refere ao tornar-se mãe, foco do presente trabalho, considera-se ainda que o “complexo fraterno” pode ser ressignificado nos filhos, através do papel parental, assim como na relação do casal e com pares. Kaës (1995) sublinha que, por meio desse esquema imaginário que é o “complexo fraterno”, o sujeito organizará suas relações intersubjetivas como, por exemplo, na escolha de objeto ou na sua posição nos grupos. Além disso, Kancyper afirma que Freud admitiu, sobretudo no final de sua vida, a importância do “complexo fraterno”, mas não o estudo de modo sistemático como o fez com o complexo de Édipo.

Além das repercussões do “complexo fraterno” na mãe, outro fato importante no contexto da chegada de um segundo filho é a relação com o pai da criança. A literatura aponta que o marido exerce uma função de apoio fundamental, com destaque no contexto da chegada de um novo bebê. A presença e ajuda efetiva do pai do bebê trazem apoio à mãe para que essa acolha o segundo filho nos momentos iniciais (Gottlieb & Bailles, 1995; O’Reilly, 2004; Passos, 2005). A mãe de um segundo filho tem o desafio de recebê-lo em seu lugar que é único, para que essa criança sinta confiança no ambiente que o acolhe. Para que a mãe possa oferecer sua presença sensível e acolhimento ao segundo filho, precisa também estar se sentindo amparada. Além disso, mesmo que a mãe tenha mais filhos, será sempre única para cada criança. Relembramos que para o segundo filho, assim como para todo bebê, conforme Winnicott (1966/1987), tudo é uma primeira experiência, enquanto a mãe já teve sua própria vivência como bebê e mesmo como mãe ou irmã de outro bebê.

Também no caso de um segundo filho, a gestação configura-se como um momento de regressão à dependência, em que a mãe começa a desenvolver um novo processo de identificação com o outro filho que vai nascer (Lopes et al, in press). Na gravidez a mãe se torna anfitriã de um novo ser humano e precisa



recebê-lo sem saber como ele será (Winnicott, 1966/1987). Justamente por estar diante de um bebê desconhecido, as mães costumam gerar expectativas quanto à criança. Essas expectativas podem ter origem tanto em questões narcísicas, quanto na relação com os próprios pais, bem como em projeções e necessidades conscientes e inconscientes ligadas àquele bebê (Brazelton & Cramer, 1992; Lebovici, 1992; Piccinini et al, 2004; Szejer & Stewart, 2002). Winnicott (1968/1987) destaca que a mãe já foi um bebê e traz com ela as lembranças desse período, mas também as recordações de que alguém a cuidou. Tais lembranças podem tanto ajudá-la quanto atrapalhá-la na sua própria experiência como mãe. Sendo assim, o nascimento de um segundo filho também remete a mulher à relação com a própria mãe (Winnicott, 1966/1987; Stern, 1997).

Conforme apresentado anteriormente, diversos autores concordam com algumas observações gerais sobre o tornar-se mãe que também se aplicam a um segundo filho, a saber, que a gestação e posteriormente o nascimento do bebê renovam ou intensificam os sentimentos da mãe em relação à própria mãe. A mulher que está se tornando mãe pode sentir-se ambivalente e reativar conflitos em relação a sua mãe, bem como sentir que precisa da própria mãe para lhe ajudar com o bebê e com suas próprias necessidades. É comum que a mãe tenha a aspiração de se tornar uma mãe melhor que a sua própria mãe ou tema não se tornar tão boa quanto sua mãe foi (Balsam, 1996, 2000; Cramer, 1997, Stern, 1997) ou ainda ser capaz de atender às expectativas de seus filhos, melhor do o que fizeram seus próprios pais (Winnicott, 1957/1993).

Cada experiência de nascimento de um filho é diferente, assim como o espaço que a criança ocupa na vida da mãe (Mercer, 2004; Frost, 2006). A singularidade de cada bebê também se liga ao momento particular da vida da mulher, que precisa se tornar mãe de um novo ser e acolher cada criança em sua vida e na família (Mercer, 2004; Salmela-Aro et al, 2000). Assim, o segundo filho torna mais complexas as inter-relações emocionais na família, pois sua chegada cria novos relacionamentos e demandas diferentes não apenas em termos de tempo, mas também de envolvimento afetivo (Adams, 1985; Raphael-Leff, 1997). Fatores como a idade que separa um filho de outro, circunstâncias psicossociais, bem como o apoio prático, econômico e emocional que a mãe recebe, repercute nas reações da mulher durante a gravidez e após o nascimento.

Outro desafio para a mãe de um filho pequeno será dar lugar ao novo, que passará a ocupar um lugar emocional específico na família. Por isso, a forma

como a mulher realiza a transição para a maternidade de cada filho tem um impacto significativo para a mãe e a criança (Mercer, 2004; Krieg, 2007). Para Winnicott (1967/2005), pode ser difícil para a mãe ter que se adaptar às necessidades de um novo bebê. Assim como não existem dois bebês iguais, a mãe é diferente com cada criança. Contudo, os cuidados que ela vai prover ao filho não podem ser aprendidos através de livros, mas por ela mesma ter sido um bebê, por ter observado pais com bebês ou ter ajudado a cuidar de seus próprios irmãos e através das brincadeiras de mamãe e papai que experimentou enquanto criança. Assim como cada filho é único, a mãe é única com cada filho (Winnicott, 1968/1987; 1967/2005). Isso também se constitui em um novo desafio para a relação com o segundo filho.

Diante do que foi apresentado vimos que além da relação com a própria mãe que costuma ser ressignificada nesse momento, a relação com o marido torna-se fundamental na segunda gestação e após o nascimento do bebê. O processo de tornar-se mãe também pode levar a uma maior complexidade do vínculo objetal com o cônjuge, pela nova dimensão interna advinda da parentalidade (Colarusso, 1990). Além da repercussão das transformações advindas do tornar-se mãe de uma nova criança, a partir da relação com um bebê em desenvolvimento, a mãe tem de lidar com as questões ligadas à relação com a própria mãe e sua experiência enquanto bebê, além da relação com o marido. Tornar-se mãe de um primeiro ou de um segundo filho são experiências qualitativamente diferenciadas (Frost, 2006; Kojima, Irisawa & Wakita, 2005; Kreppner, 1998), mas existem poucos estudos que caracterizem tais mudanças (O'Reilly, 2002, Frost, 2006). Assim sendo, além da relação com a própria mãe, no contexto de um segundo filho, o marido torna-se importante em termos de apoio e acolhimento. A seguir, buscar-se traçar um panorama de estudos que envolvem a maternidade no contexto de um segundo filho.

## 2.1 Panorama de estudos internacionais e nacionais envolvendo um segundo filho<sup>1</sup>

Uma revisão da literatura nos principais bancos de dados com periódicos indexados (*PsychInfo*, *SciELO*, *BVS-Psi*, *EBSCOhost*, *Lilacs*, *PubMed* e

---

<sup>1</sup> Parte desse material encontra-se em Lopes, R. C. S.; Vivian, A. G.; Oliveira, D. S. de; Pereira, C. R. R.; Piccinini, C. A. Desafios para a maternidade no contexto da gestação e do nascimento de um segundo filho. In *Parentalidade: Da gestação à escola* (in press). Piccinini, C. A. & Alvarenga, P. (Eds).

*ScholarGoogle*), revelou um número pequeno de estudos associados à experiência da maternidade do segundo filho, surgidos a partir da década de 70. A maioria dos artigos publicados foi desenvolvida com base em metodologias quantitativas e analisou a transição para a maternidade do segundo filho em termos de ajustamento familiar e apoio recebido durante esse período de transição. O tornar-se mãe não foi o foco da maior parte destes trabalhos, tampouco aspectos subjetivos da vivência da mãe com essa criança.

Ainda assim, considerou-se importante elaborar um panorama dos estudos internacionais e nacionais que envolvem um segundo filho dos anos 70 até a presente década. Inicialmente, serão apresentados os estudos estrangeiros, para a seguir serem descritos os estudos brasileiros. Nos anos 2000, foram encontrados na literatura alguns estudos estrangeiros, envolvendo um segundo filho, com foco no impacto sobre o primogênito em sua relação com a mãe e na dinâmica familiar (Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004; Kojima et al, 2005; Kramer & Ramsburg, 2002; Krepner, 2000; Volling, 2005).

A chegada de um segundo filho pode ser precedida de um incremento nas interações entre os pais e o primogênito, enquanto buscam preparar a criança para o iminente nascimento. O estudo de Kojima et al (2005) examinou o impacto do segundo filho nas interações da mãe com o primogênito. Participaram 47 mães que responderam retrospectivamente a um questionário sobre a interação com o primeiro filho, quando o segundo estava seis meses. Os autores apontaram mudanças variadas na relação da mãe com o primeiro filho ao longo desse período. Essas mudanças incluíam ter que lidar com comportamentos desafiadores do mais filho velho, diminuição de tempo e atenção para esse filho, além de cansaço e necessidade de contar com a ajuda do marido para dividir as tarefas. Os achados de Kowaleski-Jones e Dunifon (2004) sugerem que no período anterior ao nascimento de um irmão, em contraste com o período pós-parto, ocorre um aumento na atenção parental dedicada ao primogênito. Após o nascimento do novo bebê essa atenção tende a se diluir, pois a mãe se volta mais para o filho caçula nos primeiros meses.

O estudo teórico de Kramer e Ramsburg (2002) revisou a literatura dirigida aos pais de um segundo filho, através da avaliação de livros populares e artigos publicados entre 1975 a 2000, a fim de verificar divergências e consistências entre os dois tipos de produção. A necessidade de pesquisadores e escritores tomarem conhecimento de seus papéis complementares, para levar informações

congruentes aos pais foi destacada nos achados. Apesar de os livros direcionados aos pais refletirem algumas questões estudadas por pesquisadores, tais como o cuidado entre irmãos, há escassez de investigações para consubstanciar outros tópicos, como métodos e técnicas de preparação para a chegada de um irmão. Em outro estudo, Volling (2005) ainda enfatizou as mudanças decorrentes do nascimento de um irmão, bem como seu impacto para as relações familiares, tendo em vista as inúmeras modificações no cenário familiar durante esse período de transição, em que a mãe se envolve mais com o bebê, por sua dependência.

Também Kreppner (2000) tomou a família como principal contexto para o desenvolvimento infantil, onde complexos temas mudam e outros têm continuidade ao longo do ciclo vital. O autor analisou longitudinalmente a comunicação pais-crianças nos dois primeiros anos após o nascimento de um segundo filho. Na medida em que as aquisições cognitivas, sociais, físicas e emocionais se destacavam no curso de desenvolvimento do caçula, este demandava mais atenção e disponibilidade materna e maior capacidade da mãe em se adaptar às mudanças. Os achados apontaram para a necessidade tanto de estudos com grandes populações, como estudos de caso, a fim de compreender o impacto do bebê no desenvolvimento da família.

Cabe destacar, ainda, a existência de outros artigos atuais envolvendo temas como a parentalidade e conjugalidade no contexto de um segundo filho (Krieg, 2007; Nichols, Roux, & Harris, 2007; Möller, Hwang & Wickberg, 2006; Lorensen, Wilson & White, 2004). Tais estudos compararam casais com um e dois filhos e foram desenvolvidos com base em metodologias quantitativas ou mista. Um estudo etnográfico, ainda com resultados preliminares foi realizado com famílias americanas, de classe média, acompanhadas durante a transição para a maternidade do segundo filho (Upton, 2000). Os achados demonstraram que a representação de “família ideal” para as participantes era a de dois filhos. A chegada do bebê mudou sensivelmente a rotina familiar, anteriormente vigente. Por isso, ter um segundo filho foi considerada uma decisão repleta de emoções e contradições, diferente da experiência anterior com o primogênito. Para Winnicott, (1957/1993, p. 72) cada criança “cria a família”, no sentido de que o relacionamento é singular e se liga ao crescimento de cada filho, promovendo uma atmosfera familiar e beneficiando os pais pela soma de suas tendências integrativas.

Em especial, no que se refere à maternidade percebeu-se que a maioria das investigações examinou o tema, teórica ou empiricamente, com mães primíparas em comparação com secundíparas (Choi et al, 2005; Krieg, 2007; Nichols et al, 2007). Dentre os estudos comparativos, a percepção da experiência da gestação, no terceiro trimestre, de 50 primíparas e 50 multíparas foi investigada por Nichols et al (2007). Na parte qualitativa desse estudo, as participantes respondiam a questões abertas sobre seus sentimentos em relação à gravidez. As mães de um segundo filho se depararam com maiores desafios em termos de adaptações para a nova fase da maternidade quando comparadas às primíparas, mesmo com o fato de já terem tido experiência da gestação do primogênito. Os resultados quantitativos demonstraram que as grávidas de outro bebê tinham menores níveis de apego materno-fetal e de satisfação conjugal do que as primíparas. Tais diferenças foram atribuídas ao fato de já terem um filho e estarem com menos tempo para focar na relação conjugal e na nova gestação.

A transição para a maternidade do primogênito e do segundo filho foi investigada por Krieg (2007), em 40 mães que esperavam o primeiro filho e 42 que esperavam o segundo, durante o terceiro trimestre gestacional e um mês após o nascimento da criança. As mães de ambos os grupos apresentaram níveis equivalentes de estresse, que aumentou entre a avaliação feita no pré e no pós-natal. As conclusões do estudo apontaram que a maternidade não se tornou mais fácil ou mais difícil na segunda vez, contudo as mudanças no casamento diferiam para as mães de primeiro e de segundo filho, assim como as fontes de estresse. Esses dados foram corroborados no estudo de Knox e Wilson (1978) que referiram que ter dois filhos não é tão fácil como ter apenas um, embora tenham avaliado as diferenças entre ter uma ou duas crianças, apenas com mães que já tinham dois filhos. Esses autores concluíram que é necessário um maior ajustamento da mãe em relação ao primeiro, do que ao segundo filho. Mesmo que a transição para a maternidade do segundo filho possa parecer menos dramática, em virtude de haver uma experiência anterior com um bebê, podem surgir dificuldades e novos desafios. Kreppner, Paulsen e Schuetze (1982) ponderaram sobre as novas formas de interação que surgem com a chegada do segundo filho, pois, com o nascimento deste bebê, se expande o sistema familiar e se tornam necessárias mudanças nas relações entre os membros da família, a partir dos desafios trazidos pelo desenvolvimento e crescimento do novo integrante da casa.

Retomando o foco da mãe nesse contexto, dentre os estudos encontrados na presente década destacam-se apenas dois derivados de teses de doutorado, que investigaram especificamente a transição e a experiência da maternidade de um segundo filho (Frost, 2006, O'Reilly, 2004). A americana O'Reilly (2004) analisou a transição para a maternidade do segundo filho até o segundo ano de vida, utilizando descrições fenomenológicas. Participaram 10 mulheres casadas, com idade de 26 a 44 anos, com o segundo filho entre 6 a 24 meses e o primogênito entre 2,5 e 10 anos. Os diferentes temas, derivados das entrevistas realizadas com as mães, serviram para examinar a essência desta experiência. Os resultados indicaram que, de forma geral, o novo bebê levou as mulheres a fazerem um balanço da maternidade e a integrar o novo membro à família. Embora as mães tenham se sentido sobrecarregadas por terem dois filhos, perceberam a experiência como recompensadora, esforçando-se para acomodarem-se às necessidades de duas crianças. Esta transição foi considerada um processo de amadurecimento para a mãe, pois envolvia aquisição de habilidades para lidar com o desenvolvimento infantil, além de capacidade de diferenciar o papel parental para incluir outra pessoa na família.

O'Reilly (2004) apontou algumas particularidades, como o uso da experiência anterior, que fez com que as mães pudessem desfrutar da maternidade do segundo filho com mais tranquilidade no período de transição, em função dos conhecimentos já adquiridos. O estabelecimento de uma nova rotina, com diferentes prioridades diante da chegada do novo bebê, foi relatado pelas mães como algo frequentemente exaustivo especialmente nas questões ligadas aos ajustes dos padrões de sono de ambos os filhos. A partir do nascimento do segundo bebê, as mães descreveram mudanças na relação conjugal, sendo que para algumas mulheres era mais importante ter algum tempo em família, do que ficarem sozinhas com seus maridos. O cuidado para manter as relações entre os membros familiares também foi apontado como uma preocupação materna. Além da tentativa de encontrar momentos de descanso, pois elas sentiam como se estivessem constantemente em vigilância. Por fim, as mulheres referiram buscar apoio na família.

Já a inglesa Frost (2006) analisou a transição para a maternidade do segundo filho de sete mulheres, através das narrativas das mães, entrevistadas ao longo de um ano. A pesquisadora iniciou os contatos por indicação, no terceiro trimestre de gestação, quando realizou a primeira entrevista. As coletas subsequentes

ocorreram aos 3, 6 e 9 meses das crianças. Todas as participantes viviam com o pai de seus dois filhos, eram de classe média, tinham mais de 30 anos e nível superior de escolaridade. O objetivo foi compreender as percepções das mães sobre o segundo filho, através da análise qualitativa de suas narrativas. Para Frost, quando se trata de um segundo filho, necessita-se de um entendimento diferenciado que proporcione desafios aos ideais maternos e contemple as particularidades desta nova experiência. A discussão ancorou-se na ambivalência ligada à maternidade de forma geral, para depois descrever e relacionar esse sentimento à transição para a maternidade do segundo filho.

Alguns pontos em comum desses estudos contemporâneos foram que as mães usavam o conhecimento da experiência anterior para pautarem suas expectativas em relação ao segundo bebê, durante a gestação. Com a chegada dessa criança, as mulheres identificaram mudanças na disponibilidade de tempo e necessidade de criar espaço para o segundo filho. Integrar um novo bebê à família também pode ser exaustivo para a mãe, que passa a lidar com diversos sentimentos ambivalentes (Frost, 2006; O'Reilly, 2004). Em particular, para Frost, após o nascimento do segundo filho, as mulheres buscavam oportunidades de estarem a sós com a criança. O primogênito era percebido como uma intrusão na relação da mãe com o bebê, que precisava de sua constante atenção, nos primeiros meses. Na medida em que a criança se tornava menos dependente, a mãe buscava fornecer espaço suficiente para conter as demandas dos dois filhos, favorecendo a interação entre os irmãos e, posteriormente, passava a procurar tempo para ficar longe das crianças. Além dos diferentes desafios relatados pelas mães, ter um segundo filho foi considerada como uma nova oportunidade para a maternidade. Frost assinalou que as mães de um segundo filho tornam-se capazes de reconhecer a impossibilidade de ser a “mãe perfeita”, ao entrar em contato com seus sentimentos ambivalentes e com o desejo de ter seu próprio espaço. A experiência de ser mãe de duas crianças também foi sentida como uma chance de reavaliar os ideais maternos.

Cabe ressaltar, ainda, que em âmbito internacional houve grande concentração de estudos sobre o tema ligado ao contexto de um segundo filho, nas décadas de 80 e 90. A maior parte dos estudos foi desenvolvida por algumas autoras pioneiras que escreveram sobre o impacto e os cuidados do segundo bebê, bem como seus efeitos na interação da mãe com o primogênito (Kendrick & Dunn, 1980). Ainda analisaram como o segundo filho torna-se membro da família

e os conflitos envolvidos nessa transformação (Dunn & Munn, 1985). Além de examinar a consistência e as mudanças nos comportamentos da mãe em relação aos filhos (Dunn, Plomin & Daniels, 1986), avaliaram as diferenças no comportamento social dos irmãos na família e as diferenças de sexo das díades (Dunn & Kendrick, 1981) e a relação entre irmãos na infância (Dunn, 1983).

Os estudos da década de 90, dessas autoras, seguiram focalizando a criança na família, com a mãe (Dunn, Brown & Beardsall, 1991), a influência dos irmãos no desenvolvimento (Dunn, 1992) e a resolução de conflitos entre irmãos e mães (Dunn & Herrera, 1997). As publicações mais atuais de Dunn têm se focado na relação fraterna (Dunn, 2005), versando sobre as mudanças nas percepções maternas quanto à negatividade entre irmãos e as influências familiares (Jenkins, Dunn, O'Connor, Rasbash & Behnke, 2005), experiências parentais em diferentes configurações familiares (Dunn, Davies & O'Connor, 2000), além da ligação entre habilidades sociais e o relacionamento entre irmãos (Cutting & Dunn, 2006).

Diferente de Frost (2006) e O'Reilly (2004), os demais estudos envolvendo a maternidade do segundo filho consideram a mulher no contexto conjugal ou familiar (Lorensen et al, 2004; Möller et al, 2006). Contudo, a mãe também precisa passar por uma adaptação à chegada do segundo filho, bem como em seu comportamento em relação aos dois filhos (Kojima, 1999). O apoio recebido no período de nascimento de um filho é um fator crucial (Dessen & Braz, 2000; O'Reilly, 2004). O papel do pai é importante nesse momento (Gottlieb & Mendelson, 1995), pois ele ajuda a proteger a mãe e o bebê (Winnicott, 1964/1982c). Além do suporte imediato que costuma ser fornecido pelo marido, há outras formas de a mãe de dois filhos obter apoio, quer seja dos demais familiares e amigos (Choi et al, 2005) ou ainda em âmbito social (Goldstein, Diener & Mangelsdorf, 1996) e por profissionais de saúde (Gottlieb & Mendelson, 1995). Dentre as figuras de apoio familiar, a avó materna ocupou um lugar de destaque no relato das mães do estudo de Piccinini, Pereira, Marin e Tudge (2007). Também para Levitt, Webber e Clark (1986), o relacionamento da mãe com sua própria mãe torna-se especialmente significativo para as mães de um segundo filho, quando comparadas às primíparas. Para estes autores, a avó materna desempenharia um papel de importância ainda maior no momento do nascimento do segundo filho, o que poderia estar relacionado à necessidade de mais auxílio no cuidado de dois filhos. De forma geral, as mães que recebem um suporte adequado desde a gestação e durante a transição para a maternidade,



costumam apresentar melhor saúde física e mental do que as que não tiveram tal apoio. Gottlieb e Mendelson (1995) ressaltaram que, para as mães de segundo filho, esse apoio deve se ajustar às suas necessidades físicas e emocionais, só tornando-se efetivo se fornecido nos momentos adequados. As autoras destacaram que é preciso atentar para os sentimentos maternos a fim de compreender que tipo de apoio elas desejam receber, na transição para a maternidade do segundo filho.

Outros autores também se dedicaram ao tema nas décadas de 70 a 90. O ajustamento da mãe ao nascimento do segundo filho foi estudado por Kojima (1999), que investigou como as mães japonesas mantinham seu relacionamento, simultaneamente, com as duas crianças. Participaram da pesquisa quatro mães e seus dois filhos, observados em casa, durante cerca de 25 minutos, registrados em vídeo, em intervalos de um a dois meses. As mães tinham entre 22 e 35 anos e os pais entre 23 e 35 anos. Os bebês tinham entre 2,5 e 4 meses no início das observações e entre 12 e 17,5 ao final. Os primogênitos estavam em idade pré-escolar. Os resultados indicaram que as interações maternas verbais com o primogênito eram seguidas de comportamentos não-verbais dirigidos ao segundo filho, especialmente nos primeiros meses de vida. O autor considerou essa atitude como uma importante estratégia utilizada pela mãe, para se relacionar com ambos os filhos. Ainda no contexto de dois filhos em idade pré-escolar, um estudo com 100 famílias canadenses apontou que os pais mostraram-se surpresos com o aumento de envolvimento, trabalho e tempo despendido em decorrência do segundo filho (Adams, 1985).

Voltando à perspectiva materna, dentre os poucos estudos qualitativos de outros autores que enfocaram a maternidade do segundo filho, está o trabalho de Young, Boyle e Colletti (1983), que abordou a reação da mãe diante do nascimento do segundo filho. Os resultados foram derivados de quatro casos, com base na experiência dos autores como pediatras, no atendimento de famílias americanas e indicaram que sentimentos como tristeza, culpa e raiva foram comuns durante a gestação e após o nascimento do segundo filho. Tais sentimentos eram expressos como uma preocupação de que as demandas do segundo bebê pudessem interferir na habilidade materna para atender às necessidades do primogênito. Uma das principais inquietações destas mães era a mudança de sua relação com o primeiro filho, que se alterava em intensidade, gerando sentimentos de perda, luto e ambivalência. Merilo (1983) elencou esses mesmos sentimentos em relação às mudanças que estavam por vir com a chegada

de um novo bebê e o desafio para a mãe ao ter de lidar com as necessidades concomitantes do primogênito.

Além disso, Knox e Wilson (1978) investigaram as diferenças entre ter um ou dois filhos. As 144 mães participantes responderam a um questionário sobre a motivação para ter um segundo filho e as consequências pessoais e conjugais da expansão da família. Cerca de metade das mães decidiu ter outro filho porque apreciou a primeira experiência e gostaria de repeti-la; 27,9% das mães disseram ter tido o segundo filho para proporcionar uma companhia para o primogênito; outras razões relatadas incluíram o desejo do marido (5,8%), satisfação pessoal (4,8%), o fato de terem um menino primogênito e tentarem ter uma menina (4,8%) e vice-versa. A maior exigência de tempo e envolvimento com duas crianças foi associada a um decréscimo na satisfação conjugal. Mesmo com demandas aumentadas, as mães consideraram mais benefícios e satisfação em ter dois filhos alegando que, apesar da rivalidade fraterna, um filho fazia companhia para o outro e, quanto à parentalidade, o prazer era dobrado, assim como o trabalho.

Dentre os demais estudos revisados, as mães também relataram um sentimento de perda de uma relação especial com o primogênito, além de ambivalência em relação ao bebê (Merilo, 1988; Walz & Rich, 1993, Young et al, 1983). O decréscimo de tempo para interagir com o primeiro filho em função do nascimento do segundo também foi relatado pelas mulheres em diferentes trabalhos (Field & Reite, 1984; Kendrick & Dunn, 1980; Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004). Outra preocupação das mães era a aceitação do bebê por parte do primogênito (Richardson, 1983; Young et al, 1983). Contudo, parece não haver consenso no que se refere a esse sentimento das mães. Alguns autores que buscaram compreender a perspectiva materna quanto ao segundo filho, reportaram que as mães de duas crianças também perceberam o primogênito como alguém que interferia na relação desta com o bebê. Isso se daria especialmente nos primeiros meses, quando o segundo filho precisava de mais cuidados e dedicação do que o filho mais velho, (Frost, 2006; Kreppner, 1988). Esse sentimento materno de intrusão por parte de um filho ou de outro, pode ser inconscientemente influenciado pela própria experiência da mãe, em suas vivências com a própria mãe ou de acordo com seu lugar na família (Raphael-Leff, 1997; Kancyper, 2004).

Além de examinarem o impacto do segundo filho nas interações da mãe com o primogênito (Kojima et al, 2005), em geral, os demais estudos encontrados investigam as mudanças de comportamento do primogênito durante a transição para o tornar-se irmão e os ajustamentos decorrentes nas relações familiares (Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004; Stewart, Mobley, Van Tuyl & Salvador, 1987; Rustin, 2007; Volling, 2005). A chegada de um novo bebê também pode levar a mudanças na relação da mãe com o primeiro filho. Estas mudanças podem ocorrer tanto em termos de qualidade, frequência e interação, como afetar as percepções e emoções da mãe e da criança. Esses são alguns aspectos afetados durante esta transição, que podem mediar a reação do primogênito ao nascimento do irmão (Baydar, Greek & Brooks-Gunn, 1997). A este respeito, Stewart e cols. (1987) afirmaram que as mudanças no comportamento do primogênito serviam como estratégias para reaver a atenção desfrutada até o momento anterior ao nascimento do irmão. Raphael-Leff (1997) referiu que o irmão mais velho pode se ressentir por receber menos atenção emocional, a partir do nascimento do bebê. É possível que a própria mãe ache difícil renunciar à intimidade com o filho mais velho, ressentindo-se com a intrusão do novo bebê.

Diferente dos estudos que se detiveram nas repercussões de um irmão para o primogênito, a perspectiva do segundo filho enquanto um quarto membro da família não vem sendo tão investigada, em suas implicações que são únicas (Kreppner, 1988). Contudo, o estudo de Bigner (1974) teve como objetivo investigar as mudanças na discriminação do conceito do papel de irmão do segundo filho, entre 5 e 13 anos, em função sexo do primogênito e do segundo filho e da diferença de idade entre os irmãos. Essas dimensões foram usadas pelo segundo filho ao discriminar seu papel de irmão. Para o mais novo a presença de um irmão mais velho foi facilitadora em termos de interação social. Rustin (2007) alertou para a importância de se considerar que, para o segundo filho, o irmão mais velho é parte de uma estrutura do ambiente de desenvolvimento inicial. Ter um irmão cria novas oportunidades e tensões para o desenvolvimento emocional e crescimento. Aprender a funcionar como membro de um grupo e lidar com questões de respeito à diferença entre os membros, tais como idade e gênero, é uma tarefa desafiadora.

No que se refere ao segundo filho, Steiner (1999) aponta que o filho mais novo não tem a primazia do primogênito ou do filho único. Desde o começo, esta criança tem que competir de alguma forma pela atenção da mãe. Contudo,

segundo filho tem a vantagem de fazer parte da atividade de uma família com uma rede de relacionamentos preexistentes. O modo como este filho vai se relacionar com os demais dependerá de fatores como a diferença de idade, bem como a personalidade do irmão em questão. Dunn acrescenta que quando há dois filhos em uma família, além das interações com os pais, os irmãos desempenham papel central nas relações familiares (Dunn, 1983; Dunn, 2005). Rosen e Burke (1999) corroboram a ideia de que nas famílias com duas crianças pequenas, há múltiplas possibilidades de se estabelecer interações entre os irmãos, bem como dos pais com seus diferentes filhos. Na medida em que o bebê cresce, especificamente a partir do final do primeiro ano, tornam-se mais frequentes as interações deste com os demais familiares, em especial, com pai e irmão. Há ainda que se considerar a forma específica de a mãe lidar com os filhos, de acordo com as novas habilidades da criança, ao longo da infância. Kreppner et al (1982) destacam que, ao longo dos dois primeiros anos do segundo filho, há mudanças na família, devido aos desafios diante do crescimento do bebê.

Outro fator que vem sendo enfatizado nos estudos realizados é o apoio recebido pela mãe no período de nascimento do novo bebê (O'Reilly, 2004). O papel do pai é importante e tem recebido destaque na literatura, em especial, nesse momento e com essa função de acolhimento (Kreppner, 1988; Kreppner et al, 1982; Gottlieb & Mendelson, 1995). A maternidade de duas crianças pequenas é mais desafiadora, por isso a participação do pai nos cuidados do primogênito contribui muito para a adaptação à chegada do novo bebê (Kojima et al, 2005). Como mencionado anteriormente, além do pai do segundo filho, a avó materna também costuma apoiar a filha, quando do nascimento de mais um neto. Sendo assim, é preciso atentar para os sentimentos maternos a fim de compreender que tipo de apoio elas desejam receber, ao tornar-se mãe de um segundo filho (Gottlieb & Mendelson, 1995; Merilo, 1988; O'Reilly, 2004).

A seguir, a fim de conhecermos o cenário nacional, serão explorados os estudos desenvolvidos no Brasil, envolvendo a gestação e nascimento de um segundo filho até a presente década. Também no cenário nacional, diversos estudos envolvendo o contexto de um segundo filho vêm sendo desenvolvidos desde a década de 80, com destaque para uma retomada nos anos 2000. Na década de 80 e 90, diferente do contexto internacional, foram produzidos poucos estudos sobre o tema. Foi encontrada uma tese de doutorado que se ateve aos efeitos do nascimento de uma segunda criança no comportamento do primogênito e nas suas

reações para com os genitores (Dessen, 1992). Dessen (1984) também desenvolveu um estudo de caso em sua dissertação de mestrado, versando sobre as interações pais-criança, quando da chegada de um bebê na família. Os resultados sugeriram alterações importantes nas relações familiares, em virtude do nascimento do segundo filho.

Embora tenha envolvido a chegada de um segundo filho, não houve somente esse foco na pesquisa de Dessen e Braz (2000) investigaram a rede de apoio no momento do nascimento dos filhos em 15 famílias brasileiras, de classe baixa, que possuíam entre um e quatro filhos. A maioria das mães relatou mudanças antes e após o nascimento de uma criança, sendo estas consideradas especialmente positivas. As alterações disseram respeito ao aumento de apoio psicológico recebido, bem como de cuidados físicos, orientações sobre alimentação, gravidez e filhos, ajuda financeira, auxílio nas tarefas domésticas e no cuidado dos filhos. As principais fontes de apoio mencionadas foram os familiares - pai da criança e avós, seguidos pelos não-familiares - amigos, vizinhos, babá ou empregada, profissionais da saúde e instituições - centros de saúde. O papel do pai foi destacado como o mais importante pelas mulheres, seguido pelo da avó materna, quando da chegada de mais um filho.

Atualmente, pesquisadores gaúchos vêm se dedicando a investigar temas como expectativas e sentimentos sobre o novo bebê, práticas educativas, comportamentos regressivos do primogênito, rivalidade fraterna e o tornar-se mãe de um segundo filho (Coldebella, 2006; Freitas, 2008; Lopes et al, in press; Oliveira, 2006; Oliveira & Lopes, 2008; Pereira, 2009; Pereira & Piccinini, 2007; Piccinini et al, 2007). Também foram encontradas duas dissertações de outros estados. Uma enfocando a relação mãe-primogênito diante da chegada do bebê, a repercussão nas relações e as implicações no desenvolvimento emocional do filho mais velho (Fagundes, 2002). Outra comparando, através de testes projetivos, as diferentes características psicológicas de mães na primeira e na segunda gestação, a fim de contribuir para sua assistência pré-natal (Barros, 2004). Cabe destacar que quatro destes estudos foram realizados durante a gestação do bebê (Barros, 2004; Coldebella, 2006; Fagundes, 2002; Oliveira, 2006; Pereira, 2006) e outro acompanhou também a mãe e o primogênito quatro meses após o nascimento da segunda criança (Fagundes, 2002), além daquele que investigou as práticas educativas em famílias com um e dois filhos, em idade pré-escolar (Freitas, 2008).

Dentre as dissertações com foco na maternidade, destaca-se o estudo de

Coldebella (2006) que investigou as expectativas e sentimentos de primíparas e secundíparas, sobre seus bebês. Foi realizado um estudo de casos coletivo, com sete gestantes primíparas e sete secundíparas, no terceiro trimestre de gravidez. As expectativas e sentimentos das mães que esperavam um segundo filho foram mediados pela existência do primogênito. Além de se apoiarem na história pessoal, em um bebê ideal e nos conflitos edípicos, as mães partiram da experiência anterior ao confrontar expectativas e sentimentos de um bebê que imaginaram, com um real. O primogênito configurou-se como parâmetro real para as mães que esperavam o segundo filho.

As impressões e sentimentos maternos sobre o relacionamento com o primogênito durante a gravidez do segundo filho foram investigados em um estudo que contou com oito gestantes, no último trimestre de gestação do segundo filho, já com um filho entre 3 e 6 anos de idade (Pereira, 2006). As participantes eram casadas com o pai de seus dois filhos. Essas mães responderam a entrevistas sobre a gestação do segundo filho, dinâmica familiar, maternidade e desenvolvimento do primogênito, que foram submetidas à análise de conteúdo qualitativa dos relatos. Os resultados apontaram que a gestação do segundo filho trouxe a necessidade de uma redefinição no papel das mães e em sua relação com o primogênito. As mudanças no comportamento do primogênito visavam reaver a atenção e o estilo de interação anterior com a mãe, indicando também o aparecimento do sentimento de rivalidade fraterna. Ainda foi destacado o aumento no apoio fornecido pelos pais ao primogênito e o maior envolvimento deste filho com o pai, entre outras pessoas, no contexto da gestação do irmão.

As percepções das mães sobre os comportamentos de dependência e independência do primogênito, durante a gestação do segundo filho também foram investigadas recentemente, a partir de um estudo de caso coletivo (Oliveira, 2006; Oliveira & Lopes, 2008). Participaram cinco primogênitos e suas mães, no terceiro trimestre de gestação do segundo filho. O Teste das Fábulas foi aplicado às crianças e as mães responderam a entrevistas semi-dirigidas, submetidas à análise de conteúdo. Os resultados revelaram predomínio de comportamento dependente do primogênito. Esta tendência despertava sentimentos ambivalentes nas mães, que acabavam estimulando comportamentos de independência. As crianças também se mostraram ambivalentes, apresentando um padrão oscilatório de comportamento em algumas respostas às fábulas. Assim, o contexto de nascimento de um novo membro na família constitui-se em um momento especial,

tanto para a criança que tem que deixar de ocupar o papel de filho único e aprender a compartilhar os cuidados maternos, quanto para a mãe que tem que lidar com as ansiedades advindas da gestação de um segundo filho e com os sentimentos em relação ao primogênito (Oliveira & Lopes, 2008).

Ainda há outros estudos recentes desse grupo que enfatizaram a chegada do segundo filho e as mudanças decorrentes deste fenômeno (Pereira & Piccinini, 2007; Piccinini et al, 2007). O impacto do nascimento do segundo filho na dinâmica das relações familiares foi investigado por Piccinini et al (2007). Esta temática foi examinada com base em quatro categorias: rede de apoio; relação conjugal; comportamentos do primogênito; e relação pais-primogênito. Participaram oito famílias, nas quais o segundo filho tinha nascido no segundo ano de vida do primogênito. Com relação às mudanças na rede de apoio, as figuras de destaque na nova dinâmica familiar foram o companheiro e a família extensa, seguidos da escola de educação infantil do primogênito. No que diz respeito à relação conjugal, a principal mudança relatada se referiu ao afastamento do casal após o nascimento do segundo filho, pela maior necessidade de investir no cuidado de duas crianças, o que reforçava os papéis parentais, mas dificultava o relacionamento conjugal. Quanto à relação pais-primogênito, a principal mudança destacada pelos genitores se referiu à redistribuição da atenção entre os filhos. Por fim, o primogênito apresentou diversos comportamentos regressivos, tais como retrocessos na linguagem, alimentação, propensão ao choro e aumento de birra, manifestações de agressividade, além do aparecimento de sintomas físicos, como alergia e febre. A principal mudança destacada pelos genitores se referiu à redistribuição da atenção entre os filhos. Mães e pais destacaram a tentativa de manter níveis elevados de envolvimento com o primogênito, inclusive fornecendo mais atenção a este do que ao segundo filho. Destacou-se a sensibilidade dos pais ao equacionar as demandas e cuidados do primogênito e do segundo filho, tanto afetivamente como em termos de cuidados e brincadeiras.

Também foi realizada uma revisão teórica de estudos empíricos acerca do impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar (Pereira & Piccinini, 2007). Os autores, com base em uma perspectiva sistêmica, assinalam que já durante a gravidez, os membros familiares iniciam o processo de adaptação para a constituição de uma família com dois filhos. As relações e interações familiares durante a gestação podem desempenhar um papel fundamental na adaptação da família, após o nascimento do bebê. Devido aos poucos estudos encontrados

referentes à transição para o nascimento do segundo filho, poderia se corroborar uma crença infundada de que o segundo filho “é mais fácil” do que o primeiro, tendo em vista a experiência dos pais com o primogênito.

Uma revisão atual sobre os desafios para a maternidade decorrentes da gestação e nascimento de um segundo filho foi realizado por Lopes et al (in press) e ajudou a elucidar algumas questões teóricas que ainda carecem de estudos empíricos para ilustrá-las. Os autores enfatizam que a maternidade é considerada uma etapa crucial no processo de desenvolvimento emocional, na vida adulta, trazendo consigo a possibilidade de amadurecimento, de elaborar conflitos e tarefas específicas da própria mãe. Apesar dos estudos sobre o tema, o significado da maternidade de um novo bebê tem sido negligenciado do ponto de vista do desenvolvimento emocional da mãe. Por fim, o mito de que o segundo filho seria mais fácil do que o primeiro também é questionado, tendo em vista que assim como cada filho é único, a mãe é única com cada filho (Winnicott, 1968/1987), o que constituiria um desafio para os estudos sobre maternidade.

Sendo assim, depois dos trabalhos de Dessen (1984, 1992) das décadas passadas e outro envolvendo o contexto de chegada do segundo, entre outros filhos (2000), tornaram-se expressivos os estudos brasileiros atuais derivados do projeto intitulado, *Estudo Longitudinal sobre o Impacto do Nascimento do Segundo Filho na Dinâmica Familiar e no Desenvolvimento Emocional do Primogênito - ELSEFI* (Lopes, Piccinini, Pereira & Oliveira, 2005). Esse projeto foi desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Infância, Desenvolvimento e Psicopatologia (GIDEP), através do Núcleo de Infância e Família (Nudif), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no qual se insere o presente estudo. As investigações qualitativas em andamento têm abarcado temas como o impacto do nascimento do segundo filho no desenvolvimento de cada membro familiar, em especial na mãe, no pai e no primogênito, além da rivalidade fraterna e vem contribuindo para a compreensão desse tema em cenário nacional.

A seguir, serão elencados pontos comuns e divergências entre os estudos apresentados, bem como questões conceituais ligadas à maternidade de um segundo filho. Conforme descrito, os estudos nacionais são mais recentes e vêm investigando diversos temas ligados ao nascimento de um segundo filho, desde as repercussões para o primogênito como para a família em geral. Os trabalhos estrangeiros atuais também se centram no impacto do segundo filho nas interações da mãe com o primogênito, na família, conjugalidade e parentalidade. Estes,



contudo, não contemplaram questões ligadas à mãe e à criança mais nova, a não ser orientações sobre o melhor momento para os pais terem o segundo bebê, sem explorar os aspectos maternos singulares desta vivência. As particularidades subjetivas da relação com o segundo filho, com a própria mãe e com o marido, não vêm sendo aprofundadas. A maternidade só foi enfocada especificamente em dois trabalhos internacionais atuais (Frost, 2006; O'Reilly, 2004). A partir do panorama de estudos apresentado, constata-se que ainda é necessário ampliar as pesquisas sobre o tornar-se mãe de um segundo filho e as implicações decorrentes de seu desenvolvimento, bem como as implicações no amadurecimento da mãe.

### **3. Justificativa e Objetivos**

Diversos autores têm examinado como a chegada de um novo bebê gera mudanças fundamentais, tanto físicas como psicológicas como para a mãe (Mercer, 2004; Piccinni et al, 2008; Trad, 1990), ao longo dos primeiros anos (Muslow, Caldera, Pursley, Reifman & Huston, 2002). A literatura retrata que a maternidade do primeiro e do segundo filho são experiências qualitativamente diferenciadas (Frost, 2006; Kojima et al, 2005, Kreppner, 1998), mas existem poucos estudos que caracterizem tais mudanças (O'Reilly, 2004, Frost, 2006). A maioria das investigações examina a experiência da maternidade, teórica ou empiricamente, em mães primíparas (Arendell, 2000) ou nestas em comparação com secundíparas (Choi et al, 2005). Nesse sentido, há uma lacuna de estudos que contemplem o tornar-se mãe de um segundo filho (Frost, 2006; O'Reilly, 2004; Stewart, 1990), em especial no cenário nacional.

De forma geral, há diferentes estudos sobre o ajustamento da mãe ao nascimento do segundo bebê (Kojima, 1999) e as reações maternas (Young et al., 1983). Outros temas ligados ao segundo filho também foram investigados, tais como o humor materno e o apoio social no momento do nascimento do segundo filho (Gottlieb & Mendelson, 1995) e questões ligadas aos sentimentos do período pós-parto (Walz & Rich, 1983). Diversos estudos examinaram o impacto do segundo filho nas interações da mãe com o primogênito (Kendrick & Dunn, 1980; Kojima et al, 2005), além das mudanças do ambiente familiar (Baydar, Greek et al, 1997) ou, ainda, os comportamentos do primogênito frente ao nascimento do irmão (Dessen, 1992; Oliveira, 2006; Teti, Sakin, Kucera, Corns & Eiden, 1996) e as impressões e sentimentos maternos sobre a relação mãe-primogênito (Pereira, 2006).

Especificamente quanto à maternidade do segundo filho, há relatos de que as mulheres costumam receber apoio em relação à criança, mas suas próprias necessidades nem sempre são atendidas (O'Reilly, 2004). A maternidade de um segundo filho requer adaptações e uma busca de equilíbrio (O'Reilly, 2004) e a forma como isso se realiza se reflete na relação da mãe com a criança (Krieg, 2007). Nesta experiência estão envolvidos diferentes sentimentos e expectativas maternas (Parker, 2005), além de um processo de crescimento e transformação (Mercer, 2004; Nelson, 2003), que envolve a posição da mãe na família, sua relação com o bebê, com a própria mãe e o marido. Assim, tornar-se mãe de um segundo filho é considerada uma nova oportunidade para a maternidade (Frost, 2006).

Conforme apresentado, foram encontrados apenas dois trabalhos recentes sobre a transição e a experiência da maternidade de um segundo filho (Frost, 2006; O'Reilly, 2002; 2004). Para O'Reilly (2004), esta transição foi considerada um processo de desenvolvimento para a mãe, pois envolve aquisição de habilidades para lidar com o desenvolvimento infantil, além de implicar em assumir o papel parental e ainda incluir outra pessoa na família. Tornar-se mãe de uma nova criança e envolve questões emocionais que ultrapassam o fato de gerar um bebê. Sendo assim, a literatura carece de descrições da experiência vívida da maternidade do segundo filho, com base em estudos empíricos (Frost, 2006; Lopes et al, in press; Stewart, 1990). A fim de compreender esse processo considera-se importante incluir os sentimentos e expectativas das mães quanto ao segundo filho. O estudo dos diversos sentimentos que acompanham as mulheres que se tornam mães de um novo bebê, na medida em que seu filho se desenvolve, pode contribuir para o entendimento da maternidade de forma mais profunda (Lopes et al, 2007; 2009; Guendouzi, 2005). A literatura aponta que o fato de ter um bebê reativa na mãe sua experiência infantil com a própria mãe (Colarusso, 1990; Lopes et al, in press; Stern, 1997). A revisão sobre os desafios para a maternidade decorrentes da gestação e nascimento de um segundo filho contribuiu com questões teóricas e apontou que tanto o cenário nacional como internacional ainda carecem de estudos empíricos para ilustrá-las (Lopes et al, in press). No Brasil, recentemente houve um aumento de dissertações e teses com investigações longitudinais e qualitativas sobre diferentes temas ligados ao segundo filho. Ainda assim, são escassos os estudos sobre a maternidade no contexto da gestação e nascimento um segundo bebê, incluindo os dois primeiros anos.

A partir do que foi apresentado, constatou-se uma escassez na literatura no sentido de explorar em profundidade as questões ligadas ao processo de tornar-se mãe de um segundo filho, bem como entender sua repercussão no desenvolvimento emocional da mãe. Em especial, há uma lacuna de estudos qualitativos que busquem compreender a relação da mãe com essa criança, com a própria mãe e com o pai do segundo filho.

Diante do exposto e tendo em vista que o tema vem sendo pouco explorado é necessário aprofundar a compreensão deste tema. Assim sendo, o presente estudo tem como objetivo investigar de forma geral o tornar-se mãe de um segundo filho, desde a gestação até o segundo ano de vida. Em particular serão examinadas as impressões da mãe sobre si e a maternidade do segundo filho, sua relação com esse bebê, com a própria mãe e o marido. Buscar-se-á identificar as particularidades e semelhanças entre os casos, e, especificamente, compreender o impacto do “complexo fraterno” nesse processo.

## CAPÍTULO II

### MÉTODO

#### Participantes

O presente estudo contou com a participação de quatro famílias, com dois filhos, que foram acompanhadas desde a gestação até o segundo ano de vida do segundo filho. As mães eram casadas e viviam com o marido, pai dos dois filhos e as crianças. A escolaridade variou de superior completo com pós-graduação (n= 2), superior completo (n= 1) a incompleto (n= 1). Duas das mães trabalhavam fora e tinham profissões que variavam de alto *status* (n= 2), uma trabalhava em casa, em uma profissão considerada como de médio *status* (n=1) e outra suspendeu suas atividades profissionais (n= 0), a partir do nascimento do segundo filho. O nível socioeconômico (NSE) das famílias variou de médio (n= 1) a médio-alto (n= 1) e alto (n= 2), de acordo com a classificação proposta por Hollingshead (1975, adaptado por Tudge & Frizzo, 2002). Todas as mães selecionadas para este estudo tinham mais de 30 anos (m = 33,7). As diferentes combinações de sexo das crianças foram consideradas (1. primogênito menino/segunda filha menina, 2. primogênita menina/segundo filho menino 3. primogênita menina/segunda filho menina, 4. primogênito menino/segundo filho menino). Cabe destacar que todos os nomes atribuídos aos participantes são fictícios (ver Tabela 1).

**Tabela 1 – Dados demográficos das famílias com dois filhos**

Mãe	Idade	Profissão	Escolaridade	Segundo Filho	Idade	Primogênito	Idade inicial	NSE*
Dinorá	34	vendedora	S. inc.	Florence	0-24m	Benjamin	4	3
Alice	34	Profª inglês	Pós	Pietro	0-24m	Lívia	5	5
Constance	33	nutricionista	Sup.	Giulia	0-24m	Clarisse	5	5
Natália	34	engenheira	Pós	Lorenzo	0-24m	Fernando	3	4

\* Cfe. Hollingshead (1975, adaptado por Tudge & Frizzo, 2002) 1 (baixo), 2 (médio-baixo), 3 (médio), 4 (médio-alto), 5 (alto).

As famílias com dois filhos fazem parte do projeto intitulado *Estudo Longitudinal sobre o Impacto do Nascimento do Segundo Filho na Dinâmica Familiar e no Desenvolvimento Emocional do Primogênito* - ELSEFI (Lopes, Piccinini, Rossato & Oliveira, 2005), realizado pelo Núcleo de Infância e Família (Nudif) do Instituto de Psicologia da UFRGS. Esta pesquisa acompanhou 30 famílias com dois filhos, ao longo de dois anos, desde o último trimestre de gestação do segundo filho, além de um grupo de 24 famílias com filho único,

acompanhadas em etapas semelhantes às do grupo de dois filhos. O estudo investiga uma série de fatores associados aos aspectos subjetivos e comportamentais das relações pai-mãe-filho(s), bem como o impacto do nascimento do segundo filho no relacionamento familiar e no desenvolvimento emocional do primogênito. Todas as mães viviam com seus companheiros, os quais foram convidados a participar do estudo. Os participantes deste estudo maior representam configurações familiares intactas ou recasadas. Os pais e mães são todos adultos e de escolaridade e níveis socioeconômicos variados. O segundo filho foi acompanhado desde o terceiro trimestre de gestação até completar dois anos de idade. Os primogênitos tinham entre 3 e 6 anos, quando ingressaram no estudo, e não apresentavam intercorrências clínicas anteriores. A fim de selecionar as famílias com dois filhos, as pesquisadoras contataram 57 instituições da cidade de Porto Alegre, como creches (2/57), escolas de educação infantil (25/57) e escolas de ensino fundamental (15/57), nas quais a criança em idade pré-escolar estava matriculada. Algumas famílias também foram selecionadas por indicação (5/57) e por meio de hospitais (7/57) e unidades sanitárias (3/57) de saúde quando a gestante fazia o pré-natal da segunda gravidez.

### **Delineamento e procedimentos**

Foi utilizado um delineamento de estudo de caso coletivo (Stake, 1994), de caráter longitudinal, com quatro famílias compostas pelo casal com um segundo filho, com idade entre 0 e 24 meses e o primogênito, em idade pré-escolar. Procurou-se escolher os casos, a partir do sexo das crianças, de forma a abranger todas as possíveis combinações, tais como: 1. primogênito menino/segunda filha menina, 2. primogênita menina/segundo filho menino 3. primogênita menina/segunda filha menina, 4. primogênito menino/segundo filho menino. Buscou-se examinar a o processo de tornar-se mãe de um segundo filho nesses casos, em quatro diferentes momentos: gestação, 6 meses, 12 meses e 24 meses de idade do segundo filho. Foram investigados aspectos referentes aos sentimentos e expectativas ligados às impressões sobre a maternidade dessa criança, desde a gestação até o segundo ano de vida do segundo filho. Cabe destacar que o estudo de caso coletivo, como delineamento de pesquisa, é utilizado para a investigação de um fenômeno, população ou condição geral de um certo número de casos – semelhantes ou diferentes – analisados conjuntamente (Stake, 1994). Os casos são escolhidos, pois se acredita que seu entendimento propiciará a compreensão ou

teorização ainda mais ampla, acerca de um conjunto ainda maior de casos. Sendo assim, no presente estudo, a partir desse delineamento de pesquisa, cada caso foi analisado buscando-se investigar de forma geral o processo de tornar-se mãe de um segundo filho, da gestação ao segundo ano de vida da criança e, em particular, o impacto do “complexo fraterno” no tornar-se mãe dessa criança.

Inicialmente, no *ELSEFI*, projeto maior do qual o presente estudo faz parte, as famílias assinaram o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (GIDEP, 2005, Anexo A) e preencheram a *Ficha de Contato Inicial* (GIDEP, 2005, Anexo B), usada com o objetivo de selecionar os possíveis participantes do estudo, logo responderam à *Entrevista de Dados Demográficos do Casal* (GIDEP, 2005, Anexo C). Em seguida, foi solicitado que a mãe respondesse a *Entrevista sobre a gestação e as expectativas da gestante*, a *Entrevista com a mãe sobre o impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar*, a *Entrevista sobre a experiência da maternidade (do terceiro ao quinto ano de vida do primogênito)* e a *Entrevista com a mãe sobre o desenvolvimento do primogênito (do terceiro ao quinto ano de vida do primogênito)*. No primogênito foi aplicado o instrumento projetivo chamado Teste das Fábulas (Cunha & Nunes, 1993). A aplicação das entrevistas e instrumentos foi realizada nas escolas de educação infantil, em creches, na casa dos participantes ou na universidade, conforme a disponibilidade dos participantes<sup>2</sup>. As mesmas entrevistas foram replicadas no primeiro semestre de vida do segundo filho, e quando este tinha 12 e 24 meses, respectivamente.

Para fins do presente estudo, os dados das participantes serão analisados em quatro diferentes etapas: no terceiro trimestre de gestação do segundo filho, aos 6, aos 12 e aos 24 meses da criança. A análise dos resultados será feita a partir das respostas das mães de dois filhos: à *Entrevista sobre a Gestação e as Expectativas da Gestante* (GIDEP, 2005, Anexo D), realizada no terceiro trimestre gestacional. À *Entrevista sobre a Experiência da Maternidade e o Desenvolvimento do Segundo Filho aos 6 meses* (GIDEP, 2006, Anexo E) e o bloco de questões sobre a experiência da maternidade de mães com dois filhos da *Entrevista sobre o Relacionamento Familiar aos 6 Meses do Segundo Filho* (GIDEP, 2006, Anexo F), à *Entrevista sobre a Experiência da Maternidade e o*

---

<sup>2</sup> Ao pai, também foi solicitado que respondesse à *Entrevista sobre a gestação e as expectativas do pai*, a *Entrevista com o pai sobre o impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar*, a *Entrevista sobre a experiência da paternidade* e a *Entrevista com o pai sobre o desenvolvimento do primogênito*, nesta e nas demais fases. No entanto, os dados obtidos com estes instrumentos não serão utilizados no presente estudo.

*Desenvolvimento do Segundo Filho aos 12 meses* (GIDEP, 2006, Anexo G) e o bloco de questões sobre a experiência da maternidade de mães com dois filhos da *Entrevista sobre o Relacionamento Familiar aos 12 Meses do Segundo Filho* (GIDEP, 2006, Anexo H). Além disso, será utilizada a *Entrevista sobre a Experiência da Maternidade e o Desenvolvimento do Segundo Filho aos 24 meses* (GIDEP, 2007, Anexo I). Também serão usadas as perguntas sobre a experiência da maternidade de dois filhos da *Entrevista sobre o Relacionamento Familiar aos 24 Meses do Segundo Filho* (GIDEP, 2007, Anexo J). Por fim, apresenta-se a *Estrutura de categorias e subcategorias temáticas* (Anexo L). As entrevistas foram gravadas em fita cassete e em áudio digital e foram transcritas para posterior análise.

### **Instrumentos**

Os seguintes instrumentos foram utilizados, para fins do presente estudo:

*Ficha de Contato Inicial* (GIDEP, 2005): adaptada da original desenvolvida pelo GIDEP (1998) e preenchida pela pesquisadora no primeiro encontro com a família. Foram colhidos alguns dados gerais a respeito da família, como endereço, telefone para contato, idade da mãe e do pai, escolaridade, profissão, estado civil, idade e sexo das crianças (Anexo B).

*Entrevista de Dados Demográficos* (GIDEP, 2005): adaptada da *Entrevista de Dados Demográficos* elaborada pelo GIDEP (1998). Esta entrevista foi realizada com as famílias já selecionadas a partir dos dados da *Ficha de Contato Inicial*, visando confirmar dados anteriores e obter adicionais como, religião, tempo de trabalho, etnia e moradores da casa (Anexo C).

*Entrevista sobre a Gestação e as Expectativas da Gestante* (GIDEP, 2005): Esta entrevista, realizada no terceiro trimestre gestacional, examinou as impressões e sentimentos das mães sobre a gestação do segundo filho e expectativas quanto ao seu nascimento. Durante a entrevista, a mãe era solicitada a falar sobre a história da gestação desde o momento que soube da gravidez, suas principais preocupações, as mudanças corporais; reações do marido, do filho, de familiares e de amigos perante a notícia da gravidez; relacionamento conjugal; rotina de vida; divisão do trabalho doméstico e cuidado do filho entre os pais; apoio recebido de amigos, parentes ou profissionais; expectativas quanto a características do bebê, relacionamento mãe-bebê, relacionamento pai-bebê, relacionamento primogênito-bebê. A entrevista buscava retratar, em todas as

questões, a percepção da atual gestação em relação à do primeiro filho. Além disso, foram acrescentadas questões sobre as expectativas das mães quanto ao impacto do nascimento do segundo filho no primogênito; no relacionamento conjugal; na rotina familiar; na divisão do trabalho doméstico e do cuidado dos filhos entre os pais; no apoio recebido da família, de amigos e profissionais. Para este estudo foram enfocadas, mais especificamente, as questões que remetiam aos sentimentos e às expectativas da mãe em relação ao segundo filho (Anexo D).

*Entrevista sobre a Experiência da Maternidade e o Desenvolvimento do Segundo Filho aos 6 meses* (GIDEP, 2005): Esta entrevista buscava examinar, a partir da perspectiva materna, diversos temas ligados ao desenvolvimento, habilidades, comportamento e características emocionais do segundo filho. Além disso, o instrumento investigou especialmente a experiência da maternidade do segundo filho (Anexo E).

*Entrevista sobre o Relacionamento Familiar aos 6 meses do segundo filho* (GIDEP, 2005): Esta entrevista investigou o cotidiano da família, bem como o relacionamento do primogênito com o segundo filho e outros familiares, além do relacionamento dos pais com os filhos e da relação conjugal. Para este estudo foi utilizado apenas o bloco de questões sobre a maternidade de dois filhos, que investigou a experiência de tornar-se mãe de dois filhos (Anexo F).

*Entrevista sobre a Experiência da Maternidade e o Desenvolvimento do Segundo Filho aos 12 meses* (GIDEP, 2006): Esta entrevista buscava examinar, a partir da perspectiva da mãe, diversos temas ligados ao desenvolvimento, habilidades, comportamento e características emocionais do segundo filho. Além disso, o instrumento investigou a experiência da maternidade do segundo filho (Anexo G).

*Entrevista sobre a Experiência da Maternidade e o Desenvolvimento do Segundo Filho aos 24 meses* (GIDEP, 2007): Idem à anterior, exceto pela faixa etária. (Anexo G).

*Entrevista sobre o Relacionamento Familiar aos 12 meses do segundo filho* (GIDEP, 2006): Idem (Anexo I).

*Entrevista sobre o Relacionamento Familiar aos 24 meses do segundo filho* (GIDEP, 2006): Idem à anterior, utilizando-se aquele bloco de questões (Anexo J).



As entrevistas sobre a maternidade e o desenvolvimento infantil foram adaptadas das entrevistas elaboradas originalmente para *Estudo Longitudinal de Porto Alegre: Da Gestação à Escola – ELPA* (Piccinini, Tudge, Lopes & Sperb, 1998). A entrevista sobre o relacionamento familiar foi construída por Piccinini et al (2005) para uso no ELSEFI.

Para a análise dos dados foram investigadas as respostas de algumas questões das entrevistas aplicadas às mães, conforme apresentadas a seguir. Da entrevista sobre a gestação e as expectativas da gestante foram analisadas as respostas às questões: *Eu gostaria que tu falasses sobre a tua gravidez, desde o momento em que tu ficaste sabendo, até agora. Como tu te sentiste ao receber a notícia da gravidez? Foi uma gravidez planejada? Como é para ti estar grávida do segundo filho? Como tu te sentiste no início da gravidez (física e emocionalmente)? E agora, como tu te sentes? Quais as tuas preocupações em relação à gravidez e ao bebê? Como tu te sentes em relação ao parto?* Além disso, a mãe será questionada sobre: *como imagina que será o segundo filho e o relacionamento com este e que mudanças imagina que ele irá trazer com sua chegada.*

Já das entrevistas sobre maternidade e o desenvolvimento do segundo filho, aos 6, 12 e 24 meses, foram selecionadas as seguintes questões: *Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre a experiência de ser mãe do/a (2º filho) neste momento? Como tu estás te sentindo como mãe do/a (2º filho) neste momento? Que dificuldades tu tens sentido? Tu imaginavas que seria assim? Como tu te descreverias como mãe do/a (2º filho)? Tu pensas em alguém como modelo de mãe quando tu lidas com o/a (2º filho)? Quem seria? Como ela é/era como mãe? Tu evitas algum modelo de mãe que tu já conhecestes quando tu lidas com o/a (2º filho)? E a tua mãe, como tu imaginas que ela era contigo quando tu tinhas a idade do/a (2º filho)? O que tu lembras? O teu jeito de cuidar do (2º filho) é parecido ou diferente do dela, quando tu tinhas a idade do/a (2º filho)? E o teu pai, como tu imaginas que ele era contigo quando tu tinhas a idade do/a (2º filho)? O que tu lembras? O teu jeito de cuidar do (2º filho) é parecido ou diferente do dele, quando tu tinhas a idade do/a (2º filho)? Tu achas que o teu jeito de cuidar do/a (2º filho) tem afetado tua relação com ele/a? (se sim) Como?*

Da entrevista sobre relacionamento familiar, aos 6, 12 e 24 meses do segundo filho, foram analisadas as respostas às seguintes questões, retiradas de um bloco específico do referido instrumento: *Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre a tua experiência de ser mãe de dois filhos, agora que o/a (2º filho) está com (idade). Como tu estás te sentindo como mãe de dois filhos? Como tu te descreverias como mãe de dois filhos? Que coisas tu costumavas fazer com o/a (primogênito)? E com o/a (2º filho)? E com os dois juntos? Tu tens encontrado alguma dificuldade como mãe*

*de dois filhos? Quais são? Como tu te sentes? Tu vivenciaste alguma situação ou período estressante nesses últimos meses? Como foi? Como tu te sentes? Tu vivenciaste alguma situação agradável nesses últimos meses? Como foi?*

Caso a temática em foco surgisse em respostas a outras perguntas das entrevistas elas também foram consideradas para fins de análise dos resultados.

### **Procedimentos e análise de dados**

Os dados coletados nas entrevistas foram submetidos à análise de conteúdo qualitativa (Bardin, 1977; Laville & Dione, 2001). A análise de conteúdo se deu com base nas seguintes etapas: a) transcrição das entrevistas; b) escuta do áudio, juntamente com leitura do material transcrito; c) demarcação de unidades temáticas; d) criação de uma estrutura de unidades temáticas, a partir de nova leitura da entrevista e dos temas sugeridos pelas próprias perguntas, para a definição dos eixos de análise com base tanto nas entrevistas quanto nos temas encontrados na literatura (Frost, 2006; Houzel, 1997, 2004; Kancyper, 2004, 2002, 1999; O'Reilly, 2004; Winnicott, 1968/1987); 4) identificação das unidades temáticas em cada entrevista; 5) compilação dos dados de cada caso para a análise propriamente dita. Duas codificadoras participaram da análise dos dados das categorias das entrevistas da gestação e 12 meses de vida do bebê. Nas demais fases, a autora e a orientadora dirimiram eventuais discordâncias, através de discussão. Desta forma, buscou-se destacar particularidades e semelhanças, quanto ao tornar-se mãe de um segundo filho, da gestação ao segundo ano de vida dessa criança. A partir da descrição da análise de conteúdo qualitativa, utilizou-se um modelo misto (Laville & Dione, 2001), baseado tanto em categorias temáticas prévias, como permitindo a modificação ou surgimento de novas categorias ao longo do processo de análise.

O Anexo L contém a estrutura final de categorias temáticas utilizada para se classificar as falas das participantes do presente estudo. Ela foi dividida em quatro eixos temáticos: 1. Impressões sobre a maternidade de um segundo filho; 2. Relação com o segundo filho; 3. Relação com a própria mãe; 4. Relação com o marido: apoio e acolhimento. Cada eixo, por sua vez, foi dividido em categorias e subcategorias. Na medida do possível, procurou-se seguir a mesma linha de categorias temáticas, relacionadas ao tornar-se mãe de um segundo filho, ao longo das quatro etapas do estudo, respeitando suas especificidades e procurando manter a coerência no relato de cada um dos quatro casos.

A partir desse estudo de casos coletivo, buscou-se investigar e compreender o processo de tornar-se mãe do segundo filho, da gestação ao segundo ano de vida. A escolha dos dois primeiros anos se ancorou na importância desse período em que ocorrem diversas aquisições de desenvolvimento, que propiciam diferentes desafios na relação mãe-criança (Colarusso, 1990; Kreppner, 2000; Lopes et al, 2007, 2009; Mahler, 1982). Além disso, de acordo com Stake (1994), este tipo de estudo possibilita compreender tanto o que é comum aos casos, quanto as possíveis especificidades de cada um, favorecendo a compreensão profunda do fenômeno estudado. Assim, procurou-se o entendimento do processo de tornar-se mãe de um segundo filho, bem como as particularidades desta vivência, em cada caso.

### **Considerações éticas**

No presente estudo foram observados os princípios éticos que concernem à proteção dos direitos, bem-estar e dignidade dos participantes (Barker, Pistrang & Elliot, 1994). Da mesma forma não houve privação de benefícios para os participantes. Este estudo foi considerado de risco mínimo, uma vez que não visou enfocar questões ansiogênicas nos participantes e tampouco visa oferecer um serviço de acesso restrito, do qual apenas um grupo se beneficie em detrimento de outro. Entretanto, se algum dos participantes demonstrasse algum desconforto ou alguma reação emocional durante os instrumentos utilizados, estes seriam interrompidos e realizado encaminhamento para atendimento clínico, se necessário, na Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS, a qual disponibiliza atendimento emocional gratuito. A presente pesquisa preservou os direitos de confidencialidade e privacidade, uma vez que todos os dados serão mantidos no Instituto de Psicologia da UFRGS, na sala 108, em caixas-arquivo com acesso restrito apenas aos pesquisadores do grupo, até que se esgotem as análises dos dados.

O ELSEFI dispõe da apreciação institucional regulamentada através avaliação do Comitê de Pesquisa e Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (Resolução nº 2004373) e os participantes assinaram o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*. Esse estudo segue os princípios da resolução nº 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2000), e resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 1996) que regulamentam a realização de pesquisas com seres humanos resolvendo sobre a proteção dos

direitos, bem-estar e dignidade dos participantes. Através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (GIDEP/Nudif, 2005) os participantes tomaram conhecimento sobre os objetivos do estudo, possibilitando à pessoa a decisão livre e informada sobre participar ou não (Anexo A).

## **CAPÍTULO III**

### **RESULTADOS**

#### **Tornar-se mãe de um segundo filho: da gestação ao segundo ano de vida**

Cada um dos quatro casos será apresentado da seguinte forma: caracterização da família e da história da mãe; 1. impressões sobre a maternidade de um segundo filho, incluindo a forma de 1.1 criar espaço para o bebê e as 1.2 comparações; posteriormente serão descritas as 2. expectativas e relação com o segundo filho; 3. relação com a própria mãe; e 4. relação com o marido, em termos de apoio e acolhimento. Os dados para caracterizar a mãe e sua família foram obtidos através da ficha de contato inicial e de dados sócio-demográficos, bem como através dos demais instrumentos aplicados. As demais sessões foram organizadas, a partir das categorias temáticas, com base na análise de conteúdo qualitativa das entrevistas e na literatura pertinente ao tema. Com o intuito de facilitar a apresentação dos resultados, foi realizada uma síntese de cada caso, com as particularidades, a partir dos quatro eixos anteriormente mencionados. Depois, uma discussão geral, onde as semelhanças entre os casos são abordadas.

#### **Caso 1: Dinorá, Pedro: Benjamin & Florence**

*“O essencial constitui a mais simples de todas as experiências” (Winnicott, 1966/1987)*

Dinorá estava com 35 anos na gestação da segunda filha. A mãe tem ensino superior incompleto e, naquele momento, trabalhava com vendas, em casa. Pretendia retomar os estudos, em um curso da área da saúde. Residia com o pai de seus dois filhos, havia 10 anos. Ele estava com 37 anos e tinha ensino superior completo, trabalhando em uma área ligada à comunicação social. A família era de nível socioeconômico médio. Pedro, seu marido, tinha uma irmã e um irmão. A irmã do marido ficou grávida no mesmo período e Dinorá acabou recebendo menos atenção do que gostaria, por parte da família dele, em especial da sogra.

Na gestação do primogênito, a mãe trabalhava fora, mas na da segunda filha sua atividade profissional era desempenhada em casa. A segunda filha era uma menina e se chamaria Florence e o primogênito, Benjamin. Esse tinha quase 5 anos quando a irmã nasceu. Ele era considerado muito calmo e maleável, uma criança tranquila e amada por todos.

Dinorá foi filha única, fato que destacado pela mãe, como uma motivação para ter um segundo filho. A mãe também se sentira muito exigida e com muitas expectativas de perfeição atribuídas a ela, por ser única. Além disso, não teve a experiência de ter que compartilhar brinquedos ou dividir a atenção com um irmão. Ela descreveu sua relação com a própria mãe como complicada, mas, em especial a partir da gestação da neta, houve uma reaproximação entre as duas. A avó materna auxiliou nos cuidados da própria filha, durante o repouso feito no terceiro trimestre de gestação e se envolveu no cuidado das crianças, após o nascimento de Florence e durante os dois primeiros anos de vida desta. Dinorá lembrou que sua mãe perdeu os pais quando tinha três anos, então passou por muitas dificuldades na vida. Dinorá resgatava em sua memória o modelo de mãe que teve. Ela trabalhou fora durante toda a infância de Dinorá e ela buscava fazer diferente com seus próprios filhos, tanto em termos de ser uma mãe presente, como de não gerar muitas expectativas sobre seus próprios filhos. O pai de Dinorá sofria de um transtorno de humor, mas foi uma referência importante para a filha, pois era percebido como muito afetivo.

**Gestação:** *“Eu não sei ainda... vou ver como é que eu vou ser como mãe dupla”*

### **1. Impressões sobre a maternidade de um segundo filho**

Dinorá relatou a história dessa gravidez: *“Ela foi planejada, mas talvez não pra este momento, não foi assim, ah, tem que ser agora, não. Veio antes, mas tudo bem...”*. A reação à descoberta dessa gestação gerou ambivalência na mãe: *“não é uma coisa que tenha nos causado... surpresa sim, mas não descontentamento. A mulher me deu os parabéns quando me deu o exame, aí eu chorei, sabe, fiquei super emocionada”*. As transformações emocionais foram destacadas: *“Emocionalmente, eu acho que eu comecei a ficar um pouquinho mais carente, mais frágil”*, assim como as físicas: *“muito enjoô. Enjôo a perfumes, a cheiros, a comidas”*. Diferente da primeira experiência, a mãe relatou os imprevistos ligados a essa gestação: *“do 1º ao 4º mês eu vomitei todos os dias, super enjoada, depois de que passou o enjoô a gente teve uma pré-notícia de que teria um problema com o estômago da neném, mas era só um erro de ecografia... e agora a história da pré-eclampsia, então ta sendo uma gravidez bem atípica pra mim, bem diferente da do Benjamin”*. Mesmo com as diferenças, Dinorá voltou a enfatizar que curti esse momento: *“foi super esperada assim, super curtida junto”*. A gravidez da segunda filha exigiu repouso e a mãe encontrava-se em outro momento de vida: *“E às vezes eu choro, me sinto feia, essas coisas que grávida*

*se sente, sabe? Ou então eu quero mais atenção, fico irritada, mas também muito por conta que eu to em casa só, é diferente... que na gravidez dele eu podia sair... além de eu ter meu dinheiro, ter a minha estabilidade financeira, então era diferente, hoje eu não posso... tu fica meio chateada de não pode sair, de não poder fazer as coisas, mas também nada de tão grave”.*

O fato de a segunda filha ser menina foi destacado pela mãe, que disse sentir mais tranquilidade com essa vivência. Embora isso viesse de encontro com a surpresa pelos fatores inesperados como o necessário repouso e a pré-eclampsia nessa segunda gestação: *“na segunda gravidez é muito mais tranquilo e até pelas tuas reações... no primeiro filho, ele mexe, aí a segunda tu já sente mexer muito mais que antes, porque tu já tem a percepção do que é o bebê mexendo, então eu acho que algumas vezes é mais fácil, não tão surpreendente, assim, porque tu não tem muitas surpresas do que tu já sabe”.* Mesmo com as diferentes intercorrências, para Dinorá a vivência da segunda gestação e da proximidade do nascimento foi descrita como mais fácil, pela experiência na anterior: *“Na verdade, é que eu acho que no segundo filho é tudo mais fácil... tu já sabe amamentar, tu sabe trocar, tu já sabe dar banho, tu já sabe conter febre, tu já sabe na cólica o que fazer, sabe? No primeiro filho tudo é novidade... é muito novo. E no segundo filho eu acho que tu já tem toda essa percepção então tu já vai tentar pelo que tu já fez antes”.*

Quanto às expectativas sobre como seria tornar-se mãe da segunda filha, Dinorá fez referência à vivência com o primogênito, acrescida de maior tranquilidade: *“A mesma coisa que eu acho que eu fui com o Benjamin, só que com uma dose de tranquilidade maior e com uma ansiedade não tão grande porque como eu te falei na primeira tudo é mais complicado, porque tu não sabe nada, então é tudo motivo de ansiedade, de expectativa”.* Ela diferenciava a maternidade relativa à questão do gênero, como algo que poderia possibilitar maior intimidade com a filha: *“carinhosa, dedicada, cuidadosa, amiga, como eu sou dele, talvez, claro, com o tempo, em alguns momentos, mais íntima em algumas coisas”.* Por outro lado, o fato de sentir-se menos ansiosa a fazia entender essa experiência como algo diferente, no processo de tornar-se mãe de uma menina: *“E ela [2ª] eu acho que vai ser mais light, mas eu vou ter cuidado, claro, não é porque é o segundo filho que eu vou jogar, mas eu vejo... que é diferente”.* Ao mesmo tempo, respaldada na experiência anterior com um bebê, a mãe expressou contradições ao afirmar que a segunda filha seria diferente, mas que faria as mesmas coisas que o primeiro: *“espero que seja um outro neném que faça as mesmas coisas que o outro fazia, chora, ri, enfim, dorme, come, mama, toma banho, depende da gente totalmente né... Então eu acho que justamente por*

*isso, pelo fato de ser diferente, de não ser novidade, então tu já sabe o mecanismo porque, por mais que uma criança tenha um temperamento diferente da outra”.*

As mudanças decorrentes da proximidade da chegada de um novo bebê foram expressas em termos de preocupação com a disponibilidade financeira e emocional: *“Ah, não tem como não, né. Um já muda completamente, dois, por favor! No aspecto financeiro, emocional”.* Além disso, Dinorá apresentou uma inquietação em particular: *“Eu não sei ainda... vou ver como é que eu vou ser como mãe dupla, né, tudo tem que ser avaliado, mas vamos ver”.* Assim, ao mesmo tempo em que Dinorá referia estar tranquila, comentou sobre suas preocupações: *“nessa gravidez eu to tranquila, assim, porque é claro, a gente tem outras preocupações porque, ah, tu fica pensando que é tudo mais complicado agora: é mais uma grana, é mais uma criança, parece que tu começa a te dar conta que as coisas vão mudar... é uma coisa assim, que é tudo a mais”.* Expressando sentimentos contraditórios, ao dizer que se sentia mais segura, pois a gestação era algo conhecido, Dinorá logo voltou a apontar algumas diferenças, relacionando inclusive mudança em si própria enquanto mãe: *“quanto ao segundo filho eu acho que muda um pouco, porque muda a tua cabeça, porque eu acho que tu já viveu muita coisa, já passou pela gestação né, mas não é tudo tão novidade quanto antes. A hora do parto, tudo é diferente, apesar de uma gravidez não ser igual à outra porque essa tem sido muito diferente da do Benjamin”.* As mudanças se tornaram mais intensas, a partir do repouso exigido pela segunda gestação, bem como pelo contexto de risco em virtude da pré-eclampsia.

Ao falar das expectativas quanto ao parto, Dinorá resgatou a vontade de que fosse normal, diferente do primeiro que foi cesárea: *“Essa gravidez, até provem o contrário, eu vou entrar em trabalho de parto pra fazer normal, porque a minha médica disse que mesmo que eu faça cesárea... é melhor que a neném diga quando é a hora de nascer, então por isso entrar no trabalho de parto”.* Ao mesmo tempo em que se lembrou das dores, pensou no que seria melhor para a filha: *“mas isso eu quero que venha dela, se assim vai ser melhor pra ela, então vou passar tudo de novo, porque dói... eu não imaginava, as pessoas diziam, é uma coisa que não tem explicação, é uma dor estúpida, mas é uma dor que passa, é muita dor, tu não tem noção, dói muuuuito. Mas depois passa”.* A mãe temia a dor do parto e falava com base nas medidas do bebê, observadas nas ultra-sonografias, que a segunda filha seria um bebê ainda maior que o primogênito: *“E essa nenê vai ser maior do que o Benjamin”.*

### 1.1 Criar espaço para o segundo filho

Criar espaço para receber um novo bebê foi uma das preocupações de Dinorá. Ela falou reiteradas vezes de sua preocupação quanto à divisão de seu amor pelo



primogênito com o novo bebê: “*não sou eu que vou dividir o amor, é o Benjamin que vai ter que dividir, ele é que vai ter que aprender, porque na verdade eu não vou ter que dividir nada, eu vou amar os dois da mesma forma*”. Houve diminuição no envolvimento da mãe com o primogênito, devido ao repouso que essa gestação lhe exigiu: “*depois que eu entrei em repouso sim né, porque tem muita coisa que eu não posso participar*”.

Mesmo que a mãe afirmasse se sentir mais tranquila e não tivesse relatado tanto surpresa em relação à gravidez da segunda filha, as peculiaridades dessa gestação chamaram sua atenção, em especial pelas intercorrências: “*desde o início a Florence tá mostrando que ela quer atenção, sabe? Ela quer o espaço dela e de repente ela chamou a minha atenção de uma forma meio complicada [pré-eclampsia, repouso]... por eu tá achando mais tranquilo tá grávida de novo, não tá tendo tanta expectativa. Não é que eu não esteja tendo expectativa de que ela nasça não é isso, mas assim, em relação à gravidez e ao tempo de gestação não é novo... que nem a outra, porque a outra é a primeira, tu não sabe nada então*”.

O segundo bebê despertou diferentes sentimentos, pois foi algo muito novo para a mãe que era filha única e não sabia como ia dividir o seu amor entre os filhos, pois também não tinha experienciado dividir nada em sua infância: “*muito estranho como é que ia ser pra eu dividir o meu sentimento, porque eu sou fiel ao Benjamin, então assim, eu nunca tive que dividir nada com ninguém e nunca meus pais dividiram algo pra mim, assim, em termos de amor ou em termos de brincado sabe? Então pra mim é super, muito novo*”. A proximidade do nascimento gerava curiosidade na mãe sobre os sentimentos que ainda seriam despertados com a chegada da criança, pois a própria mãe não tinha tido a vivência de tornar-se irmã: “*isso é uma curiosidade pra mim ainda, porque mesmo o Benjamin, as pessoas falam assim: ‘Ah, o neném tá na barriga então a gente já ama’, eu acho que não é que a gente ame, a gente espera, mas tu ama mesmo, tu começa a amar quando tu começa a conviver*”.

As mudanças que seriam geradas pela chegada do bebê também foram relatadas, pelo aumento de dedicação e envolvimento que estava por vir: “*Em vez de tu te dedicar pra um, tu vai te dedicar pra dois e cada um vai ter suas necessidades, tu não sabe qual vai ser, o que cada um vai querer cada hora e também saber lidar com as ansiedades deles, do crescimento deles, enfim, saber dosar o que pode, o que não pode, sabe? O envolvimento é muito grande e tem algumas coisas que tu não tem como fazer, tu é uma só... isso vai mudar um monte!*”

O fato de não ter criado muitas expectativas em relação ao segundo bebê foi relatado desde a notícia da gestação que ocorreu antes do esperado: “*foi meio*

*surpresa, porque a gente não tava esperando... não tava usando nenhum método contraceptivo, mas não tava esperando que fosse tão rápido assim. A gente esperava engravidar em março e eu engravidei em janeiro*". Algumas diferenças foram percebidas pela mãe nessa gravidez: *"Desde 17 semanas, é, porque a gente tem outra percepção quando é o segundo filho. Não é que ela se mexe mais, é que antes, quando era o Benjamin, tu não sabe como é que é o nenê se mexendo... e agora tu sabe. Mas ela se mexe umas 350 vezes mais que o Benjamin, ela chega a me acordar de madrugada. Eu tô dormindo, ela começa a mexer, eu acordo"*. Contudo, Dinorá considerava que as maiores novidades estavam por vir com o nascimento: *"A novidade mesmo vai ser quando ela nascer! A segunda gravidez, já não é novidade... a novidade vai ser depois que nascer"*. Contudo, mesmo desconsiderando algumas particularidades, a mãe expressou novamente contradição: *"Durante a gestação as coisas são mais ou menos igual, claro que teve algumas diferenças, que teve mais enjoô, eu senti mexer antes, mexe diferente do Benjamin"*. A partir do nascimento, haveria o momento em que as diferenças se revelariam ou surpreenderiam Dinorá: *"Eu acho que a maior surpresa é quando o bebê nascer, porque é outra criança, é outro caráter, é outro, aí são coisas que eu vou descobrindo conforme ele vai crescendo, mas em relação à gravidez eu não acho que tenha muita diferença, entendeu?"*.

## 1.2 Comparações

Algumas comparações com o temperamento do primogênito também foram expressas: *"espero que ela tenha um temperamento, se não igual, parecido com o do Benjamin porque... ele é uma criança muito gentil... na disputa de um brinquedo ele é gentil, ele é incapaz de ser agressivo... claro que ele briga também às vezes... ele fica brabo, mas 90% das vezes ele é uma criança muito gentil, ele sabe abrir mão, ele sabe se doar e eu gostaria muito que ela fosse assim também"*. Além de esperar por realizações que não teve com o primogênito, por ele ser menino: *"Vou encher ela de peruagem, é que na verdade... eu sou mais perua"*. A mãe disse que gostava de usar muitos acessórios e se enfeitar antes da gestação, mas nesse momento estava diferente: *"agora não porque na gravidez tu fica... Muitas vezes que não tem nem roupa pra botar, tu não te sente tão bem, entendeu? Mas eu assim, quando tô normal sou bem perua, gosto de botar bastante anel, bota e acho que vou fazer a mesma coisa com ela, vai ser uma árvore de natal!"*.

## 2. Expectativas e sentimentos quanto ao segundo filho

As expectativas quanto ao sexo da criança foram confirmadas para a mãe: *"Ah, eu queria uma menina desde o início, né, não na gravidez do Benjamin, porque ele eu queria que fosse um guri, queria mesmo... o Pedro também queria, a gente queria que*

*fosse um guri o primeiro filho porque tem toda aquela história do primogênito, do filho homem e eu acho que guri é mais fácil, porque guri é mais independente, sabe, é mais homenzinho mesmo*". O fato do bebê ser do sexo feminino despertou diferentes sentimentos em Dinorá: *"a menina tem todo um cuidado diferente, é isso que eu penso, que é mais fragilzinha, talvez não seja, a gente não sabe o temperamento, aí é que tá, mas o que eu imagino é que ela seja mais frágil, mais dependente, sei lá, é mais cuidado, não sei te explicar"*. E ao falar sobre como seria a amamentação da filha, a mãe expressou dúvidas impensadas: *"amamentar uma menina deve ser muito diferente né, porque amamentar um menino tudo bem, eh eh, é ridículo o que eu tô pensando, mas tudo bem! Mas amamentar uma menina é diferente, pô, teu seio tu vai tá dando pra uma menina? Mas aí eu não sei como é que vai ser essa história de amamentar"*.

Algumas aspirações comuns para a segunda filha, tais como que: *"não sofresse algumas desilusões"* foram relatadas por Dinorá. Embora a mãe soubesse que isso seria inerente ao crescimento, esperava que a filha não sofresse decepções: *"acho que mais do lado emocional, de se decepcionar, de se entregar, é que eu não sei como é que ela vai ser entendeu?"*. Em seguida, ela se remeteu ao próprio jeito para justificar esse temor: *"eu sou muito de me doar pras pessoas e às vezes eu me machuco, pô criatura, tu não podia ter feito isso comigo, sabe? Então isso vai depender muito de como ela é, mas se eu pudesse evitar as decepções pra ela"*.

A escolha e significado do nome foram mencionados: *"até porque o significado é muito lindo, quer dizer 'que serve a Deus'."* Assim como as enormes expectativas de realização profissional e emocional da filha, estavam ligadas ao que os pais poderiam lhe proporcionar: *"Ah, a gente espera poder dar tudo que ela possa aproveitar, que ela possa fazer balé, que ela possa, se ela quiser, fazer ginástica, se ela quiser estudar, se ela quiser fazer inglês, enfim, se realizar, não só profissionalmente como emocionalmente"*.

A mãe imaginava que a segunda filha seria fisicamente parecida com o pai: *"vai ser parecida com ele: branca, cabelo preto, olhos pretos, olhos grandes e bem cabeluda. Eu acho que vai ser assim"*, com o primogênito e consigo própria: *"tenho uma ideia de que ela vai ser morena, de que vai ter os olhos do Benjamin, eu espero - aquele filho de azul piscina que eu amo... vai ser bem branquinha que nem ele, com o cabelo bem preto, então não vai ser muito diferente, eu sou morena, o Pedro é moreno então loira de olhos verdes é que não vai ser. Acho que vai ser gorda, pelo caminhar da carruagem. Ah, e pelo que depender de mim vai ser extremamente perua, ah ah ah!"*. E emocionalmente parecida com mãe: *"pode ser que ela seja como eu, mais impetuosa, mais ansiosa, mais porta-a-fora; pode ser que ela seja mais introspectiva como o pai que é mais fechado, mais ponderado, não tem como dizer, é muito complicado"*. Ainda

assim, esperava que fosse melhor do que a mãe: *“eu sou muito braba e espero que ela não seja, que seja mais tranquila, não tão ansiosa como eu”*. Contudo, não confirmava totalmente essa expectativa: *“Eu não sei se vai ser porque a mãe dela é muito braba... E o Pedro não, ele é extremamente racional, ele pára, ele pensa antes de fazer e tal”*.

Após relatar o inesperado causado pela pré-eclampsia: *“E aí agora também com essa história da pré-eclampsia, foi uma coisa que também eu não tava esperando... descobri isso com 30, 29 semanas, o neném pra nascer com 29 semanas é bem complicado... foi um baque, entendeu?”*, a mãe não relatou um bebê tão idealizado: *“Talvez ela não nasça tão enrugada porque é mais gordinha e tal, mas eu não sei, eu acho que ela vai ser meio feinha”*.

Após expressar suas expectativas, a mãe tornou a relatar que iria aprender a amar pela convivência: *“nasceu, é tudo muito novo, o pezinho, o olhinho, o rostinho as coisas, a maneira que ele age, aí é que tu começa a amar. E aí que tu começa, quando começa um relacionamento, começa a amamentar, aí que tu começa a amar, e assim amar, não é que não ame agora”*. Essa dúvida permanecia para Dinorá: *“é meio complicado de explicar, tu ama, mas eu acho que o contato, a convivência fazem esse sentimento ficar mais forte, mais verdadeiro, então pra mim é uma dúvida, eu tenho certeza que eu vou conseguir”*.

Quanto às características individuais da segunda filha, a mãe ressaltou diferenças de cuidados conforme o gênero, revelando achar as mulheres mais difíceis: *“limpar um menino é diferente da menina, botar uma roupa num menino é diferente da menina, enfim, o jeito de cuidar vai ser diferente, porque tu tem que cuidar do guri de um jeito, a guria de outro. Então a novidade mesmo, o surpreendente vai ser quando ela nascer”*. E a novidade por ter de cuidar de uma menina: *“acho que vou ter que aprender porque é novo pra mim, é muito novo e mais porque é uma menina agora, é muito diferente... nem sei te explicar por quê”*. E usou a experiência com o primogênito como base: *“ele é muito tranquilo... e uma menina é muito complicado, porque temperamento enfim, mas menina é mais, quer tal coisa de tal maneira, as mulheres normalmente são mais difíceis, mas vamos ver como é que vai ser”*.

### **3. Relação com a própria mãe**

Ao falar de seu modelo de mãe durante a gestação da segunda filha, Dinorá lembrou de sua posição na família de origem, como filha única, o que foi uma referência importante para esse momento: *“vou fazer ela ter uma determinada independência porque não adianta a gente ficar protegendo muito. Eu sou filha única e sou muito protegida, então às vezes a gente acaba, dependendo das situações, não*

*sabendo como agir, porque sempre foi lá alguém que fez por ti e isso eu espero que ela tenha alternativas, claro não largada na vida”. A partir dessa experiência, a mãe falou de sua concepção sobre a forma de criar os filhos, diferente de sua mãe: “acho que criar um filho é isso, é tu mostrar pra ele as possibilidades e ajudar ele no que tu poder, no melhor ou pior, a gente também não vai acertar sempre, talvez não acerte nunca, mas se tenta né”. Diferente de si, o esposo tinha dois irmãos: “o Pedro tem dois irmãos, então pra ele é comum, é um outro tipo de família mas a minha, como é que vou fazer pra dividir o amor, né”? Relatou que queria evitar criar expectativas em torno dos filhos, como a mãe fez com ela. Sua mãe foi uma pessoa que “lutou muito para sobreviver. Ela não teve mãe, não teve pai, perdeu os pais quando tinha três anos”. Em especial, durante a gravidez da filha menina, houve uma reaproximação entre ambas e nesse momento, Dinorá recebia muito apoio emocional pela presença da mãe: “A mãe, né, com certeza, ainda mais agora, que eu não posso mais fazer as coisas. Ela vem todo dia, agora ela tá vindo todo dia”.*

Dinorá referiu o tipo de apoio e acolhimento que recebeu dos familiares, ao contar sobre a segunda gestação. A reação da sua família e da do marido variou: “Ah, minha família, minha mãe enlouqueceu, né, porque eu sou filha única, já com o primeiro neto ela também ficou super feliz, agora sendo uma segunda gravidez e uma menina ela tá super ansiosa e tal, o pai também”. Já a família do marido, recebeu a notícia de forma diferente, pois uma irmã dele que já tinha um filho, também esperava outro bebê: “é mais complicado, porque tem mais gente e a minha cunhada também tá grávida... Então sempre tem aquela coisa, a filha é da minha mãe, neto da minha filha, então claro que tem uma diferença, porque ela é a filha da família e eu sou a nora, é diferente. Eu me irrita às vezes, um pouco, mas não adianta, não vai mudar... gostaria que tivesse um pouco mais de atenção pra mim, mas não tem como dividir, porque ela também tá grávida e ela é a filha, então me incomoda um pouco”.

Dinorá também demonstrou a importância de incluir o pai, na criação da segunda filha: “com muito carinho, muito amor, só que sabendo que existem limites, a mesma coisa como é com ele, sempre colocando muito forte o pai”. Da mesma forma como buscava fazer com o primogênito: “eu acho que é muito importante ter a presença do pai porque ele convive muito com a gente então, às vezes, a gente acaba perdendo um pouco essa parte da autoridade”.

#### **4. Relação com o marido**

Dinorá relatou sua necessidade de receber mais atenção e acolhimento do marido, durante a gravidez: “É que quando tu tá grávida tu sempre quer mais! Quer ser mais paparicada, eu já sou bem paparicada, mas tu sempre quer mais!... ah, eu quero

*um carinho. Então às vezes eu brigo com ele, porque eu acho que ele não tá me tratando bem, que eu quero mais atenção, aquele stress, passa depois”. Também esperava continuar a receber apoio integral do esposo, durante e depois do nascimento da segunda filha: “todos! Emocional, financeiro, sei lá, todos, como sempre foi, desde o início”. A relação com o marido acabou voltando-se mais para a questão de estarem envolvidos na experiência de se tornarem pais de uma nova criança: “quando tu tá grávida e o marido é assim que participa, então os dois tão grávidos... porque tem uma coisa muito maior acontecendo que vai encobrir qualquer coisa e a gente se dá bem”.*

Consequentemente, houve um envolvimento ainda maior do pai com o primogênito, durante a gestação da segunda filha. Dinorá voltou a reforçar a importância da presença do pai para o filho e dela para a menina: *“ele tem que ter alguém em quem se inspirar, uma referência, assim como eu acho que ela tenha que ter alguém em quem ter referência e não vai ser o pai, vai ser a mãe, então, claro, vai mudar um pouquinho”.* Algumas das atividades com o primeiro filho passaram a ser assumidas somente pelo marido, em função do repouso: *“o Pedro vai levar ele no circo e eu não vou, normalmente eu iria junto... mudou por causa do repouso, mas não por causa da gravidez... dos efeitos colaterais da gravidez”.*

Ao mesmo tempo em que sentia mudança no tempo para o casal diante da chegada de mais um bebê, a segunda filha também veio realizar um plano de não terem apenas um filho: *“eu não queria ter um filho só, o Pedro quer ter mais, só eu é que tô pensando bem no caso, porque a mãe acaba sempre tendo mais o ônus, e eu acho que dois tá de bom tamanho”.* Dinorá percebeu a diferença do período da gestação para ela e para o marido: *“o nenê tá aqui, é um contato diário... é o tempo todo. E o homem ele começa a viver a gravidez quando o neném nasce, ele tá curtindo tudo, ele que tá pintando quarto, sabe, tem toda a preocupação comigo, de me cuidar, se eu tô bem... mas com certeza é diferente pra ele”.* Apesar das diferenças físicas apontadas, todos os fatos inesperados que a abalaram, também repercutiram no esposo: *“quando a médica falou da pré-eclampsia pra ele, ele chorou muito porque... ela disse que pra eclampsia parar, tinha que tirar o neném e ele entendeu que era pra abortar, não entendeu que era pra fazer o parto antes. E ele ficou muito mal, foi um baque pra ele”.*

O fato de a segunda filha ser uma menina também foi apontado como algo novo e diferente para o marido: *“é uma diferença e eu acho que isso assusta um pouco ele... quando nascer, enfim, quando começar aquela coisa que... a menina é mais ligada ao pai... tô muito a fim que isso aconteça, pra guriazinha, que vai derreter ele... Ele é extremamente paizão do Benjamin, mas... com menina é diferente, nem sei te explicar por*

*quê*". O sexo da criança também repercutiu nos sentimentos e expectativas do marido: *"mas eu acho que ele tá tão ansioso quanto eu... o Pedro, ele é muito fechado... E eu já sou mais de falar, então é de temperamento mesmo, mas eu sinto que ele tá curtindo"*.

### **6 Meses: "Engraçado como um filho é diferente do outro"**

#### **1. Impressões sobre a maternidade de um segundo filho**

Assim como na gestação, ao falar de sua experiência atual Dinorá reiterava que, por ter tido o primeiro filho, já sabia lidar melhor com a segunda, o que lhe trazia mais tranquilidade e menos ansiedade. Relacionou ainda sua idade no processo de tornar-se mãe de um outro bebê, considerando importante sua maturidade: *"É eu acho que foi numa idade boa assim... de abrir mão de coisas para (ser mãe) entendeu. E às vezes, se tu é guria mais nova, tu não tem saco... é diferente quando tu tá mais velha, tu tá mais madura, tu consegue encarar aquilo com outra cabeça. Eu acho que se eu tivesse tido antes, eu não ia encarar, não ia ser"*.

Dinorá teve outro parto cesáreo, diferente do que gostaria, o que a fazia pensar em ter um terceiro filho: *"parecia que era tudo diferente, me deitaram na cama, eu tomei anestesia e começaram a me cortar, que coisa estranha sabe, não parecia uma coisa natural. Tanto um quanto o outro, eu quis ter parto normal e nenhuns dos dois deram... E agora o próximo com certeza não pode... mas esse a médica disse que ainda podia tentar... Eu tive todo aquele processo de repouso nos três últimos meses, também foi bem complicado... realmente, não ia nascer de parto normal nunca, então assim usou o fórceps"*.

Dinorá relatou algumas particularidades ligadas à experiência de estar novamente cuidando de um bebê e atendendo suas demandas que eram concomitantes com outras atividades: *"uma hora eu larguei ela no berço, aí ela começou a chorar, ficou braba porque ela estava com sono... e eu estava fazendo outras coisas também, e aí o Pedro falou para mim: 'Ah ela vai chorar até tu atender'... Porque isso já faz parte até da sobrevivência, do instinto dela. Daí eu peguei ela no colo e ela fazia assim, daí o Pedro falou: 'Porque que tu não me pegou antes mamãe'?"*

A mãe referiu que a segunda filha não tinha o privilégio de ter a atenção exclusiva dela, como teve o primogênito e ela própria que foi filha única: *"Eu disse: 'Minha filha tu não tem o privilégio de ser como o teu irmão que era filho único'... era imediato... atualmente, não posso fazer imediato... não tem a mesma regalia que o outro tem, não tem como"*. Outra diferença apontada disse respeito a ela ter sentido menos dificuldade de separar-se da segunda filha: *"engraçado que eu não tenho essa coisa, nunca tive, nem quando era o M., aí não posso viver sem, tem*

*que ir correndo para casa porque o neném está lá. Claro, eu me preocupo em relação a tem que mamar, está na hora... Mas aquela coisa, aquela sensação de ah está me faltando alguma coisa, não tenho, nunca tive”.*

Ao falar da segunda filha, Dinorá novamente disse que gostaria de ser “*uma boa mãe*”, como era para o primogênito. Relatou ainda a preocupação em ter que dividir a atenção com o primeiro filho, além de lidar com os comportamentos regressivos do menino, por não estar em primeiro plano para as visitas e para ela própria: “*todo mundo, eu acho, que acaba ficando mais pro nenê no início*”. Ao falar de algumas dificuldades para lidar com situações cotidianas, a mãe descreveu o filho de quase cinco anos como bebê: “*ele é ‘bebê’ ainda também*”, pelas atitudes dele em relação à irmãzinha.

Dinorá demonstrou que ter lidar com os sentimentos hostis do menino vinha sendo algo difícil, em especial quando tinha de atender a menina e o filho lhe solicitava algo. Ao falar da “*maninha*” para o primogênito, demonstrava uma profunda ambivalência: “*às vezes eu digo: vamos deixar a maninha aqui hoje, dormindo aqui [fora de casa]: ‘Não, a minha maninha é minha’! Não vamos deixar a maninha então, vamos dar a maninha pra outra família’. ‘Não, ela é minha, ela é minha maninha’! E às vezes eu pego ele beijando ela e diz: ‘Eu te amo minha maninha’.*” A mãe parecia sentir-se aliviada com a recusa do menino em abandonar a irmã e, ao mesmo tempo em que reclamava dos comportamentos regressivos do primogênito, reforçava seus sentimentos de amor para o filho e para si própria: “*Às vezes, quando ele tá muito impossível, eu digo: ‘Filho, eu gosto, te amo, mamãe não deixa de te amar’*”.

Contraditoriamente, expressou através de uma brincadeira do marido a ameaça velada de que o menino perderia a mãe: “*o Pedro brincou: ‘bah meu filho quando a gente faz cinco anos a gente tem que trocar de mãe, porque daí chegou o prazo de validade da mãe... minha mãe não era a minha mãe, ela ficou sendo a minha mãe depois dos cinco anos, eu tinha outra mãe’. Bah tem que ver o desespero. Ai começou a torturar. Eu disse pára Pedro. Ele disse ai me ajuda... ‘Por que Benjamin, tu quer que eu seja a tua mãe’? Ah porque daí ele começou a dizer: ‘ah porque tu é querida, porque tu brinca comigo, tu me cuida, me dá comida’ sabe, começou a dizer um monte de coisas, foi muito engraçado*”.

Depois de se considerar uma boa mãe para os filhos “*eu como mãe da Florence sou legal, eu sou uma boa mãe... Como mãe do Benjamin também acho que eu sou, ele curte*”. Dinorá atribuiu a sensação de ser uma boa mãe, pela sua dedicação às crianças: “*ou tu é uma mãe dedicada ou tu é uma mãe relapsa. Porque eu conheço*



*amigas assim... que a babá cuidava... ser mãe exige uma dedicação, é uma coisa, não adianta... se tu quer ser mãe, tem que ser bem feita eu acho. Não acho que sou a melhor mãe do mundo também, não é isso, mas eu procuro atender as dificuldades deles... dentro daquilo que eu consigo”.*

### 1.1 Criar espaço para o segundo filho

Com a chegada do novo bebê, a mãe tornou a falar de um sentimento que tinha durante a gestação que era a dificuldade de dividir o amor entre os dois filhos: *“uma sensação assim ‘ai como é que eu vou fazer para amar dois’ entendeu? ‘ai como é que eu vou dividir o meu amor’, porque uma coisa é o Benjamin... há quatro anos que eu tenho ele, é uma coisa diferente. Ai de repente tu tem outro nenê novo como é que vai ser, vou amar mais um do que um, como é que vai ser? Mas eu vou te dizer assim é engraçado, a gente ama igual”.*

Ao se deparar com as necessidades do bebê, a mãe volta a falar sobre um sentimento diferente em relação a cada um dos filhos: *“É um amor diferente, é dela me parece um amor mais de cuidado, mais de assim necessidade. E ele é um amor assim já ver ele sendo um pouco mais independente sabe... Então é um outro tipo de amor assim, não é que eu deixe de amar, o amor é o mesmo... vamos dizer, dedicações de amor diferentes. E eu acho que o amor multiplica porque tu tem que amar mais um, então é o mesmo, tem que ter mais para dar”.*

Além de criar espaço para receber mais um filho, a mãe referia estar com menos tempo para fazer as coisas: *“às vezes, tem que fazer duas coisas ao mesmo tempo”.* Ao falar de si como mãe de dois filhos, Dinorá referia não estar sentindo dificuldades em relação às crianças, embora retomasse a vontade de ter mais tempo: *“Adoraria, eu acho que às vezes eu gostaria que o dia tivesse umas quarenta horas, mas em relação a eles assim, não tô achando dificuldades, grandes dificuldades”.* Ao mesmo tempo em que gostava de estar cuidando novamente de um bebê e até pensava em querer outro, essa mãe se contradizia: *“eu vou ter que fazer outra para cuidar de novo. Gosto, gosto, gosto. Eu não gosto assim, dos primeiros dias que eu acho um porre assim por causa da cólica sabe, se não tivesse a cólica era perfeito... mas essa coisinha depois de tudo, dar beijinho, e troca, ai eu gosto, gosto muito”.* Voltar a ter tempo para si e a estudar estava nos planos dessa mãe *“são etapas diferentes assim entendeu. O que eu estou sentindo falta agora e o que eu vou fazer é voltar a estudar”.*

### 1.2 Comparações

Ao mesmo tempo em que Dinorá apontava semelhanças na gestação, após o nascimento da segunda filha passou a destacar o que havia de diferente entre os

filhos: *“Engraçado como um filho é diferente do outro. E só ela é braba né, quando ela quer um negócio ou quando ela não quer, ela é braba, ela grita, braba, braba, coisa que o Benjamin não era”*. Logo após, a mãe expressou outra contradição, voltando a apontar semelhanças entre os filhos: *“Ah ela é extremamente assim ah boa praça sabe, está sempre de bem, sempre de boa. Ela acorda de madrugada, se tu pegar ela no berço às três horas da manhã ela está rindo. Mas é engraçado, o Benjamin era assim também”*. Mesmo ressaltando o que havia de diferente, a mãe continuava buscando semelhanças entre os dois filhos, em alguns aspectos relativos ao temperamento das crianças: *“o Benjamin não era tão brabo. Mas assim de sorrir eles são iguais, era muito impressionante. Sempre de bom humor sabe em qualquer momento que tu acordar, eles acordam de bom humor... não são chorões”*.

## **2. Relação com o segundo filho**

Ao falar das expectativas que tinha em relação à segunda filha, antes dela nascer e nesse período, a mãe se deparava com mais diferenças físicas que emocionais: *“acho que ela é bem diferente do que imaginava de aparência... Eu não acho parecida com o Benjamin, todos acham ela parecida.. o jeito dela, está respondendo ao que eu esperava, assim as minhas expectativas, eu queria que fosse calma, não muito diferente do Benjamin assim, o Benjamin é uma criança super tranquila assim sabe, foi barbada cuidar dele, assim como é dela”*. Ela ainda atribuía a maior esperteza da segunda filha ao fato de ela poder observar o irmão: *“está super esperta, super bem, acho que até ela é mais esperta do que o Benjamin era talvez por observar ele”*.

A chegada da segunda filha trouxe ainda maiores mudanças pelo fato de a mãe ter que priorizar as necessidades de mais um bebê, o que se tornava mais dispendioso, mesmo que para receber o primeiro já tivessem sido feitas algumas adaptações: *“E agora com a Florence piorou... é complicado... daí tu vai compra para ela, compra uma regata para ele... e para ti tu acaba não comprando nada... Até porque não temos dinheiro assim para comprar horrores”*. A mãe ainda falou das mudanças em sua aparência e diminuição da vaidade que começaram a surgir com o primogênito e se intensificaram com a chegada da segunda filha: *“com o Benjamin eu já deixei um pouco... Porque eu era assim extremante assim oh, eu saia ai a blusinha combinava com a sainha, que combinava com o brinquinho, que combinava com o colarzinho... E era tri perua assim... até porque eu fiquei gorda, bem gordinha”*.

### 3. Relação com a própria mãe

O repouso no último trimestre da gestação já havia aproximado Dinorá de sua mãe e prosseguiu após o nascimento da segunda filha: *“Ela vem de manhã e vai embora de tarde, porque isso começou com a história de eu entrar em repouso, daí eu não podia fazer nada... e a mãe começou a vir, e foi vindo, foi vindo e foi vindo daí, porque ela também não trabalha e tal. Só que para ela isso foi tão bom, não para mim”*. Dinorá pensava em continuar contando com a mãe para cuidar da segunda filha: *“eu voltando a estudar, a gente pensa da mãe ficar com ela, porque é mais, eu acho assim é melhor para a criança assim sabe”*.

Desde a gestação e, em especial, a partir da internação para o parto da segunda filha, Dinorá contava mais com a ajuda da mãe, para cuidar não somente do bebê, mas também dela e do primogênito: *“Ele ficou com minha mãe nos dois primeiros dias. E uma noite, a minha mãe dormiu comigo e o Pedro dormiu com ele”*. Nos primeiros meses, a avó materna ia diariamente à casa da família, auxiliando na rotina: *“Eu fico com eles de manhã, a mãe vem. Aí a gente faz o almoço, almoça. Aí eu fico de tarde com a Florence”*. As primeiras separações foram amparadas pela presença da mãe e pelo desmame: *“no começo, eu levava junto por causa da teta. Aí depois eu comecei a deixar com a mãe, daí se precisasse dava complemento”*.

### 4. Relação com o marido

O marido segue dando apoio à Dinorá nesse período, em especial nos cuidados com o primogênito, para que ela pudesse atender ao bebê: *“um bom pai assim. Participativo, ele me ajuda sabe, quando ele acorda, ele pergunta: ‘quer que eu vá buscar? Quer que eu vá ver?’... Às vezes ele se encarrega direto do Benjamin, pra eu me encarregar dela... E daí me dá mais tempo assim para eu ficar mais com ela, direto né. E às vezes a gente troca. E ele fica um pouco com ela. Não fica tanto porque não tem tanto tempo né”*. Assim como o marido, Dinorá foi se acostumando às diferenças em relação aos cuidados de uma menina: *“é diferente, então: ‘Meu Deus, não pode entrar cocô’. É um estresse assim, mas depois vai. Ele também não [trocava fraldas] no começo, mas agora é tranquilo assim. Só que, por exemplo, no Benjamin ele dava banho, nela ele não dá”*.

Além de sentir que estava com menos tempo, o marido confirmava essa impressão. Na opinião dele, ela era uma boa mãe, mas estava cuidando pouco de si: *“Ele acha que eu não estou cuidando de mim, eu acho que, realmente, tempo para a gente acaba né. Porque tu não tem mais aquele tempo que tu tinha antes, ai de fazer uma limpeza de pele, de ai sei lá fazer uma ginástica, fazer alguma coisa que tu queira fazer*

*entendeu. E claro, eles são os primeiros. Se sobrar tempo, tu faz o que é teu entender*”. A mudança de prioridade foi sentida como algo necessário nesse período, embora em detrimento de interesses pessoais para a mãe: *“teu foco muda... Isso é que eu acho o complicado de ter mais de um filho sabe... Mas quanto a cuidar deles assim... isso não me incomoda, eu acho que o que me incomoda um pouco é de eu não ter vontade sabe, ai tu acaba ficando cansada e tu não tem vontade de fazer as coisas para ti... eu acho que é isso que está faltando”*.

## **12 Meses: “Tudo é o dobro”**

### **1. Impressões sobre a maternidade de um segundo filho**

Dinorá continuava a relatar sentimentos de maior confiança e tranquilidade em relação à experiência de tornar-se mãe da segunda filha: *“é mais, é mais. Eu acho que a palavra é experiência. É confiança no que tu tá fazendo. Porque, o primeiro, tudo tu faz assim ‘ah, será que eu tô fazendo certo, né?’. E aí, no segundo, tu já relaxa um pouco mais. É mais tranquilo... Tu te sente mais, mais confiante para fazer as coisas. São coisas pequenas assim, mas que tu te torna mais confiante mesmo assim. É uma experiência*”. Passou a atribuir o fato de estar se sentindo mais preparada, não só por ser a segunda, mas porque seu momento de vida também mudara: *“tu vai acompanhando, já é diferente, entendeu? Tu ter o segundo filho. Então eu me acho mais experiente, mais preparada. Acho que não só por ser o segundo, mas também pela idade. Agora eu já tô mais velha. Tudo muda. O teu momento muda”*.

Ao falar de como se sentia por ter que atender às novas demandas da filha, Dinorá foi categórica ao afirmar que os cuidados do bebê faziam parte da experiência de ser mãe: *“Eu acho que tem boa mãe e má mãe, entendeu?... Como tudo na vida. Ou tu é mãe ou tu não é. Não tem meio termo”*. Ela reafirmou se sentir mais preparada para lidar com a segunda filha, pela experiência anterior: *“Eu acho que eu tô me sentindo mais experiente, mais preparada. Porque, no primeiro, tudo é ‘ai meu Deus! É uma febre’ daí tu já liga para o pediatra e não sei o quê... E o segundo tu tá meio médica”*. Contudo, ao se lembrar do episódio que levou à internação hospitalar da segunda filha, a mãe questionou essa certeza, demonstrando contradição: *“do rotavírus. Depois, eu fiquei até me achando meio culpada. Porque, pelo fato de tu ter mais segurança, de repente eu... fui negligente, vamos dizer. Se bem que a médica disse que não, que não tem nada a ver e tal. Mas eu me senti. Tipo assim, se fosse o Benjamin, ah, na primeira, eu já teria sofrido, sabe? E ela eu esperei para ver o que quê ia dar”*.

A mãe referiu que gostava de acompanhar as aquisições de desenvolvimento motor da filha, embora isso implicasse em maior demanda de

atenção e organização da casa: *“Eu gosto dessa função [locomoção]. Eu acho que ser mãe é muito tu querer. Tem de gostar. Não adianta. São coisas que fazem parte. Tu gostar ou deixar de gostar. Ontem eu tava comentando com a mãe ‘ai, a casa nunca tá arrumadinha’. Daí ela disse ‘é mas não tem como’... Daí a Socorro vai lá e arruma. Se tu vai te estressar com isso, tu vai ficar louca”*.

Dinorá relatou não estar sentindo dificuldade em lidar com a segunda filha nesse período, atribuindo essa impressão ao fato de a menina ainda não estar manifestando muita independência: *“porque ela ainda não mostrou... Eu acho que eles começam a desagradar no momento em que eles têm uma vontade mais, né? Porque, até uma determinada idade, tudo tu diz ‘sim’. É assim, eles podem até reclamar um pouquinho, mas eles fazem. Chega num momento que daí eles já começam a discutir, não é isso que eu quero, não vou fazer”*. Esse período da primeira infância era visto como um momento de aprendizagem mútua no processo de tornar-se mãe: *“A gente tá aprendendo com eles, eles tão aprendendo com a gente. Então acho que, numa coisa mais calma”*. A mãe temia a fase “horrosa” da adolescência e lembrou de sua história: *“É que eu tive uma adolescência meio complicada”*.

Em seguida, destacou que a filha já começava a expressar preferências e escolhas pessoais, entendendo isso como característica de quem vai ser muito decidida. Além de confirmar que vinha notando mais semelhanças da filha consigo do que com o marido: *“ela é mais parecida comigo. As pessoas todas dizem que ela é mais parecida comigo. Emocionalmente? Eu também acho que é comigo. Ela é mais braba assim. Eu sou mais braba. O Pedro é mais tranquilo, mais fechadão, assim. E ela é dada assim... Parece que vai ser falante. E eu falo, né? (risos) O Pedro é mais fechado”*.

A mãe ainda atribuiu às demandas do primogênito grande parte de seu cansaço: *“Eu me sinto um pouco cansada. Eu queria estar mais disposta. E eu acho que a maior dificuldade é o segun..., o primeiro filho, e não o segundo. Entendeu? É a demanda que o primeiro faz. Que daí ele se torna o mais solicitante. É mais cansativo porque tu tem de falar 60 vezes a mesma coisa”*. Além de ter que atender às necessidades da segunda filha, o menino modificou seu comportamento: *“a dificuldade não é o segundo, é o primeiro. Sabe?! Porque o primeiro passa a ter comportamentos que ele não tinha antes”*. Além da dificuldade da mãe em lidar com a perda de exclusividade, isso gerou ambivalência em ambos, por terem que dividir as coisas: *“ele era o principal da casa. Hoje em dia, ele tem de dividir as coisas dele. Sabe? Então eu vejo meio, meio nele um sentimento assim de ódio/amor pela irmã”*.

Ao referir-se à experiência como mãe de dois filhos, Dinorá considerava que *“tudo é o dobro”*. Diferente do período anterior, em que cogitava ter mais um filho, passou a achar que esse número de filhos era suficiente, até pela referência pessoal como filha única: *“Nem pensar mais de dois filhos”*. Dizia que se sentia feliz, mas cansada por ter dois filhos: *“eu nunca quis ter um filho só, sempre quis ter mais de um. Eu acho que feliz, realizada, cansada, mas, feliz assim, bem feliz”*. E as demandas de tempo e atenção eram dobradas: *“é mais cansativo, demanda mais assim, tira o teu tempo, tua atenção, enfim, é dobro né... tu tem que arrumar dois, tu tem que escovar os dentes de dois, tu tem que fazer tudo pra dois. Então eu acho que é isso é, cansa, é mais cansativo. Mas é maravilhoso assim”*. Além disso, ter aprendido com o primeiro fazia com que ela se sentisse mais hábil para lidar com as tarefas de desenvolvimento da segunda, embora sem garantias de que não fosse errar: *“Ela come muito melhor do que o Benjamin comia. Acho que até por mim, porque tu acaba aprendendo alguma coisa. Porque, no primeiro filho, sei lá, tu não sabe, né, procura acertar, mas, às vezes, erra. Não que eu não vá errar no segundo. Não é isso que eu estou dizendo”*.

### 1.1 Criar espaço para o segundo filho

Mesmo após a filha ter completado um ano, a mãe lembrava-se do medo que sentia de ter que dividir o seu amor com mais um filho: *“Eu não sabia como é que ia ser, se eu ia gostar dela, se eu não ia. Não, gostar... gostar é claro que eu ia gostar assim, mas porque eu tinha medo de dividir esse amor. Era bem complicado assim”*. Em diversos momentos, a mãe referiu dificuldade em lidar com a perda de exclusividade do primeiro filho: *“eu acho que a dificuldade de eu estar sendo mãe de um segundo filho não é o segundo (ri). É o primeiro”*.

Além das demandas da segunda filha, o primogênito passou a solicitá-la mais, nos momentos em que ela se dedicava aos cuidados da menina: *“Cansa porque demanda muita função, né. E o Benjamin está extremamente mais solicitante. Por causa dela. Então, ele se agita muito mais do que ele se agitava antes, entendeu? Porque ele quer atenção. E ele quer na hora. Ele pensa ‘Ah, se tu tá atendendo ela agora, tu pode me atender também’”*. Isso acabava gerando mais cansaço em Dinorá, por ter que atender aos dois filhos e reconhecer a maior dependência da menina nesse período, concomitantemente aos comportamentos regressivos e a exigência do primogênito: *“é um pouco mais complicado... Daí, primeiro eu procuro dar para ela, porque o Benjamin já é maior... Ele solicita mais. Aí é mais complicado, porque daí tu tem dois para fazer. E ela tem coisas que não tem como. Ela não faz sozinha... tem de dar banho nos dois, comida para os dois, não sei o quê; se ela ainda não tomou banho, né. É*

*bem puxado assim... tu fica 'ai meu Deus!'. Cansa. Então, assim, comida, ele quer que eu dê na boca, sabe?''.*

## 1.2 Comparações

Após afirmar que não tinha gerado muitas expectativas sobre como seria a segunda filha, a mãe se remeteu à referência do primogênito como parâmetro de comparação para falar da menina: *“Eu acho que ela é mais braba do que ele era, isso sim. E é engraçado que a gente sempre acaba comparando, né. E não tem como assim, sempre acaba. E a gente tava conversando assim, eu e o Pedro: ‘Pois é o Benjamin era assim; e ela é assim’. É engraçado... a gente não consegue, não tem como assim, sabe, porque é dois, né. Então tu não tem como só falar nela sem lembrar ‘ah, mas o Fulano era assim’. A gente acaba... Até porque a gente acaba esquecendo assim como é que era o outro, assim, o primeiro”.* Ao falar das diferenças entre os filhos, Dinorá também recorreu a comparações: *“Acho que ela é mais decidida do que o Benjamin é. O Benjamin era mais maleável. Vamos dizer que eu acho que ela vai ser mais difícil de negociar. Acho que ela vai ser mais complicadinha... Acho que por temperamento. Um não vai ser igual ao outro nunca, né. Difícilmente”.*

## 2. Relação com o segundo filho

Em especial quanto à menina, a mãe ressaltou estar se surpreendendo com o jeito da filha, pois não havia gerado expectativas nesse sentido: *“Na verdade, eu não imaginava, era muito engraçado assim... Eu não tinha a mínima ideia de como é que ela ia ser assim... A gente tá se apaixonando, assim, cada dia mais por ela. Mas eu não tinha ideia que ela fosse ser assim. E agora, cada dia ela me, cada dia é uma coisa nova, é um acontecimento novo”.* Mesmo dizendo não ter imaginado como seria a filha, destacou que ela era diferente das meninas típicas, por ser ativa e moleca: *“É, é diferente. Mas ela não é assim. Apesar de ser uma menina, acho que ela é meio molequinha assim, sabe? Tem umas meninas que são mais assim delicadinhas, mais paradinhas. Ela não, ela é bem moleca, ela é bem serelepe assim. Isso aí eu não sabia como é que ia ser. Eu tô me surpreendendo”.*

Algumas mudanças decorrentes do desenvolvimento da segunda filha começaram a ser destacadas pela mãe, como a expressão da menina de suas preferências em relação à alimentação: *“ela já percebeu que ela tem um poder de escolher”.* Algumas diferenças em termos de temperamento passaram a ser percebidas pela mãe: *“ela é um pouco mais decidida”.* Ao falar de outras características da filha, a mãe recorreu a muitas comparações com o primogênito: *“Ela é mais medrosa do que o Benjamin era... O Benjamin não era medroso. Ela tem medo de barulhos assim... Ela é mais medrosa. Bem mais medrosa!”.*

A mãe disse não ter sentido dificuldade para desmamar o bebê, diferente da experiência anterior: *“E eu acho que justamente a coisa do segundo filho, entendeu? Eu não tive isso [dificuldade para desmamar] porque eu vi que não tem nada a ver. Eu percebi que não é o tempo que eu vou amamentar ela que vai aumentar ou diminuir o nosso vínculo. Não é o tempo, mas sim a qualidade do tempo em que isso aconteceu”*. Ao mencionar as primeiras separações e o desmame, a mãe tornou a comparar o sentimento de culpa que teve com a experiência do primogênito e que não se deu com a mesma intensidade, com a segunda filha: *“quando foi para desmamar ele, eu fiquei no último grau da culpa, que parecia assim que eu ia perdê-lo, sabe? Aquele sentimento de perda que depois tu vê que não era nada a ver. E eu acho que isso, então, eu já não passei com ela. Entendeu? Ah, eu vou desmamar, mas deu, ela vai continuar me amando, sendo minha filha... Toda aquela coisa que envolve a amamentação que, realmente, é uma coisa maravilhosa assim... graças a Deus, eu consegui amamentar... tem que ter muita vontade para amamentar... tem que querer amamentar. E eu gostei. Amo assim. Acho maravilhoso isso. Só acho que esse medo que eu tinha em relação ao Benjamin, de quebrar esse elo, eu não tive com ela. Eu já vi com ele que não, não afetou em nada assim do meu relacionamento com ele. Acho que esse momento que ele teve até um ano e 10 meses. Deu para selar bastante assim. E ela também até um ano, eu acho que deu... Porque eu acho que amamentar é uma coisa assim de... Não é só alimentar, entendeu? Tem toda uma coisa de uma troca assim. É uma coisa bem especial. E eu acho que ela viu isso... se tu tá amamentando com carinho, com amor, com gosto, acordando de madrugada 4, 5 vezes por noite... para amamentar assim, não para brigar: ‘ai que saco! Tem que mamar... acho que isso é uma coisa que fica. Para ela vai ficar. Não importa quanto tempo que foi”*.

Após falar que o desenvolvimento da segunda filha estava muito bom e que a menina era mais esperta, a mãe atribuiu a isso à inspiração vinda do primogênito: *“Ela é muito inteligente. Acho que ela é mais esperta que o Benjamin era na idade dela. Talvez porque ele seja o professor, né. Porque ela vê ele fazendo e eu acho que ela se inspira, assim. Ela é mais... atendida do que ele, bem mais. Bem mais. E ela tem umas tiradas, umas caras, sabe. Quando ela quer agradar, ela faz carinha de agrad... de risinho... quando ela não quer uma coisa, ela tem um choro. Quando ela tá braba, ela tem outro choro. E quando ela tá triste, ela tem outro. Sabe? Ela já sabe usar isso em favor dela, principalmente com o pai, né”*. Nesse período a segunda filha passou a ser mais ativa nas interações: *“Ela tá participando mais”*. Contudo, nesse momento, a mãe não considerou que essa maior atividade a desagradasse, pelo fato de a filha ainda ser um bebê: *“É tão difícil tu com um bebezinho pensar que alguma coisa que ele faz te desagrada... Por enquanto, acho que não”*.



### 3. Relação com a própria mãe

Ao falar da relação com a própria mãe, Dinorá voltou a apontar o que gostaria de fazer diferente em sua experiência como mãe, até pelo fato de ter sido filha única: *“eu não gostaria de fazer assim um pouco do que a minha mãe fez comigo. Mas acho que foi mais por ser filha única, né? De esperar tudo de mim. De esperar que eu fosse a perfeita, a mais especial, a mais sorridente. Acho que isso eu não quero fazer com eles assim. Não gostaria de fazer. De esperar deles algo que de repente, eles não são. Entendeu? Não é, ele não vai ser a criança mais especial da escola; não vai ser a criança mais inteligente. Ele vai ser ele assim. Especial pelo o que ele é”*.

O fato de ser filha única foi fundamental para sua decisão de se tornar “mãe dupla” e tentar não gerar expectativas excessivas quanto aos filhos: *“Eu acho que isso meus pais esperaram muito de mim, por ser filha única. Eu acho que isso é ruim pro filho único... Esse foi um dos maiores motivos pelos quais eu quis ter outro. Para não fazer daquele um, uma coisa assim de outro mundo. Porque ele é meu único filho, entendeu? Então, eu acho que isso eu não quero fazer. Isso eu pretendo, eu espero, não. Porque dizem que a gente repete aquilo que vive. Isso é uma coisa que eu não quero fazer”*.

Dinorá falou ainda de ter se sentido cobrada por algumas decisões que a mãe tomou, em função de ser filha única e não gostaria de fazer isso com seus filhos: *“uma coisa que a mãe fez muito e me cobra isso é de... de ter sacrificado coisas que ela gostaria de fazer e não fez por mim. Tipo assim, ah, uma vez brigou com o pai e aí queria até se separar, mas não se separou por minha causa. Entendeu? ‘Ah, eu podia ter me separado aquela vez, mas eu não me separei porque eu pensei em ti’... tu fazer coisas que tu vai depois se cobrar o resto da vida em função de um filho, eu acho que não dá. Eu acho que tu tem, sim, que priorizar, né. Tu tem dois filhos que não pediram para nascer. Então, assim, tu tem de priorizar, realmente, o melhor que tu pode para dar para eles. Mas cobrá-los por alguma escolha que tu faz, eu acho que não tem de ser feito”*

Ao falar da escolha por não colocar a filha na creche, Dinorá se referiu a segurança e tranquilidade que sentia com sua mãe, cuidando de sua filha: *“Ah, eu fico super tranquila assim porque eu sei que a mãe cuida. Sinto segurança. Porque ela cuida melhor do que eu... Eu não me sentiria bem em deixar com uma babá, por exemplo. Acho que eu me sentiria mais insegura... contratar uma babá, é uma coisa que eu já não gostaria. Uma pessoa que eu não conheço, entendeu? Agora, com a mãe, eu sinto que ela está sendo extremamente bem tratada. Tranquilíssimo”*. Naquele momento, Dinorá retomava algumas atividades profissionais e a reaproximação com a mãe, que vinha lhe auxiliando nos cuidados com a segunda filha continuou se intensificando: *“quando eu tô trabalhando. Não é tempo integral. Eu que faço meu*

*horário. Mas eu tenho que sair bastante. Então de tarde a mãe fica com ela. Mas ela acorda, eu troco a fralda; dou a mamadeira. De meio-dia, a mãe faz o almoço. Ou eu ou a mãe, uma das duas dá. Depois ela dorme de tarde. Daí ela acorda, a mãe dá o banho. Depois a mãe vai embora. Eu faço tudo. Troco fralda. Dou banho. Passeio, brinco”.*

#### **4. Relação com o marido**

A relação com o marido também mudou, no sentido de se tornar mais sólida pela experiência com a segunda filha: *“O momento da gente assim, eu e o Pedro, também muda, porque... A gente já tá há um tempão junto, mas assim, com o segundo filho, tu já passou por muita coisa ainda os dois juntos”.* O pai continuava envolvido com a segunda filha e a menina com ele: *“Ai, ela é apaixonada pelo Pedro, apaixonada, apaixonada. E vice-versa. É uma coisa assim que, se ele tivesse teta, eu não precisava estar aqui”.* Dinorá falou que Pedro ainda queria ter mais filhos, mas ela afirmava que dois era suficiente: *“Nem pensar mais de dois filhos”.* Essa decisão se apoiava por ela esperar receber mais ajuda do marido, já que estava se sentindo cansada em ter de dar conta dos dois filhos e considerava que ele não participava tanto quanto ela gostaria.

**24 Meses:** *“É impressionante, a gente ama igual, de forma diferente”*

#### **1. Impressões sobre a maternidade de um segundo filho**

Nesse período, a mãe sentia que continuava aprendendo, apesar de ser o segundo, cada filho é único e Florence era a primeira menina. Dinorá apresentou uma visão mais apurada do tornar-se mãe da segunda filha. Mesmo atrapalhada e cansada por ter que lidar com o crescimento da filha considerou que estava aprendendo através da vivência cotidiana e da experiência mútua: *“Fico um pouco atrapalhada... um pouco cansada, às vezes um pouco estressada. Enfim, eu acho que sou boa mãe. Eu acho que ela tem me ensinado né, eu acho que é um aprendizado. Tanto meu quanto dela. A gente se conhece através disso né. Eu aprendo a conhecer ela, saber como ela é, como ela reage às coisas. E ela aprende a me conhecer também, a ver como é que eu vou reagir ou não entendeu... é um aprendizado sempre, todos os dias, desde a hora que tu acorda até a hora que tu vai dormir”.*

O sentimento de realização foi reafirmado pela mãe, assim como a felicidade de sentir que amava a segunda filha de forma diferente, mas com grande intensidade: *“Feliz, realizada. É que eu antes, quando eu tava grávida da Florence, eu sempre achava assim, que ia ser impossível de eu amar outra criança, eu dizia: ‘Não bem capaz, eu não vou nem conseguir, não vai ser igual, vai ser diferente, eu não vou amar, sei lá, vai ter uma diferença’, e não tem. É impressionante, a gente ama*

*igual, de forma diferente. Não na intensidade, mas é que cada um tem sua personalidade, seu jeito de ser. Mas ama igual, se envolve igual*". A intimidade entre mãe e filha, a fazia pensar no processo de tornar-se mãe de uma filha mulher, depois de ter tido um menino, o que era sentido como uma possibilidade de aprender: *"acho que daqui pra frente vão ser mais algumas coisas só eu e ela, do que seria com o Benjamin. Por ela ser menina, por ela ser mulher. Então eu acho que tem muita coisa que ela vai se identificar, e eu também com ela, em função disso. E o Benjamin mais com o pai, em função de ser homem. Mas eu tô muito feliz, muito contente de ter a possibilidade de ter dois assim de diferentes sexos, pra poder assim, sei lá, aprender das duas formas. Tô muito feliz"*.

Aos dois anos, a filha já estava adaptada na escola, que começou a frequentar com 1 ano e 10 meses: *"é que agora ela tá adaptada. No início que era mais complicado, ela não queria ficar, mas isso faz parte. Ela vai se adaptando na escola, mas agora é 'tchau mãe'. Às vezes quando eu vou buscar, às vezes não que vir, quer brincar mais"*. A menina reagia bem às separações e reencontros com a mãe, que também se sentia tranquila nessas ocasiões: *"É bem legal: 'Oi mãe, mãe, mãe, mãe!'. E pula, grita, bem tranquilo assim. Bem normal, acho"*. A mãe notava que a menina gostava de ir para a escola e valorizava os novos relacionamentos que a filha tinha, em função de estar num ambiente diferente do familiar: *"ela tá mais segura, ali é o momento dela, ela vai aproveitar aquele momento. Tanto que, enfim: 'Vamos pra escola?'. Ela vai pro quarto puxa a mucha e vai: 'Vamo mãe', e puxa a mucha e sai. Então, eu acho que isso é importante para o crescimento dela, assim. Ela tá convivendo, sabe, com outras crianças, com outras pessoas também. Não é só as crianças porque tem também a tia, tem o auxiliar, tem o porteiro. Todo um círculo de pessoas novas, que acho que é importante para o desenvolvimento dela"*.

Os momentos de separação foram vistos como importantes para a expansão dos relacionamentos da segunda filha: *"acho importante ela se relacionar, entendeu. Não gosto daquela coisa de que a criança só fica com a mãe, não se dá com ninguém, sabe. Ah, se não for com a mãe não vai. Eu acho importante ela ter esse desenvolvimento assim. E saber que no mundo existem outras coisas e existem outras pessoas, que vão participar do crescimento dela, entende. Não é só eu, não é eu que vou ser o ícone de vida dela, sabe, não é eu que vou ser o ponto de referência dela. Claro, ela vai ter muitas referências em relação a mim, mas eu quero que seja assim, ela vai ter que crescer sendo ela, se dando com as pessoas"*. O crescimento da filha e o contato com outras pessoas deixavam a mãe orgulhosa e feliz: *"O fato de ela se relacionar com as pessoas de uma forma super tranquila, me deixa super feliz. Não é um tormento... pelo fato de saber que eles vão ser pessoas que vão saber se relacionar, que não vão ter*

*problemas que... de não se dar com ninguém, vão saber se relacionar super bem, e acho que isso é super importante, por isso me deixa feliz”.*

### 1.1 Criar espaço para o segundo filho

A mãe também sentia que crescia junto com a filha e retomava seu próprio espaço: *“De eu sentir que ela tá crescendo, tá aproveitando, e eu também. Da mesma forma eu também tô crescendo nas minhas coisas, tô fazendo as minhas coisas”.* A mãe falou das mudanças que se iniciaram com a chegada do primogênito e se intensificaram com o segundo filho: *“Eu achava que ia mudar muito, desde o primeiro filho. E muda muito, muda muito. Com dois, então, muda muito mesmo”.* Além disso, a mãe relatou mudanças ligadas à maior independência da segunda filha, após a menina ter completado dois anos: *“ela tá um pouco mais independente né. Ela já tá com dois anos, então assim, não é mais um bebezinho que tu tenha que tá sempre em função, ela tá mais independente. Ela quer ver televisão, ela vê; se ela quer sair, ela pede pra sair; se ela quer tomar água, ela pede... tá mais independente, eu acho que isso é o que mudou”.*

O crescimento e desenvolvimento da filha também propiciaram espaço para a mãe voltar a cuidar de seus interesses pessoais, enquanto a menina tinha momentos longe dela: *“pra mim é importante, que ela esteja com alguém, que eu confie, que eu sei que ela está se desenvolvendo, enfim que ela tá crescendo. E eu podendo fazer as coisas que eu tenho que fazer pra poder proporcionar pra ela esses momentos, entendeu? Todo mundo tem que trabalhar. E de eu poder fazer as minhas coisas, enquanto ela faz as coisas dela também... ela já tá tendo o momento de fazer as coisas dela, os trabalhinhos, as coisinhas dela... tem um momento que é o momento da família, que são várias coisas que a gente faz juntos, enfim, uma convivência. Mas tem momento que é momento de cada um. Momento do Benjamin ir para escola, o momento dela ir pra escola, sabe? E eu acho que isso é super importante assim”.*

Dar conta de diversas demandas, em função da diferença de idade das crianças foi complicado e cansativo para Dinorá, ainda assim prazeroso: *“é bem complicado assim. Eu acho que só mulher pra dar conta de fazer tudo isso. Mas, eu faria tudo de novo... eu tô adorando... é cansativo, assim, tem dias que tu tem vontade de sumir, mas a grande maioria das vezes é mais prazeroso, então... é bom, eu gosto”.*

### 1.2 Comparações

Nesse momento, a mãe passou a falar da filha, sem fazer tantas referências ao primogênito. Embora tenha recorrido cada vez menos a comparações entre os filhos, ao relatar como lidava com os conflitos e a crescente independência da

segunda filha, a mãe voltou a comparar a diferença do jeito, mais fácil ou mais difícil, de cada um dos filhos, no modo como ela lidava com eles: *“Depende do meu momento também. Se eu to de saco cheio, se eu tô cansada eu fico brava. Senão eu deixo ela chorar e espero um pouco né, porque não adiante falar, tem que esperar ela acalmar, porque ela tá muito brava. Tem que esperar, porque senão tu só fica gastando, só fica te estressando. Eu já tentei, por exemplo, fazer ela me olhar, o Benjamin, ele era mais light, tu dizia ‘olha pra mamãe’, ele me ouvia. Ela não, ela nem me olha, ela é mais geniosa que ele. Então eu ajo assim, de acordo com o momento, vejo o que dá pra fazer”*. Essa diferença no temperamento da menina fazia com que a mãe tivesse que se impor com mais firmeza: *“sempre eu imponho a minha vontade... Eu preciso dizer pra ela o que é certo e o que é errado. Não é que ela não saiba o que ela quer. Ela sabe o que ela quer, mas nem sempre o que ela quer é o que é o certo ou que é o momento certo de se fazer. Porque ela é criança, é a gente que tem que dizer... tem que impor os limites assim. Ela não sabe se pode atravessar a rua ou não”*. Essas questões a frustravam, mas ela compreendia que uma mãe: *“ não pode acertar sempre”*.

## **2. Relação com o segundo filho**

As aquisições do desenvolvimento nesse período favoreceram o relacionamento da dupla, de forma geral: *“Conforme eles vão crescendo, eles vão tendo uma percepção da vida, das coisas”*. As novas habilidades de linguagem, por exemplo, facilitaram a compreensão da mãe: *“Melhorado, né. Sim por que é bem mais fácil de tu te comunicar. Não tem que só tentar adivinhar pelo choro, adivinhar não mas dá pra perceber o que ela quer dizer. E assim ela diz já: ‘Eu quero isso, eu não quero isso’. Então é mais fácil de tu te relacionar”*. Essas habilidades também tornaram mais claros a expressão e o jeito da segunda filha: *“Ela tem uma personalidade super forte assim. Quando ela não quer uma coisa, ela não quer. Ela é mais difícil do que o Benjamin era de se convencer. O Benjamin era mais acessível. Ela é mais complicada, bem geniosa. Ela é alegre, feliz contente, brincalhona, obediente. Só ela é bem geniosa. É bem o que ela quer. É difícil tu remover a ideia do que ela quer, da vontade do que ela quer fazer”*. Dinorá ainda atribuiu o uso das novas habilidades adquiridas pela filha para seu próprio benefício: *“acho que hoje em dia ela sabe manipular melhor isso né. Sabe usar isso melhor do que quando ela era bebê é claro né. Hoje ela sabe assim, que são argumentos que de repente ela sabe usar, o choro pode ser um argumento, então ela sabe usar isso que é a favor dela”*. A mãe entendia isso como parte do crescimento da segunda filha: *“a gente tem que saber dosar. Saber em que momento isso é bom, em que momento isso é ruim. Corrigir quando não é bom, ensinar. Às vezes eu chego a até rir com algumas coisas. Se torna até engraçado assim, uma*

*criança de dois anos ter umas atitudes tão né. Ser tão perspicaz assim na hora de manipular alguém, entendeu?... Mas acho que faz parte do crescimento dela”.* Dinorá referiu ainda que, nesse momento, o desenvolvimento da filha só as aproximava, mas voltou a falar na adolescência, como um período em que as coisas poderiam mudar, com base em sua própria experiência: *“Só une mais assim. Porque a gente tá se conhecendo né. E isso acho que é melhor, só melhora, não afeta. Por enquanto ainda não. Talvez quando ela for adolescente, mas por enquanto tudo tranquilo assim, a gente é bem parceira”.* As preocupações maiores se ligavam ao futuro da filha, por ela ser mulher: *“vai piorar um pouco quando ela for maior... A gente vai crescendo e vai achando que tem as suas convicções, achando que já sabe tudo que quer. Pra menina é mais difícil realmente. Por isso que existe aquela fase de adolescente, que a gente acha que nada tá bom, que ninguém nos compreende, o mundo é injusto e vida é ruim, porque ninguém faz o que a gente quer”.* Dinorá pensava sobre a influência de seus cuidados na formação da personalidade da segunda filha: *“tem formado a personalidade dela... Fazendo ser o que ela é, aperfeiçoando, enfim. Ela tá crescendo, e claro que o fato de tudo que eu faço, da maneira que eu faço e que eu cuido dela é que vai, ela vai levar pra sempre assim eu acho, espero que seja assim e espero que seja bom”.*

### **3. Relação com a própria mãe**

Dinorá tornou a lembrar que a relação com sua mãe foi complicada, fato que ela atribuiu a ter sido filha única, o que a fazia sentir que muitas expectativas foram geradas em relação a ela: *“É meio complicado... Porque a minha relação com minha mãe foi meio complicada. Eu sou filha única, então eu tive algumas coisas na minha criação que não foram muito legais assim, que eu considero. Tipo de esperar de mim tudo sabe, colocar em cima de mim todas as expectativas do mundo. E isso torna pra mim, torna pra quem é a expectativa... Se frustra quando não consegue as coisas e, se sente culpada. Então é uma relação meio complicada. Em alguns momentos, em algumas coisas eu vejo a minha mãe assim”.* Cabe destacar que, diferente da sua mãe, ela reiteradas vezes disse não ter gerado expectativas quanto à segunda filha, tentando evitar esse modelo na criação de ambos os filhos: *“Na verdade eu acho que eu não quero fazer justamente isso assim. Criar uma expectativa em torno deles. De que eles sejam algo que eu gostaria muito que eles fossem. Eu quero que eles sejam felizes, realizados”.*

Ela lembrou que a própria mãe foi uma pessoa que passou por muitas dificuldades, diferente dela: *“Na verdade a mãe foi uma pessoa que lutou muito pra sobreviver... não sei explicar muito bem. Eu sei que ela sempre fez tudo que ela pode, mas*

*às vezes tem que ter um pouco de conhecimento daquilo entendeu*". Nesse momento, a avó continuava a participar ativamente da rotina da família: "A gente brinca... A minha mãe brinca muito com ela também... A mãe é mãe entendeu, não dá palpites, não toma atitudes assim. E também pelo afeto, por ser minha mãe".

O fato de a avó ajudar a cuidar da segunda filha, liberava Dinorá para tratar de interesses pessoais: "ninguém cuida da Florence, ajudam, tão junto. Por exemplo, assim, eu não saio e deixo a Florence com alguém de manhã. Ah, algumas vezes né, minha mãe. Que minha mãe vem uma vez por semana, sempre. E nesse dia eu aproveito pra fazer algumas coisas que eu tenho pra fazer de manhã e ela fica com a mãe". No momento atual, Dinorá sentia-se muito tranquila com o fato de sua mãe continuar participando dos cuidados de Florence e porque a segunda filha se sentia bem com a avó: "Isso me deixa super tranquila, contente... Ela é super tranquila assim. Só que com a mãe ela faz mais manha né. Que vó tem aquela fama de estragar a criança. Então com a mãe ela é mais manhosa... porque ela sabe que ela ganha mais... Claro que vó é vó. Acaba fazendo mais as vontades que a gente. Tem aquele ditado que diz que, a gente educa e a vó deseduca".

#### **4. Relação com o marido**

O marido continuava oferecendo suporte nos cuidados com a menina e com o filho, nas vezes em que a esposa precisava de mais tempo para si: "se eu tenho que ir no shopping, alguma coisa o Pedro fica com ela. Ou o Pedro sai fim de semana, mas sempre com os dois, vai no parque também". Dinorá apontou o desafio de dosar o tempo entre ela, as crianças e o marido. Embora ele continuasse a ser o principal provedor financeiro da casa, ela também retomava suas atividades profissionais e achava difícil encontrar equilíbrio na divisão do tempo entre as diferentes demandas: "a dificuldade principal, é de tu saber dosar entendeu. Quanto que é o teu tempo, quanto que é o tempo deles, quanto que é o tempo teu com o marido. Assim, a mulher ela, infinitamente faz mais do que o homem. A gente está muito mais presente em qualquer momento. Só que a gente também faz coisas que os homens fazem, eu também trabalho, não na mesma intensidade. Também a minha responsabilidade financeira não é a mesma que a do Pedro, que banca tudo. O meu dinheiro é para umas coisinhas extras... Mas eu acho que a maior dificuldade é de tu saber dosar assim, o quanto que tu é mulher, o quanto que tu é esposa, o quanto que tu é mãe, o quanto que tu é profissional. Acho que isso é o mais difícil assim, é mais difícil de tu aprender e de tu fazer". Assim, o tornar-se mãe de uma segunda filha para Dinorá foi passando por transformações, conforme se dava o crescimento da menina e seu próprio amadurecimento.

### **Síntese do caso 1 – Dinorá: *de filha única à mãe dupla***

Nesse caso, a trajetória de tornar-se mãe de uma segunda filha foi sendo alterada com o crescimento da menina e o amadurecimento da própria mãe. A gestação da segunda filha havia sido planejada, mas já começou a surpreender a mãe por ocorrer antes do que o casal imaginava. Durante a gravidez, a mãe dizia sentir-se mais tranquila do que na primeira, embora emocionalmente mais frágil. Dinorá referia que por ter tido a experiência com o primogênito, conhecia as manifestações comuns da gestação, período que considerava que poderia ser vivido sem tantas surpresas. A mãe expressou contradições ao falar que tudo já lhe era familiar, em termos dessa gravidez e por isso estava mais segura, ainda assim surpreendia-se com as novidades decorrentes das diferenças que ela própria apontava. Estava em outro momento de vida, não trabalhava como na primeira gestação, o que trazia mudanças em termos financeiros e emocionais. Por fim, a mãe afirmava não estar sentindo-se tão ansiosa quanto da primeira vez, dizendo que o surpreendente mesmo seria quando a menina nascesse. Essa tentativa de não gerar tantas expectativas, nos remete ao que diz Winnicott (1966/1987), quando se refere à mãe que espera um filho, como uma anfitriã, de um novo ser alojado nela, tendo que aguardar pela chegada do desconhecido.

A criação de espaço para acolher um novo bebê já se inicia antes do nascimento. Nesse caso, tal fato foi acompanhado da necessidade de repouso e da pré-eclampsia, que começaram a chamar a atenção da mãe, que disse que a menina já queria o espaço dela e estava mostrando isso de forma complicada. Ao mesmo tempo em que afirmava não ter gerado muitas expectativas quanto à segunda filha, não sabia como faria para acolher o novo bebê que estava por vir. “Dividir o sentimento” era algo a ser descoberto, assim como as mudanças que iria vivenciar. A mãe expressava ambivalência ao falar da gravidez de uma menina, pois afirmou que gostaria de ter uma filha, mas pensava que seria muito diferente cuidar dela, por ser mais frágil, mais difícil de cuidar e também por não estar conseguindo imaginar com quem ela seria parecida ou mesmo como ela seria. Ainda assim, desejava as melhores realizações pessoais e profissionais para o futuro de sua filha. Nesse período, recorria a muitas comparações com o primogênito, que era sua maior referência. Raphael-Leff (1997) refere que o foi vivido numa gestação permanece presente até o nascimento do próximo filho. A literatura aponta que a coisa mais difícil acerca da mulher ter seu segundo filho é a necessária deserção do primeiro (Brazelton, 1988; Frost, 2006). Brazelton lembra



que pelos laços com o primogênito pode haver uma dificuldade de a mãe conceber a ideia de diluí-los, trazendo um segundo bebê para casa. Ela pode sentir que está abandonando ou desertando a criança mais velha e pondo em risco seu futuro com a nova gravidez. As mães sentem isso profundamente enquanto não ousam pensar que ainda terão de cuidar de outra criança. Criar espaço para receber mais um filho é uma dificuldade a ser elaborada. A mãe que sente a solidez do relacionamento como primeiro filho, teme perder ou diluir essa intensidade com a chegada de mais um bebê, ainda desconhecido.

Cabe destacar que em especial para esse caso, a mãe não havia experienciado o tornar-se irmã. Mas vivenciava a chegada de um bebê. Assim, o nascimento de um segundo filho, especificamente, inaugura a fratria e pode dar origem a conflitos intrageracionais (Goldsmid & Feres-Carneiro, 2007). Outro importante conceito para se compreender o tornar-se mãe de Dinorá é o que Kancyper (1999; 2002; 2004) denomina de “complexo fraterno”. A identidade de cada pessoa é perpassada pela estrutura fraterna internalizada. Contudo, este complexo não se reduz a uma situação real, ou a influência exercida apenas pela presença de irmãos, porque transcende o que é vivido individualmente. Também o filho único é perpassado pelos efeitos do “complexo fraterno” dos pais. Nesse caso, a menina poderia exercer essa função para a “mãe dupla” que nascia.

Após o nascimento da segunda filha, Dinorá continuava atribuindo seus sentimentos de tranquilidade e menor ansiedade à experiência com o primeiro, acrescidos de sua maturidade pessoal. Aos seis meses da menina, a mãe falou com prazer da oportunidade de estar novamente com um bebê. Contudo, afirmou que a filha não tinha o “*privilégio de ser única*”, como o primogênito e como ela havia sido. Nesse período, lembrou que o parto não foi como desejara e chegou a mencionar a possibilidade de um terceiro filho. Por outro lado, ponderou estar com cada vez menos tempo para si mesma, o que a fazia pensar em dois filhos como o máximo. Também relatou sentir dificuldade para atender aos dois filhos simultaneamente, em função do primogênito apresentar alguns comportamentos regressivos. Para Brazelton (1988), o medo de que o filho mais velho sofra e possa ser prejudicado pela rivalidade com o novo bebê é universal. Contudo, a maioria das crianças aprende a compartilhar e se adapta à chegada de um irmão. Além disso, é importante para a mãe aceitar seus próprios sentimentos ambivalentes. Embora, a mãe possa sentir dificuldades em dividir atenção com dois filhos e atender demandas simultâneas (Frost, 2006). Nesse período, a relação

com a segunda filha ainda era muito pautada nas comparações com o primogênito. A mãe afirmava reiteradas vezes a sensação de estar mais respaldada para cuidar de outro bebê, por ter tido a experiência anterior. Continuava a apontar sua preocupação em dividir o sentimento entre os filhos. Dinorá diferenciava sentir um amor de cuidado e necessidade da menina, que dependia mais dela e um amor pelo tempo de convívio e pela maior independência do menino.

Mesmo com uma experiência anterior, a mãe pode sentir ansiedade, culpa e vergonha de expressar temas ligados às fantasias agressivas. Temas que envolvem hostilidade costumam gerar dificuldades nas mães em lidar com a possibilidade de sentir raiva dos filhos (Hoffmann, 2004). Algumas mães podem achar difícil tolerar seus sentimentos conflitivos e ambivalentes em relação aos próprios filhos e das crianças em relação a elas (Frost, 2006; Hoffmann, 2004; Parker, 2005). No caso de Dinorá, suas contradições, bem como as fantasias de dar a segunda filha para outra família, deixavam entrever a sutileza com que tais sentimentos eram expressos.

As primeiras particularidades foram se revelando, na medida em que a filha foi se mostrando como um ser diferente e único. Mesmo ressaltando as particularidades, a mãe buscava semelhanças entre os dois filhos. Aos 12 meses, a mãe apontava para modificações tanto no seu momento de vida, como no desenvolvimento da segunda filha. A mãe passou a apresentar mudança na percepção de si mesma, conforme o desenvolvimento da criança (Frost, 2006; Lopes et al, 2007; Raeff, 2006). As manifestações de independência e preferências da criança começaram a repercutir na vivência de Dinorá como mãe de uma segunda filha. Ela se dava conta de que, mesmo com a confiança e segurança adquiridas com o primeiro, a segunda podia lhe surpreender. A mãe ponderava que por sentir tranquilidade e respaldo na experiência anterior, podia ter deixado de lado um maior cuidado com a menina. Ela sentia-se culpada por ter negligenciado uma doença da filha, que acabou gerando uma hospitalização da criança.

Os momentos de interação com a segunda filha eram bastante prazerosos, contudo ela passou a se sentir ainda mais cansada pelo aumento das demandas tanto da menina, que se tornava mais ativa, quanto do primogênito, que passou a pedir mais atenção, justamente nos momentos em que a mãe atendia à segunda filha: “*tudo é o dobro*”. Dinorá referiu ainda estar se surpreendendo com o jeito da filha, que se tornava diferente do que ela imaginava em muitos aspectos físicos e

emocionais e que, em outros, passava a mostrar diversas outras características particulares, também diferentes das do irmão. As comparações começaram a diminuir gradativamente, porém a mãe ainda atribuía o bom desenvolvimento da filha na inspiração vinda do irmão, que “*é o professor*”.

Outro sentimento que continuou a acompanhar Dinorá foi ter que dividir seu amor entre os filhos. Notou-se que além das alterações na rotina, pelas demandas do segundo filho, a mãe também têm que lidar com as mudanças no comportamento do primogênito após a chegada do segundo filho. Em geral, os filhos mais velhos se ressentem pela perda da atenção materna e podem apresentar animosidade para com o bebê, pelo lugar que esse passa a ocupar (Frost, 2006; Shaffer, 2005). Muitas vezes as mães desejam dar um tratamento igual a ambos os filhos, como uma tentativa de diminuir os possíveis conflitos que surgem na relação dela com as crianças (Frost, 2006). O sentimento materno de intrusão por parte de um filho ou de outro, podem ser inconscientemente influenciados pela própria experiência materna, em suas vivências com a própria mãe ou irmãos em sua família de origem (Kancyper, 1999; Raphael-Leff, 1997). Contudo, parece não haver consenso no que se refere aos sentimentos das mães. Alguns autores que buscaram compreender a perspectiva materna quanto ao segundo filho, reportaram que as mães de duas crianças também perceberam o primogênito como alguém que interferia na relação desta com o bebê, já que o segundo filho precisava de mais cuidados e dedicação do que o filho mais velho, especialmente nos primeiros meses (Frost, 2006; Kreppner, 1988).

Contudo, o momento que se seguiu ao primeiro ano da segunda filha era de reciprocidade, pois a mãe sentia que estava aprendendo com a filha e a menina com ela. Essa experiência de mutualidade é importante para que tanto a mãe como a criança se conheçam. Assim como a mãe é única para cada filho, a criança é diferente se é o filho mais novo e pelas variações no ambiente que a influenciam (Winnicott, 1969/2005). No caso de Dinorá, notou-se maiores mudanças, aos 24 meses da segunda filha. A mãe passou a expressar seus sentimentos de forma mais tranquila, transmitindo a sensação de estar mais apropriada da experiência de ter se tornado mãe de uma menina. Dinorá sentia que continuava aprendendo, apesar de ser o segundo filho, cada criança é única. Para Brazelton (1988), os pais também estão aprendendo sobre si mesmos, enquanto aprendem sobre o bebê. Assim, tornar-se mãe é um processo complexo vivido com cada filho. A relação com a segunda filha passou a ser sentida como diferente e única a partir da maior

independência da criança, seu espaço parecia mais assegurado. As diferenças passaram a ser destacadas e uma maior discriminação entre os filhos foi percebida, pois Dinorá recorreu cada vez menos às comparações entre as crianças para falar da segunda filha. Os momentos de separação, como a entrada na escolinha passaram a ser vistos como oportunidades de expansão dos relacionamentos para a menina e de retomada de mais tempo para si mesma pela mãe. Ela, junto com a filha, retomava seu próprio espaço. Contudo, as diferentes demandas dos filhos em idades diversas, continuaram a ser cansativas, mas também prazerosas. Seus cuidados favoreciam o crescimento da menina.

No que diz respeito à relação com a própria mãe, durante a gestação, esta se centrou no apoio e nas lembranças que Dinorá tinha de ser filha única. A inquietação dessa mãe sobre como faria para dividir seu amor, entre os filhos ligava-se a sua própria história. O fato de não ter tido a experiência de tornar-se irmã ou de ter outra criança com quem dividir o afeto e os brinquedos era algo destacado no momento em que se tornaria “*mãe dupla*”. Afirmava ainda, que não queria proteger tanto sua filha, como sua mãe fez com ela, gostaria que a menina tivesse mais independência. Nesse momento, a mãe de Dinorá estava bastante presente, auxiliando com o primogênito e dando apoio durante o repouso que se fez necessário. Além disso, a família materna, em especial a avó, vibrou com a notícia de um segundo neto, por ser uma menina. A reação da família do marido foi diferente, pois uma irmã dele ficou grávida no mesmo período que Dinorá. Pedro tinha duas irmãs e ainda pretendia ter mais filhos. Foi importante para Dinorá situar sua própria história como filha única e lembrar de suas experiências infantis. Bydlovski (2002) afirma que dar palavra à criança que a mulher foi, pode auxiliar a gestante a revigorar a criança que ela carrega. Além disso, a mulher grávida pode sentir maior necessidade de visitar, observar e mesmo questionar sua própria mãe, acerca de sua infância (Brazelton, 1988). A partir da gestação e, em especial, o nascimento de um filho costuma ressignificar diversas situações vivenciadas pelos pais, que podiam estar aplacadas durante anos e só obtém um novo significado a partir do investimento identificador de suas histórias não processadas em algum de seus descendentes (Kancyper, 2002). É possível que a mãe possa recuperar através de um dos filhos, alguns capítulos de sua própria história de vida não elaborados ou não integrados (Kancyper, 1999).

Aos seis meses da menina, a relação com a própria mãe se intensificou em termos de apoio no cuidado de ambos os filhos, com destaque para uma maior

permissão da avó se aproximar da neta. Dinorá referia sentir-se segura com a mãe cuidando de seu bebê e começava a fazer planos de voltar a estudar e trabalhar. Entretanto, sentia-se mais cansada, além de estar com menos tempo disponível para si. Após a segunda filha completar um ano, a relação com a própria mãe tornou-se ainda mais central em termos de referências e modelo de maternidade. Em especial, por ter sido filha única, Dinorá afirmou reiteradas vezes que não gostaria de repetir com a filha o que sua mãe fez consigo, ou seja, gerar muitas expectativas de que fosse a melhor em tudo. Não repetir aspectos da própria família é comumente apontado na maternidade de um segundo filho, já que este é visto como uma nova oportunidade para mãe (Frost, 2006). Com o passar do tempo, em especial, no segundo ano da menina, a relação com a própria mãe, além do apoio, passou a ser vista como um modelo em termos do que fazer diferente com a menina e com que se identificar. O fato de ser filha única voltou a ser apontado como o motivo para ter tido mais de um filho, mas também por não ter experienciado esse processo na própria família. A forma como a mãe descreve sua relação com os pais durante a própria infância repercute na maneira de lidar com seu filho (Maldonado, 1994). Os sentimentos maternos em relação ao seu bebê também são fortemente influenciados pelas experiências pessoais prévias da mãe (Frost, 2006; Maldonado, 1994; Passos, 2007; Kancyper, 2004). Dinorá expressou ambivalência ao afirmar que apreciava o crescimento e a independência da filha, mas também falou que ainda não começara a sentir “*desagrados*”, porque a menina não expressava tanto suas próprias vontades, mas que na adolescência isso se transformaria. Pode ser difícil para uma mulher abdicar da função materna, sendo mais fácil sentir-se maternal. Para a mãe pode ser mais fácil quando seu bebê é dependente, do que quando, pelo crescimento, ele já começa a gostar de ser separado, independente e desafiador (Winnicott, 1965/1993). Assim, a passagem de “bebê de colo” para o que já pode se locomover marca um importante processo evolutivo na própria maternidade (Mahler, 1982; Lopes et al, 2009). Para a autora, concomitante ao processo de separação-individuação do bebê, parece haver um processo de separação semelhante para a mãe, em relação ao filho, que foi percebido nesse caso, com o desenvolvimento da filha. E da mulher em relação à própria mãe, em seu processo de individuação como mãe (Colarusso, 1990).

Uma particularidade desse caso foi o fato dessa criança ser uma menina, o que também pareceu exercer particular influência no processo de tornar-se mãe da segunda filha. A questão de gênero foi muitas vezes abordada por Dinorá, tanto

como uma experiência diferente do primogênito, quanto estranha por ter lidar com uma mulher, fato considerado mais difícil para essa mãe. Para Parker (2005), devido ao fato de as mulheres tenderem a se identificar mais com uma filha menina, mais conflitos internos também podem surgir, em seu papel como mães de uma criança do sexo feminino. Essa criança pode evocar lembranças de aspectos não resolvidas na infância da mãe. Em um período inicial, quando as mães encontram-se desamparadas e regredidas, pode ressurgir a vontade da mãe de ser cuidada por sua própria mãe ou marido. Tais expectativas e confusões seriam mais frequentes com uma filha menina do que com um menino, por questões culturais e de criação de crianças. Por outro lado, a filha mulher também poderia ocupar o papel de confidente da mãe que, por sua vez, também dependeria dessa filha. De acordo com Schaeffer (2006), um menino satisfaria mais o narcisismo fálico da mãe, enquanto uma menina, por ser do mesmo sexo que ela, poderia remetê-la à rivalidade e também à representação da substituta que ela esconde.

A relação com o marido centrava-se no acolhimento que ela esperava e no apoio que recebia tanto em termos de cuidados para si, quanto para o primogênito. Já durante a gravidez da segunda filha, o pai passou a assumir mais tarefas com o menino, para que a mãe pudesse ficar em repouso. Pedro também estava bastante envolvido emocionalmente com o tornar-se pai de uma menina. Dinorá apontava que as repercussões da gestação eram diferentes para ela e para o marido, dizendo que mesmo que ele estivesse curtindo, ela é quem tinha mais contato com a filha. Essa ideia é corroborada por Brazelton (1988), que confirma que durante a gestação, o pai imagina a presença do filho e se prepara para sua chegada de forma diferente da mãe, que sente o bebê que cresce e se movimenta em seu corpo. Após a chegada da segunda filha, a relação com o pai das crianças continuava a centrar-se na questão do apoio. Aos seis meses, ele se encarregava mais do primogênito, para ela ter mais tempo a sós com a bebê. Essa necessidade de ter momentos exclusivos com o segundo filho, precisa ser contemplada (Frost, 2006). Assim, durante o período de adaptação à chegada do novo bebê, o primogênito costuma voltar-se mais para o pai e avós (Brazelton, 1988; Rustin, 2007; Pereira, 2006). É importante para a mãe contar com esse apoio, para que se dedique ao bebê.

Já no primeiro ano da segunda filha, a relação com o marido se transformava. Ele passou a interagir mais com a segunda filha, intensificando o

apoio que já vinha oferecendo desde a gestação, mas também estabelecendo uma relação diferenciada com a menina, em seu processo rumo à independência. Já no segundo ano, a relação com o marido em termos de apoio e acolhimento começou a se tornar menos destacada. Ele continuava envolvido com os filhos, mas começaram a surgir questionamentos de Dinorá quanto a dosar o tempo entre ser mãe e esposa.

No que se refere aos dois últimos temas analisados, ou seja, a relação com a mãe e com o marido, ao longo dos dois primeiros anos da segunda filha, podemos pensar no conceito de matriz de apoio (Stern, 1997). Esse tema liga-se à necessidade da mãe de criar, permitir, aceitar e regular uma rede de apoio protetora para si, para que possa realizar as tarefas como manter o bebê vivo e promover seu desenvolvimento psicoafetivo. A primeira função da matriz de apoio é proteger a mãe fisicamente, provendo suas necessidades vitais e permitindo que possa dedicar-se ao bebê. A segunda função é de ordem psicológica e educativa, a mãe precisa sentir-se apoiada, valorizada e apreciada. O pai parece cumprir melhor a primeira função, enquanto que as figuras maternas da mãe são evocadas para auxiliar na segunda. A partir do que foi apresentado, observou-se uma tendência à reativação e reorganização do relacionamento de Dinorá com sua própria mãe (Colarusso, 1990; Stern, 1997), enquanto que a relação com o pai das crianças ficou mais centrado na proteção e no fato dele ser o provedor do lar nesse caso.

Diante do exposto, vimos que o tornar-se mãe conota uma modificação inicial, porém esse processo é contínuo (Mercer, 2004). Essa experiência liga-se às relações da mãe com os próprios pais (Colarusso, 1990; Lopes et al, 2010) e ao seu próprio “complexo fraterno” (Kancyper, 2004). Sendo, assim tornar-se mãe implica em um movimento de retorno às relações primárias familiares, a fim de criar, investir e sustentar os laços com os filhos (Passos, 2007). No que se refere à chegada de um segundo filho, podemos referir o que Stern (1997) chamou de reorganização da identidade. Dinorá também precisou transformar e reorganizar sua identidade, para tornar-se mãe de Florence. Foi preciso alterar seus investimentos emocionais, sua distribuição de tempo e energia em suas atividades. A necessidade de modelos esteve presente, pois o trabalho para tal transformação faz com que a mulher reviva sua história de identificações com a própria mãe e com outras figuras maternas e parentais. Dinorá também aprendia sobre si mesma,

enquanto aprendia sobre a segunda filha. Sendo assim, tornar-se mãe é um processo complexo vivido com cada filho.

### **Caso 2: Alice, Julio: Livia & Pietro**

*“Quem somos se aprende desde o berço, quem nos tornamos se aprimora no decorrer de incontáveis trocas”* (Cramer, 1997, p. 14)

Alice estava com 34 anos quando engravidou do segundo filho. A mãe possuía ensino superior em uma área ligada à educação e pós-graduação. Durante a gestação do segundo bebê, ela dava aulas em período parcial. Residia com o pai de seus dois filhos, havia seis anos. Júlio tinha 32 anos, ensino superior completo, era funcionário público, tinha uma especialização e havia iniciado o mestrado, logo após terem recebido a confirmação dessa gravidez. Contudo, dois anos antes de engravidar do segundo filho, o casal perdeu um bebê. Após ter se passado mais de um ano de tentativas, Alice usou uma medicação para auxiliar a ovulação. Decorridos três meses, ela engravidou de Pietro. Livia, a primogênita tinha 5 anos e frequentava a pré-escola. Era descrita como uma criança muito dócil e fácil de lidar. A família era de nível socioeconômico alto. A mãe era a filha mais nova, tendo 12 anos de diferença do irmão do meio e mais uma irmã, 14 anos mais velha que ela. Alice referiu que se sentia mais próxima de seu pai nesse momento, embora quando criança ele viajasse bastante. Sabia que fora um pai diferente para ela, do que com os irmãos, inclusive assumido parte de seus cuidados quando ela era bebê, como dar o banho e trocar suas fraldas. Sua mãe foi descrita como mais “*reguladora*”, mas também bastante presente, embora ela buscasse incluir mais as crianças em diálogos e nas rotinas da família, diferente do jeito de sua própria mãe. Lembrou que, enquanto crianças, não participavam muito das conversas e momentos junto como os adultos e os pais eram percebidos como distantes. A irmã velha também cuidava de Alice quando esta era bebê, pois já tinha 14 anos quando ela nasceu. Além disso, o convívio com os filhos da irmã e do irmão mais velhos foi importante para o seu processo de tornar-se mãe. Diversas vezes, ela referiu que auxiliava nos cuidados dos sobrinhos e isso lhe deu certa experiência no manejo com crianças. Os avós maternos moravam na serra gaúcha e já tinham sete netos. Alice, o marido e as crianças costumavam viajar nos finais de semana para estarem junto dos familiares da mãe. Júlio, o pai, era o primogênito, e também tinha dois irmãos. Os padrinhos da primogênita eram a irmã mais velha



da mãe e o irmão mais velho do pai. Com o nascimento do segundo filho, os irmãos mais novos do pai e da mãe seriam dindos também. A avó paterna tinha falecido havia poucos meses, ainda durante a gestação de Pietro. Ela estivera doente desde que a primogênita era pequena. O sogro passou a se envolver mais com os netos, após o falecimento da esposa. Alice havia sido casada pela primeira vez aos 19 anos, mas ficou viúva aos 20 anos. Quase dez anos depois conheceu o atual marido, namoraram por cerca de um ano. No momento em que o casal fazia planos para morar juntos, ela engravidou da primogênita. Então, decidiram fazer uma cerimônia na igreja e uma festa íntima para comemorar e oficializar a união para a família.

### **Gestação:** *“Foi uma revolução...”*

#### **1. Impressões sobre a maternidade de um segundo filho**

Alice falou sobre como se sentia grávida do segundo filho e das transformações em seu corpo, referindo que gostava do momento: *“sou vaidosa, eu gosto de tá magra e tudo mais, mas eu nunca tive restrições assim... eu me dou esse momento. Eu acho tão gostoso, tão curtido, que se eu tenho vontade de comer tal coisa eu vou lá e como... não queria engordar muito por causa das questões de saúde do bebê, minhas, mas não fiquei preocupada, vou ficar gorda, vou ficar bunduda, isso. Meu marido gosta de dizer o tempo inteiro que eu tô de 9 meses na barriga e 8 meses na bunda... realmente assim, isso não me importa, não me incomoda. Eu tô curtindo esse momento... Claro que eu tenho as minhas preocupações, eu passei creme na barriga e no seio a gravidez inteira...”*.

Devido à particularidade da história de Alice, que perdeu um bebê, antes dessa gestação e levou um tempo para conseguir engravidar novamente, a mãe relatou que tinha receio de dar a notícia à família, logo que soube através de um teste de farmácia, pois temia perder o bebê novamente. A mãe preocupou-se também com a reação da primogênita e preferiu aguardar mais tempo para contar a todos, conforme combinado com o marido: *“E ficou uma situação assim: ‘não vamos falar muito, porque se a gente perde de novo’...”* Após a confirmação pelo exame laboratorial que foi feito duas vezes, conseguiram compartilhar a notícia com a família: *“E aí todo mundo faceiro, curtindo”*. O cunhado que era obstetra chegou a predizer que seriam gêmeos, pelo número elevado do HCG: *“Tá muito alto o teu HCG... e como eu fiz uma medicação induzindo a ovulação tinha uma grande tendência a ser gêmeos, né? Então aí até eu fechar 8 semanas, a brincadeira era que eram gêmeos... A gente foi meio que absorvendo um pouquinho essa ideia. Eu tava com medo, o Júlio*

*também. Aí fizemos uma eco, lá na praia, de férias e ele disse que era um só. E o Júlio disse ‘Procura que deve ter outro aí, doutor’. Aí ele disse: ‘não tem é um só.’” Depois de saberem que era apenas um bebê que ela esperava, o segundo filho, a gestação transcorreu bem nos dois primeiros trimestres. Ainda assim, Alice sentia-se ansiosa devido à perda anterior, em especial, durante os primeiros meses: “fiquei um pouco ansiosa até fechar o primeiro trimestre. Até passar aquelas nove semanas, quando eu tinha perdido o anterior, né? Mas eu não tive nenhum sangramento, nem os sintomas diferentes, nada do que eu tive naquela perda. Então foi uma gravidez assim super tranquila, né, da Lívia, eu até tive um pouquinho de sangramento no início, nessa não teve nada, foi assim tranquilo o tempo todo”.*

A mãe relatou alguns sentimentos diferentes tanto ligados a questões físicas como emocionais. Alice sentiu-se menos disposta, mais cansada, nessa gestação em comparação com a da primogênita: “Tive mais sono, mais cansaço, mais preguiça, mais do que da gravidez da Lívia, acho que a minha disposição na outra gravidez era muito maior, era o pique maior”. E também mais nostálgica por ser o último filho: “nessa gravidez, eu me sinto mais nostálgica: ‘ah, vai ser a última gravidez’, é um momento muito gostoso. Eu fiquei agora com medo quando eu tive essa coisa do repouso, eu realmente não esperava”.

Algumas diferenças foram relatadas por Alice, que se sentia mais cansada nessa gestação, pelo tempo que transcorreria desde a gravidez da primeira filha, quando ela trabalhava em turno integral: “Ah, é diferente do primeiro, uma situação diferente. Em termos de gravidez, fisiologicamente, eu me sentia mais cansada. Eu tinha vinte e nove na primeira e trinta e quatro na segunda. Foram cinco anos de diferença. Eu achei que fosse encarar tudo mais tranquilo... Nessa eu já tinha mais cansaço, pesava as costas, os pés. Era um cansaço físico maior”. A mãe, contudo, salientava o prazer que sentia em estar grávida, pois gostaria de ter mais filhos, contudo chegou a um acordo com o marido de que dois seria suficiente: “Em termos assim de prazer, era uma coisa que eu queria muito. Aliás, eu gostaria de ter 3, 4, 5... E a gravidez em si é uma coisa muito gratificante. Eu gosto muito desse momento de estar vivendo, na barriga isso tudo. E muita nostalgia, eu tinha saudade da barriga da Lívia: ‘ai, que saudade da barriga’. E conversando com o meu marido: ‘ah, agora a gente faz uma vasectomia e encerra’. Eu digo: ‘ah, não quero’, disse ‘ai amor, vem aqui olhar a barriga, porque depois não vai ter outra, tu não quer mais, né?’. Ele disse: ‘três fica demais, dois tá bom’ e hoje em dia, a gente fica muito preocupada, quer dar muita coisa para eles. Então assim, psicologicamente eu me senti muito bem, né, tranquila, apesar daquela perda”.

O segundo filho parecia ser uma nova oportunidade de realizar o que a mãe não teve com a primeira, em termos de um parto normal: *“tô tranquila em relação a isso, apesar de saber que eu preferia um parto normal essa vez. Como ele tá lá embaixo encaixado, a tendência para o parto normal é grande”*. Embora, algumas contradições fossem relatadas: *“agora então eu já não fiquei assim me programando para um parto normal”*. A mãe retomou que o parto da primogênita não foi como esperava e que havia o desejo de que o parto do segundo filho fosse diferente, mesmo comparando, parecia não querer gerar tanta expectativa para o segundo: *“é eu ia encarar numa boa e eu queria muito o parto da Livia sem analgesia... Por isso que eu fiz ioga, respiração, exercício de concentração, eu fiz todo um preparo, no fim não deu nada disso. Eu fiquei um pouco chateada, mas fiquei feliz com o resultado que era a Livia saudável... Agora vai ser o que for melhor para ele e o que o médico achar... E eu não fiquei me pré-parando para alguma coisa. Se for uma cesárea, honestamente assim... aquilo me desagrada, mas eu não tenho o que fazer... Eu disse ‘bom, eu tô entregue, a ordem é de vocês dois, vocês dois é que mandam’. Tu vê o que ele quer e faz, o que ele permite. Então assim, eu não tenho muita ansiedade assim em relação a todo o processo, tô tranquila, esperando”*.

Alice ainda não conseguia se imaginar como mãe de um menino, pois seria uma experiência diferente da que teve com a primeira filha: *“eu não conheço ainda a Alice mãe de menino, acho que vai ser uma mãe nova, vai ser uma interação diferente, tanto que eu brincava assim que uma menininha a gente cuida que tem que fazer a higiene, que não pode sujar a vagina... E a minha sobrinha disse: ‘ai, com menino é tudo mais fácil’... imagino que vou viver uma situação diferente, mas em termos assim de maternidade, de cuidados, de carinhos, devo ser a mesma mãe”*. O novo que ainda estava por chegar trazia também alguns questionamentos à Alice, quanto ao que poderia fazer ou não com um menino: *“existe alguma coisa que eu possa fazer com a menina que eu não deva fazer com o menino, do tipo assim, muito beijo, muito amasso, muito carinho? Ai não quero nem saber, filho é filho, assim igual... mãe é mãe igual, é carinho, é amor, quer amassar, quer apertar”*.

Outro fato destacado pela mãe era o de ter tido seis sobrinhos, já sendo tia desde os nove anos, o que lhe conferia mais tranquilidade: *“Então eu sempre fui uma mãe, com tranquilidade mesmo”*. Ela sentia-se segura para o manejo e os cuidados do bebê, por já ter tido experiência com várias crianças da família: *“muito tranquila assim de manuseio, de cuidado, já tinha dado banho em milhares de sobrinhos. Eu não tinha medo de dar banho... dei banho em todos os meus sobrinhos desde que eu tinha dez... não tinha medo de manusear a criança, de trocar... já tive a minha que é a Livia, com o Pietro vai ser muito semelhante”*.

O que preocupava Alice eram as coisas novas que poderiam surgir pelo fato de o segundo bebê ser um menino, o que não era tão familiar: *“algumas preocupações que eu tenho... Menino regurgita mais, tem que cuidar. O bico do seio, a Lívia rachou muito pouco o meu bico do seio. Eu agora tomando banho me dei conta... Bom, mas o meu bico já não é mais o mesmo. Não é aquele virgem da primeira vez com aquela pelezinha, agora ele tem outra pele já mais grossinha, mais escura. E o Júlio disse: ‘mas guri é muito mais voraz’, é normalmente guri é mais voraz. Bom vou ter que controlar na hora se vai rachar ou não vai. São algumas coisas que a gente pensa, mas também não tem como medir”*.

### 1.1 Criar espaço para receber o segundo filho

Alice estabeleceu um ritmo diferente para criar o espaço desse bebê. Os preparativos para a chegada de Pietro também tiveram que esperar mais do que os da primogênita: *“emocionalmente, assim, uma coisa que eu percebi, uma diferença é que na gravidez da Lívia, eu vinha preparando as roupinhas, desde lá muito no início. Até que nessa eu comecei um pouco mais tarde. Talvez pelo medo de perder ou não perder, vai ou não vai. Aí comecei a preparar as roupinhas e vai tudo bem”*. Muitas das diferenças apontadas nessa gestação foram bastante influenciadas pela experiência de ter perdido um bebê, através de um aborto espontâneo e do repouso que teve que fazer ao final dessa gravidez: *“quando eu entrei de repouso, o quarto dele aqui do lado é um escritório, não tinha nada, nada... foi a correria, e aí deu uma semana tava tudo pronto, de medo que ele nascesse... na primeira gestação eu tive uma ansiedade diferente de ver tudo pronto mais cedo... Na segunda tu tem um pouco mais de tempo apesar de ter ficado mais sob pressão quando eu entrei em repouso, mas no fim deu tudo direitinho”*.

Ao descrever as adaptações feitas na casa para acolher o bebê, a mãe disse que *“foi uma revolução”*, pois o terceiro quarto da casa era usado como escritório dos pais: *“Uma revolução. Nós tínhamos três quartos: o nosso, da Lívia e o terceiro quarto era um quarto de hóspede com escritório”*. Com a proximidade da chegada do bebê, a família havia pensado em se mudar, mas isso não foi possível naquele momento: *“E aí chegou o Pietro. Então passamos por um período procurando um apartamento maior que tivesse uma dependência de empregada, para na dependência montar o escritório... procuramos muita coisa, achamos muita coisa, mas nada valia à pena. Como o apartamento é antigo, o tamanho dele vale à pena... acabamos optando por ficar aqui, mais ou menos até um ano que é quando a criança exige mais espaço realmente e aí vai precisar de pátio, de outras coisas... E aí, e o escritório. Onde é que a gente vai botar tudo isso”?*

Assim, a família teve que fazer uma série de adaptações para criar o espaço do quarto de Pietro: *“não é porque é o segundo filho que vai ser enjambrado. Eu quero quarto, quarto!... não quero computador aparecendo no quarto dele, eu quero um quarto de nenê... a gente desmontou o escritório inteiro... foi um monte de coisa fora, foi um monte de coisa para a casa da avó do Júlio”*. Essas adaptações fizeram com que a mãe se desse conta das diferenças entre os preparativos para a chegada da primeira e do segundo filho. Mesmo com o repouso ao final da gestação, Alice acabou se envolvendo mais com os preparativos do quarto de Pietro e com a *“revoluçãozinha”* que estava por vir: *“até é uma diferença. Quando foi a Livia que nasceu, a gente ganhou da minha cunhada, que tinha recém parado de usar o berço e a cômoda... O quarto a gente mandou pintar, nós mesmos colocamos a borda, enfeitamos, eu fiz cortina, fiz decoração... Já o do Pietro, compramos os móveis... no fim, acho que eu me envolvi muito, mais na elaboração do quarto do Pietro do que da Livia... Teve um envolvimento, mesmo que eu tava de repouso e foi tudo por telefone e foi tudo muito rápido. Então teve essa revoluçãozinha na rotina da casa”*.

A mãe lembrou que a primogênita já tinha uma certa independência por estar com 5 anos, o que favorecia espaço e tempo para cuidar de interesses pessoais, mas a proximidade da chegada do segundo filho a fazia pensar que ela passaria por um novo período de dedicação ao bebê: *“Com o Pietro a gente vai voltar um pouco para essa fase, um bom período de dedicação que a gente vai fazer em relação a ele. E é uma coisa que a gente queria muito, não é uma coisa que vai atrapalhar ou que vai ser um problema, que vai perder, né”?*

## 1.2 Comparações

Ao longo das falas de Alice, muitas comparações foram feitas, com base na experiência de ser mãe da primogênita. Destacaram-se algumas preocupações com as diferenças que poderiam vir com o segundo filho, pelo fato de a primeira menina ser uma criança muito fácil de se lidar: *“Como a gente tem uma menina e a Livia é uma menina muito doce... a gente consegue conversar muito bem com ela, ela é muito dócil, ela atende... com 45 dias dormia a noite inteira. Ela tirou o bico com muita facilidade, ela tirou a fralda com muita facilidade. Então foi tudo muito fácil, muito tranquilo, né”?* As características de gênero já passaram a ser observadas, quando uma sobrinha de Alice, teve um menino, na mesma época em que nasceu a primogênita e que era *“um terror”*. Além de aumentar as comparações, o convívio com esse sobrinho, fazia com que pensassem que o segundo filho poderia ser mais difícil e se iniciou o esboço das diferenças que poderiam vir: *“É a gente passou por um período pensando: ‘bah, será que agora vai ser como todos os meninos que a gente*

*escuta por aí? Que são um terror, que sobe, que desce, que desmonta, que corre, que pula'. Bom ele vai ser, vai ter que ser. Claro que o ambiente auxilia, a gente vai ter que por limites, vai ser mais exigente do que com a Livia. Talvez seja mais fácil, mais difícil, não sei, mas é o nosso filho e pronto... bom, são duas crianças diferentes". O maior temor da mãe era de que não fosse tão fácil de se lidar com o segundo filho, como era com a menina: "a gente tinha uma certa temeridade, como vai ser manusear o próximo, né? E tem aquele folclore de quando um é tranquilo, o outro é um terror. Então tudo isso passava pela cabeça da gente".*

Ao descrever o segundo filho, a mãe recorreu a mais comparações com a primogênita, para destacar o quanto o menino parecia ser mais ativo e maior do que a irmã: "*é muito mexerico... em termos de movimentação na barriga ele é muito mais ativo do que a Livia, eu digo que ele é todo durinho, fortinho. Eu brinco que ele deve ter uma bola de futebol, vídeo-game, alguma coisa lá dentro, porque a Livia tinha movimentações, movimentava, sacudia o pezinho... será que eu não lembro mais, será que é porque é outra gestação, passou cinco anos. Mas ele é muito mais ativo do que a Livia, então assim, é bem essa impressão... de que ele já é maior do que ela, ela nasceu pequeninha, ela vai nascer maior do que ela".*

## **2. Expectativas e sentimentos quanto ao segundo filho**

Ao falar das primeiras ultrassonografias a mãe relembra a emoção que sentiu e a curiosidade para saber se teria gêmeos: "*Nós estávamos muito curiosos para saber se eram dois ou não. Então foi super legal".* Apesar da perda do bebê anterior ter causado impacto na mãe, gerando a fantasia de que pudesse estar grávida de gêmeos, ela afirmava não ter temores em relação a possíveis problemas de saúde desse filho: "*eu realmente não tenho assim incubações, nem na gravidez da Livia... se vai ser normal, não vai, tem isso, tem aquilo. Me sinto até meio estranha porque muitas mães ficam com essas coisas e eu não tinha esse medo".* Embora afirmasse não temer alguma malformação, ela comentou uma ultrassonografia em que se assustou, pois pensou que o coração de Pietro não estivesse batendo: "*tinha uma mancha escura que eu imaginei ser o coração, mas não tinha movimento e eu fiquei 'ué, mas como assim esse coraçãozinho'? E aí já me deu um frio na barriga, ele disse 'não, esse é o abdômem'... Aí subiu depois, tava lá o coraçãozinho ... Mas em geral a ecografia é mais curtição do que apreensão".*

Ao saber do sexo do segundo filho, a mãe lembrou que queria um menino e o marido uma menina, por temer a "hiperatividade" dos meninos. Alice, porém, expressou sua ambivalência, considerando que seria mais fácil ter outra menina. Assim, o menino foi considerado uma "aventura diferente" para a mãe: "*é um*

*menino, é uma aventura diferente para nós e se começou a adaptar a situação, começamos a curtir o fato de ser um menino. E aí eu comecei assim a me dedicar a comprar roupinha. Porque eu não tinha comprado nada, porque não tinha definido o sexo... realmente passei a curtir muito aquilo... tudo azul, tudo de menino, comprar carrinho, boné, queria viver uma situação diferente... daí eu pensei: 'bom, mas poderia ser uma menina também, mais simples, mais fácil' ..."*

Ao receber a confirmação de que teria um filho homem, Alice sentia que seria uma interação diferente e algo novo para a maternidade: *"E eu por um tempo fiquei assim: 'ai, meu deus, vou ser mãe de guri, como é que será ser mãe de guri, né'? Mas a relação que eu conheço dele, dessa movimentação que ele é muito mais movimentado. A curiosidade de ver a carinha dele. O carinho. E eu comecei a me dar conta assim de uma interação diferente"*. Além disso, Alice relatou conhecer situações em que o marido tinha ciúmes do filho homem e passou a pensar na sua própria experiência: *"será que vai ser diferente com o Pietro? Nunca percebi nada no Júlio e comecei a pensar em mim, como é que eu tô agora que é um guri... e eu fico tentando me olhar, será que eu tô igual ou será que eu tô diferente da Lívia, até porque é guri... eu conheço ele da movimentação, dos hábitos dele, movimenta mais tal hora da noite, tal hora do dia... ainda é assim que eu conheço ele. Eu tenho a impressão de que ele tem o nariz mais larguinho pela eco, tem o lábio mais carnudo pela eco. São impressões que a gente vai adquirindo"*.

Todas as impressões sobre o segundo filho, foram muito baseadas no fato de ele ser um menino: *"Eu espero que o Pietro seja bem ele, bem menino... seja um pouco moleque, sapeca, de aprontar de fazer as sapequices de menino, assim, que ele curta as coisinhas dele, que ele seja uma criança muito feliz, saudável"*. As expectativas para Pietro também eram pautadas na experiência com a primogênita: *"eu quero que ele seja um gorducho muito fofo.. que ele seja uma criança feliz que nem a Lívia"*. Contudo, a experiência de tornar-se mãe de um segundo filho só se completaria com a chegada do bebê, quando se iniciasse a interação com Pietro: *"vou ser uma mãe muito parecida, mas não consigo assim definir ainda, vai ser na hora que eu enxergar ele e iniciar uma interação com ele"*. Quanto às características individuais do segundo filho, a mãe voltou a ressaltar as diferenças de gênero: *"dentro do que é correto conduzir os dois e acho que vai aparecer diferenças na personalidade deles, como são sexos diferentes, vai ter essa diferença"*.

A mãe imaginava o segundo filho, fisicamente parecido com a irmã, embora o considerasse um bebê maior. Também esperava que ele herdasse os olhos claros do pai: *"acho que ele vai ser muito parecido com a Lívia, eu tenho essa*

*impressão pela eco que eu vejo, eu acho que ele vai ser maior assim, mais gorducho. Eu gostaria que ele tivesse o olho do papi.. Eu brinco com o Júlio: ‘porque é que tu não deu os olhos para a Lúvia’? E o Júlio tem, ele e a irmã têm olhos verdes e o irmão tem olho azul... imagino assim ele fofinho, gorduchinho, bem bochechudo”. Já em relação às características emocionais e de temperamento, a mãe o imaginava diferente da primogênita, embora quisesse que ele também fosse calmo: “teve essa fase que eu imaginei que ele seria muito mais ativo, que ele não fosse ser tranquilo como a Lúvia. Depois eu comecei a pensar: ‘bom, cada criança é uma criança, tem um ritmo’, e seguindo assim os fatores ambientais da primeira gravidez, ele teve os mesmos fatores... pode ser uma criança tão tranquila quanto a Lúvia”.*

As aspirações para o segundo filho foram descritas por Alice em termos de preocupações com o futuro: “*eu não gostaria de nenhuma doença, de nenhum sofrimento, de nenhuma privação sentimental ou financeira*”. Isso também se ligava às diferenças de gênero entre os filhos: “*Menino é uma questão, como é que vai dar limites. Menina ainda consegue segurar mais, o menino a sociedade é que solta mais e tu pode segurar ou não pode... na verdade eu espero colocar em prática... a vida não poupa a gente, então não adianta. Mas que ele possa enfrentar as coisas numa boa... como a gente vem enfrentando se tiver alguma problemática*”.

### **3. Relação com a própria mãe**

Alice não morava na mesma cidade que seus familiares, então organizava sua rede de apoio com amigas, a empregada e o sogro: “*eu sou a ovelha negra fugida... Meu pai que diz isso, eu realmente não fugi, se eu pudesse, eu não me oporia a voltar, eu gosto de lá, eu gosto daqui*”. Mesmo morando longe, Alice costumava viajar com os filhos e o marido para estar próxima dos pais, nos finais de semana: “*a gente viaja bastante, os meus pais moram em C., eles tem casa na praia e na serra. Então eles estão em um desses três núcleos. E eu sou muito grudenta de pai e mãe... meu pai também, que o sonho dourado deles é que eu voltasse a morar pertinho. Eles têm assim uma dor que eu estou aqui, que os netos estão aqui, que não podem ver todo dia, como eles vêem os outros e tudo mais. Então a gente vê muito eles, todo final de semana e como os lugares em que eles moram são lugares bem gostosos e pitorescos, a gente se desloca para lá para ter um pouco de lazer... E é onde meus irmãos também estão... os meus sobrinhos*”. Contudo, em alguns finais de semana, eles ficavam na cidade, a fim de conviver com a família do marido: “*a gente vai ao parque com a Lúvia, passeia com ela, almoça com o meu sogro, com a minha cunhada ou faz almoço aqui com eles também, procura trazer o outro lado da família junto. Tem alguma razão para ficar... tem um aniversário, uma atividade, por haver alguma coisa da escola*”.



Aliado ao fato de a mãe de Alice morar no interior do Estado, mesmo com visitas aos finais de semana, a avó das crianças não estava tão presente fisicamente nesse momento, mas nas memórias da mãe várias lembranças foram resgatadas. Foi lembrado fato de ela ser a filha mais nova, como seria o segundo filho, assim como as perdas de bebês que a mãe de Alice sofreu: *“a minha mãe perdeu cinco filhos, cinco gestações entre o meu irmão e eu que sou a última. Então foram 12 anos e sempre com esse tipo de situação. Era outro problema fisiológico que ela tinha, mas ela ficava de repouso absoluto”*. A mãe também fez repouso em sua gestação: *“Na minha gestação ela ficou de repouso desde que descobriu que tava grávida, até que eu nascesse”*. E o fato de Alice estar de repouso também mobilizava a preocupação de seus pais: *“ela e o meu pai ligavam dia e noite: ‘tá de pé? Onde é que tu tá?... Quem é que atendeu o telefone?’ ‘Mas, eu tô bem, mãe’. ‘Tá deitada?’ ‘Tô’ ‘Mas tu levantou para ir no banheiro?’ ‘Levantei’. E eles me dizem: ‘teu pai me levava no colo para almoçar na mesa... para ir ao banheiro’. Digo: ‘mãe, mas não é o meu caso’... tinha esse estresse, esse movimento deles que não sei se me influenciou, mas eu estava tranquila, eu sabia dos limites”*.

A família de Alice recebeu muito bem a notícia de um novo bebê, mesmo com as preocupações ligadas ao repouso: *“A minha família recebeu super numa boa... E a minha mãe preocupada assim quando eu entrei em repouso e o resto da família curtindo”*. Tanto ela como o marido têm dois irmãos, que seriam padrinhos do segundo filho: *“Então todo mundo estava esperando a chegada do Pietro para os outros irmãos serem dindos também”*. Além disso, o fato de ser um menino era festejado por todos, pois mesmo tendo sete netos, o único homem já tinha 25 anos: *“os meus pais têm sete netos, tudo menina, o segundo mais velho é menino só, por isso vem a cobrança... Aí quando eu engravidei da Livia era menina ... e agora: ‘ah é o Pietro!’”*

A reação dos familiares do marido foi bem diferente da dos de Alice, pois o falecimento da sogra tinha ocorrido há poucos meses: *“a família do Júlio estava num momento muito crítico assim”*. Ela teve uma doença degenerativa que a impediu de se aproximar inclusive da primeira neta. Isso acabou repercutindo também no momento da gestação de Pietro: *“a gravidez era uma coisa meio ambígua. Eu acho que todo mundo curtiu, mas todo mundo estava num momento de luto. Mesmo com a descoberta da gravidez... o foco era mais ela. Então acho que a família tava curtindo, curtiu o que pode. E depois que ela faleceu parece que o foco melhorou, um pouquinho eles puderam... de repente meu sogro botou a mão na barriga, conversa com o Pietro. A gente tem uma intimidade eu e ele, ele se sente à vontade para fazer isso, e antes ele estava muito envolvido com ela, era ele quem cuidava dela”*.

As perdas recentes na família, tanto da sogra, quanto do bebê anterior, bem como o histórico da mãe de Alice, a mobilizaram muito, também em relação à primogênita. Mesmo delegando mais funções de cuidado ao marido, durante a gestação, a mãe mostrou-se preocupada com as reações da primeira filha, deixando-a escolher inclusive o nome do bebê. Alice passou a refletir sobre como se relacionava com a primogênita, pela proximidade que elas tinham. A mãe se mostrava tranquila com a reação da filha à gestação: *“para a gente ela tava tão bem, foi tudo tão tranquilo... ela, como sempre, é muito light”*. Segundo Alice, a filha não demonstrava ciúmes: *“ela nunca demonstrou ciúme. E ela vai ter inevitavelmente e eu espero que ela demonstre o quanto antes, não só depois que ele nascer”*. Entretanto, quando Alice precisou fazer repouso, a menina passou a apresentar mais demandas de cuidado e comportamentos regressivos: *“nós pegamos no sono e ela acabou ficando, porque ela realmente não tem o hábito de dormir na nossa cama. É uma coisa assim de meio megera, de não permitir, mas eu sempre deixei muito claro para ela os espaços. Essa aqui é a tua caminha, o teu espaço... Ela não acorda para pedir de noite, não pula na nossa cama, como eu pulava... Mas, ontem ela pediu, disse ‘ah, não vou negar, uma vez na vida não tem problema, né’? Então ela veio e fez xixi na cama da gente”*. A mãe também destacou sua preocupação com as reações da primogênita a essa gestação, devido à perda anterior, em que a filha perguntava pela *“maninha”* e queria saber quando ela ia chegar, mesmo antes de a mãe saber que estava grávida. Depois, Alice teve que explicar que a maninha *“não cresceu mais”*. Nessa gravidez foi diferente: *“Do Pietro... nunca falou meu maninho tá chegando. Quando a gente contou para ela que estava grávida aí ela disse que ia ter maninho, que queria ver a barriga, não sei o que lá, perguntou se esse ia crescer ou não”*.

#### **4. Relação com o marido**

A mãe percebia mudanças no casamento ligadas à gestação, em especial devido ao repouso: *“a gente passa por um período assim, mais mãe do que mulher”*. Assim, a relação de apoio e acolhimento com o marido se intensificou na gravidez de Pietro. Alice passou a receber mais atenção de Júlio: *“mudou assim em termos de atenção, de dedicação dele em relação a mim nesse momento. É questão de saúde mesmo, de cuidado: ‘tá se sentindo bem, não tá, como é que tá, doeu, quer descansar? Deixa que eu faço isso para ti’. Coisas que se eu não tivesse grávida, ele não se preocupa tanto”*. Essa maior dedicação foi destacada por Alice como algo que os aproximava e a fazia sentir-se bem naquele momento, em que recebia atenção em dobro do marido: *“gravidez é um momento muito bom para a mulher, porque o marido fica tão querido... a dedicação, o carinho, a curtição, a atenção com a gente dobra.*

*Então é uma coisa que a gente se sente muito bem, porque eles se sentem muito focados na gente, por estar carregando o nenêzinho ou até por realmente gostar da gente, eu acho que mistura as duas coisas, mas eu percebo uma dedicação dele, uma preocupação dele maior nesse momento porque eu tô grávida”. A preocupação do marido se intensificou com o repouso ao final da gestação: “ele ficou atucanado com a possibilidade do que pode acontecer”.*

Devido ao repouso, Alice esperava um envolvimento um pouco maior do marido com a primogênita: “até esperava que a interação dos dois fosse um pouco maior. Agora, como eu tô de repouso, ele tem que buscar, ele tem que levar... Eles têm interagido um pouco melhor... me retirei um pouco... e aí ele começou a desenvolver algumas coisas com ela que não sei, por falta de espaço, às vezes, tu não te dá conta e vai tomando os espaços realmente, né”? Mesmo esperando mais apoio do marido com a filha, Alice notou que passou a existir um envolvimento ainda maior de Júlio com a primogênita, durante a gestação do segundo filho, o que fazia Alice pensar que ele também seria um bom pai para Pietro: “ele é um paizão com a Livia e eu acho que ele vai ser um paizão com o Pietro também... eu vejo ele bem envolvido curtindo bastante assim, talvez um pouco apreensivo”. Alice percebeu que o fato de ter o segundo filho e as novas responsabilidades que viriam com mais uma criança, motivaram o marido a buscar novas possibilidades de aumentar a renda familiar: “as duas gravidezes que eu tive motivaram ele a novos movimentos... tanto de trabalho, empreendimentos mais arrecadação, sabe, dá uma impulsionada nele. Quando eu engravidei do Pietro ele começou numa hora, vou montar um escritório, vou montar um negócio próprio... e realmente ali parece que anda tudo. Então assim, eu acho que serve como um movimento motivacional, a responsabilidade que ele nunca projetou e aí aparece. Então eu acho que ele curte, curte muito e tá tranquilo... Ele se preocupa financeiramente”.

A mãe se surpreendia com essas atitudes do marido, que também se transformou ao tornar-se pai: “Ele me surpreendeu assim como pai, ele sempre dizia quando eu conheci ele, que ele achou que não fosse se formar, casar e muito menos ter filho. Não tinha esse projeto”. Agora, com dois filhos, o tempo para o casal diminuiria e as questões parentais se intensificariam: “a gente brinca que ter dois filhos ainda dá, três fica fora de controle, porque o pai olha um, a mãe olha o outro e o terceiro fica fora de controle sempre. Então agora a gente sabe, se um está com um, o outro vai estar com o outro. Provavelmente vai dar menos tempo para nós dois, mas a gente vai ter que criar esse tempo”.

Alice apreciava a curtição do marido e sua participação nesse momento, além da interação dele com o bebê na barriga: *“a gente vinha tentando já engravidar há bastante tempo, acho que ele curtiu e ele participa muito assim das consultas, das ecografias e tudo mais. Ele curte muito a barriga. Chega em casa bota a mão na barriga, quer saber se tá mexendo e se não tá, como é que tá. E conversa com o nenê, e é incrível assim, uma coisa que a gente não consegue explicar é a interação”*. A mãe percebia que o bebê reagia à chegada do pai e correspondia aos toques na barriga e o marido gostava: *“Eu estava dormindo, conseqüentemente eu imaginava que o Pietro também... e ele chegava e vinha devagarzinho colocar a mão na barriga e começava certo. É só ele encostar que o Pietro cutuca... é impressionante tu ver isso, né? Botar a mão e cutucar, onde está o pai, né, então é muito gostoso de ver. Então eu acho que o Júlio gosta muito desse momento também”*.

A mãe passou a solicitar que o pai se envolvesse mais com a primogênita, propiciando que ele também interagisse mais com a menina, embora a filha fosse mais ligada a ela: *“ele tinha que tomar alguns espaços... daí eu comecei a incentivar ele a tomar um pouquinho dessa relação, né? Então a gente interage super bem entre os três. Na verdade, eu tenho que admitir que ela tem uma preferência... é sempre comigo... ultimamente, ela diz assim ‘ah, vou tomar banho com meu pai’, ‘ah, então tá, vai tomar banho com o papai’... Não sei se ele se ressentente... dessa preferência, porque ela explicita... Eu digo pois é, nem sei como ele se sente”*.

**6 Meses:** *“um mais um não são dois, um mais um é um batalhão!”*

### **1. Impressões sobre a maternidade de um segundo filho**

Ao falar sobre si, no momento em que o segundo filho estava com seis meses, Alice recorreu à frase de uma amiga para descrever o momento: *“tenho uma amiga que sempre diz que: ‘um mais um não são dois, um mais um é um batalhão’!”*. Contudo, mesmo estando bastante atarefada e preocupada em atender às demandas, ela dizia não sentir como se tivesse que dar conta de um batalhão: *“me sinto bastante atarefada, eu me sinto assim uma mãe preocupada em atender as demandas deles... Eu me descreveria como uma mãe preocupada... mas não tenho essa sensação de que são dez, que são um milhão, de que tu não consegues dar conta... não adianta ficar tão estressada!”* Ainda assim, o cansaço e a exigência aumentaram, fazendo com que algumas vezes ela tivesse que se desdobrar para atender aos dois filhos ao mesmo tempo: *“não tem muita alternativa, então assim, eu me sinto exigida sim, às vezes me sinto cansada... pra poder atender os dois ao mesmo tempo, pra poder administrar um pouquinho isso, mas a demanda é pesada sobre a gente realmente, e é*

*uma realidade, não tem o que fazer, se tu não quer viver essa demanda, se te cansa tanto, então não tenha filhos né, porque não tem opção”.*

Alice, mesmo sendo exigente consigo mesma, percebia-se como uma mãe que fazia o possível, para não se sentir frustrada por não dar conta de tudo que envolvia os cuidados de duas crianças: *“me enxergo assim como uma mãe que tenta fazer o que é possível. Né, não fico imaginando o impossível porque não dá, e às vezes me frustro sim, eu tenho uma certa exigência comigo mesma, de algumas coisas que eu gostaria que acontecessem. No início eu me frustrava mais, e agora eu aceito um pouquinho mais essa frustração, não deu, vou tentar fazer amanhã, vou tentar resolver depois”.* Mesmo estando mais atarefada, descrevia-se como uma mãe feliz e realizada por ter um filho menino e uma filha menina, o que a permitia experimentar diferenças na maternidade: *“me sinto mais atarefada, realmente, e feliz porque são sexos diferentes, poder experimentar um pouquinho de cada um eu achei muito legal isso, e bem realizada como mãe assim, eu queria muito ter filhos... eu gostaria de ter mais, mas vamos ficar em dois só. Então me sinto bastante realizada como mãe assim, e mãe de dois, até assim ‘ai que legal sabe, quantos tu tem? Eu tenho dois’, sabe assim bem orgulhosa: ‘tenho dois filhos, um guri e uma guria’... bem legal isso!”.*

As tarefas ligadas à maternidade e o envolvimento com os cuidados cotidianos do bebê eram apreciadas pela mãe: *“É uma coisa que eu gosto muito... Eu gosto muito da fase bebê, maternidade é uma coisa que eu sempre quis muito. Então assim eu me sinto muito bem, mesmo com a fase bebê”.* Alice reiterou que gostava muito desse tipo de envolvimento que *“não tem replay”*: *“A amamentação é muito gostosa... imagina se eu não vou dar mamá para ele, eu vou dar porque depois termina, não tem replay. Eu sempre digo isso para que vai ser mãe, não tem replay, não deixa para depois, porque não volta... gosto muito de amamentar ele, de fazer ele dormir, de olhar ele dormindo. E de observar ele, essas coisas em geral eu gosto de fazer”.*

Saber que esse seria seu último filho deixava Alice nostálgica: *“é muito gostoso ter um bebê de novo, eu já fico nostálgica porque não haverá mais uma vez, o bebê, eu por mim teria mais. Então eu já fico nessa certa nostalgia”.* Ao falar da amamentação, a mãe lembrou também da experiência com a primogênita, porém sentia que esse momento era diferente: *“eu imaginava reamamentar a Lúvia, imaginava que seria a mesma carinha, o mesmo jeitinho, as mesmas coisinhas... Eu nunca senti assim voltou a Lúvia pequena, é uma situação estranha. Eu tinha, eu imaginava assim que eu podia pensar isso, ou que eu podia reviver algum momento, não nunca... Eu nunca enxerguei”.* Mesmo gostando de amamentar, Alice já expressava preocupação quanto ao desmame: *“Não gostaria assim de criar assim uma dependência*

daquele menino tirano assim que domina a mãe por esse lado. Mas não sei como vai ser”. Alice lembrou de amigas que alertaram sobre como um menino era mais exigente com a mãe e falou que não gostaria de ter uma relação em que o filho exercesse domínio sobre ela, expressando temor: *“Ah tu vai ver menino é muito mais exigente com a mãe, eles são muito mais grudados na mãe, porque ele vai querer só peito’... até um ano, nove meses, dez meses, ele só queria mamar, só queria peito. E pegava a mãe, chegava puxa a blusa, puxa, puxa, puxa, até não dar a teta, aonde tivesse eles não sossegavam... Mas esse tiranismo... Eu via algumas amigas com menino que eles eram tiranos assim, de querer a hora que querem, aí mordem... essa coisa assim eu não gostaria de ter essa relação”*.

O parto era visto como uma oportunidade de realizar o que não havia tido com a primeira filha: *“ele estava lá em baixo, encaixado, tudo direitinho... aí fui para o hospital, com contrações, que eu não senti nada disso na Lívia, com bastante contração. E uma coisa assim muito prazerosa para aquilo sabe, chego a me arrepiar quando eu lembro, porque assim era uma coisa assim que eu queria muito... E aí com contração aquela coisa assim vai doendo, mas ela dá e passa, some é meio mágico assim... Dá aquele aperto terrível, e some, tá inteira de novo, não tem mais nada”*. Porém ela não tinha dilatação suficiente e esse parto também não foi como ela esperava, frustrando a compensação que ela esperava pelo repouso: *“fiquei de repouso desde a semana 32 até a 36, porque ele encaixou a cabeça, apagou o colo do útero e aí só faltava dilatar. E era um bebê pesado e grande, então ele me colocou de repouso... Aí aconteceu o que eu não passei na gravidez da Lívia... aí ele foi a quarenta semanas e não nasceu... não dilatou, não forçou. Aí eu já não podia mais dirigir, por causa do barrigão... e ficava bastante trancada em casa, aí eu cansei”*. Com quarenta e uma semanas, a mãe acabou se submetendo a uma cesárea, pois o bebê estava com circular de cordão, exigindo um parto cesáreo.

Mesmo achando que estava sendo mais tranquilo ser mãe pela segunda vez, Alice se ressentia pela diminuição no tempo para estar com a primogênita: *“E o ser mãe pela segunda vez, foi mais tranquilo, não foi muito difícil na primeira vez, para mim com a Lívia... E com o Pietro foi mais fácil ainda. Eu não tive estresse, não tive problemas, foi tranquilo. E a única coisa que eu percebi, realmente: ‘Aí como é ter o segundo’?... Ah eu fiquei meio rachada assim, eu ficava meio doída, porque tu não tem mais a mesma disponibilidade do que para o primeiro”*. Assim, reiteradas vezes, o tornar-se mãe de um segundo filho, trouxe para Alice preocupações relativas ao tempo despendido com cada um e com a perda de exclusividade da primogênita, despertando ambivalência na mãe, que gostava do momento, mas não tinha toda

disponibilidade que gostaria: *“na maternidade da segunda viagem, é essa questão assim do tempo, realmente assim, de como administrar o tempo para um, o tempo para outro. E que na realidade o que eu queria era poder evitar que a Livia se sentisse assim... eles têm que sentir mesmo, que o mundo lá fora... não é exclusivo para eles, o mundo tem demandas diferentes, atenções diferentes. E ela começa a treinar isso em casa... meio que me conformava, mas eu ficava chateada de não poder dar a mesma atenção para ela. Então são coisas ambíguas”*.

Além da perda de exclusividade de ser mãe de uma filha única, as preocupações de Alice com a primogênita foram expressas em termos da possibilidade da filha regredir, como uma reação da menina à chegada do irmão mas, sobretudo, com a dificuldade que a mãe encontrava em não poder atender à menina das mesma forma que fazia antes da chegada do bebê. A mãe falou bastante das mudanças na relação com a primeira filha, ressaltando que mesmo com a crescente independência da menina, procurava continuar auxiliando a primogênita: *“procuro auxiliar ela nas coisas que ela precisa, é difícil, porque eu procuro desenvolver uma autonomia... mas eu não quero que ela pense que eu quero que ela fique autônoma porque eu não posso estar com ela... Então é um nozinho complicado né!... não quero que ela sinta que ela não pode exigir de mim”*. Alice sentia que não podia esperar uma compreensão total da filha, mesmo que ela fosse uma criança tranquila e fácil de lidar: *“ela entende, mas ela é uma criança... ‘até que ponto eu posso ficar exigindo essa compreensão dela?’... É tudo não posso... Estou dando de mamar, ou estou fazendo dormir, estou dando banho, estou trocando a fralda”*. Mesmo atribuindo à filha esse sentimento, percebia-se o quanto Alice também estava elaborando o novo momento da maternidade de dois filhos.

### 1.1 Criar espaço para o segundo filho

Mesmo com as preocupações com a divisão do tempo e da atenção, a mãe reafirmava gostar muito do envolvimento e cuidados do segundo filho. Ao se dar conta da diferença no ritmo do menino, a mãe demonstrava prazer em estar novamente com um bebê, pois sabia que esse momento *“não tem replay”*: *“foi indo numa boa, ele tem um ritmo diferente do que era o dela, eu também me adaptei mais ao ritmo dele assim, não que eu não tenha me adaptado ao ritmo dela. Mas eu me adaptei a este novo ritmo né. Então eu não achei tanta diferença, e para mim, está tranquilo. Só eu me ressinto um pouco, do ter que trabalhar determinadamente... ‘Ai que peninha, ai ele vai crescer, depois não tem replay’.*”

Alice afirmava que amava os dois filhos da mesma forma, mas sentia que a filha perdera o espaço que antes era só dela e da mãe também: *“a gente fica meio*

*ambígua de que o amor é dos dois, amo os dois igual e curto ficar com os dois igual. Mas a administração desse tempo é que me deixa ressentida, porque, às vezes, falta para um, falta para o outro... então isso eu senti*". Por outro lado, esse maior envolvimento com as necessidades do bebê que era mais dependente, fizeram com que a mãe voltasse a falar que se ressentia por não poder dar tanta atenção à primogênita, que percebia mais a falta por ser maior: *"o envolvimento com a rotina do segundo, acaba tirando, um grande pedaço do convívio com o primeiro"*. Assim, dividir o tempo para dedicar-se aos filhos foi considerada a maior dificuldade sentida por Alice, que precisava criar espaço para o bebê, com as maiores demandas advindas de sua chegada: *"essa é a maior dificuldade, administrar o tempo para que nenhum dos dois se sintam com menos dedicação do que o outro. O Pietro até na hora que ele dorme, tem vários outros momentos que ele não vai perceber a falta se está distraído... Quem percebe mais claramente é a Lívia... Mas o Pietro toma mais tempo que a Lívia"*.

## 1.2 Comparações

Embora a mãe dissesse não lembrar de todas as questões do desenvolvimento que acompanhou com a primogênita, surgiram muitas comparações em função do sexo ser diferente. O menino era percebido como mais ativo, com um rápido desenvolvimento motor: *"Foi interessante de observar assim porque muitas vezes, não lembro de tudo, de todos os fatores do desenvolvimento da Lívia... Então a gente ficou esperando por algumas demonstrações dele, sorriso, a gargalhada... a diferença que eu percebi em relação à Lívia... Ele é muito mais ativo... Ele tem o desenvolvimento motor muito rápido... comparando né. A Lívia eu trocava tranquila, esperava eu trocar, terminava de fazer, ela brincava. Ele não, ele quer brincar durante todos os momentos"*.

## 2. Relação com o segundo filho

Ao descrever o segundo filho, a mãe destacava seu tamanho, achando ele maior que os demais de sua idade: *"é um super bebê assim, em termos de tamanho, físico ele é bem avantajado"*. Além disso, Alice ressaltava o comportamento exploratório e a motricidade do menino: *"É um mexerico o Pietro... Ele pega e bota na boca, ele alcança, rola e puxa, busca o que ele quer... estava sentado na minha cama, todo rodeado de almofada, porque ele rola e sai fora... No segundo seguinte que eu olhei ele estava ao contrário... Então ele se gira assim sabe de barriga. Ele é muito rápido"*.

Com base nessa maior atividade, a mãe já identificava um jeito determinado e demandas claras por parte do segundo filho, que passava a demonstrar que queria mais atenção: *"é bastante ativo. Ele tem demandas bem*



*claras... é bem claro no que ele quer assim. E gosta de ser atendido, não muito demoradamente, ele gosta de ser atendido rápido. E agora, ele está começando a manifestar algumas coisas assim, ah não quer ficar sozinho... Ele fica ali no carrinho um tempinho, brinca se diverte. Agora se tu sair de perto ele não quer saber, ele reclama. Então assim ele tem um jeito mais determinado. Que demanda mais, ele quer a atenção da gente, ele precisa de atenção, e ele consegue”.*

Alice dizia que o bebê superou suas expectativas e sentia-se orgulhosa por ter um filho tão lindo, que curtia muito: *“todo mundo para na rua, que ele é muito fofinho, ele é muito lindinho... Ah eu me sinto bem...a gente fica orgulhosa. Todo mundo para acha ele fofinho, acha ele maravilhoso, acha ele um boneco. Todo mundo chama de bebê Johnson... Então é muito gostoso, eu me sinto muito bem assim. Curto cada vez mais”.*

Alice parecia antever que mesmo com a expectativa de que o segundo filho fosse parecido com a primeira, isso poderia não ocorrer. Assim, ao se deparar com tantas diferenças físicas e emocionais, a mãe ia definindo as características próprias do menino: *“o rostinho redondinho, a carequinha, os olhos parecem muito com o Júlio, a cor... Mas no geral assim tão fofinho, parece muito o meu irmão... e emocionalmente, eu ainda não consigo definir com quem ele é parecido, eu sou meio de demandas, eu quero vamos lá, e tem que ser na hora que eu quero... Não sei se por isso eu já posso dizer que ele é parecido comigo, mas ele tem um temperamento muito próprio, e eu não consigo identificar ninguém assim muito assemelhado a ele no momento”.*

### **3. Relação com a própria mãe**

Os pais de Alice estiveram presentes nos dias que antecederam o parto. Ela teve contrações e foi para o hospital com o marido, sentindo-se tranquila de poder deixar a filha com os avós e entendendo esse momento como *“um ensaio preparatório”*, porque o bebê só nasceu na semana seguinte. Alice ainda lembrou de uma diferença em relação a aceitar o apoio recebido de sua mãe: *“é até bem diferente no segundo filho, a Livia eu era muito mais possessiva, eu dividia ela muito menos, até com a família... a dificuldade de dividir ela. A minha mãe foi me ajudar quando ela nasceu e disse assim: ‘Tá eu vou embora, não posso trocar fralda, não posso dar banho, não estou fazendo nada aqui’ (risos)... Ah eu monopolizava muito mais. Já com o Pietro eu consigo ter essa entrega assim deixar, mas estou sempre fiscalizando”.* A mãe de Alice continuava a residir na serra gaúcha, mas elas mantinham contatos frequentes por telefone e visitas aos finais de semana.

Com o segundo filho, Alice contava mais com a ajuda de uma babá do que com a da própria mãe. Ela sentia-se tranquila e apreciava a relação que a funcionária tinha com seu bebê, mas a avó fazia comentários sobre o carinho que a empregada dava ao neto: *“minha mãe disse: ‘Ai ela fica beijando ele’. ‘Mas mãe, como é que eu vou privar ela de fazer carinho nele, de beijar ele, entende’... E, realmente, eu não me importo com isso, não tem nada que me incomode assim. Até a questão do banho... Depois que ela deu banho... sabe estava bem tranquilo, estava todo cheirosinho quando eu cheguei. Até já pensei em delegar para ela o banho, que daí eu posso me dedicar à Lívia naquele momento, mas eu não consegui... o banho é tão gostoso, é tão bonito, tão fofo. Não! Deixa que eu dou banho, nem que eu me canse mais”*.

Alice apreciou poder contar com o auxílio dos pais, logo após o nascimento de Pietro, mas notava que os avós davam muito mais atenção ao bebê, em detrimento da primogênita: *“meus pais babam pelo Pietro, como babavam por ela também, mas o xodó deles agora no momento é o Pietro, e ela ficou sozinha”*. Ela aproveitava o apoio da mãe para ficar um pouco mais com a primogênita, que também verbalizava como se sentia: *“Ela só choramingava: ‘saudades do papai’... Aí a terceira noite eu tirei o Pietro da teta, dei para a minha mãe segurar ele um pouquinho, aí fui conversar com ela: ‘Mas, filha o que tu sente’? ‘Não sei o que acontece comigo’... eu disse: ‘Mas quando tu te sente assim’? ‘Quando eu te vejo dando mamá para o mano’... essa foi a maior demanda que eu senti de mãe de segunda viagem”*.

#### **4. Relação com o marido**

Alice continuava esperando apoio e compreensão do marido nesse momento, em que o segundo filho era bebê, pois se sentia mais cansada: *“às vezes espero mais compreensão, parece que a gente vira super mulher, não pode cansar, e quando tu cansa: ‘ué, mas como tu estás cansada’?”*. Mesmo procurando colaborar, Júlio estava bastante envolvido com o mestrado que cursava e Alice também não tinha a mesma disponibilidade anterior: *“sempre procura cooperar, ajudar no que ele pode, a demanda dele também está muito grande por causa do mestrado, e eu não tenho mais podido suprir tudo o que ele precisa”*. Assim, Alice considerou que tornar-se mãe de um segundo filho aumentava ainda mais as exigências e demandas emocionais da mulher, enquanto que o marido se encarregava mais de ser o provedor da família em termos profissionais e financeiros: *“as demandas ficam muito grandes pra mulher em especial... o homem vira pai, mas a demanda dele é muito mais profissional do que ser pai e ser marido, a gente tem que ser os três, parquinho sempre, eu tenho essa impressão”*. A partir dessa constatação de que a mulher é mais

exigida, mesmo que o marido lhe ajudasse quando estava disponível, ela esperava que Júlio lhe desse mais apoio, de forma espontânea: *“sempre que eu preciso eu peço, reclamo também... Até gostaria que ele se desse mais conta do eu que ter que pedir... se eu tiver muito que pedir eu já resolvo, faço sozinha e pronto, azar”*.

Devido ao fato de ter assumido praticamente sozinha as tarefas de cuidados dos dois filhos, ela lembra de uma vez em que sentia dores e o marido chegou e a encontrou chorando: *“a Livia no chuveiro, o Pietro chorando e a dor era... E num desses dias o Júlio chegou e eu estava chorando. Ele disse: ‘Mas que é isso Alice’?”* Ele se assustou e chegou a ligar para o médico, pois não era habitual a esposa se fragilizar: *“Ele ligou para o médico, sem me perguntar: ‘A minha mulher não chora’, ele dizia: ‘Ela não chora, qualquer coisa ela está chorando, doutor, alguma coisa está muito errada’, ele ficou apavorado. E eu, realmente, me assustei... tem alguma coisa muito errada porque era uma dor assim muito forte. Aí no fim ele deu medicação... foi passando, mas por uns dois, três dias eu vivi esse caos na mesma hora”*.

Apesar de esperar um pouco mais de participação do marido, Alice entendia o envolvimento dele com a carreira e qualificação acadêmica como algo de crescimento: *“Ele sente o peso da responsabilidade e isso movimenta ele, os dois filhos movimentaram ele... pra tentar oportunidades melhores... daí ele fez a pós. E agora que o Pietro nasceu: ‘vou fazer o mestrado’, sabe? Até alguém disse assim: ‘ah, ele está fugindo de cuidar das crianças, de ajudar’. E eu digo: ‘não, eu não vejo assim’.”* Ela o considerava um *“paizão”*.

Alice achava que o marido era um pai diferente com cada filho, pelo fato de o segundo ser menino: *“ele trata como menino... Ele pega, rola, aperta e ele sova, então ele brinca e acende ele, bem na horinha do banho, que era pra descansar. Ele chega do mestrado e aí bota uma pilha nele... Ele vê o pai e fica assim, todo excitado. E assim, não que ele não o fizesse com a Livia, mas fazia com um tom mais delicado a brincadeira. Ele brincava de bichinho”*. Ela, contudo, se considerava uma mãe semelhante nas brincadeiras e interação com o segundo filho: *“como eu era com a Livia, de brincadeira, de cosquinha, de amassar, de apertar, de rolar... Mas eu não fico me policiando, será que eu não posso fazer brincadeiras com menino que ele vai ficar afeminado”*.

**12 Meses:** *“E agora tinha que dar conta de dois, então é mais cansativo, é mais difícil”*

### **1. Impressões sobre a maternidade de um segundo filho**

Alice voltou a afirmar que gostava muito de cuidar de criança pequena, embora apreciasse o crescimento do segundo filho, sentia pelo fato de ele ser seu

último bebê: *“É ele não é mais tão bebezinho. Eu gosto muito disso. De cuidar de bebezinho, de curtir, trocar fralda, botar roupinha eu acho muito gostoso isso! Tanto que o meu marido fez vasectomia e eu digo pra ele: ‘ai não vou mais ter nenezinho pra cuidar!’”*. Pelo prazer de amamentar e em função do segundo ser também o último filho, ela retardou o desmame: *“eu relutei, relutei não, mesmo ele me mordendo eu fiquei naquela tiro ou não tiro o peito... sangrava o bico, aí eu não dava de noite, mas queria dar de tarde, daí eu dava mamadinha... Porque não vai ter mais, né? Terminou... Não tem replay, não volta atrás, não tem bis... eu vou guardar isso pra sempre! Tu guarda a sensação, mas tu não consegue ouvir de novo, tu não consegue sentir aquilo igual de novo... É muito gostoso”*! Mesmo sendo tão prazeroso, Alice considerava mais cansativa a demanda de dois filhos, em especial nos momentos em que as necessidades das crianças eram concomitantes: *“tenho muito prazer de cuidar de criança pequeninha, que nem bebezinho. E é muito gostoso. Foi mais cansativo... vamos dizer assim, pra absorver e a demanda de dois é diferente claro, né”? Nesse momento ela estava muito focada na relação com o segundo filho: “A gente é mãe. Fica muito focada no bebê. O bebê depende muito da gente. Então o marido perde esse espaço. E por mais que a gente, mãe, tente criar, o bebê tem um certo domínio, pela dependência que ele tem”*.

Ao falar de como se sentia como mãe de um segundo filho, quando Pietro estava com um ano completo, Alice referia estar mais experiente. A diferença que notava era quanto a estar mais impaciente, porque o segundo filho lhe cansava mais: *“um pouco mais experiente que a mãe da Lívia. E um pouco menos atucanada... Por um lado tem mais jogo de cintura e por outro lado eu me sinto mais impaciente, eu acho que, o saco de paciência que eu tinha pra Lívia... agora é um pouco mais curto assim. O Pietro cansa mais, né? Então não sei se é porque a exigência dele é maior, pela atividade dele ou se porque eu tenho saco menor de paciência nesse momento. É diferente”*. Essa diferença também se devia à impressão de que o segundo filho era mais difícil de se lidar: *“com a Lívia é mais fácil, porque a Lívia tu negocia melhor as coisas com ela ou ela dá menos trabalho... O Pietro ou já chora, ou já reclama”*. Ainda assim, ela se sentia segura para lidar com o segundo filho, em diversos momentos, de brincadeiras, troca de fraldas ou de separação: *“me sinto tranquila... vou trabalhar... então eu dou tchau, realmente e vou sem maior estresse”*. Contudo, algumas tarefas como a alimentação exigiam mais de Alice e a cansavam: *“o mais chatinho é dar o almoço e a janta exige mais, às vezes a gente tá cansada... é o mais cansativo”*.

Muitas das diferenças notadas por Alice estavam centradas na questão do gênero, confirmando o que a mãe esperava: *“eu imaginava do menino essa coisa mais ativa, mais exploradora, com uma demanda maior. A menina parece que ela se acomoda mais fácil. Tu consegue distrair ela mais fácil. Tu entrega um brinquedo e consegue fazer outra atividade. O Pietro são dois minutos e depois daquilo, encerrou aquela atividade, já explorou tudo que tinha pra explorar e já quer outra... era como eu esperava de um filho menino. E essa é a diferença que eu vejo”*. Ainda assim ela julgava não dar um tratamento distinto aos filhos, embora as brincadeiras fossem diferentes: *“Nunca tratei... de tatibitati aquela coisinha de voz diferente... Quando eu brinco com o Pietro, os objetos são diferentes. A bola, por exemplo, que talvez não tivesse tão presente com a Lívia. E o Pietro adora a bola, o gol. Mas é mais em relação a isso. Os programas, os desenhos, que ele assiste de vez em quando, são os mesmos que a Lívia assistia. Eu não faço muita diferença pelo sexo”*.

Alice passou a perceber mais semelhanças físicas entre o segundo filho e seu marido e entre ela e a primogênita: *“Fisicamente eu acho ele parecido com o Júlio. Os olhinhos que é da mesma cor... é engraçado sair com ele porque quem me vê com ele... a mesma coisa que fazem com a Lívia: ‘Ah ele é a tua cara’! Aí enxergam o pai: ‘Unh! é a cara do pai’... bom, mas afinal de contas”*. Ela dizia notar que os dois filhos tinham traços dela e do marido, mas eram muito diferentes entre si: *“os dois têm uma mistura nossa, mas eu consigo enxergar mais o Júlio nele... muitas pessoas me relatam: ‘Ah! Ele é a cara da Lívia! Olha as fotos’. Eu não consigo enxergar a Lívia... são duas pessoas completamente distintas. Eu imaginava, que eu ia amamentar ele, olhar, enxergar o perfilzinho da Lívia... Nada! É outro... é outra vida, é outra pessoa, realmente... Acho que as mães às vezes se reportam a isso, né? Um bebezinho pequenininho de novo, é a cara da Lívia, o mesmo sorrisinho... eu não consigo ver isso. Eu vejo eles bem diferentes de feições”*.

Ao falar do segundo filho, a mãe lembrou de sua relação com os irmãos quando era pequena e também a filha mais nova: *“ele se percebe sozinho e mostra que não gosta de ficar sozinho. Eu tava me lembrando disso. Ele gosta realmente é de interagir. E me lembra a minha fase de criança... eu sou a pequena, tive irmãos mais velhos... onde iam eu tava sempre querendo tá atrás. E ele é idêntico. Esse fim de semana nós estávamos na serra, a Lívia e a minha sobrinha de 9 anos. Onde elas estavam juntas, a alegria dele era correr atrás delas”*.

### 1.1 Criar espaço para o segundo filho

A questão de dividir e administrar o tempo voltou à tona: *“várias vezes eu tava atendendo o Pietro e a Lívia precisava de alguma coisa”*. Mesmo gostando de

cuidar de um bebê, o fato de ter que dar conta de dois filhos era reiteradamente apontado como mais cansativo e difícil para Alice: *“Antes era só ela e era só ela e pronto, né? E agora tinha que dar conta de dois, então é mais cansativo, é mais difícil, mas é uma tarefa muito gostosa, eu gosto muito de cuidar de filhotes pequeninhos”*. Alice entendia que com a crescente independência do filho, ela poderia voltar a ter mais espaço para si e o marido: *“com o Pietro crescendo um pouquinho agora, não depende mais de mim tanto pra comer, não é mais amamentar, aí a gente consegue já abrir um pouco o espaço pra gente... eu senti isso em quando o Pietro nasceu, e fui me reportar ao nascimento da Livia, e passa por uma mesma fase assim que a gente fica muito focada no bebê”*.

## 1.2 Comparações

Alice diz sentir-se mais tranquila como mãe do segundo filho, comparando os cuidados que tinha com a primeira filha e os atuais: *“da higiene, ferve o bico e ferve isso e ferve aquilo; continuo com higiene, lavo muito bem, lavo o bico toda vez que cai no chão, aquela história... a Livia tinha dez bicos, porque tinha um no estágio de ferver, um guardado, um aqui, um ali. O Pietro tem um bico”*. A primogênita seguia sendo o termo de comparação da mãe: *“Ele é um bebê grande, todo mundo observa que ele é grandão... ele se desenvolve assim, como menino, como meu termo de comparação é sempre a Livia”*. Em muitos momentos, ela afirmava que bastava *“repetir a dose”*, com tudo que havia funcionado com a primogênita, como a entrada na escola.

Ainda que continuasse comparando o tipo de atividade exploratória dos filhos, algumas diferenças entre o jeito de cada criança começavam a ser mais destacadas: *“ela explorava de outros jeitos... ela explorava o universo dela, os brinquedos, mexia, tirava... ela mexia nos livros, tirava, botava, entregava pra gente, ela brincava. Era outro tipo de atividade. Ele já mexe em tudo, explora e que ir... a Livia nunca lavou as mãos no vaso... ele adora lavar as mãos”*. Essa maior atividade chegou a fazer a mãe pensar que poderia estar sendo negligente, pois o filho se machucava mais que a filha: *“ele já se bateu bem mais o que a Livia (risos). Ele se assusta... mas fui me dando conta de que, nem é tanto negligência sabe? É mais assim que ele se movimenta muito mais e ele se bate muito mais”*.

Alice se detinha nas diferenças de gênero, ainda que falasse com crítica do estereotipo de menino e menina, parecia confirmar algumas características, com base nisso: *“bola é o mundo dele! Tão engraçado... que eu achava isso... tão estereotipado sabe? Menina é boneca, menino é bola ou bicicleta”* O menino

continuava sendo percebido cada vez como mais ativo e explorador: *“como menino, eu percebo um desenvolvimento diferente da Livia. A Livia tinha menos atividade motora. Ela era um pouco mais tranquila, sentava, brincava...”*

O filho também era visto como uma criança menos dócil, devido ao parâmetro da irmã que não era considerada agressiva pela mãe. *“Ele é menos dócil que a Livia, ele reage, ele te mostra... E quando ele tá brabo ele te belisca, te aperta. Tu diz pra ele ‘não faz Pietro’, eu contendo a mão assim e digo ‘não faz’, ele faz de novo... E tu pode dizer dez vezes que ele vai fazer de novo”. Ele já era capaz de impor: “se impõe. Se tu diz um não muito redondo pra ele, ele chora”.*

## **2. Relação com o segundo filho**

Ao descrever o bebê a mãe fez uma retomada do curso do desenvolvimento do filho, falando do sono, das mamadas e das aquisições motoras, comparando com a primogênita: *“começou a engatinhar lá com uns sete ou oito meses... ele engatinhava que nem a Livia, tipo um vietnamita... rastejando sabe, com os dois braços assim ele fazia esse movimento e as pernas de trás esticadas, não ficava de quatro”.* Alice confirmou que já imaginava que o segundo filho, por ser menino, tivesse mais atividade motora que a menina, contudo se surpreendeu com a aquisição de linguagem dele: *“Me surpreende a linguagem dele. Eu esperava menos... Pra mim ele já fala mais do que eu imaginava... ele tem já uma linguagem... se expressa, grita também bastante quando ele quer as coisas. Ele pede gritando muitas vezes. É o jeitinho dele... e comparado à Livia é diferente”.* Outra diferença ressaltada foi a maior fragilidade em termos de saúde, pois o menino teve que usar várias medicações para complicações respiratórias: *“foi mais complicado em termos de saúde ele é um pouco mais frágil. Apesar de ter mamado no peito mais que a Livia”.*

O segundo filho passou a ser visto como uma criança muito ativa e braba, que demandava bastante atenção da mãe: *“ele é muito explorador. Ele é muito ativo. Ele é brabo! Agora, nas últimas semanas, ele tem se mostrado bem brabo assim, quando tu nega alguma coisa ou restringe o espaço dele. Ele é brabo, ele chora, ele reclama, ele se faz presente”.* Alice passou a sentir que o crescimento dele também ocasionava maior exigência em atender aos pedidos do segundo filho: *“Ele busca também o que ele quer... Ele sabe com o que ele tava brincando, ele sabe com o que ele quer brincar. Então, final de noite eu fico sozinha com os dois, porque o Júlio tá no mestrado, e eu vou lá pra cozinha fazer a mamadeira dele, ou esquentar a janta dele, ou a da Livia e ele fica na porta choramingando e batendo até eu abrir. E não adianta, se eu ficar uma hora lá dentro, 15 minutos ou 5 ele fica na porta o tempo inteiro batendo e reclamando até eu abrir”.* Cada vez mais, Alice passou a descrever o segundo filho como brabo e

reativo: *“ele é mais... reativo... ele é mais brabo. Se tu limita ele em alguma coisa ele, ele vem e te aperta, ele aperta a Livia”*. Essas características foram associadas ao jeito do pai: *“ele é bem determinado, bem insistente. O que ele quer ele vai lá e dá um jeito, explora e vai e mexe... Acho ele bem ele. Talvez as coisas de pavier mais curto, de ficar brabo, mais reativo. O Júlio é mais assim... mais reativo... e o Pietro também é mais ou menos nesse estilo”* .

A mãe também atribui o fato de o menino gostar de interagir, por ele já ter uma irmã e não estar acostumado a ficar sozinho: *“quando se tem um filho só, a Livia, ela não tinha um irmão pra interagir, então ela se distraia realmente com o brinquedo dela sozinha. Já o Pietro vive num meio povoado e de repente pra ele o interagir é básico! Interagir é o que mais que ele gosta, ele gosta de tá com a gente interagindo, né... Ele pega brinquedos, explora e tudo mais, ãhn... mas ele gosta da interação. Quando falta interação ele logo se sente sozinho”*.

Nos momentos de separação, a mãe afirmava sentir-se mais segura, mas notava que o segundo filho às vezes ficava chateado quando ela saía de perto dele: *“ele percebe a ausência... é uma sensação muito desconfortável de repente tu ver que a tua mãe não tá ali. Então eu sempre dou tchau pra ele, abano, dou beijo, ele vai na porta, me abana... resmunga, ele faz ‘tchau, tchau’ com um beijo desse tamanho... no elevador e me olha fechar a porta e descer... saio e depois volto, amasso, beijo bastante pra ele ver que a gente voltou”*. Além disso, o desmame se deu quando o menino começou a morder demais a mãe: *“ele mamou até os dez meses e aí começou a me morder demais. Aí quando eu comecei a achar sangue no sutiã... O leite diminuiu bastante, ele tava já com comida, com frutinha, com tudo, mas mamava assim pra dormir, aquela coisinha, aquele dengüinho... aí eu resolvi tirar”*!

### **3. Relação com a própria mãe**

As referências à mãe eram feitas por Alice em termos de trocas de opiniões em relação a alguns cuidados dos filhos, como por exemplo o uso de bico: *“não sou muito favorável ao uso do bico... mas ele fica tão mais tranquilo, ele se acalma... A minha mãe botou o bico nos dois. Mas eu permiti, claro”*! Em alguns momentos, elas divergiam: *“A minha mãe ‘ai tu não vai comprar outro bico, se esse aqui tu perde o que tu vai fazer’? Eu digo ai deixa mãe, se perder, perdeu, ele dorme sem bico, eu dou um jeito, faço alguma outra coisa”*. Se bem que nesse momento, Alice contava mais com o auxílio do sogro: *“meu sogro vem e fica”*. Além dele, a empregada a ajudava diariamente, quando ela se ausentava para trabalhar, pois seus pais continuavam a morar em outra cidade: *“aumentei a minha carga de horário de trabalho, então ela me ajuda bastante... Sempre que eu tô presente eu faço! E o banho é sempre comigo. Até ela*



*disse assim ‘ai quando é que eu vô dá banho nele, eu dei banho nele quando ele tinha uns quatro meses só’.* Alice diz que se sentia segura em deixar o segundo filho aos cuidados das pessoas que a auxiliavam: *“ficava meio enciumada, meio insegura [com a primogênita] e agora eu já não tenho mais isso, eu me sinto bem tranquila, eu entrego, fico, não tem problema. Até quando ele buscou o colo dela... que ele se machucou, porque isso me mostra um grau de afinidade que ele tem com ela também”.*

Ela afirmava não seguir um modelo de mãe, mas dizia ter aprendido muito com os cuidados dos irmãos com os sobrinhos dela: *“muito do que eu aprendi, do ser mãe, de lidar com o bebê, trocar fralda, dar banho... foi com os meus sobrinhos. Então eu via muito a minha irmã com os filhos dela. Vi muito o meu irmão também como pai e consegui assim, visualizando na educação dos meus sobrinhos o que eu queria e o que eu não queria pros meus”.* Alice relembrou o fato dela ser a filha caçula: *“meu pai brinca com a minha mãe que diz que como ela foi mãe velha... ela não sabia mais nada, que o meu pai que me dava banho... Minha irmã me cuidou muito também, ela tinha 14 quando eu nasci... do relato deles eu tenho isso, mas de memória eu não tenho muita coisa. Mas da minha mãe lidar... não sei se tem muita semelhança... não consigo dimensionar muito bem”.*

Alice ainda notava diferenças entre o seu jeito de cuidar dos próprios filhos e do seu pai, pelo maior envolvimento com as crianças: *“do meu pai eu sou diferente. Meu pai tem uma distância. Agora como avô ele é diferente... como pai era, as crianças e os adultos... Raramente lembro de vê-lo brincando comigo”.* Ela resgatou a lembrança de uma vez em que recebeu visita de primos de outro estado e o pai jogou vôlei com eles: *“aquilo pra mim foi assim uma emoçõzíssima, ele estava jogando vôlei comigo, tava junto, entendeu? Mas foi assim uma coisa, bem esporádica. Meu pai era um executivo, atarefado, então eu tinha as coisas bem distantes. E se ocupar com as crianças não era com ele realmente”.*

#### **4. Relação com o marido**

Alice considerava receber apoio de Júlio em relação à primogênita, mas assumia mais responsabilidades em relação ao segundo filho que o marido: *“o apoio maior dele realmente é com ela assim, o Pietro é mais comigo”.* Ela seguia esperando mais iniciativa dele para lhe ajudar: *“Como eu sou muito assim de fazer, de me virar sozinha... eu prefiro não pedir”.* Isso não era o que ele esperava, pelo fato de o segundo filho ser homem: *“E eu esperava o contrário, pelo Pietro ser menino”.* Contudo, o marido parecia saber lidar melhor com a primogênita do que com o segundo filho: *“acho que ele se sente mais à vontade com a Livia, por saber lidar melhor, pela exigência ser diferente... ele é muito paizão, ele curte, ele gosta, ele admira*

*as coisas que ele faz, o desenvolvimento dele. Mas ele tem menos paciência pra atender às exigências do Pietro. E, as birras, as manhas e o choro, quando ele não é atendido, porque é a forma com que ele se comunica”.*

Segundo Alice, o menino também demonstrava querer atenção e cuidados do pai: *“quando vê o pai ele quer o papai, quer colo. Ele não fala papai ainda, mas ele fica assim, os olhinhos parece que vão saltar fora da admiração sabe”.* O fato de o marido ter menos paciência em relação ao segundo filho, deixava Alice ressentida: *“Então quando eu peço alguma coisa em relação ao Pietro aí ele diz assim: ‘Tá, eu faço’! Aquilo me ressente, aquilo me incomoda... especialmente por não fazer de bom grado pro filho”.* A distinção que o marido fazia nas brincadeiras entre os filhos gerava questionamentos na mãe: *“E eu vejo que ele faz bem a diferença assim, é uma coisa que a gente já parou até pra conversar um dia... Ele já brinca assim... parece que é mais de guri, com o Pietro... até, um dia eu vou parar pra pensar assim, qual dos dois tá certo ou não tá; se é pra brincar, igual, se é pra brincar diferente. A gente já parou pra pensar um pouco nisso, mas não chegou a nenhuma conclusão”.*

Ela se sobrecarregava nos momentos em que o pai também se reportava a ela, para resolver alguns pedidos da filha, mas esperava que o marido se encarregasse da primogênita para que ela pudesse estar com o bebê: *“Eu digo ‘Júlio, se ela perguntou pra ti, eu acho que tu tem que dar uma resposta pra ela. E não sempre se reportar a mim. Porque ela tem que te ter como um alguém que tem, poder ou autoridade sobre ela. Ou alguém que define as coisas que ela pode e que ela não pode... fazer quando ela pergunta pra ti! Também’... Ela pergunta pra ele, ele manda ela perguntar pra mim”.*

Ela também esperava que o marido tivesse mais possibilidades de dividir as tarefas: *“preferia ter mais possibilidade de dividir. Eu preferia ter mais possibilidades, ter mais suporte dele. Mas nesse momento ele não tá podendo”.* Alice sentia mais dificuldade por estar mais focada na família, do que o esposo: *“Fica mais difícil realmente... Os dois filhos... Mas, por um lado eu acho que ele, ele percebeu mais responsabilidade, dividir tarefas... ele vem tentando participar mais. E por outro, ele tá mais ocupado com o mestrado. Então fica um pouco, porém sobrecarregado... a gente tem dois contratos que normalmente é o que acontece nos casais. Eu sou muito mãezona. Não que ele não seja um paizão. Mas assim, eu sou muito mais focada, na família. E ele é menos”.*

Devido ao fato de o marido não poder ajudá-la tanto, ela passou a se sentir cada vez mais sobrecarregada e incomodada com o que percebia como imaturidade de Júlio: *“Não sou eu que tenho dois filhos, somos nós que temos dois*

*filhos... ele ainda mantém, uma atitude assim, um pouco... imatura, eu diria assim, isso me incomoda um pouco". O tempo para si e para o casal também sofria o impacto das demandas de duas crianças: "Depois que nascem os filhos a gente sente um certo baque, de relação, de tempo pra gente, de poder se dedicar, de ficar um junto com o outro, até de romantismo, de curtir, isso e aquilo, e ficar sozinho. Fica bem mais difícil".*

**24 Meses:** *"Eu tive que reaprender... ela não foi escola pra ele"*

### **1. Impressões sobre a maternidade de um segundo filho**

O processo de tornar-se mãe de um segundo filho para Alice foi se modificando a partir do crescimento e contato com as características individuais de Pietro. O segundo filho foi ensinando a mãe a lidar com as diferenças: *"Eu tive que reaprender... reaprender não... eu tive que aprender a lidar com isso... nele... eu não tinha, assim, essa experiência. A Livia foi uma criança muito tranquila, assim, pra lidar, pra ensinar, pra pôr limite, pra conversar".* Ao dar-se conta das diferenças entre os filhos, a mãe dizia que a primogênita não foi "escola" para o segundo filho, como ela pensava que seria e como dizia anteriormente: *"Ela não foi escola pra ele. Então quando eu me defrontei com ele assim tão agressivo, e o primeiro, um dos primeiros objetos de agressão dele era ela... ficava numa sinuca muito difícil, porque ela fica arrasada, magoadíssima".* A individualidade do segundo filho e as diferenças de comportamento do menino, geravam ansiedade na mãe, quanto ao futuro, embora ela tentasse não se preocupar: *"já venho meio que me preparando... deixa as coisas acontecerem. Não vou ficar me prevenindo muito... essa diferença de comportamento dele me gera algumas ansiedades, em relação a ali adiante, como vai ser".*

#### **1.1 Criar espaço para o segundo filho**

A mãe passou a perceber os movimentos do segundo filho para conquistar seu espaço próximo a ela e demonstrou gostar dessa proximidade: *"quando eu vou sair, ele se conecta, blusa, isso e aquilo e quer mais colinho, e não quer deixar sair... com muita gente que ele não conhece ou num momento novo, num local novo, ele fica grudadinho, depois ele já se solta também... No início é estranho, assim, sabe: 'Ai, ele não é tão grudado assim em mim'. Porque é bom. A gente fica assim, com o ego lá em cima, porque tu saiu grudado... é bom de ver, é uma coisa muito gostosa".*

A maior interação entre as crianças era apreciada pela mãe que percebia as iniciativas da primogênita em relação ao irmão: *"agora eles têm brincado até mais... Ah ela adora brincar com ele ou no banho, ou no quarto, ele adora pular na minha cama, que é um perigo, mas ela ensinou ele a pular... eles brincam se divertem... às*

vezes, ela faz ‘uh!’, faz susto assim, ela adora brincar com ele disso”. Muitas vezes, a mãe precisava mediar as brincadeiras dos filhos, devido à disputa de objetos.

## 1.2 Comparações

Alice ainda fazia algumas comparações entre os filhos, mas elas diminuíram a partir da crescente aquisição de independência do segundo filho. O destaque passou a se dar para as novas habilidades e, sobretudo, para as características individuais do menino: *“Ele tem algumas habilidades diferentes, do que a gente via na menina, que era a Lívia, né. Algumas habilidades motoras e de independência, também, e de exploração, que eu já falava já isso bem antes, nas entrevistas iniciais... de como ele explora os espaços, os brinquedos diferente, e ele continua assim. Mas em termos de desenvolvimento, realmente.. ele tem mais atividade, ele é mais ativo... em comparação à Lívia”*.

## 2. Relação com o segundo filho

O crescimento e desenvolvimento do segundo filho, seguiam chamando a atenção da mãe, com destaque para a expansão do vocabulário e aquisições de linguagem: *“ele vem se desenvolvendo super bem, em termos de atividades, de fala, ele deu uma deslanchada assim... e vem falando frases agora, então ele começa a constituir as frases, bem claras... cada vez melhor... vem super bem, em termos de desenvolvimento”*. Quando o menino tinha atividades físicas, ele extravasava e ficava menos agressivo: *“tem uma relação bem direta, quando ele sai, brinca, passeia... quando a gente viaja, ele fica solto na casa dos meus pais, pra lá e pra cá, que é tudo pátio, jardim... ele vai trabalhando bem essa energia. Quando ele fica muito preso, aqueles dias de chuva, aí ele fica bem mais agressivo”*.

A agressividade que a mãe via no segundo filho, acabou por despertar nela atitudes que não gostaria de ter, como bater no filho, que fizeram com que ele reagisse mal: *“no primeiro momento que eu bati na mão, ele ficou mais reativo. Acho que ele reagiu mais, justamente por eu ter reagido da mesma forma com ele. Não bate, mas me bate, eu bato, ela bate de novo e eu bato de novo. Então eu acho que isso fez um efeito negativo. A gente conseguiu contornar um pouco isso com a conversa, acalmar, se tranquilizar... acho que vem surtindo efeito... com o tempo, no comportamento dele... a gente tem conseguido trocar melhor... Às vezes ele tira a gente do sério, porque tu diz não faz, e ele faz. Não faz, ele faz”*.

Com o tempo, o que era descrito como maior atividade do menino e a exploração passaram a ser vistas como uma característica associada ao temperamento do segundo filho. A mãe passou a descrevê-lo como brabo, uma “ferinha” com a qual ela tinha que aprender a lidar: *“O Pietro é bem ativo... brinca*

*bastante, adora jogar bola... bem determinado, bem explorador dos espaços, das coisas todas que ele curte... e bem brabo. Ele é bem brabo... Quando ele é contrariado, ele resmunga, ele briga. Ele teve uma fase... de bater em tudo. E joga as coisas no chão e bate, fica furioso. Mordia, né. Então a gente vem, assim, trabalhando isso com ele, e gradativamente ele vem melhorando aos pouquinhos. Ele é uma ferinha".* Ela lembrou do marido em idade escolar, quando ele apresentou problemas de rendimento e pensava em situações semelhantes que poderiam se repetir com o menino: *"O Júlio foi um aluno, que aprontava no colégio e a mãe tinha que ir lá... Que nem eu, ele entrou com cinco na primeira... Guria vai melhor, mas guri chega uma hora que, que não aguenta muito".* Ainda assim, tentava aguardar o que estava por vir: *"fico numa expectativa um pouco maior, do rendimento, do desenvolvimento, da problemática... ai é muita coisa... se tiver, também, a gente vai lidar na hora e pronto, não adianta ficar sofrendo de graça".*

### **3. Relação com a própria mãe**

Alice passou a destacar as diferenças no seu modo de criar o segundo filho e na maneira como sua mãe a tratava, embora não lembrasse exatamente de como era quando tinha a idade do caçula. Ela procurava dialogar e interagir mais com o menino: *"não lembro muito bem. Mas eu acho que é diferente desses pontos, dessas questões [brincadeiras e diálogo]".* A partir da experiência com seus familiares, ela também buscava encontrar seu modo próprio de criar o filho, embora reconhecesse que nem sempre era possível atingir seu ideal: *"algumas coisas, que eu procurei enxergar nas experiências que eu vivi, na minha família e em outros, e poder... trabalhar diferente isso. Nem sempre a gente consegue. A gente também tá estressado, tá cansado".*

Alice parecia fazer um balanço da forma como foi tratada enquanto criança e de como lidar com seus filhos, em especial com o menor: *"tem alguns comportamentos bem pontuais, que eu procurei evitar. Procurei brincar mais com os meus filhos do que os meus pais brincaram comigo. Conversar mais. Na minha época, eu tenho trinta e seis, era assim: 'Isso é coisa de adulto, criança não participa' ou 'criança não escolhe' ou ' não opina'. A gente era muito excluído em alguns momentos... com os meus filhos era um pouco diferente. Eles participam mais das coisas".* Ao mesmo tempo em que se sentia excluída, foi também preservada pelos pais, de situações complicadas: *"meus pais me pouparam de algumas situações difíceis, que eu fiquei sabendo quando eu tinha quinze, dezesseis, que eles tinham passado. E foi bem pertinente".* Alice lembrava de sua criação e refletia sobre a forma de lidar com o segundo filho, em especial nas situações de conflito, em que optou agir diferente:

*“Quando eu me questionava lá no início, do comportamento do Pietro, assim, vou dá um tapa ou não vou dá tapa? ‘pode dá tapa. Tem que apanhar se continuar assim’. E aquilo me chocava. E teve momentos que eu dei tapa na mão e me arrependi muito, depois resolvi não fazer mais. Pra eles aquela era a solução. Então teve algumas coisas que eu optei por não usar. E não uso e vem funcionando, né. Então tem toda essa... essa gama de experiências”.*

Embora dissesse que seus pais a criaram de forma distante e diferente da que ela criava os filhos, Alice também recordou momentos de proximidade e ternura com os genitores: *“lembro deles me contando histórias na cama”.* Nos momentos em que seu pai se ausentava a trabalho e ela ficava mais próxima da mãe quando criança: *“eu lembro de ficar agarradinha, dormindo com a minha mãe, quando o pai viajava muito, eu sempre dormia com ela, isso era muito gostoso... eu fui muito independente, roupa eu não me lembro, cabelo, o banho, essas coisas tudo mais ou menos normal... mas lembro de brincar é diferente de como eu faço hoje”.* Mesmo que quisesse brincar mais com o segundo filho, já se percebia diferente das brincadeiras que tinha com seus pais: *“com o Pietro, até gostaria de brincar mais, mas aí era menos ainda no caso deles... Era mais aquela questão de autoridade, mas sempre de muito amizade, de poder contar com”.*

Ao pensar em um modelo de mãe, Alice fez um contraponto com sua própria forma de lidar com a primogênita e a diferença despertada pelo jeito do segundo filho: *“uma coisa que eu nunca usei, nunca, jamais de assustar, de repreender dessa forma, de controlar... Confesso que com o Pietro até podia usar isso... vou ter que descartar essa, mas pensei... Tem algumas coisas que a gente enxerga, eu não tenho nenhum modelo específico”.* Embora se lembrasse claramente do jeito de sua mãe e do seu pai: *“minha mãe era reguladora assim, ele era negociador, quero sai, quero fazer isso, quero fazer aquilo, quero tal brinquedo, então com ela tu tinha marcha, na hora que chegava no pai era zero marcha”.* Com o tempo, passou a perceber que seu pai se tornou mais próximo do que a mãe, em termos de ajuda e opiniões sobre decisões que Alice tinha que tomar: *“apesar de que já numa fase mais adiantada, quando eu precisava de alguma opinião, de alguma coisa mais séria, ou relatar alguma coisa importante, era o meu pai... A minha mãe tinha assim... aquela coisa mais negociador, que semeava mais as relações, mas quando era uma coisa mais de força era ele, perguntar, de peso, de uma opinião, era ele”.*

#### **4. Relação com o marido**

Mesmo que o esposo se envolvesse e apoiasse a mãe, em relação à primogênita, foi somente com o crescimento do segundo filho, que o pai passou a

se envolver mais espontaneamente com os cuidados e interação com o menino: “*o Pietro era tudo, tudo comigo. Nem o banho, nem o muito trocar, nem o muito brincar. Nada, assim... era mais difícil realmente... Nem ele gostava muito de ficar no colo, não gostava muito de dormir com ele, nada... Depois, eles foram se aproximando mais, e ele passou a brincar mais com o Pietro, e curtir. Eles foram se descobrindo, de assim ser muito gostoso*”. Isso gerava satisfação para a mãe, tanto pela independência do filho, como pela possibilidade de o marido se envolver mais com o menino: “*parece uma perda. Mas quando tu olha, é tão gostoso de ver o crescimento, a relação dos dois, que tu consegue trabalhar isso.. a gente vai abdicando desse domínio. Pro outro poder ter o espaço dele também. Porque é uma coisa meio de mãe. Ele tem uma ligação... extrema, o tempo todo. E depois vão, vão abdicando. A gente vai abdicando... nossos espaços. Eu acho isso bem bom, é saudável*”. Assim, Alice apreciava o tornar-se pai de Júlio, pois esse processo se dava paralelo ao tornar-se mãe dela, ainda que em ritmos diferentes: “*a gente conhece o marido quando eles viram pais. É tão bacana de ver, assim, o homem e o pai. Porque até então ele é o homem, teu marido, Ai quando ele vira pai, assim, que tu vê ele tendo uma relação com uma outra pessoa que é tua, que é dele, sabe. É uma coisa tão gostosa, que eu acho bacana. E o Júlio demorou um pouco pra desabrochar, em relação ao Pietro. Não sei se porque é menino... qual foi a situação que mobilizou os dois*”.

### **Síntese do Caso 2 - Alice: Uma aventura diferente**

O caso de Alice ilustrou o processo do tornar-se mãe de um segundo filho, desde a gestação até o segundo ano de vida de Pietro. Na gestação, Alice demonstrava “*curtir esse momento*”, mesmo sentindo as inevitáveis transformações em seu corpo, pois sempre quis ser mãe. Ela até pensava em ter mais filhos, mas quando o casal se decidiu por ter dois, passou a experimentar esse período com muita intensidade. Além de se sentir mais nostálgica e com “*saudade da barriga*”, por ser o último filho que teria, estava em um momento diferente, trabalhando menos do que na gravidez anterior e ainda assim, sentindo-se mais cansada. Destaca-se que a história de Alice foi marcada por algumas perdas, como a do primeiro marido e do bebê que esperava antes da gravidez do segundo filho, além da sogra que faleceu durante a gestação de Pietro. Alice também lembrou a perda de cinco bebês sofrida por sua mãe. Em decorrência disso, o casal decidiu esperar mais tempo para certificar-se dessa gestação e dar a notícia à primogênita e aos demais familiares. Ao confirmarem a gravidez de Pietro, surgiram fantasias de que ela estaria esperando gêmeos. O marido disse ao

médico “*procura que deve ter outro aí, doutor*”, mas era “*um só*”, como se o segundo filho fosse dois. Ela ainda sentia medo de não levar a termo essa gestação, durante o primeiro trimestre. Mais adiante Alice chegou a comentar a frase de uma amiga, que afirmou que “*um mais um não são dois, é um batalhão*”, quando se tratava de crianças pequenas. Ela passou a sentir as transformações que o segundo filho traria. Muitos autores apontam que a forma de vivenciar maternidade está ligada à história pessoal da mãe (Passos, 2007; Stern, 1997; Szejer & Stewart, 2002). Ser mãe de um filho é diferente de ser mãe de dois (Frost, 2005; Maldonado, 1994; O’Reilly, 2004). Assim também cada gravidez é diferente e tem sempre um sentido particular que dá lugar a uma criança única (Salmela-Aro et al, 2000; Raphael-Leff, 1997).

Mesmo afirmando sentir-se mais segura e tranquila, por já ter tido a primogênita e pela experiência de cuidar dos sobrinhos, algumas diferenças passaram a ser ressaltadas por Alice, pelo fato de a primeira filha ser menina e o segundo não. Ela destacou ainda as diferenças que surgiriam nos cuidados e uma fala do marido sobre o fato de ter um filho homem: “*guri é muito mais voraz*”. A mãe dizia ter gostado de saber do sexo da criança, mas que ainda não conseguia se imaginar como mãe de um menino, pois se tornaria “*uma nova mãe*”, acreditando que uma “*revoluçõzinha*” estava por vir. Para Parker (2005), a reação da mãe ao gênero de seu filho é determinada por uma série de questões, tais como sentimentos conscientes e inconscientes quanto à própria sexualidade, suas expectativas e crenças sobre as diferenças de gênero, juntamente com os valores culturais para meninos e meninas. Podemos pensar que também o que não era familiar e novo inquietava Alice. Nessa direção, Cramer (1997, p. 41) questiona: “*Não é surpreendente que uma mãe fique aliviada ao ver que seu bebê é diferente dela, chegando a se tornar estranho?*” Missonnier (2006) aborda a noção freudiana de inquietante estranheza, para pensar o paradoxo do muito familiar e do radicalmente estranho que o novo bebê traz consigo. Assim, um bebê seria conhecido e novo ao mesmo tempo para a mãe, em relação a si mesma (Caron, Fonseca & Lopes, 2008). Para Freud (1919/1969), paradoxalmente, o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido e há muito familiar. Então, aquilo que é estranho assusta porque não é conhecido e familiar, mas nem tudo que é novo e não familiar é assustador, contudo aquilo que é novo pode, facilmente, tornar-se estranho e assustador. Algumas novidades podem ser assustadoras, mas algo tem que ser acrescentado ao que é novo e não familiar,



para torná-lo estranho. Como no caso de Alice, em que o novo bebê era um menino. Além disso, um dos desafios para essa mãe era lidar com o sexo oposto da primogênita, o que foi fundamental no seu processo de tornar-se mãe de um segundo filho. Também para Alice, a chegada do bebê afetou um equilíbrio já constituído, é a chegada do “estrangeiro”. A partir do nascimento do segundo filho parecia estar sendo introduzida a noção de mudança, dando-se o início de partilhas e negociações (Goldsmid & Feres-Carneiro, 2007).

Aos seis meses, Alice destacava que no processo de tornar-se mãe de um segundo filho havia o aumento de exigência e cansaço por ter que dar conta de dois filhos. Ela se descrevia como uma mãe que fazia o que era possível, para não se sentir frustrada. Relatou sentir-se realizada por poder experimentar as diferenças por ter se tornado mãe de um menino e de uma menina. Ela gostava muito do envolvimento com os cuidados de Pietro, em especial a amamentação. A mãe sentia-se nostálgica, pois o segundo seria também o último filho e ela repetidas vezes afirmava que “*não tem replay*”, por isso aproveitava intensamente a oportunidade de estar novamente com um bebê. Ainda assim, algumas realizações que não foram atingidas com a primogênita, tais como parto normal, e eram esperadas com o segundo filho, novamente não se realizaram. Essa foi apenas uma das diferenças encontradas entre as expectativas da mãe e o que se deu após o nascimento. Na “*maternidade da segunda viagem*”, a preocupação com a diminuição do tempo e a perda da exclusividade da primogênita chateavam Alice. A questão de não ter mais a mesma disponibilidade de tempo foi referida reiteradas vezes como algo que deixava essa mãe “*ressentida, meio doída e rachada*”. O processo de tornar-se mãe de outro filho implica em reestruturações, que podem gerar mudanças psíquicas e mesmo processos defensivos na mãe. O segundo filho torna mais complexas as inter-relações emocionais na família, pois sua chegada cria novos relacionamentos e demandas diferentes não apenas em termos de tempo, mas também de envolvimento afetivo (Adams, 1985; Raphael-Leff, 1997). Fatores como a idade que separa um filho de outro, circunstâncias psicossociais, bem como o apoio econômico e emocional que a mãe recebe, repercutem nas reações da mulher durante a gravidez e após o nascimento. A mãe de um filho pequeno terá de dar lugar ao novo, que passará a ocupar um lugar emocional específico na família. Por isso, a forma como a mulher realiza a transição para a maternidade de cada filho tem um impacto significativo para a dupla (Krieg, 2007; Mercer, 2004; O’Reilly, 2004).

Aos 12 meses, a mãe dizia estar muito focada na relação com o segundo filho, ainda devido à dependência do bebê, embora essa já começasse a diminuir gradativamente. Contudo, a demanda de dois filhos seguia deixando Alice mais cansada, em especial nos momentos em que as necessidades das crianças surgiam concomitantemente. Ela sentia-se mais impaciente com o menino, porque ele lhe exigia mais, era diferente e mais difícil de lidar do que a primogênita. A mãe continuava afirmando que apreciava muito cuidar de criança pequena e dizia sentir-se mais tranquila pela experiência e segurança que já tinha adquirido, mas passou a falar das diferenças a partir do gênero do segundo filho, associando algumas semelhanças do menino ao jeito do marido. Nesse período, a mãe lembrava-se da relação que tinha com os próprios irmãos, pois também era a filha caçula da família e gostava de interagir. Assim, o processo de crescimento do menino repercutia no tornar-se mãe de Alice que dizia que a primogênita “*não foi escola*” para o segundo filho, já que muitas coisas que aprendera com a menina tiveram que ser revistas para dar conta das diferenças trazidas pelo jeito de Pietro.

Aos 24 meses, a mãe se dava conta que teve que “*reaprender*”, ou melhor, aprender a lidar com as diferenças e características do segundo filho. Então, mesmo com toda experiência anterior, um novo momento se descortinava para essa mãe. O repertório inédito trazido pelo segundo filho gerava apreensão e ansiedade na mãe quanto ao futuro do menino, considerado agressivo. A mãe relatou com muita culpa, um episódio em que se descontrolou diante da agressividade do filho, chegando a ser bruta com o menino. Isso confirma que os sentimentos hostis e agressivos têm sido pouco investigados no processo de tornar-se mãe, bem como a ambivalência e idealização (Baraitser & Noack, 2007; Caron et al, 2000; Frost, 2006; Hoffmann, 2003, 2004; Nimela, 1980). Hoffmann (2004) faz uma observação importante quanto à agressividade, ao mencionar que as mães podem sentir ansiedade, culpa e vergonha de expressar temas ligados às fantasias agressivas, podendo surgir profundas dificuldades nas mulheres em lidar com sua própria raiva em relação aos filhos e das crianças em relação a elas. Parecia difícil para Alice tolerar seus sentimentos conflitivos e ambivalentes em relação ao segundo filho, contudo suas falhas também a auxiliavam a compreender de maneira integrada a nova experiência pela qual estava passando. Aceitar sentimentos ambivalentes permite à mãe atender às necessidades das crianças e às suas próprias (Frost, 2006; Parker, 2005).

Criar espaço para o novo bebê também se deu de maneira diferenciada de que ocorrera com a primogênita. Durante a gestação, esse movimento envolveu desde as questões físicas, como preparar um quarto para recebê-lo, até as emocionais, que se ligavam à preocupação da mãe em proporcionar apoio à menina, através do envolvimento com o pai, já que ela estava em repouso, enquanto ocorria essa “*revolução*”. Muitas lembranças e comparações com a primeira filha foram feitas nesse período, desde a diferença de sexo, já apontada anteriormente até o temperamento da menina que era considerada uma criança “*muito fácil e tranquila*”, despertando o temor de que “*quando um é tranquilo, o outro é um terror*”. Em relação à primogênita, a mãe destacou sua preocupação, embora considerasse que a menina “*não demonstrava ciúmes*”. Alice, assim como outras mães, costumava conferir importância à aceitação do bebê por parte do primogênito. A literatura aponta que atitudes de aprovação podem ser supervalorizadas, enquanto que atitudes contrárias tornam-se fonte de grande preocupação para as gestantes (Richardson, 1983), o que parecia estar se dando nesse caso. Muitas mães ficam apreensivas com a ideia de ter que cuidar de duas crianças pequenas ao mesmo tempo, podendo querer estimular a autonomia do filho mais velho (Baydar et al., 1997a; Baydar et al., 1997b; Dunn et al., 1981; Field & Reite, 1984; Gottlieb & Baillies, 1995). Dividir a atenção entre os dois filhos e atender demandas simultâneas é uma das dificuldades apontadas por mães de dois filhos (Cramer, 1997; Frost, 2006; O’Reilly, 2004). Apesar das preocupações em relação à divisão do tempo entre os filhos, Alice criava espaço para o bebê, afirmando que amava os dois de forma “*igual*”. É comum as mães de dois filhos desejarem dar um tratamento igual a ambas as crianças (Frost, 2006). Acrescido a isso, após o nascimento de um novo bebê, uma das preocupações de mães múltiparas é atender às necessidades dos outros membros da família (Hiser, 1987). Nesse caso, a mãe entendia que a primogênita era quem percebia mais claramente a questão do tempo e recorria a comparações entre os filhos, para falar dos cuidados que despendia com cada um. Assim, confirma-se o que já é consenso entre diversos autores, de que o maior impacto da gestação e nascimento de um segundo filho se dá na relação da mãe com o primogênito (Brazelton, 1988; Dunn & Kendrick, 1980, 1986; Field & Reite, 1984; Kojima, Irisawa & Wakita, 2005; Oliveira & Lopes, 2008; Stewart & cols., 1987). Pode-se pensar nas repercussões desses sentimentos para a relação da mãe com o bebê. Além disso, a relação com a primogênita era permeada pela maior independência da menina que

estava com seis anos, quando o bebê tinha seis meses. A questão de criar espaço para mais um filho voltou a ser associada à divisão e administração do tempo, quando o menino tinha completado um ano de idade. Alice antevia que com a crescente independência do filho, poderia voltar a ter mais espaço para si e para a família. Nesse sentido, confirmou-se o que foi apontado no estudo de Frost (2005), que na medida em que o bebê se torna menos desamparado, pelo seu desenvolvimento rumo à independência, e os filhos começam a desenvolver uma relação entre si, a mãe volta a criar espaço para ela mesma.

As comparações com a primogênita seguiam sendo trazidas pela mãe que costumava dizer que queria “*repetir a dose*”, com o que havia funcionado bem com a menina. De maneira gradual, algumas diferenças de temperamento dos filhos iam sendo elencadas por Alice que criticava o estereotipo de “*menino é bola ou bicicleta*” e “*menina é boneca*”, ao mesmo tempo em que reconhecia tais características nas brincadeiras dos filhos. O segundo filho passou a ser percebido cada vez mais como uma criança difícil, a partir do parâmetro da irmã, considerada mais dócil. Assim, Alice relatava que a primogênita tinha preferência pela mãe, o que dificultava os momentos de separação das duas, enquanto com o segundo filho, essas questões eram mais amenas, até pelo fato dele ser considerado mais brabo. Quanto à diferença de gênero entre os filhos, sabe-se que uma mãe não considera narcisicamente da mesma maneira um menino ou uma menina. Nesse período, a mãe afirmava que a primogênita muito ligada à mãe “*ela tem muita identificação comigo*”. Mesmo que a identificação possa ocorrer independente do gênero, quando a mãe tem a chance de comparar como foi tornar-se mãe de um menino e de uma menina, essas questões podem ficar mais evidentes, do que quando a experiência ocorreu apenas com um dos sexos (Bernstein, 1983). A experiência com cada filho é diferente, assim como o espaço que a criança ocupa na vida da mãe. A singularidade de cada bebê também se liga ao momento específico da vida da mulher, que se torna mãe de um novo ser (Cramer, 1997; Mercer, 2004; Salmela-Aro et al, 2000). Acrescido a isso, nesse caso, a relação com o sexo oposto foi fundamental no tornar-se mãe e no processo de acolher essa criança em sua vida e integrá-la na família.

As impressões sobre o segundo filho, na gestação, eram muito baseadas no fato de ele ser um menino. A mãe expressava sua ambivalência ao considerar que uma menina seria “*mais fácil*” e que um guri seria “*uma aventura diferente*”, mas atribuía ao marido o temor pela “*hiperatividade*” característica dos meninos. Na

gravidez, Alice destacava que tornar-se mãe de um segundo filho só se daria a partir da interação, com a chegada do bebê “*não consigo assim definir ainda, vai ser na hora que eu enxergar ele e iniciar uma interação com ele*”. As expectativas de que ele tivesse um bom desenvolvimento no futuro, bem como as semelhanças físicas e emocionais deste com o pai de Pietro, passaram a ser descritas. A referência à imagem futura da criança está sempre presente (Brazelton & Cramer, 1992; Cramer, 1997). Sendo assim, já durante a gestação, a mãe costuma expressar as aspirações e preocupações quanto ao futuro do filho que está por nascer (Cramer & Palácio-Espasa, 1993). Logo, o segundo filho seguia sendo visto como mais ativo e a mãe já apontava demandas claras do menino, aos seis meses. A expectativa de que ele se parecesse com a primeira já deixava de se confirmar em termos físicos, mas emocionalmente ainda havia esperança de que ele fosse se tornar uma criança tranquila como a primogênita. Com um ano de idade, o menino era considerado muito ativo e brabo, que demandava mais atenção que a filha e demonstrava claramente suas preferências. Alice dizia que ele não gostava de ficar sozinho, pois vivia num “*meio povoado*”, tendo a irmã para interagir. Assim, retomava que o filho tinha a mesma posição que ela na família, pois era a caçula e lembrava que também andava sempre atrás dos irmãos, procurando compreender o filho através de sua própria posição na fratria. Com dois anos, o menino passou a empreender mais movimentos de conquista do próprio espaço, ao mesmo tempo em que se aproximava da mãe. Além da motricidade, que vinha chamando a atenção da mãe desde o início da vida do bebê, várias outras áreas de desenvolvimento do segundo filho causavam impacto em Alice, tais como a aquisição de linguagem e expansão do vocabulário, além de comportamentos cada vez mais ativos, com os quais ela teve que aprender a manejar. As comparações com a irmã diminuíram, mas algumas aproximações com o jeito do marido, a partir de relatos da infância dele, voltaram a ser feitas, relacionados ao futuro, tais como a possibilidade de ter que lidar com problemas escolares. Imediatamente, após verbalizar tais preocupações, Alice dizia que não adiantava sofrer com antecedência, ainda que tenha feito isso ao longo de vários momentos. A relação da primogênita com o irmão foi se intensificando e fazendo com que a mãe tivesse que intervir mais nas brincadeiras que envolviam divisão de objetos. Nesse caso, na medida em que o segundo filho se tornava menos dependente, a mãe buscava fornecer espaço suficiente para conter as demandas

dos dois filhos, favorecendo a interação entre os irmãos e, posteriormente, passava a procurar um espaço para ficar longe das crianças (Frost, 2006).

Nesse caso, a relação com a própria mãe não esteve em evidência em termos de apoio prático, devido aos pais e familiares de Alice morarem em uma cidade da serra gaúcha. Contudo, mesmo sem a presença física no cotidiano, a mãe resgatou várias lembranças de sua infância. O fato de ser a filha mais nova - como também era Pietro - foi lembrado, assim como as perdas de bebês que a mãe teve e o repouso absoluto que fez durante a gestação de Alice: *“a minha mãe perdeu cinco filhos, cinco gestações entre o meu irmão e eu que sou a última”*. O repouso de Alice também mobilizou seus pais, que a visitavam com mais frequência nos finais de semana e redobram as recomendações de cuidados, naquele período, ainda que por telefone. O apoio atento de uma avó pode tranquilizar uma mãe fragilizada (Cramer, 1997). Já a reação dos familiares de Júlio à gestação foi diferente, pois a mãe dele falecera havia poucos meses, então havia o luto pela perda da avó paterna, misturado à notícia da gravidez. Com o segundo filho, a mãe se permitiu receber mais apoio e delegar mais tarefas ligadas ao bebê, fato inclusive destacado pela avó materna. Embora Alice ficasse atenta, disse que conseguia “entregar” os cuidados do segundo filho, mais do que antes. Aos seis meses, a mãe tinha uma funcionária encarregada de ajudá-la nos cuidados diários do bebê. A relação com a mãe e demais familiares e figuras de apoio, aos 12 meses do segundo filho, passou a ser elaborada em termos das diferenças do jeito de Alice cuidar dos filhos e do que ela dizia ter aprendido com as irmãs. Embora não dissesse ter um modelo materno, Alice reconhecia maior envolvimento e participação dela e das crianças no cotidiano familiar, do que de seus próprios pais em sua criação. Quando o segundo filho tinha dois anos, a mãe passou a elencar atitudes que também a distinguiam dos modelos familiares de maternidade, afirmando que tentava encontrar seu próprio jeito de cuidar do segundo filho, a partir do que não considerava adequado na sua família, ainda assim esse ideal nem sempre era alcançado, pois também se sentia estressada e cansada, muitas vezes, não conseguindo dedicar-se da forma que gostaria. A influência de sua própria infância e a forma como foi criada foi resgatada para ilustrar o que procurava evitar repetir. Frost (2006) encontrou algo em comum em mães de dois filhos, a tentativa de não repetir aspectos da própria família. Assim, Alice buscava intensificar o envolvimento com os filhos, mas reconhecia que incluir mais as crianças nas decisões e tarefas cotidianas, aumentava as demandas

e o trabalho. Por outro lado, apontou algumas semelhanças no jeito dos pais e em seu próprio estilo parental. Nesse momento, ela contrapunha a si própria como mãe de um e de outro filho, passando a notar maior proximidade com o jeito de seu pai. Os pais podem se apoiar na lembrança inconsciente das boas relações que tiveram com seus pais, o que consolidará a troca com seus filhos. Graças a essa base saudável de identificação com seus próprios pais, integrando as crianças na família, sem fazê-las carregar a projeção de seus conflitos pessoais. É preciso haver um equilíbrio entre a necessidade de liberdade da criança e o que os pais transmitem a partir de suas próprias experiências (Cramer, 1997). A mãe, a partir de suas experiências da infância e das exigências do ambiente, acaba por criar sua definição de papel maternal e passa a constituir seu modelo pessoal (Balsam, 1996; Cramer, 1997), como Alice. Ela também se aproximou emocionalmente da mãe e passou a permitir que ela e a pessoa que a auxiliava, assumissem mais tarefas com o menino. Diversos autores concordam com algumas observações gerais sobre o tornar-se mãe, a saber, que a gestação e posteriormente o nascimento do bebê renovam ou intensificam os sentimentos da mãe em relação à própria mãe. Nesse período, a mulher pode sentir-se ambivalente e reativar conflitos em relação a sua mãe, bem como sentir que precisa da própria mãe para lhe ajudar com o bebê e com suas próprias necessidades. É comum que a mãe tenha a aspiração de se tornar uma mãe melhor que a sua própria mãe ou tema não se tornar tão boa quanto sua mãe foi (Balsam, 1996, 2000; Cramer, 1997; Frost, 2006; Stern, 1997).

Em termos de apoio e acolhimento, a relação com o marido também foi se transformando desde a gravidez. Júlio intensificou os cuidados com esposa, no período de repouso, o que fazia Alice sentir-se muito bem com a maior dedicação dele. Ela destacou que nesse período “*o marido fica tão querido*” e a atenção que recebia era dobrada. Além disso, o envolvimento com a primogênita aumentou, o que levava a mãe a pensar que ele também seria um bom pai para o segundo filho, ainda mais pelo fato dele ser menino. Aos seis meses, Alice afirmava esperar maior compreensão do esposo, pois se sentia mais cansada por ter que assumir os cuidados das crianças sem tanta ajuda de Júlio. Mesmo assim, entendia a preocupação dele com a carreira e o crescimento profissional. Ela ainda destacava o fato dele ser um pai diferente com cada filho, considerando ser uma mãe semelhante, por oferecer os mesmos cuidados e fazer os mesmos tipos de brincadeiras. Quando o segundo filho estava com um ano, o apoio que recebia de

Júlio era sentido como insuficiente, pois ela gostaria de poder dividir mais as tarefas com o marido. De acordo com a mãe, o menino demonstrava querer atenção e cuidados do pai, mas o marido ainda não se envolvia espontaneamente nas tarefas da criança. Ela se incomodava e ficava sobrecarregada com essa situação, chegando a considerar o esposo imaturo, em alguns momentos, o que os afastava. Nesse contexto em particular, Winnicott (1964/1982c) ressalta a importância do papel do pai para dar apoio e ajudar a mãe, mesmo que ele não esteja presente o tempo inteiro, mas que seja vivo e real para o bebê. A relação com o marido passou a ser de maior envolvimento com o segundo filho, quando este tinha dois anos. O “*desabrochar*” da interação dos dois, fez a mãe admirar ainda mais o esposo que tinha “*virado*” pai. Alice, ao longo dos relatos, destacou o processo de tornar-se pai de Júlio, dizendo “*parece que a gente conhece o marido quando ele vira pai*”. As necessidades e cuidados dos filhos acabam fortalecendo os papéis parentais, em detrimento da conjugalidade (Piccinini et al., 2007). Além disso, torna-se necessária a redistribuição de tempo e energia destinada às relações psicossociais (Carter & McGoldrick, 2001).

Alice ressaltava a importância de ter algum tempo em família, buscando programas de lazer que contemplassem a inclusão de todos, nem sempre isso era possível para o marido. Isso corrobora as ideias de O’Reilly (2004), que aponta para a necessidade de redistribuir a atenção familiar, encontrando ainda momentos de descanso. Para Alice, a chegada do segundo filho desencadeou no marido mais preocupações quanto às questões financeiras, o que o fez buscar aperfeiçoamento profissional, ao mesmo tempo em que o distanciou da família. Com o nascimento de um segundo filho, muitos autores apontam mudanças na distribuição financeira e de espaço físico, bem como na disponibilidade de tempo e de interações familiares, de forma distinta para a mãe e para o pai (Dunn & Kendrick, 1980; Kreppner et al., 1982, Walz & Rich, 1983). Ainda assim, o papel de apoio do marido, nos cuidados com a primogênita foi destacado, em especial, durante o repouso de Alice. Esse maior envolvimento do pai com o primeiro filho torna-se essencial no contexto da chegada de um novo bebê, assim como o apoio dos demais familiares e amigos (Choi, Benschaw, Baker & Tree, 2005, Gottlieb & Mendelson, 1995), com destaque para a avó materna (Levitt, Webber & Clark, 1986, Piccinini et al, 2007). Sobretudo, o pai, através de seu apoio à esposa e maior envolvimento com o filho mais velho exerce um papel fundamental nesse momento de transição familiar. Ele também parece criar sua própria dupla com o



mais, já que nos momentos iniciais a mãe, necessariamente, se volta mais para o novo bebê. Ainda no presente caso, conforme já mencionado, o fato de a avó materna residir em outra cidade fez com que a mãe contasse mais com o auxílio de uma empregada e com o sogro, do que com o próprio marido que estava envolvido com a carreira, também para prover melhores condições à família.

Sendo assim, confirmou-se que o tornar-se mãe de um segundo filho desencadeia diferentes sentimentos na mulher. No caso de Alice, também encontramos alguns pontos em comum com o que a literatura tem destacado, tais como sentimentos de perda da relação mãe e filho único, busca de aceitação do bebê pelo primogênito, preocupação com a sua inserção no ambiente familiar, ambivalência em dar conta de amá-lo da mesma forma que o mais velho (Frost, 2006; Oliveira, 2006; Pereira, 2006; Richardson, 1983; Walz & Rich, 1983). Por outro lado, Frost (2006) relatou os sentimentos de satisfação materna em compartilhar momentos com os dois filhos, decorridos os primeiros meses de vida do segundo filho, quando o primogênito podia ser inserido mais ativamente nas interações. O tornar-se mãe de um segundo filho para Alice sofreu transformações. Assim como a mãe passa por mudanças, deixando de ser mãe de uma única criança e tornando-se mãe de um segundo filho, surge a necessidade de criar espaço para o novo bebê, o que implica em maior disponibilidade materna para atender às duas crianças. Essa dificuldade apontada nos três primeiros momentos desse caso foi diminuindo com o passar do tempo. Além disso, no segundo ano, houve um decréscimo nas comparações que a mãe fazia entre as crianças e maior reconhecimento da individualidade do segundo filho. O fato de Alice ter gerado menos expectativas sobre o novo bebê, mesmo nos momentos de gestação e primeiros meses, confirmou o que é apontado por Kancyper (2002), que sobre o segundo filho, costumam recair idealizações menos diretas e maciças e também menos precisas e mais próximas ao ideal do ego do que ao ego ideal parental. Já sobre o primogênito, seriam atribuídas identificações mais idealizadas. Ainda podemos entender esse processo com base no que Cramer (1997) aponta sobre essa descoberta essencial no desenvolvimento de qualquer relação pais-filho. Para o autor, quando os pais que conseguem “descontaminar” seu filho das projeções nele depositadas eles o vêem com novos olhos. É como um segundo nascimento, desta vez, psicológico. Uma nova criança se revela sob esse olhar. Nesse caso, a partir do reconhecimento da singularidade de cada

criança, Alice passou a apreciar o incremento da independência de Pietro. A relação com sua mãe, com o marido e a filha também foram redimensionadas, a partir das mudanças nas impressões sobre si e do que aprendia a cada dia com o segundo filho.

### **Caso 3: Constance, Ronaldo: Clarisse & Giulia**

*“Nos assuntos humanos, os mais complexos só podem evoluir a partir dos mais simples”*  
(Winnicott, 1945/1982, p. 36)

Constance tinha 33 anos, na gestação da segunda filha, Giulia. A mãe tinha ensino superior e trabalha na área da saúde como representante farmacêutica. Ela era primogênita e tinha apenas uma irmã que morava próximo. A irmã não tinha filhos, na época da gestação da segunda filha e a ajudava, eventualmente, no cuidado da primogênita. Um pouco mais de um ano após o nascimento da segunda filha, a irmã de Constance mudou-se para Florianópolis e ela passou a se intitular “*a única filha*”, por se considerar muito ligada e próxima a seus pais. A irmã passou a ter uma enteada com a mesma idade da primogênita de Constance e quando vinha ao Estado, as “primas” adoravam conviver e brincar juntas. Os pais de Constance eram muito presentes e a auxiliavam frequentemente, por serem aposentados eram bastante ativos e envolvidos com as netas. Ela destacou que seu pai era filho único e que a mãe tinha vários irmãos, que não moravam em Porto Alegre.

Constance era casada com Ronaldo, era o pai de suas duas filhas, há seis anos. Ele estava com 34 anos, ensino superior completo e trabalhava na área de gestão. Clarisse, a primogênita tinha 5 anos e frequentava a pré-escola durante a gestação da irmã. A segunda filha foi planejada, diferente da primeira, em que Constance e Ronaldo foram surpreendidos com a notícia da gravidez na lua-de-mel, logo após o casamento. Ao mesmo tempo em que se assustaram por não terem “programado”, logo se adaptaram ao fato de terem um bebê. A família é de nível socioeconômico alto. O marido tinha um irmão, do primeiro casamento de seu pai, que morava em outro Estado e seus pais eram separados. O avô paterno tinha outra família e um filho de sete anos, com quem conviviam bastante. O “tio” convivia com a família e brincava com a primogênita, mas tinha problemas neurológicos que o limitavam em muitas atividades. A relação com a avó paterna era distante, pois ela se envolvia muito com o próprio trabalho e tinha um jeito

mais frio de se relacionar com as netas, embora, após o nascimento da segunda filha, a avó paterna tenha se envolvido com algumas atividades da primogênita e quando os pais viajavam a trabalho, ela auxiliava a avó materna nos cuidados noturnos das netas.

**Gestação:** *“Tu já sabe tudo como é que vai ser”*

### **1. Impressões sobre a maternidade de um segundo filho**

Constance disse ter se sentido tranquila ao descobrir a gravidez, considerando não ser mais novidade por não ter tantas surpresas da segunda vez: *“Ai, é muito bom... Por um lado porque já não é muita novidade. Então, assim, não tem mais surpresas. Uma dorzinha antes, eu ‘Ai, meu Deus! Que é isso?’ E corria pro médico”*. Atribuía isso ao fato de se considerar mais preparada na gestação da segunda filha, sem gerar tanta expectativa de como seria após o nascimento: *“mais madura, mais segura, não é mais aquela expectativa, ao mesmo tempo aquele medo: ‘Ai, como é que vai ser, depois que nascer?’”* Ainda assim dava-se conta de que havia diferenças na forma como vivenciou cada gestação: *“Tu já sabe tudo como é que vai ser. Entre aspas, claro. Cada gravidez é diferente da outra, cada parto, cada criança é diferente... A sensação que eu tenho, é que eu tô mais madura... tô super bem”*.

Assim, o sentimento de tranquilidade que foi expresso por Constance esteve ligado ao conhecimento de como seria uma gestação e por esta ter sido programada: *“foi bem tranquilo, porque foi mais ou menos programado. Então, o segundo filho tu fica sabendo mais rápido quando tu tá grávida do que... o primeiro. A minha primeira eu fui saber quando eu tava com quase três meses... [o segundo] não tinha nem um mês, eu já tava sabendo... Então eu fui só mesmo fazer o exame pra me certificar”*. Constance percebeu mudanças em seu ritmo, tendo se tornado mais lenta e esquecida na gestação: *“muito esquecida... mais lenta... quero passar num lugar: ‘Bah! Tô com a barriga!’, esqueço da barriga, sabe?’”*

Constance relatou que ela e o marido tinham planejado a gestação da segunda filha, mas esta ocorreu mais rápido do que pensaram que seria, embora já estivessem querendo engravidar novamente: *“a gente não pensou que fosse tão rápido... quando a gente se programou... parei de tomar pílula uns meses antes... já na primeira semana que não nos cuidamos... eu fiquei grávida... ‘Ai, já’?... pensei, vou ficar grávida lá pelo meio do ano”*. Mesmo tendo sido tão depressa, ela disse ter sido tranquilo, pois queriam muito esse bebê.

Constance falava sobre como se sentia grávida novamente, mesmo afirmando diversas vezes estar emocionalmente tranquila, algumas

particularidades dessa segunda gestação tais como mais sintomas físicos, foram destacados: *“senti um pouquinho mais, a parte física, de enjoô no início... não foi nada, aquela coisa: ‘Oh, que horror’... E emocionalmente foi super natural, sabe?... ‘Ai, eu tô grávida! Que coisa boa!’ , nada de negativo passou na cabeça. Ao contrário, tudo super bem, eu me sentindo mais madura... foi super tranquilo”*. Apesar das diferentes transformações em seu corpo, Constance referia que as mudanças físicas faziam parte desse momento e que poderia voltar a emagrecer depois que o bebê nascesse: *“tava mais preocupada... Agora a segunda, eu já tava com o meu peso acima... vou ficar imensa... uma bola... Mas não fiquei... não deixei de comer nada, não me privei de nada... tu esquece, dessa coisa de corpo... No início eu acho que até o corpo fica pior. Se tu começar a te olhar muito... depois com a barriga já tu te torna... tu vê que é barriga mesmo... Claro, mudanças do corpo tem... Todo mundo que quer ser mãe tem que saber que isso faz parte... Mas nada que depois uma ginástica não resolva”*.

Antes de saber o sexo da segunda filha, Constance expressou que sua referência familiar era muito feminina, pois ela teve uma irmã: *“era só nós meninas em casa”*, então ela mesma se imaginava apenas como mãe de menina e achava que não saberia ser mãe de menino: *“sempre disse pro meu marido: ‘Olha, eu não sei ser mãe de menino’. Ele: ‘não fala isso! Capaz! Tu vai aprender’. Eu disse: ‘Não sei, acho que a presença feminina é tão grande na minha família, eu e minha irmã, que eu não sei se for um menino’. Isso foi antes de eu engravidar. ‘Se eu tiver um menino eu não vou saber educar bem, será que, aquela coisa, eu não vou mimar muito’?”* Em diversos momentos essa mãe se questionou se saberia lidar com um menino e o marido que, por sua vez, só tinha irmãos homens, a tranquilizava, afirmando que se chegasse o bebê ela saberia. Nesse período, a mãe passou a imaginar que teria um filho homem, pois todos ao seu redor diziam: *“Ai, é um menino!”*. Constance recorreu àquela velha frase consoladora: *“pra mim, tanto faz... vindo bem é o que importa”*. Mas admitiu que, embora pensasse esperar um menino, ela e a filha ficaram muito felizes com a confirmação de que esperava mais uma menina: *“o médico olhou pra ela e disse: ‘Então tu pode agradecer a Deus, porque é uma menina’. Aí ela ficou toda contente”*, mas o marido exclamou: *“Bah! Outra mulher!”*, demonstrando sua decepção por não ser o que imaginava.

Ainda ao se reportar à motivação para essa gestação, Constance referiu que o casal queria ter dois filhos, pois não gostariam que a primogênita fosse única: *“fiquei super feliz... Um filho só a gente acha que também não é bom, que é bom ter mais, se tem condições pra ter mais”*. A mãe voltou a dizer que sua felicidade por estar grávida também se dava porque a primogênita queria uma irmã: *“sempre*

*tava querendo uma irmã... ela chegou assim pro médico e falou: 'Doutor, sabe que eu rezo todas as noites que venha uma menina'? Aí eu e o meu marido nos olhamos... O pior que tu quer agradar os filhos, não adianta, impressionante, né?'*

O segundo bebê era também o último filho que o casal planejava naquele momento. Embora Constance até cogitasse ter mais um bebê, o marido temia que fosse outra menina: *“Não, hoje não planejamos. Eu, por mim, eu teria mais um. Meu marido diz que eu sou louca. Ai ele falou: 'Imagina! Tentar mais um! Imagina mais uma menina? Vou ficar com um harém dentro de casa!' ... se eu não precisasse trabalhar, viajar, eu teria mais um. Se vier outro, não tem problema... Ele adora criança também. Mas eu acho que... duas é o suficiente, tá ótimo.... eu já tô com 33 anos, tem que ver isso também”*.

Ainda antes de saber o sexo da segunda filha, começou o processo de escolha do nome da criança que também visou “agradar” a primogênita. Embora o marido e Constance tivessem uma lista de nomes de menina e de menino, buscaram a aprovação da filha, já que o nome escolhido pela primogênita era de uma personagem da Disney e os pais propuseram outras alternativas: *“fizemos uma lista. Aí ficamos entre três nomes... se perguntava pra Clarisse que nome ela queria... Jasmim, que era o nome da princesa da Disney, do Aladim... não poderia ser aquele nome... Aí eu e o meu marido que escolhemos... eu queria muito Giulia”*.

Constance dizia que não se preocupava com o parto, embora preferisse normal, como o da primeira filha: *“Na hora que eu vou ver, eu não me preocupo com essa coisa: 'Ah! Essa aí vai ser parto normal'... a Clarisse nasceu de parto normal. Eu prefiro que a Giulia nasça também de parto normal... eu tô bem calma”*. Caso tivesse que se submeter a uma cesariana, entendia que seria algo pelo qual passaria bem: *“se for cesárea. Claro que eu quero normal por causa da recuperação, que da Clarisse, quando eu tive, foi maravilhosa. Claro, sofri um pouco, tive que ser induzida... porque não tinha dilatação. Mas isso a gente tem que passar. Não passa de um jeito, passa depois, na recuperação de uma cesárea. Então, eu vejo de uma forma normal... Tem que passar, tem que sair, né? (risos)”*.

Os primeiros contatos com o bebê através da ultrassonografia deixaram a mãe emocionada, achando o “coração impressionante”: *“Ah, muito bom... ver o nenezinho, assim. É que no início tu não enxerga bem. Tu enxerga um grãozinho de feijão, na verdade... a gente se emociona, né? A gente grava tudo, até uma certa idade. Depois não dá nem pra gravar mais. Então não vale a pena gravar mais. Mas quando é pequenininho, assim... Ah! O mais emocionante é escutar o coraçãozinho”*. Sentir a filha mexendo no ventre foi destacado com muita emoção pela mãe: *“Ah, eu acho que*

*desde o quarto mês a gente já sente... é no sexto mês que tu sente mais intensamente. E agora mais intensamente ainda... ela tá mexendo ali”.*

### 1.1 Criar espaço para o segundo filho

A criação de espaço físico para receber mais um bebê não parecia estar deixando a mãe preocupada nessa gestação: *“ao mesmo tempo, por ser o segundo filho... tu acaba deixando pra última hora, assim, arrumar as coisas, mamadeira... Então tu não te preocupa tanto com essa parte mais material”.* Embora, a partir das observações de outras pessoas, ela tenha começado a se preocupar: *“Agora que eu tô começando a ficar um pouco ansiosa... porque todo mundo começa a te cobrar: ‘Tu não arrumou nada? E a malinha já tá pronta?’ Ah, mas falta um mês e pouco, né, calma! ... hoje, eu comprei banheira. Fim de semana a gente vai montar o berço. Ai eu acho que semana que vem eu vou tá mais tranquila”.* As filhas ficariam no mesmo quarto, pois a mãe atendeu o pedido da primogênita.

A diferença percebida por Constance estava justamente na mudança da preocupação com as coisas externas para as questões de saúde: *“tu não te preocupa tanto com essas coisas. Tu te preocupa com a saúde, se tá boa... é isso que eu acho que tem diferença”.* Em diversos momentos, Constance mostrou-se atenta às reações da primogênita e seus pedidos de uma irmã, tendo inclusive influenciado sua motivação de engravidar, para agradar a filha: *“feliz, porque a gente acaba sempre querendo agradar os filhos. Então, eu sempre quis ter mais um filho, isso já era certo, mas, como a Clarisse sempre pedia, pedia e fazia dois anos que ela vinha pedindo”.* Além disso, para tomar a decisão de ter outro filho, a mãe considerou a idade da primogênita e a mudança para um apartamento mais espaçoso: *“A gente achou melhor quando ela fosse maiorzinha, ter outro. Até porque a gente tinha que se mudar do apartamento menor para um maior. A gente pensou também nessa organização, da vida da gente”.*

A mãe já antevia que teria que dedicar mais atenção à segunda filha, quando ela nascesse, pela dependência do bebê, em detrimento da primogênita : *“De mãe com um recém-nascido, assim. Ter maiores cuidados, dar mais atenção pra ela que pra Clarisse. É obvio isso. A gente acaba dando mais atenção pro bebê. Tem a amamentação. Então, eu sou muito tranquila nessa parte de alimentação, também. Olha, pra ser bem sincera, eu não penso: ‘Ai, como é que será que vai ser’...”.* Constance atribuía essa tranquilidade ao fato de não ter tido problemas com a primeira experiência: *“se eu tivesse tido o primeiro já, com alguma coisa traumatizante, com vários problemas... de repente isso já começa imaginar o segundo. Mas, da Clarisse foi tão tranquilo... que imagino que seja assim também. Se não for, paciência...”*

A mãe também lembrou que esse tempo de bebê passava rapidamente, então queria aproveitar muito a licença-maternidade: *“curtir ao máximo cada minuto que eu ficar com ela, porque depois passa o tempo e vem o trabalho, e vem aquela correria do dia-a-dia... cinco meses que eu for ficar com ela... o máximo que puder”*. Ela também sabia que após o nascimento da segunda filha, teria que dividir seu tempo e cuidados entre as filhas e que haveria mudanças na rotina: *“Vou ter que dividir a atenção com as duas, não vai ser só com a Clarisse”*. Assim, precisaria de mais uma pessoa para auxiliar com as tarefas da casa, para que ela pudesse se dedicar à segunda filha: *“pegar outra pessoa pra fazer faxina, pra se dar mais atenção pra Giulia... Com o bebê em casa não tem como não mudar uma rotina. Em muitos lugares a gente deixa de ir... tem coisas que acabam mudando. Mas, depende de como tu aceita. Nós aceitamos numa boa, com criança pequena. Sempre muda um pouco”*.

Embora a filha continuasse a pedir uma irmã e considerasse essa a razão da gravidez da mãe: *“Ela fala até hoje: ‘eu vou ter uma maninha porque eu que pedi. Eu que pedi, por isso que eu vou ter uma maninha’.”* A mãe não sabia como seria sua reação e como lidar com a primogênita após o nascimento: *“ao mesmo tempo em que ela pedia, a gente dizia: ‘Ai meu Deus, como é que vai ser!’ Os dois... Quando a gente contou, ela tava vendo TV. E ela ficou sabendo e a gente, aiff, ficou aliviado. Ah, acho que isso também da parte emocional... com ela sempre foi fácil”*. Constance ainda dizia que procurava não falar muito da segunda filha em frente à primogênita, para não despertar ciúmes na menina: *“eu procuro não falar muito com ela (bebê) quando eu tô com a Clarisse”*. Assim, a mãe pensava preservar a primogênita, não se dirigindo muito à barriga na presença da menina.

A fim de proteger a primeira filha, ela reservava momentos para interagir com a barriga, quando estivesse sozinha ou com o marido: *“falo mais com ela quando eu tô dirigindo, quando eu tô sozinha. E o meu marido... Quando a Clarisse vai dormir... fica nós dois ali no sofá, assistindo alguma coisa ou conversando, aí ele fica com a mão na barriga, aí que a gente curte, porque perto dela não...”* Essa era considerada uma forma da mãe preservar a primeira filha e a si própria da proximidade do nascimento de mais um bebê, pois ela sentia que uma nova realidade estava por vir: *“de tanto a gente falar, ela me disse esses dias assim: ‘Ai, esquece a tua barriga um pouco’. Aí eu senti, sabe. Então, agora a gente não comenta mais, quando vou falar sobre a ecografia, não levo mais ela, que ela foi em todas... Aí ela ficou com a foto [3D] da maninha... acho que agora ela tá vendo que a coisa tá ficando muito real”*.

## 1.2 Comparações

Ao falar da proximidade do nascimento, Constance lembrou de como gostava de estar com um bebê: *“ai um nenêzinho, aquela coisa do cheirinho. A gente lembra algumas coisas assim, né, de bebê, que é muito bom... A gente pensa tanta coisa, corre tanto no dia-a-dia que a gente não pára pra pensar. Mas, nas minhas recordações da Clarisse, de quatro anos atrás, sempre foram muito boas. Então, acredito que... seja igual”*. Assim, Constance dizia não idealizar muito a segunda filha, embora buscasse referências familiares para dizer com quem ela poderia vir a se parecer, fazia comparações com o marido, além da primogênita: *“Ah, é difícil, né? Que a gente vê muito pela eco. Fisicamente eu achei ela muito parecida com a Clarisse. A Clarisse é mais parecida com o pai... de repente mais parecida com ele. Eu acho. Pelos traços, pela testa alta. Eu tenho testa curta, ele tem testa mais alta... Não sei. Eu não idealizo muito ‘ai, vai ter cabelinho assim, cabelinho assado’. Não, do jeito que ela vier”*. As primeiras impressões sobre a segunda filha ainda se pautavam na experiência com a primeira: *“o primeiro filho, a gente imagina sempre que seja parecido... Então, assim, do jeito que vier, né? Vai ser bem aceita. Eu sei que tem os cinco dedinhos que eu já vi na eco... Ah Bochechudinha, como a Clarisse era. Eu acho muito parecido, parece que eu tô vendo uma e outra”* mesmo comparando, a mãe destacava que os filhos mudam: *“Que eles mudam tanto... Então, eles mudam”*. Por isso, voltava a afirmar que não sabia como seria o temperamento da segunda filha, mesmo que as pessoas dissessem que crianças com esse nome eram arterias, a mãe dizia que não imaginava como a menina seria e voltava a usar a primogênita como parâmetro: *“não imagino, assim. Todo mundo fala: ‘Ah, Giulia, todas as Giulias são arterias. Todas as Giulias fazem arte. Eu conheço uma Giulia, tu vai ver, tu vai sofrer com essa Giulia’... por causa do nome. Ai, eu acho uma besteira isso! Ai eu falo: ‘Ai, não sei, não sei como é que vai ser, porque eu não tenho como, né’? Eu imagino que seja uma menina normal. É que a Clarisse nunca me deu trabalho, eu nunca fiquei uma noite em claro com a Clarisse. Eu só fico com medo que ela me dê um baile (risos). Isso eu penso”*. A mãe ainda recorre a diversas comparações com a primogênita, para exemplificar a diferença nos preparativos para a chegada da segunda filha: *“No primeiro filho... já tava com o quarto pronto, berço montado. Acho que não tava com nem cinco meses de gestação e tava com tudo arrumado. E agora da Giulia não, tanto que é pro mês que vem e eu não arrumei nada, ainda”*.

## 2. Expectativas e sentimentos quanto ao segundo filho

Mesmo dizendo não ter expectativas, a mãe reiterou que esperava que a segunda filha fosse parecida com a primeira, que não lhe deu muito trabalho com



questões ligadas ao sono ou amamentação. Constance emendou dizendo que se esse bebê desse trabalho, ela iria cuidar de qualquer forma: *“se der trabalho vai dar... Paciência, se for parte. É um bebê... O que a gente vai fazer, né? Tem que cuidar?”*. Também quanto ao que a segunda filha seria no futuro, a mãe dizia não gerar planos: *“O que ela quiser ser, eu vou apoiar... não fico imaginando: ‘Ai, eu quero que meu filho seja...’ Não. Se quer estudar, eu vou dar todo o incentivo pra estudar. Mas, muitas pessoas hoje não estudam... Os artistas, sei lá, quer dizer, eu vou orientar. Agora, ela que vai escolher”*. A mãe pensava que criaria a filha do mesmo jeito que criou a primeira. Ainda assim, ela gostaria que a segunda fosse diferente da primogênita: *“A gente quer proteger o máximo os filhos. A verdade é essa... quero que a Giulia se defenda mais. Não seja que nem a Clarisse é muito meiguinha... quero que ela se defenda (risos). Não que bata nos outros, isso não. Mas acho que hoje, a primeira coisa que me veio na cabeça foi isso”*.

### **3. Relação com a própria mãe**

Constance falou que seus familiares ficaram muito felizes com a notícia da chegada de um novo bebê: *“Todo mundo adorou... a minha família e a família dele são famílias pequenas... Então, na verdade, uma criança, bah!”*. Tanto a mãe como o pai de Constance a ajudavam bastante, nas rotinas cotidianas: *“Meus pais me ajudam muito... Fora nós, assim, meu pai e minha mãe que me ajudam mais. Realmente”*. Já dos sogros ela não tinha o mesmo apoio, mas também contava eventualmente com a ajuda da irmã: *“Com minha sogra eu não posso contar muito, nem o meu sogro. A minha irmã me ajuda, mas ela também trabalha o dia inteiro, mas quando eu preciso, ela vem aqui e fica”*.

Além de contar com a ajuda do marido e da irmã, tornou a destacar a presença e o apoio constante de seus pais: *“Meu pai e minha mãe são muito presentes. Eles são aposentados, então a vida deles é eu e a minha irmã. Então eles nos ajudam muito, tanto que eles fizeram a minha irmã.. comprar um apartamento há duas quadras daqui, né... Ela comprou um apartamento aqui no início do ano... acho que já pra eles virem pra cá, que eles moram no centro, quando precisar cuidar mais do bebê. Então, assim, apoio eu sempre vou ter”*.

### **4. Relação com o marido**

Constance e o marido compartilharam a surpresa da rapidez com que se deu essa gestação: *“A gente viveu juntos aquela surpresa entre aspas, porque já tava programado, só que aconteceu tão rápido. A gente: ‘nossa, que rapidez!’”*. O marido tinha a expectativa de que o segundo filho fosse menino: *“Ele nunca falou nada, mas eu sei que tinha uma expectativa de ser menino... Eu perguntava pra ele: ‘Fala bem*

*baixo pra Clarisse não escutar. Ai, o que tu achas que é'? Ele: 'não sei'. Porque da primeira ele falava: 'É uma menina...' E foi uma menina. Então da segunda vez, eu acho que ele tinha uma expectativa".*

Constance costumava sentir-se apoiada pelo esposo, além dos pais: *"o apoio que eu tenho é do meu marido e dos meus pais... Mas não que eu fique esperando isso".* Nessa gestação, ela pôde contar ainda mais com o apoio do marido para lhe acompanhar em viagens a trabalho: *"Nos dois últimos meses, quando eu viajo, ele tem ido comigo, pra eu não viajar sozinha. Ele pode sair... ele visita clientes".* Constance considerava fundamental esse acolhimento e apoio de Ronaldo, para que ela pudesse trabalhar e compartilhar situações cotidianas: *"ele me apoia desde tudo. Desde me ajudar com a Clarisse... Ele é um marido que eu digo que eu não posso me queixar, porque ele me apoia psicologicamente, ai, quando eu tô triste, quando eu tô com alguma coisa... Então, muitas vezes... eu desabafo com ele".* Além disso, ela também percebia seu marido como um pai bastante envolvido e participativo: *"Ele é um ótimo pai. Ele se envolve bastante. Ele é daquele tipo que qualquer coisinha se apavora, se assusta, mas depois... A gente assume, não fica aquela coisa: 'ai meu Deus, e agora'?"*.

Na medida em que a gestação se aproximava do término, Constance passou a contar ainda mais com a ajuda do marido para cuidar da primogênita: *"De vez em quando, eu preciso ficar trabalhando muito no computador de noite, ele cuida da Clarisse, ele dá banho, dá comida".* Ela se dizia muito satisfeita por poder dividir as tarefas da casa e receber esse apoio: *"a gente divide tudo, muito... Eu acho que ele faz muito mais coisas do que eu, na verdade... Essa parte doméstica, ele assume muito mais do que eu... o que eu precisar".* Quando ele não a acompanhava nas viagens a trabalho, encarregava-se da primeira filha, assumindo plenamente os cuidados da menina: *"Eu viajo bastante... Eu fiquei 17 dias fora e ele ficou com a Clarisse... até porque eu não tenho babá. Eu tenho uma pessoa que fica, que entra às oito da manhã e que sai à tardinha.... Ele sempre assumiu a Clarisse... quando eu precisava sair".*

O fato de contar com o marido para os cuidados da filha fazia com que Constance se sentisse tranquila, para os momentos que se seguiriam ao nascimento do bebê e o admirasse também como pai da segunda filha: *"os mesmos cuidados que teve com a Clarisse, ele vai ter com a Giulia. Com certeza. Claro que ele vai ter que me ajudar muito com a Clarisse. Eu sei que ele vai ter que dar mais".* Desde a gestação ele já estava mais envolvido com a primogênita, devido ao estado da mãe: *"desde que começou a aparecer mesmo a barriga, começou a pesar... Tem dias que*

*eu chego de tardezinha e não consigo levantar do sofá... hoje ele tá dando muito mais atenção pra Clarisse. Ele sempre deu... até ele brinca mais com ela do que eu, muitas vezes... quem acaba dando mais atenção pra ela, de noite, de casinha, é ele".* Todo esse apoio, deixava a mãe segura, por saber que a primogênita já estava acostumada e ela se sentiria mais liberada para estar com a segunda filha, quando o bebê nascesse: *"acredito que isso é bom, porque pra ela não vai ser nada diferente quando nascer a maninha. Se a mãe precisar ficar mais com a maninha, ela vai tá com o pai, mas isso já é normal pra ela, ficar com o pai, mais com o pai"*.

**6 Meses:** *"Uma mãe descabelada... privilegiada... feliz... realizada"*

### **1. Impressões sobre a maternidade de um segundo filho**

Quando a segunda filha estava com seis meses, essa mãe se descreveu como sobrecarregada, mas feliz, privilegiada e realizada por ter duas filhas como sempre almejou: *"Ai, como mãe do segundo filho. É uma correria, às vezes. Uma mãe descabelada... É que eu sou privilegiada de ter elas que são muito boazinhas... Então eu me vejo mãe de duas filhas... num lugar muito feliz, que era o que eu sempre queria, no mínimo, dois filhos... realizada"*. Ao mesmo tempo, esforçava-se para dar conta de sua vida profissional e conciliar os cuidados e momentos de atenção à segunda filha: *"uma mãe moderna que nem se fala, porque eu fico até de madrugada no computador trabalhando. Às vezes, trabalho com essa daqui no colo, ah está sendo bem puxado... mas a gente sabe que é um período difícil. Então, eu estou muito feliz"*. Por outro lado, a mãe se descrevia como mais impaciente do que o marido e contava com ele para lhe ajudar a manter o equilíbrio emocional: *"Meu pavio tá curto, que nem eu falo que eu tenho o pavio mais curto que ele. Ele não, ele tem uma paciência... muitas vezes... Ele vê que eu tô sem paciência, que eu tô correndo... ele percebe essas coisas. Acho que tá tudo muito bem, muito bem, muito bem"*.

Contudo, após o nascimento do bebê, ela disse que parecia tão nova a experiência, que era como se não tivesse mais a primogênita naquele momento e estivesse tendo um filho pela primeira vez: *"é muito estranho quando tu está na maternidade e teve um filho, a Clarisse ficou com os avós, não pôde dormir no hospital e o Ronaldo ficou comigo... E nesses três dias a impressão que eu tinha é que eu não tinha a Clarisse, parecia que eu estava vivendo tudo aquilo de novo, uma coisa tão gozada"*. A partir da nova experiência a mãe se remetia à primeira, mas ainda assim era diferente e exclusiva: *"Como se fosse a primeira sabe. E aí eu comecei a perguntar para outras mães, elas disseram é a mesma coisa... Eu senti a mesma sensação parecia que eu estava vivendo tudo aquilo de novo, claro que não, era diferente... claro que eu não ia esquecer que tinha outra filha. Mas por algum tempo*

*assim, no meio da noite, alguma coisa assim que eu acordava, parecia que era só ela mesma [a segunda], acho que era justamente porque a outra não estava perto. Mas uma coisa bem interessante”.*

A mãe lembrou que durante a gestação não havia imaginado como seria o bebê, nem gerado expectativas e quando a filha nasceu estava tranquila e não se surpreendeu como da primeira vez: *“eu não ficava imaginando... Mas quando eu olhei, ai é minha filha, não pensei se era, se não era, como eu pensava, acho que nem passou pela minha cabeça isso. Ela é minha filha e foi tudo muito tranquilo, não foi aquela sensação como eu estava com a Clarisse a primeira, ai é minha filha e agora o que eu faço?... ela já veio, já foi mamar”.*

A expectativa de fazer um parto normal não se confirmou, o que a fez comparar a diferença em relação à experiência com a primogênita: *“Ah o parto não foi muito bom assim, porque eu imaginei que seria parto normal... a Clarisse foi de parto normal e fiquei naquela expectativa do parto normal”.* A mãe sentiu-se frustrada por não ter tido *“aquela emoção”* de sentir a bolsa estourar, embora a cesárea tenha transcorrido tranquilamente, a recuperação foi dolorida: *“a cesárea foi ótima. E no outro dia levantei, tomei banho sozinha.... Eu sofri muito por causa dos pontos, foi só por causa disso né, mas no mais, depois foi tranquilo. Mas eu queria que fosse, que tivesse sido parto normal. Mas paciência né...”*

Contudo, a mãe dizia que o nascimento foi bem melhor do que ela imaginava e que ela se emocionou muito mais nesse momento, por ter logo visto a filha: *“Foi bem emocionante quando ela saiu assim da barriga, foi melhor do que a gente imaginava que fosse uma cesárea depois né... quando tira o nenê, é uma emoção muito maior do que parto normal”.* Ela retomou que não viu a primeira filha, pois ela tinha circular de cordão e teve que ser aspirada logo após sair do ventre, enquanto a emoção de ter visto logo a segunda filha a marcou muito: *“Então eu me emocionei mais com o da Giulia, eu e o Ronaldo, porque a gente viu saindo. A Clarisse eu não vi... Então foi mais emocionante [o segundo]”.*

Constance dizia vivenciar o momento em que a segunda filha estava com seis meses de forma tranquila e sem dificuldades: *“não tô tendo dificuldades, pra ser bem sincera. Tá sendo muito tranquilo assim, na parte maternal”.* Ela considerava o temperamento calmo da bebê com um fator importante para isso: *“Ai Deus me abençoou com as duas... Ela dorme oito e meia, nove horas, é a média assim dela. Ela vai até o outro dia, claro ela acorda umas três vezes para mamar. Ai eu vou lá dou o peito, ela mama dormindo. E acorda, hoje ela acordou às onze da manhã, para ti ter*

*uma noção. Eu dei leite para ela, acho que era umas sete e meia da manhã e ela foi até as onze. E de tarde dorme também, dorme bastante, dorme”.*

Nesse período de estar novamente com um bebê, a mãe resgatou a lembrança de não ter gerado expectativas sobre como seria a segunda filha, embora falasse que imaginavam um bebê moreno, diferente da primogênita: *“a gente brincava, quem sabe agora vem uma moreninha ou um moreninho, depois que era menina, ah uma moreninha”.* Com a chegada da criança, ela dizia estar feliz, pois a filha é como ela imaginava: *“era isso aqui mesmo sabe... estou bem feliz e acho que a gente imaginava ela mesmo como ela é... porque eu nunca quis ai ela vai ser assim... eu só pensava ai vai ser minha filha. Não tinha... ai quero, sabe”.*

A mãe relatou gostar de realizar todas as tarefas e cuidados cotidianos da segunda filha, pelo contato que estabelecia com o bebê nos momentos do banho, amamentação, entre outros: *“gosto de fazer, tudo, tudo né filha... Acho que o contato que a gente tem que ela gosta... Que a gente brinca, ai ela bate as perninhas na água, acho tão bonito. Acho que é a hora que eu estou cuidando mesmo dela... Que eu estou amamentando também... acho que o principal é a amamentação”.* O único momento que a mãe não apreciava era quando tinha que fazer a filha dormir: *“Eu só não gosto na hora que eu vou fazer dormir. E ela começa a espernear, não quer dormir, eu sei que ela está caindo de sono. Ai eu canto, filhinha vamos dormir, ai eu tenho que ficar ali né. Ai, às vezes, eu fico uns vinte minutos com ela, com a luz bem baixinha. Fico com ela para ela dormir... ela fica e bate perna e não quer dormir. Ai ela começa a suar, e vai dormir suada... não é que eu não goste, mas é que a gente pensa no bem estar deles.”*

Constance não cogitava ter outro filho, mesmo tendo lembrado que chegaram a pensar que teriam um menino, ela reafirmava que sempre se imaginou como mãe de duas meninas: *“eu sempre me imaginei mãe de duas filhas, isso sempre me imaginei. Ai quando elas eu estava grávida, duas meninas, eu sempre falava para o Ronaldo ai acho que são duas meninas. Não sei tinha uma coisa assim comigo. E ai quando era menina, era menina”.* A mãe sentia ter feito a escolha certa, tendo esperado alguns anos para ter a segunda filha: *“ai maravilhoso. Meu marido é que fala: ‘viu eu disse para a gente esperar um pouquinho, se tivesse uma atrás da outra, tu não ia te sentir segura’. Ai é muito bom”.*

A mãe já se surpreendia com o desenvolvimento da pequena, nesse momento, e com a interação desta com a irmã: *“Ah nossa impressionante, o desenvolvimento dela está assim a milhão. Eu estou impressionada com a esperteza... Cada vez mais aguçadas né. E ela está bem, desde pequenininha ela interage muito com a irmã. A irmã chega perto dela ela grita, faz festa”.* Constance ficava impressionada

com a precocidade do desenvolvimento motor do bebê: *“amanhã ela faz sete meses, tô achando tudo tão precoce sabe, fico impressionada... eu estimo a engatinhar quando ela quer ficar de pé... Mas se puder, ela se apóia e quer levantar. Ela já fica com a perninha dobradinha para levantar”*. A mãe percebia que a segunda filha ficava atenta à irmã mais velha: *“quando a mana não está em casa ela dorme mais, sim porque se ela escuta a voz da Clarisse ela desperta”*. A mãe atribuiu a maior esperteza da segunda filha ao *“incentivo”* da irmã mais velha.

A mãe descrevia a segunda filha como uma criança alegre cujas habilidades crescentes lhe chamavam a atenção: *“De uma semana para cá, ela está meio que se abanando com a mão. Não sei se ela quer abanar, de repente não é nem isso, mas ela faz assim com a mão. E parece que ela quer abanar, e eu fico impressionada. Eu não sei o que ela quer dizer, de repente até é para chamar a atenção, porque quando chega alguém”*. A segunda filha era considerada uma criança muito ativa, impaciente, mas meiga e carinhosa.

A segunda filha foi amamentada exclusivamente no peito até o final do quinto mês, quando a mãe voltou a trabalhar e introduziu outros alimentos: *“um dia antes de eu começar a trabalhar eu experimentei se ela ia aceitar outro leite nos momentos que eu não ia estar com ela. Porque eu não conseguia esgotar, tentei, tentei, me machuquei... E não consegui”*. As primeiras separações também foram sentidas como tranquilas para a mãe, que retomou suas atividades profissionais, deixando a filha com a babá e a primogênita: *“a primeira vez que eu sai para trabalhar, foi a coisa mais natural do mundo para mim, até fiquei espantada... ela estava em casa, ela ficou o dia inteiro com a irmã que estava de férias ainda... Ah a moça que cuida delas eu confio muito, é uma pessoa muito boa. Então eu acho que eu estava tão tranquila, que ai foi bom assim... Em nenhum momento eu fiquei pensando, ai a minha filha ficou lá, e agora. Ai foi muito tranquilo... para mim e para ela também”*. A boa aceitação da segunda filha aos cuidados recebidos de outras pessoas davam segurança à mãe: *“Super bem, ela nunca estranhou, super bem... eu digo, a mamãe está indo trabalhar, agora tu vai com a Rejane, ela abre os bracinhos para a Rejane”*. O reencontro era apreciado pela mãe e pela segunda filha: *“Ai muito bom, é uma festa. Ela me vê, mas a rotina é boa né filha, e quando a gente se encontra é super legal... Quando eu chego, ela só quer ficar comigo, ai é só comigo... E depois quando eu chego ela fica só no peito”*.

### 1.1 Criar espaço para o segundo filho

Dividir a atenção entre as filhas foi a maior dificuldade encontrada pela mãe: *“a briga é quando eu chego em casa ao meio dia é as duas que eu e tenho que dar*

a atenção. Então eu vou dar mais atenção para uma, do que para outra. Então aí Clarisse grita, tu vai ficar comigo agora, na hora do meio dia... E essa aqui começa a gritar... Às vezes, essa daqui, a Giulia grita, grita, grita, fica desesperada. Aí depois que eu lavei a mão, venho pego ela. Aí se ela está com fome, com sede, isso é muito difícil, ela vem direto querendo mamar”. Em geral, Constance reafirmava que se sentia muito feliz e realizada, sentindo-se disposta a enfrentar as mudanças que ainda estavam por vir: “Muito realizada, muito feliz... Aberta pras mudanças que estão pra vir na vida da gente. Que é assim, vão crescendo, vai mudando. Muda uma rotina, muda outra. Eu acho que eu tô assim bem tranquila e disposta a encarar”. O fato de ter que dividir atenção e cuidados entre as filhas, foi destacado pela mãe como uma alteração importante: “O que mudou agora foi com a Giulia, quando a gente chega em casa que daí tem que dar a atenção para ela, cuidar dela”.

Essa mãe sempre se mostrou preocupada com as reações da primogênita. Ao falar sobre a segunda filha, quando ela estava com seis meses, a mãe passou a destacar que as habilidades da pequena estavam despertando ciúmes na irmã: “a Giulia tá ficando na fase da gracinha, se comunicando mais... ela tá começando a apresentar ciúmes, um pouquinho, que é normal”. A mãe valorizava muito as opiniões da primogênita e procurava agradá-la, tanto que as duas filhas dormiam no mesmo quarto, por escolha da irmã: “dorme com a Clarisse no mesmo quarto. No berçinho... A Clarisse não quis que ela ficasse no outro quarto. Ai eu deixei”.

## 1.2 Comparações

Constance achava que a segunda filha se desenvolvia mais rapidamente que a primeira: “o desenvolvimento dela está bem, no meu ponto de vista... A gente sempre acaba comparando, a gente não gosta de comparar os filhos porque são diferentes, mas em comparação com a Clarisse, a primeira, nossa essa aqui eu estou achando tudo muito mais cedo sabe, tudo mais cedo do que a outra”. Tudo era mais rápido com a segunda filha, de acordo com a mãe, que a achava precoce: “ela atende mais rápido... essa daqui com três meses não queria mais ficar no bebê conforto, ela já estava sentada. Eu fiquei apavorada, ela sentava no bebê conforto. Eu tive que... botar no carrinho mesmo... com seis meses, tivemos que baixar o estrado do berço... ela se agarrava com as mãozinhas, e ficava de pé e queria olhar para baixo... ela está quase engatinhando, querendo engatinhar, já fica firmezinha com as pernas. Então eu estou achando assim, tão precoce”.

As comparações com os traços físicos da primogênita também foram inevitáveis para a mãe: “quando ela veio, era cópia da outra da primeira... até o pediatra falou: ‘bah, que falta de originalidade’, porque quando ela nasceu ela era bem

*moreninha, igual à Clarisse... depois a Clarisse ficou bem loirinha. Na idade da Giulia começou a clarear os cabelos, que nem está clareando os dela oh*". As características individuais da segunda filha iam se tornando mais marcadas, na medida em que ela se desenvolvia e crescia, embora as comparações seguissem sendo feitas: *"Quando nasceu, as fotos tu olha assim, realmente são bem parecidas, mas agora não. Agora eu acho elas diferentes"*.

## **2. Relação com o segundo filho**

Nesse período, Constance deixou de achar a menina tão parecida com a irmã, passando a encontrar mais semelhanças físicas consigo mesma, pelo fato da filha ser morena. Enquanto a primogênita se parecia mais com o pai, por ter olhos e cabelos claros. Em termos emocionais, a mãe considerava a segunda filha mais agitada que a primeira e também com mais características emocionais parecidas consigo: *"A Giulia eu acho que é um pouco mais eu, eu acho que é mais agitadinha, porque a Clarisse é bem calma. Ela para e pensa, ela é calma que nem o pai. Eu já estou fazendo uma coisa, estou fazendo outra"*.

A mãe ressaltava a dependência da segunda filha, como algo que lhe demandava mais envolvimento e que lhe exigia bastante nesse momento: *"é mais com ela, porque ela é mais dependente, né? Ela não caminha... eu tenho que dar conta. Com a Giulia eu fico todo o tempo com ela... Mas de noite, nesse horário ela quer mais colo. Ela adora um colo"*. A mãe estava procurando uma terceira pessoa, para ficar mais tempo cuidando da filha, pois a babá e a empregada saíam cedo e ela não tinha tempo para atividades físicas: *"estou procurando uma pessoa que fique até mais tarde... ai um dia o Ronaldo vai e outro dia eu vou. Mas o que fica aqui em casa não fica sozinho"*.

## **3. Relação com a própria mãe**

A avó materna se envolvia bastante no cuidado das netas e participava do cotidiano da primogênita: *"A minha mãe paparica muito. A vó faz tudo o que a Clarisse quer... agora depois eu comecei a perceber... porque a gente morava no mesmo prédio"*. A influência da avó nos cuidados da primogênita foi questionada pela mãe: *"Ela tinha duas mães digamos assim: 'Ah, mas na casa da minha avó eu faço o que eu quero'."* Com a chegada da segunda filha, o casal mudou-se para um apartamento maior e as visitas ficaram mais limitadas: *"Então agora que ela já tá morando longe, da minha mãe... Aí ficou limitado, então é uma vez por semana na tua vó"*. Mesmo depois de se mudarem, os avós também visitavam a família com frequência para ficarem com a segunda neta: *"Apesar de que o vô e a vó também vem*



*muito para cá, e aí quem fica com ela é o vô e a vô. Brincam muito.. eles vêm para ver ela”. De acordo com a mãe, a segunda filha já reconhecia os avós: “quando o meu pai chega, ela abre os bracinhos para o meu pai, ela quer ir no colo do vô, e da vô”.*

Ela conversou com sua própria mãe para não “mimar” demais a neta, pois ela sentia que a avó não dava limites para a primogênita: “Então isso nos incomodava”. Depois disso, elas entraram em acordo e Constance continuava a contar com o apoio de sua mãe, confiando nos seus cuidados não só para com a primogênita, mas com a segunda filha: “está mais calmo, tanto que a gente vai viajar... eu já disse que vou desmamar a Giulia. Ela já vai estar com quase nove meses. E aí as duas vão ficar com a vô, que a vô eu sei que cuida”.

Além dos avós maternos, a mãe contava com a babá, que ficava pela manhã e à tarde com a segunda filha. Constance sentia que a filha gostava de ficar com a babá: “vejo que ela gosta da Re, porque quando eu digo agora a mamãe vai trabalhar, quando a Re se aproxima, que ela sabe que vai ter que ir com a Re, ela dá os bracinhos... coisa mais querida e não reclama”. A mãe gostava de poder contar com o apoio dessa funcionária que a impressionava bem pelos cuidados que tinha com a segunda filha: “me agrada... o amor que ela tem pela Giulia é impressionante, ela só procura ver o bem estar da Giulia... Coisas que nem eu ia me dar conta, às vezes, sabe... Então acho que ela cuida muito bem, com muito carinho”.

Mesmo se sentindo bem, por contar com essa ajuda, a mãe tinha “pouquinho de ciúmes”, mas entendia que havia amadurecido e compreendido que era bom para a filha estar com alguém que cuidasse bem dela: “dou graças a Deus, que eu tenho essas pessoas... para me ajudar. Ah claro no início até da um pouquinho de ciúmes... minha filha vai se acostumar com ela, vai criar vínculo com ela... Depois eu acho que a gente amadurece... ela está cuidando e cuida bem da minha filha. Eu quero mais é que ela tenha amor pela minha filha para poder cuidar bem... E a gente precisa trabalhar... ela tem um amor tão grande pela Giulia, chega a ligar no fim de semana para saber como ela está”.

#### **4. Relação com o marido**

Constance continuava a considerar o marido paciente e participativo, podendo contar com o apoio dele na divisão de tarefas e no cotidiano: “Ele tem muita paciência... Se precisar pegar ele pega, se precisar dar banho ele dá”. Nesse período, ela contava com a ajuda dele para cuidar da primogênita e para cuidar da casa: “A Clarisse é muito obediente, e tem o Ronaldo que me ajuda muito... acho que as coisas de casa, ele assume mais do que eu. Eu fico mais com elas. Olha mochila, olha

*agenda... foi um pouco dividido, apesar de que ele também leva a Clarisse na escola, busca. Ele ajuda bastante”.*

Além disso, o marido a auxiliava em diversas tarefas e cuidados com o bebê, além de ficar mais com a primogênita para liberar a esposa em alguns momentos em que ela atendia a segunda filha: *“em relação à Giulia. Ah pegar ela, para eu poder tomar banho, ele fica com ela... que é o mais comum ele ficar com a Clarisse... ele me ajuda... já deu banho nela. Ai acho que quando aperta coisa... ele fica com a Clarisse e eu acabo ficando com ela [segunda filha] mais. Assim na hora de dormir, de dar comida”.*

Além dessa ajuda à esposa, ele favorecia muito suporte para que mãe trabalhasse: *“Porque ele vai no super, ele que cuida da janta... ele que faz tudo assim, passa em padaria, passa em algum lugar e pega alguma coisa pra comer. Se ele não me ajudasse eu não teria como trabalhar. Impossível... Eu não ia aguentar. Eu tenho muito trabalho em casa e ele me ajuda... às vezes, eu digo ‘hoje eu preciso fazer meu relatório’. Ele pega a Clarisse, pega a Giulia, fica brincando... ah não, seria impossível, não teria como... não ia conseguir”.* Esse apoio era fundamental para que ela pudesse continuar a desempenhar suas tarefas profissionais e exercer a maternidade das meninas. Constance valorizava muito todo o apoio e acolhimento que seu marido lhe oferecia. Lembrou inclusive que ele a ajudou a decidir esperar mais tempo para ter a segunda filha, pois ela já queria desde quando a primogênita tinha dois anos.

O tempo para o casal ficou bastante restrito, pois além dela *“levar trabalho para casa”*, havia as duas filhas para cuidar, sendo que a segunda ainda estava sendo amamentada. A mãe já começava a destacar que, aos poucos, procurava resgatar tempo para o marido, mas por ora precisava dessa ajuda que ele lhe proporcionava. Constance também sentia falta de tempo somente para ela, para fazer exercícios e também *“cuidar da gente”*, mas percebia que essa era uma fase em que precisavam se dedicar muito à segunda filha que ainda era bebê.

**12 Meses:** *“É bem mais fácil, porque a gente já teve experiência da primeira”*

### **1. Impressões sobre a maternidade de um segundo filho**

Nesse período Constance continuava afirmando que apreciava realizar os cuidados da segunda filha quando estava em casa, nos finais de semana, mas seu ritmo de trabalho e viagens estavam intensos, então ela procurava aproveitar o horário de almoço e à noite para acompanhar o desenvolvimento da pequena, que lhe trazia satisfação e também apreensão: *“Bem feliz, né. Além de ser muito*

*bonitinho... ver ela correndo. Ver ela caindo também, aprendendo. No início, a gente fica meio apreensiva 'Ai, vai bater a cabeça' .. A gente fica um pouco assim. Mas, agora, tô bem feliz que ela tá... [se desenvolvendo]”.*

A experiência de estar novamente cuidando de uma criança pequena era considerada prazerosa, pois a Constance gostava de: *“de cuidar dela, dar banho, dar comida... Acho que isso é prazeroso porque faz parte do movimento dela. Mas brincar com ela também é muito bom... a gente tá ensinando. Desenvolvendo a criança”.* Isso também remetia a mãe às lembranças com a primeira filha: *“senti muita saudade quando a Clarisse cresceu de ter um nenezinho. Ai, é muito bom! É uma sensação muito boa. É uma sensação única assim. Não tem nem como falar”* Além disso, a mãe considerava a experiência anterior como facilitadora: *“É bem mais fácil, porque a gente já teve experiência da primeira... Mas é muito gostosa, é muito bom”.*

Ao falar de sua experiência como mãe de duas filhas, mesmo tendo afirmado que conseguia delegar a outras pessoas de confiança o cuidado da segunda filha, havia a dificuldade em encontrar uma empregada com quem ela pudesse ficar sossegada: *“A minha única dificuldade é... Em relação à rotina, durante o dia... Tô achando muito complicado. Me estresso com meu trabalho, muito. Ah, com empregada a gente se estressa muito. Até acertar uma pessoa. Isso sim”.* O fato de ter duas crianças também contribuiu para que a avó não conseguisse dar conta das netas como antes: *“antes era uma só. Aí a vó aguentava ficar com uma só um pouco e depois ir para a escolinha. Só que agora duas é bem difícil, é muito difícil”.* Próximo a esse período em que a menina voltou a apreciar o banho, havia ocorrido um episódio com uma babá que queimou Giulia: *“Adora banho. Faz a maior folia com o banho... Teve uma babá que queimou ela na água quente. Aí, durante um mês, ela olhava a água e ela gritava. Ela botou a guria, ela gritava, gritava. Meu pai chegou na hora... botou, a água tava fervendo. Aí, ela ficou meio traumatizada com a água... Hoje, não. Passou”.* As separações estavam mais difíceis nesse período, pois quem cuidava da segunda filha não era sempre a mesma pessoa, então ela sentia falta da mãe e demonstrava: *“dependendo de com quem ela tá em casa, ela fica bem. Ela não chora. Se eu demoro muito para chegar, às vezes, já tá noite, ela começa a bater na porta e falar 'Mãmãmãmã'. Ela fica me pedindo, por mim. Eu chego, às vezes, ela tá chorando. Tá manhando que quer eu ou porque anoiteceu”.*

Ela se considerava uma mãe realizada, feliz e satisfeita: *“Uma mãe feliz, realizada com as filhas, da Giulia especificamente. Bem satisfeita com ela. Nada assim, que eu não esperasse, que eu não imaginasse. Tô bem feliz”.* Embora tivesse pequenos incômodos como acordar no meio da noite, os entendia como parte da

maternidade: “A única coisa que eu não gosto é quando eu tô dormindo e ela dá aquela choradinha no meio da noite, que eu tenho que ir lá, mas isso faz parte também. A gente faz sem pensar. Não fica ‘Ai, que saco, né.’... porque tem que fazer. Tem que ir lá, abraçar, dar um colinho, dar o mama”.

### 1.1 Criar espaço para o segundo filho

A locomoção da filha chamava a atenção da mãe que considerava isso algo que a menina mais gostava de fazer: “caminhar e sair correndo. Que ela descobriu, então, desde o berço, ela levanta do berço, ela já quer levantar e sair. Então, hoje o que ela mais gosta de fazer é sair para caminhar, correr e pegar tudo e botar na boca. Morder tudo que aparece na frente”. Nesse período em que a atividade física despontava com intensidade, Constance começou a achar que a filha estava se tornando cada vez mais parecida com ela: “Física e emocionalmente, totalmente eu. Não tem nada do pai dela. Ao contrário da Clarisse, que eu acho que assim, oh, praticamente é 80%, 90% do Ronaldo”. A menina também começava a tomar iniciativa de interagir mais e brincar com a irmã: “a preferida dela é brincar com a irmã. Ela não pode perder a irmã de vista... aí, a Clarisse chega: ‘Ai, maninha tu é muito fofinha’. E aperta e beija... ela que decide do que quer brincar. Se tu tá mostrando uma coisa para ela e ela quer outra, ela vai lá e pega outra. É o que ela quer”.

### 1.2 Comparações

A mãe retoma algumas de suas impressões desde a gravidez e a partir delas passou a comparar as diferenças entre as filhas: “desde a gestação, eu dizia: ‘vai ser bem diferente da Clarisse, porque ela se mexe muito mais’. Eu sempre dizia isso: ‘essa aqui é uma espoletinha’ e, realmente, ela não para um minuto. A Clarisse, tu botava um brinquedinho, ela sentava lá e brincava. Ela não. Ela não fica nem dois minutos. Então, assim, é bem como eu imaginava mesmo”. E em relação ao jeito dela e do marido: “A Clarisse é bem calma, igual ao Roni. E eu já sou agitada, já sou decidida. É bem como ela é”.

Por outro lado, Constance lembrou que não gerou muitas expectativas quanto às características físicas, mas gostou da possibilidade de ter uma filha parecida com ela e outra com o marido: “o meu marido sempre dizia ‘Ai, imagina se tiver uma loirinha e uma moreninha?’ Porque a Clarisse é bem branquinha. E eu dizia ‘Ai, ai, bem que podia vir uma moreninha’... A gente teve sorte da Clarisse ser, porque eu sou morena... eu adorei que fosse parecida comigo mais, porque a Clarisse é a cara do pai dela!”. A partir do desenvolvimento, a mãe retomou que já imaginava como seria o temperamento da segunda filha e que isso se confirmava no

cotidiano: *“Pelos ecografias, tu compara com o que a Clarisse era assim... o temperamento dela vai ser assim mais agitada, mais ativa”*.

Assim, a partir da personalidade considerada mais forte, a mãe começou a destacar algumas diferenças de temperamento entre as filhas: *“é bem diferente da outra, que ela tem personalidade forte quando ela quer uma coisa. Ela quer porque quer. Não desiste, sabe... Ela grita, ela esperneia, ela se joga. As reações dela... a Clarisse não era assim... Ela se virava e aceitava. Ela não. Ela é bem... o que ela quer. Se manifesta muito... ela é uma pessoa muito decidida”*.

## **2. Relação com o segundo filho**

Quando a segunda filha estava com um ano e um mês, a mãe a descrevia como uma criança alegre e afetiva: *“ela tá bem. Ela é bem alegre, ela é bem brincalhona. Tá sempre rindo. Ah, ela é muito afetiva. Tá sempre fazendo carinho na gente”*. Constance fez um apanhado das aquisições de desenvolvimento da menina e das repercussões na dupla: *“Começou a caminhar com um ano e uma semana. Ela dorme super bem de noite. Ainda tá mamando no peito, de noite, às vezes, ela procura ele e ainda eu dou, o peito. Só à noite... Queria dar mais, mas eu não tenho muito. Ah... ela se alimenta bem. É, no geral, ela é um amor... ela é muito querida. Não incomoda”*. As habilidades motoras da menina que já estava caminhando, bem como a forma como ela percebia o mundo e a capacidade de compreensão impressionavam a mãe: *“ela entende tudo que a gente fala. Tudo, tudo, tudo. Se eu chego e digo ‘Não é para colocar na boca’. Ela tira da boca... Assim, coisas que a gente fala, ela entende. Pergunta: ‘Cadê a mana’? Ela aponta... Ah, e ela mostra o que ela quer... Aponta com o dedinho... Ela, ela pede pelas coisas que ela quer. Se ela tá com calor, ela fica puxando a roupa. Sabe? Ela se expressa muito bem. Isso que me chama bastante atenção nela”*.

Mesmo que a menina se alimentasse bem, Constance ainda apreciava amamentar, pois sentia-se mais perto da filha: *“Ah, super bem! ... eu gosto de amamentar ela. Mas, muitas vezes, eu fico pensando, né, chega ‘ai, já não precisa mais tanto’. Né, tem dias que ela fica sem mamar no peito. Tem dias que ela quer... É só para sentir a mãe, parece. Sabe?”*. A mãe destacou que o desmame vinha sendo feito gradativamente, desde o oitavo mês, ela só amamentava a filha à noite: *“por causa de trabalho. Tive que ir pro Rio de Janeiro. Fiquei uma semana. Aí, embaixo do chuveiro, eu esvaziava o peito. Aí, eu voltei, ela seguiu mamando... Só que o peito é muito pouco o que eu tenho. Aí ela reclama”*. A mãe também amamentou a primogênita até 1 ano e 1 mês e considerou o desmame da segunda mais fácil: *“O segundo é mais fácil. Claro. Na verdade, ela não depende do meu peito. Se eu disser que não é para mamar, ela não vai mamar”*. Nesse período, a amamentação para Constance, que

ficava bastante tempo envolvida com o trabalho era uma forma de manter-se próxima à menina: *“Não é para alimentar ela. É só para dizer: ‘a mãe tá aqui’.”*

Algumas características individuais passaram a ser destacadas, a segunda filha era considerada carinhosa e extrovertida. Embora tivesse esse jeito, em diversos momentos a mãe relatou a forma complicada dela se expressar quando era contrariada: *“se joga, chora. Depende do dia, se ela tá com fome... se eu cheguei do trabalho, e já chamo a atenção dela para alguma coisa, ela fica magoada, chora. Ela grita... muito para chamar a atenção”*. Ou quando acontecia algo que a segunda filha não gostava: *“não gosta de ficar sozinha... se ela acorda e tá sozinha no quarto, ela grita, grita, grita, né”*.

### **3. Relação com a própria mãe**

Constance destacou que mesmo sendo muito próxima de sua mãe e contando com seu apoio, buscava construir seu próprio modelo, ao tornar-se mãe da segunda filha: *“sempre tive muito a minha mãe. Como imagem de mãe... Mas hoje eu faço muitas coisas diferentes... até porque eu trabalho fora... acho que eu mesma... Claro que... eu sigo da minha mãe... muita coisa da rotina, de educação. A gente segue o que a gente recebeu. Pelo menos, eu sigo. O que eu acho adequado. Mas, muitas coisas, eu sigo da minha forma”*.

Algumas diferenças como conversar mais com as crianças e deixá-las mais livres para trazerem amigas em casa para brincar no final de semana, sem preocupar-se com a bagunça da casa, entre outros aspectos importantes foram ressaltados como diferenças entre a mãe e Constance: *“nesse sentido, de participar mais, levar em cinema, teatro, brincar. Participar mais... da vida. Eu levo na escola. Busco na escola”*. Embora ela considerasse que sua própria mãe tenha sido ótima: *“Sempre achei uma ótima mãe. Nunca pensei o contrário. Só que, claro, era dona de casa... Ela preservava o quê? A alimentação, os cuidados. Sempre paparicando. Sempre cuidando. Mas não aquela forma de... de brincar, de interagir. Isso eu não tinha muito”*.

Sendo assim, ela achava que os cuidados que dava às filhas em relação à alimentação eram semelhantes aos de sua mãe, mas a diferença estava nas brincadeiras. Enquanto em sua infância Constance brincava apenas com a irmã, agora ela também procurava brincar com as filhas: *“Eu faço, que eu não tive isso [sentar para brincar]. Eu tinha a minha irmã para brincar”*. Já seu pai, atualmente era considerado mais atencioso e muito cuidadoso, embora na infância também tenha sido rígido, impondo muitas coisas, diferente do marido: *“sempre foi um pai super atencioso, cuidadoso. Exatamente como ele é com as gurias... ‘Tá precisando de alguma*

coisa?’... Claro que, quando era criança, ele era bem... rígido... Muitas coisas impostas. Hoje, ah, é bem diferente. E o Roni também é bem diferente”. Constance considerava que seu jeito de cuidar da segunda filha era parecido com o do próprio pai.

Nesse período Constance passava por dificuldades em encontrar uma babá que continuasse cuidando bem da segunda filha. A primeira ficou por sete meses, mas teve que parar de trabalhar para cuidar de seu filho que adoeceu e desde lá ocorriam muitas trocas. Então sua mãe estava dormindo na casa, para auxiliar nos cuidados das crianças e seu pai também ficava na casa para acompanhar as novas funcionárias: “*porque as outras que passaram por aqui, ela [2ª filha] não queria nem saber. Ficava uma semana e ela ficava chorando o dia inteiro. Resmungando. Tinha que vir o meu pai e a minha mãe para cá. A gente pensou ‘ah, é adaptação’. Claro, não vou largar assim, não. Mas aí, meu pai e minha mãe viram e não dava. Ela não ficava*”. Assim, ela só se sentia bem com a presença de seus pais e com o apoio da mãe: “*com outras pessoas, eu nunca fico tranquila. A gente sabe como é que é, por mais que tu confie na pessoa. De manhã, eu fico tranquila porque tem a Clarisse. Mas, de tarde, volta e meia, minha mãe tá sempre aqui. Dia sim, dia não, vem meu pai... Mesmo tendo uma babá, mesmo tendo alguém*”. Naquele dia, uma amiga da primeira babá foi fazer um teste e a menina parece ter gostado dela: “*testei uma pessoa que ela ficou todo o tempo no quarto e ela dormiu no colo dessa pessoa. Nunca tinha visto na vida. Acho que ela achou parecida com a Re, a primeira. Porque era igual, tanto que é amiga dela. O jeito, tudo, ela foi pros braços da mulher e ficou super bem. Minha mãe disse que só queria ficar com ela hoje de tarde*”.

Constance continuava contando pouco com a família do marido: “*minha sogra ajuda às vezes, muito pouco... Ela leva a Clarisse no inglês... no balé... não consegue ficar [pelo trabalho dela]*”. E perdera a ajuda de sua irmã com a primogênita: “*Mais o meu pai e a minha mãe mesmo, que... a minha irmã foi embora para Florianópolis*”.

#### **4. Relação com o marido**

Embora Constance estivesse se sentindo mais sobrecarregada nesse período, continuava contando com a ajuda do marido na divisão das tarefas da casa: “*A gente divide tudo praticamente*”. Ele envolvia-se bastante nas rotinas, em especial, com os cuidados da primogênita durante a semana e no final de semana a mãe ficava com as duas e ele se encarregava de tarefas domésticas: “*um monte. Faz janta, se precisa. Ele trabalha muito mais do que eu, às vezes, em casa. No fim-de-semana eu acabo ficando mais com a Giulia e a Clarisse ele fica fazendo comida, lava a louça e eu fico mais com elas*”. A mãe apreciava muito todo esse acolhimento e

apoio: *“Ele faz até mais do que eu espero (risos)... Fim-de-semana é um sarro. Ai, Ronaldo pra cá, Ronaldo pra lá, amorzinho pra cá. Solicito bastante... A gente vê que ele fica cansado, mas ele não reclama”*.

## **24 Meses: “Ter dois filhos é complicado”**

### **1. Impressões sobre a maternidade de um segundo filho**

A mãe, nesse período, passou a se dar conta de que o que achava que seria mais fácil estava sendo mais difícil, mesmo com a experiência anterior: *“sabia que ia ser corrido, mas a gente nunca imagina que vai ser assim”*. O fato de serem duas crianças, o aumento de demandas da caçula e a divisão do tempo passaram a sobrecarregar a mãe: *“Ficou bem diferente né! Porque antes era uma só, agora o tempo tem que dividir pra duas”*. Constance chegou a considerar-se melhor mãe de filha única do que de duas filhas, pois sentia que a atenção que dava era insuficiente tanto para a primogênita, quanto para a caçula, que era ainda mais exigente: *“sabe que eu era melhor sendo mãe só de uma. Mãe de duas parece que tu deixa faltar alguma coisa, se tem pra uma tem que dar pra outra. É impressionante... Eu acho que é normal tu dar mais pro menor... mas é difícil”*. Em função das diferentes faixas etárias das filhas, tornava-se mais complicado conciliar os interesses e os pais tinham que se dividir: *“ah é uma função né?!... porque a idade é diferente então, cada uma quer uma coisa, e tem programas que não dá pra levar a Giulia, que dá pra levar a Clarisse... a gente acaba se dividindo”*. Nesses momentos, a mãe acabava ficando mais com a segunda filha e o pai com a primogênita.

Com a rotina de trabalho intensa ou sem ela, Constance descrevia sua experiência como mãe de duas filhas, como algo muito extenuante nesse momento: *“Uma correria. Ai assim oh, a gente não imagina que seja tão corrido, que seja tão cansativo... Ai eu trabalho o dia inteiro fora, mas acho que se eu não trabalhasse ia ser mais ainda também, não ia ser diferente. E ai, tem horas que tu tem vontade de bater a porta e sair correndo (risos)”*. Logo depois de falar de seus sentimentos de exaustão, a mãe afirmou que se sentia *“super bem”* como mãe de duas filhas e que *“gostaria de ter mais até”*. Apesar dessas adversidades: *“Tem vezes que tu te irrita, que tu fica brava, enfim. Mas, acho que é uma opção que a gente faz e eu não me arrependo e eu acho muito bom... só que tem que ter muita coragem”*. Mesmo falando dos percalços da maternidade de duas filhas, Constance dizia sentir-se segura: *“não tenho dúvidas em agir: ‘Ai como é que eu ajo nesse momento’? Não tenho! É tudo bem automático assim”*.



Ao fazer um balanço da maternidade, ela se descreveu como uma boa mãe, diferente de quando só tinha uma filha, mas fazendo o que era possível, pois percebia que ela também havia mudado: *“uma mãe ruim eu não sou, eu acho que eu sou uma mãe boa... até por causa da diferença de idade, se eu tô sentada com as duas eu não consigo dar atenção como eu gostaria... toda, eu era a mãe da Clarisse... dava toda a atenção pra ela, conversava, explicava, e hoje eu não faço nem um terço disso com a Giulia... mal consigo sentar e conversar”*.

### 1.1 Criar espaço para o segundo filho

A mãe elencou o que a filha mais gostava de fazer: *“ela gosta de brincar com a irmã. Ela adora ir na escolinha... Adora comer, mas come tudo que tem pela frente, comer”*. E o que a caçula menos apreciava: *“Ela não gosta muito de TV... Parece que coisas mais calmas ela não gosta”*. Diversas manifestações de preferências da segunda filha e atitudes de oposição irritavam muito a mãe, que forçava a menina a obedecê-la. Quando contrariada a filha tinha reações com as quais era difícil de lidar, deixando a mãe frustrada e irritada: *“a gente tava sem saber como lidar... muitas vezes a gente não sabia o que fazer. Porque eu ia correndo pegava ela no colo, sabe... Mas eu vi que isso não tava sendo legal, porque ela tava fazendo seguido... ela queria uma coisa, e eu não deixava, ela se jogava”*.

Os principais momentos de contrariedade se davam durante a escovação de dentes, troca de fraldas ou roupas, durante as refeições, nos momentos de separação e reencontro na hora de dormir: *“Aí eu fico bem irritada... eu nunca tive tpm assim sabe mas ultimamente eu tô tendo... tinha que contar até dez, até meu marido um dia ‘ficou com uns olhão’ porque eu briguei tanto com ela, porque era 11h00 da noite e a Giulia não dormia”*. A mãe começava a se dar conta que sua própria agitação interferia nos comportamentos da menor: *“me dei conta que é porque eu tô agitada eu agito ela, é bem isso! Eu chego agitada, eu agito ela e aí ela não consegue dormir porque ela fica agitada, então assim aquela semana eu cheguei a pegar ela e jogar, jogar modo de dizer né?... Peguei ela na cama e disse assim: ‘Dorme guria’!* O marido lhe chamou a atenção, pois ficou assustado e ela percebeu que se sentia ansiosa e transmitia isso para a filha: *“eu sou muito agitada por natureza, aí eu fico pensando nas coisas que eu tenho que fazer, as coisas, aí eu começo a ficar nervosa, começo a ficar sabe agitada, irritada e quero fazer tudo rápido, e aí eu acabo passando isso pra elas também, então tem momentos que realmente eu tenho vontade de sumir (risos)”*.

O período entre um e dois anos foi repleto de mudanças em função das aquisições de desenvolvimento de Giulia, a mãe desmamou a filha com 1 ano e 1 mês. Ela entrou para a escolinha e também se deu a separação dos quartos das

meninas: *“Tem o quartinho só pra ela. Não tinha né. Quando ela nasceu eram as duas. Porque a Clarisse não queria que ela tivesse o quarto só pra ela. É, aí a gente deixou as duas juntas. Aí quando ela fez um aninho, a Clarisse não quis mais. Aí eu separei”*. A filha já gostava de se alimentar sozinha, mesmo fazendo uma *“sujeirada”*. Passou a ser descrita como uma criança independente: *“ela é muito independente. Ela que botar roupa sozinha, ela quer botar sapato sozinha. Se eu for botar o sapato, ela fica brava, porque ela que tem que botar”*. Já avisava quando fazia xixi e começava a usar o penico: *“Ah, é um problema. Ela agora tá naquela fase de que não quer deixar trocar a fralda... eu tive quase que dar umas palmadas nela. Eu peguei ela com força pra trocar, porque ela não me deixava. Ela gritava, ela tava com sono. Ela gritava, chorava e esperneara. Ela pega a fralda e joga longe, aí voa cocô pra tudo que é lado”*. Tudo isso ocasionava diversos sentimentos na mãe, que ficava nervosa e tinha muito trabalho para contornar algumas situações, pelo temperamento forte da filha: *“digo assim, ela é meu toquinho, pavio curto né”*.

Ainda assim, a mãe descreveu a filha como uma criança querida e *“tranquila... dentro do possível”*, pois os *“terríveis dois anos”* estavam despontando com força e as diferenças se sobressaindo cada vez mais: *“numa fasezinha a mil, ela quer competir muito com a irmã. Ao mesmo tempo ela quer fazer muito o que a irmã faz, e não consegue”*. Logo após afirmar que a filha estava numa fase complicada, a mãe reforçou que a pequena era muito amada, mesmo não sendo obediente: *“ela não é muito obediente... tu fala, fala, fala... Ela olha pra mim e ri. E sabe, ela desafia, desafia bastante... tá sendo um pouco difícil... Mas ela é muito querida, é uma filha muito amada, ela é um amor”*. E explicou que estava mal acostumada com a primogênita: *“acostumada com uma, e vem outra completamente diferente. Então a gente tá mal acostumado”*.

## 1.2 Comparações

Mesmo com uma crítica, as comparações com a outra filha foram inevitáveis: *“eu sei que é errado, mas na cabeça da gente, a gente compara com a outra... com dois aninhos... Essa aí é uma bagunça só... é bem moleca mesmo”*. O jeito mais agitado da segunda filha deixava a mãe apreensiva, embora parecendo querer amenizar a forma como descrevia a menor, com alguns contrapontos ao longo de seus relatos, que destacavam sua ambivalência em relação a como se sentia quanto à menina: *“preocupada... sabe que ela se machuca. Ela bate a cabeça... medo disso. Mas isso é a única coisa que me desagrada... Porque ela é bem tranquila”*.

As comparações passaram a se dar como uma forma de distinguir as filhas. A mãe preocupava-se com sua forma de lidar com as mudanças decorrentes da crescente independência da segunda filha, pois muitas vezes não adiantava falar com a caçula, para que ela lhe atendesse, então ela passou a ignorar a maioria das crises de birra da menina. Constance relatou as várias tentativas de conter as crises da segunda filha, até que resolveu ignorar: *“já passei por todas as fases. Aquela fase de proteção, de abraçar, de beijar, o que aconteceu. Não adianta nada, e ela se atira mais ainda. Já passei da fase de brigar, de xingar, de gritar, parecia uma louca. Só faltava dar uma palmada, mas isso eu me seguro. E a terceira foi agora que a gente resolveu. Ignoro... até ela parar... se dar conta”*.

Nesse período, Constance estava encontrando dificuldades em lidar com as diferenças entre as filhas e perdia a paciência facilmente, embora procurasse não bater, gritava muito com a menor: *“Aí às vezes eu fico pensando por isso tem tanta mãe que faz horrores com as crianças (risos)! Agora eu entendo”*. Assim, ao falar sobre o movimento de tornar-se mãe de uma segunda filha, Constance passou a destacar o que não imaginara, para explicar como se sentia, mesmo contando com a ajuda dos pais e do marido. Ela disse que estava começando a dosar mais a atenção que dava para a primogênita, delegando mais tarefas com a segunda filha, para que a primeira não se sentisse *“rejeitada”* e deixasse de dizer para a avó que Constance não gostava mais da filha, pois segundo Clarisse: *“só o meu pai dá atenção”*.

## **2. Relação com o segundo filho**

As mudanças decorrentes do desenvolvimento da segunda filha eram ainda mais sentidas nesse momento em que ela havia completado dois anos: *“quando é bebê é bem mais calmo... fica na cadeirinha, no bercinho, no carrinho, agora claro ela não para um minuto, então é um fazendo a comida, é um dando banho e o outro de olho nela, porque ela é uma sapeca”*. A casa também passava por mudanças, para a proteção da menina: *“a gente teve que botar rede em tudo, então mudou bastante nesse sentido... a pequena não fica... mudou bastante por causa disso, muitas coisas que eu ajeitava em casa... e tem prazer de arrumar uma coisa, outra, esquece! Não arrumo mais nada”!*

A perspicácia da menina era destacada: *“ela capta as coisas e age... é isso que eu fico bem... a gente fica contente, porque ela entende e quer ajudar”*, mas ao descrever a segunda filha havia sempre uma contraposição: *“ela é muito conquistadora, ela sabe com jeitinho pedir as coisas. Se ela quer comer alguma coisa e eu digo que não, ela faz com a mãozinha que só um pouquinho, aquela coisa assim. E*

*bem teimosa, ela é muito teimosa. Bota uma coisa na cabeça, é com ela*". A mãe parecia esperar compreensão da filha que, quando frustrada não reagia bem: *"Ela fica furiosa, ela se atira no chão, não tem papo, não tem muita conversa. É bem complicado... Ela não aceita limites, ela briga... ela se faz de louca. Na verdade eu já percebi isso. Ela é muito esperta e muito malandra... Às vezes ela se faz, ela olha pra cima, ela faz como se não fosse com ela, sabe ela se faz muito"*.

A mãe descrevia o temperamento da segunda filha como difícil e falava de atitudes que lhe incomodavam, pois ela considerava que fossem para chamar a atenção: *"é muito chorona, ela sai bate com a cabeça, se atira no chão... é muito de rua e em casa ela fica assim enlouquecida. Ela chora por qualquer coisa. Tu vai pra rua ela fica feliz da vida, passear, ela adora"*. Constance apresentava sentimentos ambivalentes, diante da hostilidade da menina: *"Ah eu não me sinto bem nem mal, não vou dizer que me sinto mal, porque eu não tenho o que fazer, e bem também eu não me sinto... não fico frustrada porque não adianta"*.

Mesmo destacando muitos aspectos do desenvolvimento como surpreendentes, a mãe achava que a linguagem não estava tão aprimorada: *"ela não tá falando muita coisa ainda... Ela é um pouco preguiçosa pra falar... se eu repito três, quatro vezes a mesma coisa sabe, ela tenta falar, se não, não. A professora me fala que ela monta frases só com gestos... Mas se a gente força, ela fala. Mas muito pouco ainda. Ela faz aquelas enroladas, sabe, e não sai nada, mas tá bem assim"*.

A mãe demonstrava bastante preocupação com a primogênita, mesma posição que ela ocupava na família. A partir do final do primeiro ano, quando a caçula começou a falar, caminhar e *"aparecer mais... a se salientar"*, a filha mais velha passou por momentos de regressão, ficando mais chorosa e deixando de comer, ao contrário da irmã que era considerada voraz pela mãe, que é nutricionista. Porém, essa fase já havia passado *"de uns 4 meses pra cá, ela mudou"*. A mãe passou a procurar resgatar algumas atividades com a primogênita, tais como levá-la e buscar da escola, a fim de amenizar a distância entre elas.

### **3. Relação com a própria mãe**

Constance continuava contando com o apoio de sua mãe para cuidar das filhas no cotidiano, em especial, em função de viagens que ela e o marido faziam a trabalho ou lazer: *"eu viajo uma vez por mês, ele viaja também então aí eu dependo da minha mãe ela me ajuda muito, pra ficar com as gurias... aí chega fim de semana que a gente não quer abusar. Mas sempre tem uma janta com amigos, alguma coisa assim"*.

Com a mudança da irmã para outro estado, ela passou a se considerar a “filha única”: “a gente é muito ligado à família, a minha irmã mora em Florianópolis, então eu sou a única filha, então a gente tá sempre envolvido com a família, e ele também com os pais, com a minha sogra”.

A mãe de Constance continuava sendo citada como modelo, mas ela destacava que também fazia coisas diferentes, em função de trabalhar fora: “sigo muito a educação que minha mãe me deu. Mas muita coisa eu faço diferente, é claro. Até porque ela não trabalhava fora, então é diferente, muda muito”. Embora dissesse não ter queixas, pois teve “uma ótima mãe”, fazia uma crítica por considerar ter sido muito mimada, tendo tudo que queria nas mãos e ela não gostaria de fazer a mesma coisa com as filhas, sob pena de que “os pais viram escravos dos filhos”, dava-se conta de que algumas repetições eram inevitáveis “mas até a gente acaba fazendo [como a mãe fazia]”. Nesse período, o modelo de mãe que ela não queria seguir, era o da sogra: “nunca acompanhou muito os filhos... a gente vai amadurecendo, sei lá. Ela criou os filhos dela assim, estão bem criados, do jeito dela. Eu vou criar do meu, mas algumas coisas que ela fez eu não faria”.

Já seu pai na infância era mais rígido com ela, do que era atualmente com as netas: “Bem diferente de como ele é hoje. Meu pai sempre foi aquele pai conservador, sem muita conversa. Tinha que seguir o que ele falava, chamar de senhor. Tudo assim, nunca sentou pra brincar comigo... eles me emperiquitavam toda pra ir na pracinha... era um bibelô que tava levando na pracinha”. Constance considerava que ele passara por uma transformação: “Com as netas já é bem diferente, ele senta ele brinca. Ele fica assim, uma tarde, tanto que as gurias adoram o vovô... ele chega e elas não olham nem pra mim”. Ela admirava seu pai como avô: “eu nunca vi um vovô como ele na minha vida. Na escolinha tu pode perguntar, pra todo mundo. Ele tem uma paciência, ele senta, ele explica, ele fala. Ele pega, sai conversando, caminhando”. E considerava seu jeito de criar as filhas uma mescla dos modelos de sua mãe e seu pai nesse momento: “parecido, mais com a minha mãe, mas um pouco do meu pai. Eu to assim muito também, eu não era tanto, agora eu to ficando. Até porque se tu perde o freio da situação, tu não pode deixar né, tem que dar limite”.

Além dos familiares, ela contava com uma empregada que cuidava das crianças pela manhã e já permanecia na casa por oito meses, cuidando “super bem” das meninas, tendo boa aceitação da Giulia. Nesse aspecto, a mãe estava satisfeita, pois tinha havido muitas trocas anteriores: “Ela é as duas coisas [empregada e babá], porque ela fica com as duas, então de manhã... aí ela faz o almoço, ela dá uma arrumada na casa, faxina assim eu tenho outra pessoa que faz”. Essa pessoa lidava bem com as

birras da segunda filha: *“Se eu fico nervosa, imagina uma pessoa que esta cuidando... Ela tenta negociar e tudo, mas ela cuida bem diretinho dela... Mas é difícil também pra ela, com as duas né”*.

#### **4. Relação com o marido**

O marido continuava colaborando muito com a esposa, em especial, dedicando-se à primogênita e assumindo diversas tarefas da casa, ainda assim, Claudete seguia afirmando que estava sendo um período difícil, também pelas demandas de seu trabalho: *“Apesar que o pai, o Roni, ele que faz comida, ele que me ajuda bastante. Mas é bem difícil”*. Contudo, ela passou a solicitar seu apoio também com a segunda filha, por considerá-lo mais paciente já que ela vinha se irritando frequentemente: *“Ah solícito! Às vezes eu quero trocar a fralda e ela não quer, eu chamo ele, aí ele vem conversa com ela... eu me irrito porque... já tomei banho, já tô encharcada de suor porque eu não consigo trocar a fralda, aí eu dou: ‘Toma’! E eu saio (risos)”*. Muitas vezes, a mamadeira do meio da noite, era ele quem preparava, para que ela mantivesse a segunda filha adormecida: *“mamá de noite é ele que levanta pra fazer, porque eu levanto pra atender ela, aí ela quer mamá, mas se eu levanto ela vem atrás na cozinha e desperta, aí eu grito: ‘Mamá’! Aí ele levanta e vai fazer mamá, ele não reclama, ele vai”*.

Constance referiu que apreciava muito o momento em que estavam todos juntos, justamente por poder contar com essa ajuda do marido, que costumava se manter mais calmo: *“ele nunca perde a calma, é uma calma assim, que eu acho que por mais que ele queira perder ele não perde a calma, ele tá sempre calmo”*. Diferente dela, que vinha estando constantemente irritada nos últimos tempos, fato que até a primogênita ressaltou: *“Eu não! Eu fico bem irritada, tanto que a Clarisse esse fim de semana ela falou pro meu marido, que ela é calma também... ‘A minha mãe vive irritada!’”*. Ele também fazia aproximações do jeito da segunda filha com o de Constance: *“quando a Giulia tá muito arteira: ‘Tu é bem parecida com a tua mãe mesmo né’!*

O marido era considerado um ótimo pai, que trazia equilíbrio para a família, por sua paciência, sendo criativo nas brincadeiras e envolvido genuinamente com as filhas: *“acho ele um ótimo pai... ele é calmo, acho que é bem a medida aqui em casa sabe... e brinca muito mais do que eu... ele tem mais criatividade pra brincar com elas... e elas adoram brincar com ele, é só bagunça também né? Mas ele tem mais... paciência, a impressão que eu tenho que quando ele ta com elas ele desliga do mundo e eu, às vezes, não consigo desligar, sabe eu tô com elas e ai, ai eu tenho que fazer aquilo... sabe e elas percebem isso”*.

### **Síntese do Caso 3 - Constance:** *uma mãe descabelada e realizada*

Constance se considerava emocionalmente tranquila na gestação da segunda filha, associando esse sentimento ao fato de terem planejado a gravidez, bem como por estar mais madura e já ter tido a experiência com a primogênita. Contudo, sentia-se mais incomodada fisicamente dessa vez, mesmo que isso não chegasse a mudar sua rotina de atividades profissionais e pessoais. Constance dizia não se imaginar mãe de um menino, embora durante um período tivesse chegado a pensar que esperava um filho homem. Além disso, ela se preocupava bastante com as reações da primogênita e buscava agradá-la e inclui-la ativamente na escolha do nome, nas ultrassonografias e até na decisão sobre o quarto do bebê. Para essa mãe, a referência feminina familiar foi bastante importante. Nesse sentido, Winnicott (1964/1999) faz uma distinção entre os sexos da seguinte forma. A mulher se relaciona com a mãe, a partir de uma identificação com ela. De acordo com o autor: “para toda mulher, há sempre três mulheres: 1) o bebê menina; 2) a mãe; 3) a mãe da mãe” (p. 193). A mulher estaria envolvida numa série infinita, ela é bebê, mãe e avó; ela é mãe, bebê menina e bebê do bebê. Assim, diferente do homem, ela começa sendo três. As mães, em virtude de sua identificação com as mulheres do passado, do presente e do futuro, podem enfrentar o risco do parto e as responsabilidades dos cuidados iniciais do bebê.

Quanto a criar espaço para receber a segunda filha, a mãe referiu que ainda não tinha arrumado a casa, mesmo faltando um mês para o parto. Ela destacou mais preocupação com o bebê propriamente do que com o espaço físico, embora tivessem efetivamente mudado para um apartamento maior. A questão de ter que dividir a atenção entre as filhas era uma mudança que a mãe antevia, ao mesmo tempo em que dizia que, nesse momento, não estava criando muitas expectativas sobre como isso seria. Embora tenha dito, reiteradas vezes, que não gerava muitas expectativas ou não imaginava como seria a segunda filha, a mãe recorreu a muitas comparações com a primogênita para pautar suas impressões. O apoio dos pais era bastante importante para Constance, que costumava contar com a presença e ajuda deles para cuidar da primogênita. A relação com o marido também foi destacada em termos do apoio que ele lhe oferecia, assumindo mais os cuidados da primogênita, para que ela pudesse dar conta de suas atividades pessoais e profissionais, bem como participando ativamente da rotina familiar, já preparando a filha mais velha para as mudanças que estavam por vir. A mãe referia que procurava interagir com a barriga longe da primeira filha. Constance

ainda afirmou que tanto a filha lhe pedia para “esquecer” um pouco da barriga, quanto ela realmente esquecia-se da barriga, durante a gestação. Possivelmente, essa mãe primogênita buscava preservar a filha e a si própria dos sentimentos de exclusão diante da chegada do bebê.

Aos seis meses de vida da segunda filha, a mãe sentia-se plena e realizada por ter duas meninas, como imaginou. Diferente do que afirmava na gestação, vivenciou a experiência do nascimento e chegada do bebê como algo muito novo. Em alguns momentos, a mãe afirmou que não era tanta novidade ter mais uma filha, em outros, como no parto, disse ter se emocionado muito mais ao ver a criança, embora o parto não tenha sido normal como desajara. De forma geral, o sentimento de tranquilidade predominou durante esse período inicial, devido ao fato de a filha ser considerada um bebê calmo. A questão de como criar espaço, sem tirar o que era da primogênita foi a principal dificuldade apontada pela mãe que sentia que tinha que se dividir para dar atenção às duas.

O crescimento e as habilidades que a segunda filha começava a demonstrar deixavam a mãe impressionada. Ela também atribuía isso ao fato de a pequena observar muito a irmã. As características e diferenças individuais da segunda filha começaram a saltar mais aos olhos da mãe que, ainda assim, recorria a diversas comparações com a primogênita para exemplificar como a segunda se desenvolvia mais rápido, também pelo incentivo da primeira. Assim como a mãe é diferente com cada bebê, Winnicott (1969/2005) atenta para a diferença de cada criança, caso ela seja o filho mais novo ou único. Para o autor, não é possível descrever o bebê, sem descrever o ambiente. Podemos acrescentar que não é possível descrever a mãe, sem falar de seu bebê, pois assim como ele, uma mãe só não existe (Lopes, Caron, Thormann & Ribas, 2009).

O apoio e acolhimento dos pais e do marido foi fundamental para Constance nesse período inicial, além do auxílio de uma babá que ela considerava muito carinhosa com a filha. A mãe passou a sentir-se mais apta a delegar e confiar nos cuidados que obtinha das pessoas em quem confiava. Mesmo apreciando e necessitando de todo o apoio com que podia contar, Constance apresentava sentimentos ambivalentes em relação à babá. De acordo com Winnicott (1966/1999), do mesmo modo que uma mãe pode odiar quem descuida de seus filhos, também pode detestar quem supostamente cuide deles melhor do que ela o faria, sentindo inveja ou ciúmes pelo tratamento dispensado a eles, afinal trata-se de seu filho e ela quer ser a mãe de seu próprio filho. Tanto que no



período seguinte, quando a segunda filha completara um ano, essa pessoa que Constance tanto admirava não estava mais trabalhando com ela, para se dedicar aos próprios filhos. A mãe estava encontrando dificuldades de conseguir uma nova babá em que pudesse confiar, havendo grande rotatividade de funcionárias na casa. Assim, voltou a contar cada vez mais com o apoio de seus pais. O marido seguia participando de todas as tarefas, sobretudo com a primogênita, mas ambos estavam sobrecarregados com o trabalho e tinham cada vez menos tempo para si próprios.

No primeiro ano da caçula, Constance continuava afirmando que se sentia muito realizada como mãe de duas filhas, mas sentia-se bem mais sobrecarregada nesse período em que as aquisições de desenvolvimento e o temperamento da segunda filha despontavam. Já no primeiro ano de vida de Giulia, era possível perceber essas características fortes de temperamento e os sentimentos ambivalentes da mãe em relação às diferenças da segunda filha. Para Winnicott (1966/1999), a família é o lugar onde as crianças descobrem sentimentos de amor e ódio e onde elas esperam por simpatia e tolerância, assim como a exasperação que ocasionam.

A partir do momento em que a filha completou um ano de idade e ao longo do segundo ano, foram sendo revistas todas as afirmativas de que era “*mais fácil*” ter o segundo filho. Embora, ela relutasse em admitir as dificuldades, transparecia em suas falas as preocupações que sentia, a partir das diferenças entre as filhas e das próprias concepções sobre si como mãe da caçula. No segundo ano, o temperamento forte da filha e sua crescente independência foram trazendo inúmeros desafios para a mãe que afirmava saber lidar com a pequena, sendo firme nas situações de contrariedade, mas também sentindo-se ansiosa, irritada e frustrada pelas diferenças da segunda filha. No caso de um segundo filho, as mães costumam recorrer a constantes comparações entre as crianças (Lopes, Vivian, Geara, & Piccinini, manuscript in preparation). Kancyper (2004) aponta que a comparação propriamente dita possibilita o exercício de um cotejo, de uma confrontação do semelhante, do diferente e do complementar entre os elementos que intervêm nessa comparação. A comparação propriamente dita inaugura a lógica da tolerância e do relativo, o qual propicia uma crescente complexidade e desenvolvimento de cada um dos indivíduos envolvidos na comparação. Torna-se fundamental para a mãe compreender e aceitar as diferenças entre os irmãos, a fim de acolher e receber o desconhecido que vem através do segundo filho.

Em especial, no segundo ano da caçula, surgiram fortes dificuldades de lidar com as manifestações de agressividade e independência da menina. O fato de sentir raiva do filho mais novo não foi diretamente verbalizado, mas a literatura aponta que os bem conhecidos ataques de raiva das crianças pequenas são, muitas vezes, o reflexo de uma situação de ansiedade e de desorganização que acompanham a raiva que a criança sente pela perda de uma conexão segura e amorosa com sua mãe (Tyson, 2000). Essas lutas geram desgaste emocional para a dupla, pois tanto a mãe como a criança. Muitas vezes, a mãe pode se sentir provocada a entrar numa guerra pelo controle da situação, como no caso de Constance. Mesmo que a mãe também esteja regredida, ela já atingiu o estado adulto e pode ajudar a conter a ambivalência que a criança expressa em relação a ela. Em outras palavras, é preciso que a mãe sobreviva às projeções do filho e possa ser “usada” por ele (Winnicott, 1967/1975). Para Winnicott (1950-55/2000), a agressividade faz parte da expressão primitiva de amor. Em especial, no que se refere à menina, Tyson (2000) aponta que mesmo em idade muito tenra, a menininha começa a ver sua mãe como um ideal e a perceber que ela também tem uma imagem de filha ideal. As lutas internas podem se iniciar justamente quando a menina começa a afastar-se dessa imagem ideal e a demonstrar seu próprio jeito de fazer as coisas. Lopes et al (2007, 2009) demonstraram a repercussão da crescente independência infantil nos sentimentos maternos. Lidar com as manifestações de autonomia da criança é um desafio extenuante para a maioria das mães. Por parte da criança, também pode haver um temor de rejeição e abandono, caso a criança não se sinta segura para expressar sua agressividade e retornar, sendo acolhida pela mãe (Mahler, 1982; Tyson, 2000).

O ambiente muda rapidamente, com os bebês e as crianças pequenas propondo uma contínua renovação em função dos progressos de seu desenvolvimento motor e psíquico (Guedeney & Lebovici, 1999), constituem uma tarefa desgastante para a mãe. Embora, propicie que a descoberta do mundo, física e psiquicamente seja uma experiência compartilhada pela mãe e o bebê (Cramer, 1997). Sendo assim, o cuidado materno muda conforme o crescimento da criança e vem ao encontro tanto da dependência do bebê, quanto aos primeiros movimentos do mesmo em direção à independência. Posteriormente, esse cuidado se transforma num cuidado oferecido por ambos os pais, que juntos assumem a responsabilidade por seu bebê e pela relação entre os filhos. O cuidado dos pais

evolui para a família e passa a incluir avós e outros presentes no cotidiano (Winnicott, 1965/1993).

Ao longo dos dois anos em que foi acompanhada pelo estudo, Constance reafirmou que o modelo de seus pais era muito utilizado como referência por ela, mesmo buscando sua maneira própria de criar a filha. A ajuda de seu marido era crucial, ainda que continuasse se sentindo sobrecarregada pelo trabalho, contava também com o auxílio de uma funcionária. Ela destacou o fato de ter voltado a ser “filha única”, quando a irmã se mudou para outro estado, podendo contar com a atenção exclusiva dos pais, no cuidado das netas. Levando em conta o fato dessa mãe ter sido a primogênita, considera-se que a posição que uma criança ocupa na sequência da família é um fator extremamente importante em sua vida (Freud, 1916/1969). Da mesma forma, a posição da mãe de um segundo filho, em sua família de origem deve se considerada na compreensão de seu processo de tornar-se mãe dessa nova criança. Essa também poderia ser uma nova oportunidade para reelaborar possíveis conflitos infantis, através do novo bebê que chegou à família.

#### **Caso 4: Natália, Diógenes: Fernando & Lorenzo**

*“Quanto mais olhamos, mais enxergamos”* (Winnicott, 1964/1999)

Natália tinha 35 anos na gestação de Leo. Possuía formação em uma área tecnológica mas no momento da gravidez do segundo filho, possuía uma negócio com uma sócia. Residia com Diógenes, o pai de seus dois filhos, há 10 anos. Ele tinha 45 anos, ensino superior completo e é funcionário público. Fernando, o primogênito, estava prestes a completar 3 anos, já ia para a escolinha. A família é de nível socioeconômico médio. A mãe vinha de uma família com cinco irmãs. O marido envolvia-se bastante com o trabalho e ela contava com a ajuda de uma irmã que morava próxima e também com uma empregada. Natália tinha outras duas irmãs que moravam na cidade, mas não eram tão próximas. Seu pai vivia no interior e a mãe tinha falecido. E a sogra não tinha tanta proximidade, pois também residia em outro município.

A mãe contextualizou que ela e o marido fizeram *“tudo que têm direito antes de ter filho”*. Isso significava cursar faculdade, comprar um imóvel, fazer uma viagem para o exterior. Após o nascimento do primeiro filho ela parou de trabalhar durante dois anos *“realmente pra curtir”*, porque havia esperado muito para ter um bebê e quis se dedicar. Eles haviam planejado ter dois filhos em

idades próximas. Assim, quando o primogênito tinha um ano e meio, começaram a tentar o segundo. Ela engravidou e teve um aborto espontâneo, mas logo que a médica liberou passaram a novas tentativas, quando ficou grávida de Leo. Essa gestação também foi muito planejada. Ao mesmo tempo, para a mãe: *“se a gente pensa muito não tem o segundo”*. Assim, após o nascimento do segundo filho, parou de trabalhar e voltou a se dedicar à maternidade. Após o primeiro ano do pequeno, passou a estudar para concursos públicos, ficando ainda a maior parte do tempo com as crianças.

Natália também destacou por diversas vezes a satisfação de ter dois filhos homens, pois em sua família eram cinco filhas mulheres: *“quando a minha irmã mais velha tinha cinco anos nós já éramos em quatro irmãs, uma por ano... era criado tudo meio junto”*. Quando Natália tinha 8 anos, nasceu a quinta filha, sua irmã caçula.

A partir de sua experiência como mãe de dois filhos, ela passou a se perguntar como a própria mãe tinha dado conta delas em idades tão próximas. E pensava no que gostaria de fazer diferente, como dedicar-se mais aos meninos.

### **Gestação: “A gente fica bem mais tranquila”**

#### **1. Impressões sobre a maternidade de um segundo filho**

A mãe destacou que tentava engravidar há cerca de 4 meses, quando teve a confirmação da gestação do segundo filho. Antes desse bebê Natália tinha sofrido um aborto espontâneo. Nesse momento, ela estava muito atenta e ansiosa, tendo logo se percebido grávida: *“antes mesmo de atrasar a menstruação, eu já: ‘ah, acho que to grávida’! Já fiz o exame de sangue, já deu positivo, menos de um mês... eu já sabia”*. Relatou um sentimento de felicidade, com menos expectativas nessa gestação: *“ficamos bem felizes e tal, mas o segundo filho já é bem diferente do primeiro, tu parece que tem aquela expectativa e tudo, mas depois... não se preocupa tanto... é também, claro, uma emoção e tudo”*. Algumas preocupações foram exacerbadas nos três primeiros meses, devido à perda de um bebê no ano anterior, o que também gerou a fantasia de que ela pudesse estar esperando gêmeos: *“logo no início... pra saber se era só um, né? Que era aquela primeira eco”*.

Alguns aspectos físicos foram destacados como sendo mais intensos: *“tirando um pouquinho de azia que eu tinha”*, mas o contraponto foi a maior sensação de tranquilidade: *“a segunda gravidez a gente sempre leva assim, mais light... nem parece que eu to grávida! (risos) Sabe? Assim? Não se preocupa tanto. Não é aquela*

*expectativa de como era do primeiro, eu acho até que é mais interessante, né? A gente fica bem mais tranquila assim”.*

Acompanhar o bebê através das ultras-sonografias despertou sentimentos intensos: *“é sempre uma emoção! Toda eco é uma emoção, né? Porque cada vez tu vê a evolução”*. Com destaque para a emoção sentida no exame em que descobriu o sexo do segundo filho, pois se sentiu muito satisfeita de ter mais um menino, devido ao seu histórico familiar feminino: *“a eco do sexo... bem emocionada... é bem legal, ainda mais quando tu vem de uma família de cinco irmãs... Então, um menino sempre é bem vindo, né?”*. A mãe também falou que poderia ser bom ter a experiência de ter um casal de filhos, mas: *“no fundo no fundo eu queria mesmo um menino”*, pela sua própria história e por já ter cuidado de um, que ela considerava fácil e prático. O fato de os filhos terem pouca diferença de idade também os aproximaria, na visão de Natália: *“vão ser bem parceirinhos, de brincadeiras e tudo, e dividir as mesmas coisas”*.

A mãe ainda justificou sua tranquilidade, pois o fato de o segundo filho ser do mesmo sexo que o primeiro facilitou *“no aspecto de preparativos”* e financeiramente. Assim, ela aproveitaria o enxoval do primogênito. Além desse aspecto prático, ela destacou que emocionalmente estava mais segura pela experiência anterior: *“é realmente mais tranquilo e eu acho que a própria segurança... Já ter passado pela experiência do parto e toda aquela fase inicial do bebê, tudo”*. Natália também atribuiu ao pouco tempo entre os filhos, a facilidade que imaginava que teria como a chegada do bebê: *“Pra lidar com o segundo já tendo a experiência... recente”*. A idade e a maturidade também foram fatores importantes para o bem-estar emocional da mãe.

Ainda assim, havia algumas realizações que a mãe gostaria de ter, como o parto do segundo filho normal, diferente do primeiro, embora não visse perspectiva de realizar esse desejo: *“pra esse segundo daí, que eu também tinha a expectativa de ter parto normal, mas a médica já me falou que vai ser uma criança grande... praticamente decidida a ir pra cesariana, mesmo, que eu acho que não adianta querer forçar muito”*. Ela também falava de suas expectativas a longo prazo, dizendo esperar que seu filho fosse feliz, estudioso e realizado profissionalmente. Ela ainda falou das preocupações próprias de cada fase, pelas quais passaria: *“os pais quando têm filhos nunca mais vão dormir, porque quando são bebês, é porque são bebês e quando são adolescentes saem pra noite e é o problema de violência”*.

### 1.1 Criar espaço para o segundo filho

Em termos físicos, a chegada de mais um bebê fez com que algumas reformulações tivessem que ser realizadas na casa. Ela transformaria um escritório no quarto do segundo filho e também já pensava nas modificações que mais uma criança traria: *“reorganizar algumas coisas, né? E toda aquela movimentação a mais de carrinho de bebê... banheirinha, todos os acessórios de bebê, mas tudo tem o seu lado bom... uma casa com criança é completamente diferente, imagina com duas. Vai ter milhares de coisas espalhadas... é uma bagunça saudável”*.

Mesmo com toda essa tranquilidade, ela voltou a afirmar que não havia pensado muito: *“se não, não cria coragem pro segundo. Então, tem que ser meio sem pensar assim”*. O segundo bebê era também tido como o último filho do casal: *“dois realmente ta de bom tamanho. É... não, eu acho que vou ficar por aí”*. A mãe disse que a escolha do nome *“foi uma dificuldade”*, pois tinham uma lista e toda família foi consultada. Ela gostaria que fosse um nome bíblico, *“simples e atual”*. Também considerou que fosse parecido com o do primeiro.

### 1.2 Comparações

Diversas comparações entre a gestação do primeiro e do segundo filho foram feitas: *“a única diferença é que a do Leo eu tô trabalhando e do Fernando eu trabalhei só no início, depois eu já parei de trabalhar. Então, realmente eu curti mais... repousava bastante e tal”*. Contudo, a presença do primogênito e o fato de ela estar trabalhando diminuía o tempo de interação com a barriga: *“mas a curtidão ta legal, eu tenho certeza que amor não vai faltar”*.

Natália considerava que estando mais segura, o bebê sentiria esse clima emocional e todos os cuidados que receberia seriam tão bons quanto os do primeiro. Ela esperava poder se dedicar *“na mesma intensidade”* com que se dedicou ao primogênito, além de considerar que essa experiência seria mais tranquila: *“Porque o primeiro a gente: ah, tá chorando... não sabe o que é, e acha que vai... desmontar a criança porque é fragilzinho, mas eu acho que com o segundo bem mais tranquilo. Eu mesmo to me sentindo bem mais tranquila, pra levar”*.

## 2. Expectativas e sentimentos quanto ao segundo filho

Ao descrever o segundo filho, a partir das impressões que tinha, ela dizia que ele seria *“um homão!... Vai ser um menino grande... ele se mexe bastante! Ele já ta chutando bastante! E parece ser tranquilinho até”*. Natália atribuía a possível tranquilidade do filho à maneira como se sentia: *“o segundo eu acho que vai ser bem*

*mais tranquilo. E a gente transmite isso pra criança, porque realmente o nosso estado emocional a gente passa pra ele”.*

Quanto às expectativas em termos físicos, a mãe disse que já que o primogênito era a cara dela, ela esperava que o segundo tivesse *“alguns traços do pai, né? Pra não ficar tão ruim. Apesar que dizem que os meninos sempre puxam mais a mãe do que ao pai”*. Isso também parecia ser uma forma de contentar o marido que gostaria de ter uma menina. Voltou a afirmar que achava que fisicamente ele seria um menino grande: *“vai ser um bebezão. Já vai nascer com cara de menino assim”*. Em termos de temperamento, Natália ressaltava sua expectativa de que fosse um bebê *“bem tranquilo”*.

### **3. Relação com a própria mãe e demais familiares**

A mãe de Natália era falecida e seu pai vivia no interior do estado. Contudo, ela tinha três irmãs que moravam próximo e com quem se relacionava. A reação dos familiares foi de muita alegria, tanto da família dela quanto do marido: *“Ah, todo mundo ficou bem feliz, né? Até por... eu ter perdido a outra gravidez, também afetou todo mundo, porque não tinha acontecido nenhum fato na família... ficaram na torcida aí”*. Ela considerava que a chegada de mais um bebê os faria ficar mais em família ou em casa mesmo: *“relacionamento só entre a família mesmo, ir na casa da avó [paterna]... até pelo próprio cansaço, é o tempo que a criança toma, a gente acaba ficando mais em casa”*. Nesse período, além de uma empregada, a mãe contava principalmente com a ajuda de uma irmã que não tinha filhos: *“me ajuda bastante, ela é quem realmente mais me ajuda. Porque o meu pai é do interior, mas eu tenho mais duas irmãs que moram aqui, né? Se eu precisar”*.

### **4. Relação com o marido**

O marido a acompanhava menos nos exames e consultas de rotina nessa gestação: *“ele ainda não foi”*, mas mostrava-se preocupado com a esposa, dizendo-lhe para ter cuidados: *“de não fazer muito esforço, de não pegar o Fernando no colo. Então, ele realmente se preocupa assim, que não é pra mim me exceder, né? Eu acho que isso já é assim, uma demonstração”*. Após o nascimento do bebê, o marido tiraria férias para ajudá-la e ficar com o primogênito. Ela também esperava que o pai se envolvesse com o bebê, antes do que ocorreu com o mais velho, pois ela pensava em permitir que ele participasse mais desde o início, para que ela também pudesse se ocupar das necessidades do primogênito: *“desde a troca de fralda, ajudar no banho, essas atividades, normais, do dia-a-dia... só não amamentar! (risos)”*. Natália imaginava que com sua dedicação integral ao caçula, o marido assumiria mais

tarefas com o mais velho e ainda assim o casal se manteria próximo, por terem gerado juntos mais uma vida: *“ainda mais com um outro pequeno, né? Então, vai ser um com um filho e outro com outro... tendo uma vidinha a mais com a gente, eu acho que isso só melhora o relacionamento”*. Eles não costumavam ter uma vida social muito intensa, então ela pensava que o impacto seria menor, pois já na chegada do primogênito: *“a gente deixou a nossa vida social... quase que totalmente de lado”*.

**6 meses:** *“o segundo é bem mais fácil”*

### **1. Impressões sobre a maternidade de um segundo filho**

A mãe se sentia realizada, pois conseguiu concretizar o sonho de ter dois filhos, como ela queria, retomando que seu histórico familiar era de cinco irmãs, além de já ter tido o primeiro menino, do qual já sabia cuidar: *“todo mundo: ‘Ah, tu quer é uma menina’? Eu disse: ‘Não, quero menino mesmo, casalzinho não, prefiro menino’... Claro que se viesse uma menina tudo bem, mas no fundinho eu sempre queria um menino, e veio, veio com saúde. Então, estou super feliz”*. Mesmo com toda felicidade de conseguir ter outro menino, Natália falou dos desgastes desse período em que o bebê acordava diversas vezes e da preocupação em atender os dois filhos: *“é bem puxado assim, até essa função de atender, estar trocando um e estar preocupada com que o outro está fazendo e tal. Mas tem sua recompensa, certamente, quem vê os dois ali saudáveis”*. Falou ainda da sensação de que o tempo estava passando muito rápido: *“parece que foi ontem que nasceu e já está com quase seis meses. Então isso gratifica”*. Lembrou que mesmo que a cesárea tendo transcorrido bem, o bebê ficou hospitalizado alguns dias, porque teve icterícia, que *“criou uma certa angústia”*. Nesses dias ela contou com a ajuda de uma tia, para auxiliar o marido nos cuidados do primogênito: *“para ele não sentir muito o impacto... Então foi super bem assim. Ele ficou com saudades, eu também morri de saudades, mas foi bem, bem tranquilo”*.

Ela se descrevia como uma *“boa mãe”* do segundo filho, pelo seu envolvimento intenso e dedicação exclusiva ao bebê, voltando a dizer que deixara de trabalhar para que ele pudesse aproveitar: *“amamentar ele, que isso sempre requer um esforço adicional, já que é só a gente que pode fazer... muitas mulheres desistem de amamentar, porque só mãe que pode amamentar... Isso realmente cria um vínculo, uma dependência mesmo... acho que sou uma boa mãe, não vai poder reclamar. Procuro, realmente, me dedicar”*.

Natália se descrevia como uma mãe de dois filhos muito feliz, *“bem mãezona”*, até mesmo tendo aberto mão de sua carreira para se dedicar aos



primeiros anos de vida das crianças: *“optei também por abrir mão do meu lado profissional, para me dedicar desde o primeiro... E agora eu resolvi parar de novo, para poder ficar com o Leo... so até crescer um pouquinho, depois para eu dar um rumo na minha vida... me sinto super feliz de ter optado inclusive, por essa situação”*. Mesmo considerando a experiência *“super boa”*, com *“bem menos preocupação”* ao dedicar-se integralmente, ela se sentia muito cansada, em termos físicos: *“ultimamente, eu ando assim meio cansada, fisicamente... mas se não tudo super bem assim, bem tranquilo”*.

A mãe já falava que gostaria de ver o segundo filho maior para que ele pudesse brincar com o mais velho, considerando a interação entre os irmãos como um complemento à experiência da maternidade: *“não vejo a hora que ele fique sentado sozinho para brincarem juntos e eles se amam assim. Porque é uma paixão assim deles brincando juntos já agora... realmente, é um complemento, acho que tudo na gravidez, no segundo filho é um complemento, é maravilhoso também”*. Ao falar de como se sentia cuidando novamente de um bebê, a mãe ressaltava o cansaço, atribuindo isso também ao fato de querer dar atenção ao primogênito, não só ao caçula. Ela sentia *“dificuldades em administrar o tempo, o cansaço físico, porque fico mais cansada, mais nervosa, até perco a paciência com o Fernando. Estou me sentindo mais irritada”*.

As separações começavam a ocorrer gradativamente: *“procuro não sair muito, mas eu estou me dando esse espaço também agora, de dar umas saídas rápidas, de uma ou duas horas no máximo”*. Nesses momentos, a mãe se sentia aflita, pois ainda amamentava o bebê exclusivamente, o que ressaltava sua dependência: *“como ele só está mamando no peito, então ele fica todo dependente”*. A mãe entendia que o filho ficava bem com a empregada, mas sentia uma preocupação grande com os afastamentos mais prolongados: *“Saio, se demoro um pouquinho mais, já ligo para saber se ele está berrando ou como é que está. Sempre é mais a preocupação da gente assim, porque ele fica bem”*.

### 1.1 Criar espaço para o segundo filho

Ao mesmo tempo em que procurava se dedicar ao segundo filho, a mãe não queria que o primogênito se sentisse excluído. A sogra chamou a atenção para essa preocupação excessiva de Natália: *“de sempre procurar dar atenção para o maior... ‘Ai o Leo só porque é o segundo fica ali abandonado, porque tudo é em função do Fernando’... Claro a gente dá toda atenção para o pequeno, mas como o outro entende. Então a gente está sempre dando uma afeição também para ele, jamais deixar ele de escanteio assim”*.

## 1.2 Comparações

Ela retomou a diferença entre as gestações, já que parou de trabalhar na primeira e nessa. Além de ter trabalhado, envolveu-se muito com o primogênito: *“talvez até também por ser o segundo. O primeiro a gente fica muito em função daquela gestação, o segundo já em função de ter o primeiro, toma muito tempo”*. Destacou ainda a alegria por ele se parecer com o pai: *“é o que a gente queria mesmo, puxou ao pai, esse é a cara do pai”*. Assim, fisicamente, o segundo filho tinha características da família paterna e o primeiro da materna. O fato de *“ter um para a mãe um do pai”*, deixou o casal bem satisfeito. Contudo, emocionalmente, o bebê se parecia em alguns pontos com ela, mas ainda era cedo para definir: *“eu tenho o gênio meio difícil assim, sou meio explosiva, meu marido é mais tranquilo, mas também quando explode, sai de perto... não sei se é meio cedo para definir a personalidade, a quem puxou e tal”*.

Ao se referir às características do segundo filho, a mãe se remetia ao primeiro, tanto para compará-los, como para falar de sua maior tranquilidade em cuidar do bebê: *“Deve ser a experiência do primeiro, acho que com o segundo é bem mais fácil... não sei se a função de já ter o segundo, que a gente também é mais tranquila”*. Após falar das características do bebê, se remeteu ao primeiro: *“Mas o Fernando, apesar de ser o primeiro, ele também foi bem tranquilo assim, não teve nenhum problema”*. E falou que o segundo a surpreendia a cada dia: *“Então eu achei que o segundo ia ser mais complicado talvez, eu digo: ‘Ai fui tão bem com o primeiro, acho que com o segundo vou ter azar né’, mas foi super bem, também foi por a gente já ter uma prática e tal, mas foi super tranquilo, ele está bem, mamando no peito... se desenvolvendo assim super bem mesmo”*.

## 2. Relação com o segundo filho

Ao descrever o segundo filho, a mãe destacava as aquisições de desenvolvimento: *“ele quase fica sentado sozinho já, e ele assim vê tudo, tudo chama a atenção dele, tudo ele quer pegar já, eu acho ele super esperto assim, bem, realmente, bem ativo mesmo”*. E falava de como o temperamento tranquilo facilitava essa experiência inicial, sem contratempos: *“Ah ele está super bem assim, nasceu bem perfeito, foi um parto bem tranquilo... E agora ele está, assim enorme... Só mama no peito, bem tranquilo, uma criança super calma... Não teve problemas de cólicas, nada, não é chorão, bah ele é super, super tranquilo”*. Mesmo ressaltando a tranquilidade do segundo filho, a mãe falou que ele era brabo: *“apesar de ser tranquilo assim, quando ele resolve ficar brabo, ele grita um monte. Ele tem um gênio meio, bem brabinho assim, mas ele é bem meiguinho”*. Algumas características começavam a despontar, quando

o bebê ficava irritado: *“tem uma personalidade bem forte assim, quando ele fica irritado, ele grita mesmo”*.

Todas as atividades que a mãe fazia com o bebê, desde a amamentação até o banho eram muito prazerosas, exceto a troca de fraldas, que vinha sendo difícil, pois *“ultimamente ele anda se agitando bastante que a gente não consegue nem botar a fralda direito. Se mexe... está ficando difícil*. Devido ao fato de considerar o segundo filho uma criança tranquila no geral, ela também se sentia bem e o bebê calmamente ia se fazendo conhecer: *“em função de lidar com ele, tudo, super tranquilo”*.

### **3. Relação com a própria mãe e demais familiares**

A mãe contava muito com o apoio de uma irmã que morava perto e de uma profissional que cuidava da casa: *“É, eu tenho empregada, ela faz tudo em casa. Me ajuda, às vezes, para eu sair, ela fica com o Leo e tal. E eu tenho a minha irmã, que, às vezes, eu peço para ela ir pegar o Fernando na escolinha, eventualmente”*. Os cuidados eram feitos por ela e o marido: *“basicamente é só nós”*.

Nesse período, não fazia menção a apoio direto de seu pai. Apenas lembrava e se admirava de sua mãe ter conseguido criar cinco filhas em tão pouco tempo. Natália tinha boas lembranças de sua mãe, embora voltasse a destacar que seguia o exemplo dela, mesmo com a diferença de ela ter tido quatro filhas em cinco anos: *“minha mãe foi boa, para nós... Quando a minha irmã mais velha tinha cinco anos nós já éramos em quatro irmãs, uma por ano, então foi com muito custo criadas, mas claro, nossa mãe sempre transmitiu essa coisa de lutar, batalhar, ser independente e ser um pessoa íntegra, então a parte moral realmente é o que eu sigo”*. A mãe era considerada uma vencedora, pois mesmo com poucas condições financeiras na época, todas as filhas são bem sucedidas hoje: *“E isso a gente leva como maiores bens”*. Ainda assim, ela se considerava diferente, por cuidar individualmente de cada um dos filhos.

Quanto ao pai, ela lembra que a relação era mais fria, rígida, pois ele não se envolvia com as filhas, como a mãe: *“era uma pessoa que não tinha muita aproximação, assim, não era muito afetuosa com os filhos... claro sempre teve carinho e tal, mas aquela coisa que eu vejo que deixava mais para a mãe se dar conta dos filhos e ele se envolvia com outras coisas”*.

### **4. Relação com o marido**

O marido participava de diversas atividades ligadas aos cuidados dos filhos, tais como dar banho, alimentar ou ficar com o primogênito, enquanto a mãe se

dedicava ao bebê: *“realmente ele participa de todas as atividades assim, ou vai sair com o Fernando, quando eu tenho que ficar com o Leo, mas ele ajuda em tudo mesmo”*.

Natália dizia estar bem satisfeita ao ver que o marido era um pai participativo, tanto com o primeiro quanto com o segundo filho, exceto com a amamentação: *“tirando o mama, que é exclusivo meu, ele participa de tudo... Troca fralda, pega o nenê, e troca o nenê, faz arrotar, fica com os dois brincando, ele super participativo. Ele tem uma jornada de dez horas de trabalho, e chega em casa e ainda participa, eu acho ele perfeito (Risos)”*. Nesse período, ela estava muito satisfeita com o apoio que o marido lhe dava, mesmo que ela não estivesse trabalhando, ele sempre a ajudava.

### **12 meses: “O trabalho realmente é dobrado”**

#### **1. Impressões sobre a maternidade de um segundo filho**

Ao descrever seu processo de tornar-se mãe de mais um menino, nesse período Natália reconhecia que se dedicava ao máximo, mas que não existia perfeição: *“acho que eu sou uma boa mãe, em função de que eu procuro me dedicar, mãe perfeita, pessoa perfeita não existe, todo mundo tem suas falhas, seus erros... estou sempre me questionando se estou fazendo a coisa certa ou não, isso em todos os sentidos... na forma de educação”*.

A mãe considerava que ter optado por ter dois filhos com poucos anos de diferença não a deixou sentir *“a fase boa, da tranquilidade, da maré calma”*. Ela sentia um cansaço aumentado em função de dormir pouco, há vários meses, o que gerava irritação: *“qualquer coisa a gente explode assim”*. Ela considerou boa essa proximidade de tempo, pois mantinha a prática de como cuidar de uma criança pequena: *“não deu tempo nem para esquecer como é que eram as coisas”*. Apesar de ser trabalhoso, pela atenção que ela tinha que dar aos dois pequenos, ela se sentia tranquila e acreditava que a criança sentia isso e também se tranquilizava. Ela voltou a enfatizar que era um período *“super cansativo”*, ainda mais pelo fato de o segundo filho estar caminhando agora: *“tu não pode tirar o olho um minuto que já quer subir por tudo que é coisa”*. Mesmo assim aproveitava muito os momentos em que estavam juntos.

A mãe passou a fazer uma reflexão sobre o *“mais fácil”* atribuído ao segundo filho, revendo inclusive sua posição quanto a essa afirmativa: *“falava: ‘Ai, segundo filho é barbada; é muito mais fácil’. Acho que é o que a maioria diz, né? Mas isso só envolve, esse aspecto da incerteza e insegurança que a gente tem. Porque o trabalho é dobrado! Ai, isso é super cansativo. O trabalho realmente é dobrado”*. Ela

voltou a se perguntar como sua mãe tinha dado conta de cinco filhas e ela se sentia tão cansada: *“minha mãe, por exemplo, teve cinco, tudo junto. Em sequência. Não sei como é que fazia, né. Então agora, dá banho num, dá banho no outro, bota para dormir, e comida para um e comida para outro. Bah, tudo isso envolve. Então realmente acho bem cansativo. Mas, não sei se eu pensei que seria menos ou mais. Só sei que é muito cansativo (risos)”*.

Como mãe do segundo filho Natália se considerava *“bem atenciosa”*, dedicando mais tempo a ele, nesse período em que era bebê, do que ao primogênito, que já estava um pouco mais independente: *“até pelo fato dele ser pequenininho e colo e não sei o quê”*. Por outro lado, ela perdia a paciência mais rápido com Leo, em função do cansaço e *“desse trabalho dobrado”*. Dando ênfase ao estresse que sentia, ela usou a expressão de uma amiga para justificar o uso de telas nas janelas: *“Porque realmente é muito cansativo, a gente se estressa. Então, procurar não perder a cabeça porque é fácil; por isso que têm essas telas pra gente não jogar eles pela janela, não é pros filhos não pularem, é para a gente não jogar eles, diz uma amiga minha’*.

Diante da maior dedicação às necessidades do segundo filho, a mãe o percebia mais apegado a ela do que ao pai, pois percebia que muitas vezes queria que o marido ficasse com o segundo filho e ele se recusava a ir para o colo do pai: *“se eu estou com ele, ele não troca o meu colo pelo do pai, dificilmente”*. Natália entendia essa proximidade como uma recompensa às tarefas inerentes à maternidade: *“Em função da amamentação, do próprio tempo, eu passo muito mais tempo com ele. Então, acaba se apegando. Mãe é mãe. Tem que ter umas recompensas”*.

Depois de fazer uma espécie de balanço da maternidade, ela se sentia realizada por ter tido o segundo filho, mesmo tendo interrompido sua vida profissional: *“estou bem realizada nesse aspecto porque era o meu objetivo, foi de dar um tempo na vida profissional e tudo para ter dois filhos... consegui ter dois, tanto que eu tive um, uma gestação, um aborto espontâneo entre os dois e a gente tentou de novo e tal, então duas crianças saudáveis, perfeitas, me sinto realizada”*. A principal dificuldade continuava sendo lidar com os dois filhos ao mesmo tempo e a sobrecarga que sentia: *“administrar o tempo em função dos dois”*. O cansaço físico foi inúmeras vezes destacado como algo estressante ao longo do primeiro ano, mas que nesse período, em função do ajuste no sono das crianças, estava começando a diminuir, coincidindo ainda com o momento em que a mãe decidiu começar o desmame do segundo filho.

Devido aos novos planos de retomar estudos, a fim de passar em um concurso, a mãe começou a se ausentar por turnos inteiros, deixando o menino com a empregada. Os afastamentos eram sentidos tanto pelo menino: *“às vezes, ele chora. Eu sinto que ele já percebe que a gente tá se ausentando, se afastando. Como ele vem até a porta, até o elevador e dá ‘tchau’, ele chora várias vezes... Não sei se é pelo fato de ele não sair ou se é porque eu estou saindo. Mas ele sente assim, mas depois ele fica super bem”*, como pela mãe que sentia saudades e até mesmo culpa por deixá-lo sozinho: *“morro de saudades, né. No início, foi bem complicado porque eu passava o dia inteiro com ele e já o fato de que eu meio que me culpei assim: ‘Ai, tão pequenininho, com 1 aninho, ter que deixar ele’.”* Mesmo assim, ela o matriculou na mesma escola que o irmão: *“Vai para a mesma escolinha que o Fernando. Eu acho que é melhor para ele conviver com outras crianças; melhor do que ficar em casa”*.

### 1.1 Criar espaço para o segundo filho

Lorenzo estava *“conquistando mais espaço”* e seu crescimento, bem como o desenvolvimento de habilidades motoras e expressão de preferências, estavam despertando reações de ciúmes no irmão, que preocupavam a mãe: *“antes ele era só aquele bonequinho que ficava ali no carrinho, ou sentadinho num cantinho, que tu botava e ficava”*. O tempo para os cuidados pessoais dela também ficou muito restrito: *“tomar um banho de dois minutos... afeta e até porque, sim tu está estressada tu acaba descarregando... a gente tenta ir levando”*.

Por outro lado, novas demandas emocionais surgiram para Natália ter que lidar. O segundo filho passou a ser visto como uma criança *“participativa”*, que começava a imitar o irmão: *“E ele está sempre participando junto”*. Os planos de ver os meninos brincando juntos, esperados para quando o segundo filho crescesse um pouco mais, não saíram como Natália imaginara: *“Eles começam brincando e acabam brigando. Até brincam um pouquinho... quer justamente uma coisa que está com o Leo e aí arranca da mão do Leo e daí começa aquela choradeira. Mas a gente procura fazer eles brincarem bastante tempo juntos”*. A mãe expressou ambivalência ao descrever que esses momentos eram tumultuados e agitados, por ter que dividir a atenção entre os dois, mas também tranquilos e divertidos: *“mais uma pessoinha participando, mas, realmente, é mais agitado... depois fica mais tumultuado que tem que dividir a atenção entre os dois... mas é tranquilo assim, acaba sendo uma diversão”*.

### 1.2 Comparações

Algumas comparações com a criação do segundo filho ser a mesma que a do primeiro foram apontadas. Assim mesmo, a mãe optou por colocar o menino

na escola antes dos dois anos, como havia previsto e também feito com o primogênito: *“era uma coisa que, realmente, já tinha decidido que o ano que vem ele iria. O Fernando, eu coloquei ele com 2 anos e achei que a adaptação foi mais difícil porque eles ficam muito tempo só com a gente... Então, o Leo, eu optei por colocar ele antes”*.

A mãe havia desmamado o segundo filho há duas semanas e também lembrou do período em que fez isso com o primogênito: *“O Fernando também, eu amamentei ele até 1 ano e 2 meses, eu acho que tá mais do que bom assim. Aí eu tirei, e fui diminuindo as mamadas”*. Com Leo, ela tinha que acordar muitas vezes à noite e isso a deixava exausta: *“ele acordava muito à noite para mamar. Ele queria mamar e, às vezes, nem era tanto mamar. Mas, em função do amamentar, ele acordava que ele queria um colinho. Ah, tinha dias que ele acordava de hora em hora. Eu andava assim que era extremamente cansada”*.

Comparações com as diferentes necessidades de cada filho, em função da idade foram realizadas pela mãe. Mesmo com a pouca diferença entre eles, era difícil conciliar atividades que satisfizessem os dois: *“o Fernando começou agora a entrar naquela fase de se comportar, de poder frequentar digamos, daí tem o Leo que daí fica mais complicado”*.

## **2. Relação com o segundo filho**

Ao descrever o jeito do segundo filho, a mãe começou a perceber um “gênio terrível” se revelando: *“Eu vejo que a personalidade dele é bem forte; ele tem um gênio terrível, terrível para idade dele”*. Nos momentos de contrariedade, o menino gritava e batia a própria cabeça no chão, o que incomodava e preocupava a mãe: *“quando ele é contrariado, ele senta no chão... bate a cabeça no chão. Ele olha para ti e bate a cabeça no chão, tipo assim ‘eu não quero fazer isso’... bah! Ele fica irritado e grita quando é contrariado... terrível, a personalidade terrível, um gênio”*. A mãe se lembrou que pensava que seria mais tranquilo, mas o segundo era uma criança diferente: *“eu achei que ia ser mais tranquilo... mais calminho, nesse aspecto assim... mas cada criança é uma criança, né”*. A mãe dizia que em função desse jeito, o menino gostava de *“coisas mais radicais, mais torturantes... tu pegar e virar ele de cabeça para baixo; maltratar ele é o que ele mais gosta (risos)... apertar, afofuxar, às vezes, até brincar de um segura pelos pés, outro segura pelas mãos: ‘ai, é meu! É meu!’, puxar assim. É impressionante”*.

Quanto ao desenvolvimento do segundo filho, a mãe achava que era mais rápido que o do primogênito, em função da convivência e do fato dele repetir o que o irmão fazia: *“bem mais rápido até do que do Fernando”*. Destacou a

motricidade, mas considerava a linguagem pouco desenvolvida para a idade, embora o visse como uma criança: *“bem mais independente, apesar da idade dele... e em todos os sentidos assim”*. Natália comentou que ele tinha acesso a brinquedos para uma faixa etária maior e isso facilitava sua desenvoltura. Ainda assim, o menino fazia coisas que o primogênito não fazia com essa idade: *“Ele brinca de esconde-esconde... Eu não lembro do Fernando fazer isso. Acho que o Fernando começou a entender isso com uns dois anos, de ele mesmo se esconder e ficar ali quietinho, parado, esperando, naquela expectativa assim que alguém vá encontrar ele ou que ele vá dar um susto... Nessas coisas assim que eu acho que ele é mais desenvolvido”*. Outro aspecto que chamava a atenção da mãe era a capacidade de compreensão do menino: *“tem um entendimento das coisas, que eu acho assim super desenvolvido, assim pela idade dele... impressionante. Tu diz ‘Vamos tomar banho’, ele vai até a porta do banheiro... e fica lá, então essas coisas assim da resposta dele ser imediata nas situações”*. Para Natália o filho não conseguia se deter muito tempo com um brinquedo só: *“brinca um pouquinho, já bagunça”*.

A mãe descrevia o segundo filho parecido fisicamente com o pai, mas emocionalmente parecido com os dois: *“todo mundo diz: ‘um da mãe, um do pai’... ele puxou bem a parte do meu marido, de olhos escuros, cabelo castanho, isso ficou bem do pai. E gênio assim, é meio complicado, é comprometedor... vai dizer que puxou o pai (risos). Eu realmente tenho uma personalidade também meio forte assim. Quando eu me irritado, sai de perto. Então acho o pai dele também não é santo. Então, essa questão de personalidade, sei lá”*.

### **3. Relação com a própria mãe e demais familiares**

Natália ainda contava eventualmente com a ajuda de uma irmã, para ficar com as crianças. Porém, ela não tinha uma rede familiar por perto e isso restringia sua vida social: *“se a gente tem algum compromisso, que é eventualmente, (Risos), ah ela fica com as crianças, então é uma pessoa que eu posso contar, e que as crianças ficam tranquilamente com ela”*. Essa irmã era madrinha do primogênito e fazia mais programas com ele, embora trabalhasse fora e não tivesse tanto tempo disponível para ficar com os meninos: *“me ajuda bastante assim, claro ela trabalha, tem toda a vida dela, mas o que pode me dar uma mão... pega o Fernando, às vezes, para levar para o cinema, para algum programa diferente... até dorme na casa dela”*.

A dedicação paralela aos estudos por parte da mãe, como parte do planejamento de retomar sua carreira, fez com que ela passasse a contar mais com o auxílio da empregada. Ao mesmo tempo em que confiava na funcionária: *“ela é super cuidadosa. Uma pessoa que tem filhos também, então tem experiência. Tem aquele*



*carinho pela criança... o importante é a tranquilidade de que está sendo bem cuidada... assim tá super bem*". Por outro lado, alguns sentimentos ambivalentes vinham à tona: *"Às vezes, dá aquele sentimento, meio que de culpa... Mas, por um lado, né. Pô! Já me dediquei um ano, ele já tá com mais de um aninho. Já não é tão bebê, ele já teve essa oportunidade... Então, até por uma questão de realização profissional minha, tudo. Parei todo esse tempo. Agora tenho de dar um rumo para a minha vida! Não dá para se dedicar exclusivamente aos filhos*". Mesmo assim, com a tentativa de conseguir um emprego público, a mãe visava ter mais tempo em casa com os filhos, para que eles não ficassem somente aos cuidados de outras pessoas. Natália também se respaldava nas reações do segundo filho que acolhia bem a empregada e era bem querido por ela, como uma *"segunda mãe"*: *"Ah, ama ela de paixão! A gente sente que ela chega de manhã, ele já corre assim para fazer alguma brincadeira... ele gosta mais, no sentido geral, mais dela do que do próprio pai. Justamente em função da questão do tempo. Eles passam muito tempo junto... ela na família, como uma segunda mãe, com certeza*". Assim, a mãe reforçou que a intensa relação da funcionária com seu filho a deixava satisfeita por poder contar com esse auxílio.

Natália voltou a lembrar com incredulidade de sua própria criação, tanto pelo número de irmãs em idades próximas, quanto pela falta de recursos. Sua mãe ficou em casa com as filhas em alguns períodos, mas também trabalhou em outros: *"naquele tempo, os vizinhos ajudavam muito. Os parentes também quando via, era uma tia que vinha passar um tempo, morava junto, então, ajudava. O meu pai era mais seco assim, não era tão carinhoso. Acho que até da formação dele, do jeito dele assim. E a minha mãe era o normal assim, tranquila, ah, tinha o carinho por todos nós; mas era uma coisa, tudo meio enrolado. Era uma penca de filho, né*". Ela procurava dar aos meninos a sensação de exclusividade que não teve como filha. A principal diferença apontada era sua maior dedicação aos filhos, diferente da mãe que também tinha que dar conta dos afazeres domésticos: *"Imagina a minha mãe, ela nunca teve uma empregada ou alguém que até nem tinha recursos na época para isso. Então tinha que cuidar da casa e todos aqueles filhos e horta e eles costumavam fazer pão em casa. Muita coisa era produzida em casa. Então, eu vejo o tempo que eu me dedico, que nem eu digo. Se eu tenho um tempo livre, eu procuro dedicar a eles. Ai, eu poderia ir pro salão, fazer o cabelo, fazer não sei o quê, não. Eu prefiro, na medida do possível, ficar com eles. Então, realmente, dar bastante atenção a eles. Isso é o que eu procuro realmente fazer*".

#### **4. Relação com o marido**

A mãe continuava contando com o apoio do marido na divisão de tarefas.

Ainda assim, ela esperava um pouco mais de dedicação e colaboração espontânea do pai dos meninos: *“ele é bem prestativo, mas não tem muita iniciativa”*. Natália esperava mais compreensão de como ela se sentia cansada em função da rotina com as crianças e colaboração mais espontânea: *“poderia ser um pouquinho maior em função de compreender que realmente é bem cansativo essa rotina com eles, eu acho que ele poderia se dedicar um pouco mais, colaborar um pouco mais”*.

Como pai de dois filhos, ela o descrevia: *“é um pai bem participativo ele ajuda mediante solicitação, às vezes, ele não tem muita iniciativa assim”*. Ele continuava mais envolvido com o primogênito do que com o segundo filho e dividia as tarefas quando o casal estava sozinho. Nesse período, fazia mais passeios e brincava com o mais velho: *“é super atencioso com as crianças, super carinhoso, ele gosta muito, por exemplo, ai ele pega o Fernando, vai para a Redenção, enfim que ele é bem paizão assim nesse aspecto”*.

**24 meses:** *“Mãe tinha que ser um polvo, com uma dúzia de tentáculos, para conseguir atender a todos”*

### **1. Impressões sobre a maternidade de um segundo filho**

Ao se descrever como mãe do segundo filho, Natália dizia *“querer fazer o melhor possível”*, embora ressaltasse algumas particularidades dessa vivência, em que tentava ser uma boa mãe para o caçula, mesmo com diferenças do que considerava ideal: *“pro segundo, eu não digo tudo, porque é impossível, tudo o que a gente fez pelo primeiro, não tem como... O segundo sempre as coisas são diferentes em quantidade, talvez até em qualidade, porque não tem como tu dar uma dedicação exclusiva para um só, por que tem que acomodar os dois. Mas eu me cobro muito”*.

Ao dizer que imaginava que seria mais fácil tornar-se mãe de um segundo filho, Natália brincou: *“me enganaram, todo mundo disse ai tem filho... Mas eu achei que iria ser mais fácil assim porque é puxado, isso que eles têm três anos de diferença... Ai é uma função, parece que não acaba nunca, vinte e quatro horas, não acaba nunca”*. A mãe recorreu a um ditado para falar das dificuldades de cada fase do segundo filho: *“Tem um ditado que diz que filho é que nem videogame, só vai passando as fases e cada fase é mais difícil”*. Apesar de estar achando difícil esse período, pelo aumento de demandas do caçula: *“até por causa da fase, dois anos”*.

A experiência como mãe de dois filhos, nesse período, foi descrita como muito cansativa e estressante: *“cheguei a minha conclusão que a mãe tinha que ser um polvo, com uma dúzia de tentáculos, para conseguir atender a todos”*. Natália atribuía essa sensação ao fato de se cobrar, por ter esperado bastante tempo para ter filhos

e agora queria fazer “o melhor”, porém com dois filhos e suas necessidades alternadas isso se tornara muito difícil e bem diferente da tranquilidade que ela esperava: “*Então eu me cobro muito quanto a isso, mas realmente, é muito cansativo, quando um dorme, o outro chora, quando um está bem, o outro está doente, sabe aquela confusão... Tudo em dobro... Então é difícil assim, realmente, é bastante puxado, que eu achei que isso ia ser mais tranquilo*”. Por outro lado, observar os dois interagindo, em função da diferença de idade ser de três anos, era sentido como uma compensação: “*tudo tem um lado bom, agora a gente vê eles se abraçando, e brincando, e rolando pelo chão. Acho que vale a pena esse sacrifício... os interesses, os brinquedos praticamente agora são os mesmos*”.

Nesse momento, tornar-se mãe de outro menino era algo que fazia Natália se sentir “*gratificada*”. Ela se considerava “*uma boa mãe, com seus defeitos e algumas qualidades*”. Ela planejou dar um tempo em sua “*vida pessoal*”, pois decidiu se dedicar à maternidade ao “*parar para ter filhos, afinal os anos vão passando*”. O fato de ter se dedicado ao segundo filho no primeiro ano e agora estar retomando gradativamente planos para sua vida profissional, voltando a estudar, fazia com que ela o considerasse “*um menino privilegiado*” e ela tranquila e realizada, achando que: “*desempenhei bem o meu papel*”. Logo após ter completado um ano de idade, Leo começou a ir para a mesma escola que o irmão, embora ela o achasse: “*tão pequenininho na escola*”, sentia que a partir dessa liberação para se dedicar a concursos públicos ela estava “*retomando a sua vida*”, no sentido de buscar um trabalho com carga horária flexível, que também lhe permitisse ter tempo para ser mãe, conciliando seus interesses pessoais. Agora no segundo ano: “*não dá para a gente parar tudo para ficar só lambendo os filhotes*”.

Além do convívio com outras crianças, a decisão de colocar o filho na escola, se devia ao cansaço que a mãe sentia de “*ficar com só ele*”, pois segundo ela: “*ele suga muito a energia da gente*”. A fase de adaptação foi um pouco complicada, mas agora ela ficava bem, nem querendo vir embora algumas vezes: “*ele entra e nem olha para trás, vai super bem assim. Hoje eu fui buscar ele e ele não queria vir... Olhou, abaixou a cabeça, e continuou (na rodinha de histórias). A professora que teve que pegar ele e trazer ele para ir embora*”.

### 1.1 Criar espaço para o segundo filho

Com o passar do tempo, o segundo filho ia demonstrando mais suas preferências quanto à alimentação, roupas e brinquedos, a partir de características próprias. Ele era descrito como “*fofinho e espertinho*”, mas também como “*bem*

*difícil e genioso*”: “*Ele tem uma personalidade bem forte assim, ele não gosta de ser contrariado*”. A mãe se assustava com algumas crises que o menino tinha: “*digo que ele surtou. Porque a gente falava a palavra não, bah ele fazia um escândalo assim de ficar dez, quinze minutos chorando. E ficava revoltado*”. A mãe achava que a tensão acumulada era transmitida para o filho, pois isso a incomodava e a deixava chateada: “*de querer enfrentar a gente, se tu fala para ele: ‘não faz’... ai bate, e te olha*”. Essas manifestações do menino eram sentidas pela mãe como um desafio ou provocação, que a faziam alterar a voz ou em momentos extremos: “*até ameaçar com um chinelo dizendo ‘Para se não eu vou te bater’, que daí já é o limite assim*”. O menino reagia de diferentes formas, demonstrando desde oposição até tristeza: “*dependendo da situação ele fica triste, se a gente grita com ele ou levanta um pouco mais a voz, ele chora... Ou se a gente tira ele do local que ele está fazendo alguma coisa, que não é para fazer, daí ele chora, se joga no chão, aquela novela... chora, chora*”. A mãe temia o trabalho que ainda teria pela frente: “*realmente, é uma criança que vai dar mais trabalho assim*”.

Os confrontos entre os filhos deixavam o ambiente tumultuado na medida em que o segundo filho ia conquistando seu espaço. A mãe se sentia desgastada, mas entendia esse processo como parte do amadurecimento dos filhos: “*vocês maninhos, tem que brincar, tem que dividir os brinquedos... ah isso desgasta, porque é tanta coisa, mas a gente sabe que o normal também, não vão ficar só de amores, acho que faz parte do amadurecimento deles*”. Em geral, Natália intervinha nas brigas entre os filhos: “*parece o Tom e Jerry, ele e o mano*”, tentando fazer com que brincassem juntos, mas como isso nem sempre funcionava, costumava deixar “*se acertarem também, deixa eles chorar, deixa passar um pouco a raiva e eles já se recompõem*”.

O menino passou a se entreter sozinho com brinquedos ou a brincar com a mãe por períodos de tempo maiores. Ela percebia também novas habilidades motoras no filho: “*encaixa tudo bem direitinho, identifica as cores. Então, toda essa evolução dele, até em função da idade, de montar uma coisa sobre a outra*”. Isso a deixava “*orgulhosa de ver que ele está evoluindo, crescendo*”. Sob esse aspecto, ela gostava do fato dele poder intensificar a interação e os momentos compartilhados: “*consegue interagir mais do que quando ele era bebê ou menorzinho*”.

Após o desmame, com um ano e dois meses, Leo passou a usar um cobertorzinho para dormir e seu sono era “*mais contínuo*”. A mãe também estava começando a conseguir descansar melhor e voltar a respeitar seu próprio ritmo. Esse período coincidiu com o treino de toailete que começou a ser trabalhado na

escolinha, embora ele fosse o mais novo de sua turma. Natália pensava em retirar as fraldas aos poucos e considerava que o fato dele ver o irmão também ajudava a entender esse processo e por isso ele se sairia melhor. A linguagem também foi se aprimorando: *“É ele fala tudo... meio enrolado, já tudo ao mesmo tempo... a gente que já tem o ouvido meio treinado, entende o que ele fala”*. A mãe se sentia feliz de poder acompanhar *“essa evolução dele”*. A fala do menino, em especial, facilitava a comunicação e deixava a mãe satisfeita: *“a gente não fica só olhando para a cara deles e adivinhando ou tentando adivinhar o que eles querem ou sentem. Então isso ajuda bastante”*. A mãe se sentia muito feliz por ver *“que ele está crescendo”*, mesmo tendo que lidar com momentos estressantes de birra.

## 1.2 Comparações

Mesmo que as comparações tenham diminuído, a mãe considerava o desenvolvimento do segundo filho mais acelerado que o do primogênito: *“Ele é dentro dos padrões normais de uma criança. Comparando daí, não sei se eu já posso comparar com o Fernando, ele é muito mais dinâmico, mais agitado, porque tudo que o Fernando faz com cinco anos, ele faz”*. A mãe atribuía essa destreza ao fato de o segundo filho imitar ou *“se espelhar”* no irmão mais velho, mas percebia que Leo tinha suas próprias características, assim como um ritmo de aquisições dentro do esperado, embora fosse uma criança agitada. Algumas habilidades do segundo filho nessa idade chamavam a atenção da mãe: *“já quer botar DVD... quer atender ao telefone... o que ele faz bem direitinho mesmo é comer sozinho e tomar água no copo assim sem derramar, essas coisas que o Fernando até demorou um pouquinho mais, ele faz com bastante habilidade”*.

Natália passou a destacar as diferenças nesse momento, na medida em que ia se dando conta de que ela também estava mudada, enquanto pessoa, por suas novas opções ligadas a dedicar-se à maternidade: *“Eu realmente mudei assim sempre pensando neles, acho que depois que tu tem filhos, a gente não tem mais muita opção assim”*. O segundo filho não tinha a exclusividade que o primogênito tivera. Ainda assim ela se sentia *“bem gratificada”*, por ter podido parar de trabalhar para se dedicar aos primeiros anos de vida dele, assim como do outro menino. Mesmo tendo ficado um ano se dedicando exclusivamente ao caçula, ela identificava diferenças porque o outro era filho único: *“apesar do segundo já ser um pouco mais largado, bem diferente do primeiro... Até por questão de tempo... acaba dividindo... tem que dar atenção para o outro também. É diferente de tu ter um filho único, e ter todo o tempo para ele, do que ter que dividir com outro”*. Mesmo sabendo de sua dificuldade

em administrar o tempo, a mãe tentava não se cobrar tanto pelas coisas que fazia diferente, porque antes era um só: *“procuro assim, realmente, assimilar isso super bem, para não ficar me cobrando, me culpando por alguma coisa que eu não consigo fazer... Meu marido é que diz: ‘Ai olha o Fernando, tem vinte álbuns de fotografia, o Leo está no terceiro’. Ai paciência... não adianta querer comparar quantidade, procuro dar qualidade mesmo”*. Ela reconhecia isso como algo inerente ao fato de ter dois filhos: *“Mesmo que ele tenha tido mais coisas, mais tempo, mais tudo, mas é porque tem que administrar os dois filhos agora”*.

Ao dizer que o segundo filho tinha um gênio difícil, *“realmente tem um gênio bem complicado”*, a mãe voltava a comparar com o primogênito e se conformar: *“Não sei se é porque a gente compara com o Fernando, todo mundo diz: ‘Ah porque o segundo é assim mesmo’.”* Nesse período difícil, de crises do menor: *“a gente ficou quase louco. Qualquer coisinha que tu falava ‘não’, ele surtava. Ai depois passou. Ele é manhoso, realmente, tem um gênio assim, acho que agora ele até está melhorando, talvez até entendendo melhor as coisas. Então, tem facilitado um pouco”*. Mesmo sentindo-se emocionalmente exausta e tendo que ter *“um pouco mais de paciência”*, a mãe tentava explicar para o filho ou: *“esperar passar a manha... Então é sempre cansativo... Mas eu tento assim, ter o máximo de paciência e tudo, aguardar ele se acalmar para conversar. Dizer que não é para ele fazer isso, que não adianta chorar”*. A mãe dizia que esse *“pulso firme”* não a impedia de dar carinho e atenção, mostrando o que considerava certo, pois pensava que o menino estava testando os limites cada vez mais, para ver até onde *“ele pode chegar”*. Outra alternativa era pegar ele no colo, acariciar, tentar acalmar: *“sei que não adianta ficar berrando e tentando conversar quando ele está assim”*.

## **2. Relação com o segundo filho**

O crescimento e essa maior autonomia do segundo filho se manifestavam através de sua *“opinião própria”*, expressa através da birra e choro para comer e tomar banho. Essas aquisições aliadas à fala fizeram a mãe destacar que ele demonstrava o que sentia: *“consegue expressar o que ele está sentindo... antes era por gestos e tal, agora ele já fala, não quero isso”*. As preferências também eram comunicadas na *“briga pelas coisas”*, já que a mãe o considerava *“possessivo”*, em especial em disputas por brinquedos com o irmão e por sua atenção. O fato de o segundo filho ter *“a personalidade dele... consegue fazer as coisas por si só, não precisa pedir para ninguém”* também repercutia na relação entre os irmãos. Natália considerava que isso favorecia a interação e o incluía na dinâmica familiar: *“Ah*

*isso é bom, que daí ele não fica excluído, que quando ele é bebê, ah não pode ir ali porque não pode fazer isso ou mesmo um aninho, não anda ainda. E agora ele já fica mais entrosado”.*

A crescente independência do segundo filho, despertava sentimentos ambivalentes na mãe que ora apreciava seu crescimento, ora lamentava pelo fato dele não ser mais bebê. Ela considerava que a fase na qual estava entrando seria melhor: *“com um pouquinho mais de calma”*, porque os cuidados não eram mais de um bebê que é mais dependente: *“quando é bebezinho, a gente pode ficar até mais tempo, mesmo assim a gente pega e torce, e vira ele pelo avesso, enche de beijo”*. Natália gostava de observar as novidades no dia-a-dia que eram constantes e tinha a sensação de que o tempo passava rápido: *“olha o tamanho que está esse menino, o tempo voa”*.

A mãe continuava se envolvendo bastante com o segundo filho, mas cada vez mais procurava inclui-lo em atividades em que o primogênito pudesse estar junto, como ir ao parque ou em brincadeiras nas quais os dois pudessem participar. Ela se sentia muito cansada, mas era recompensador fazer programas em que todos se divertiam, pois o tempo passava rápido na perspectiva materna: *“passa tão rápido, a gente vê eles estão crescendo tanto. E depois a gente vê aqueles rostinhos que eles gostaram tanto do programa que a gente fez que compensa qualquer cansaço”*.

Contudo, a maior dificuldade sentida por Natália ainda era a questão de dividir o tempo e o cansaço: *“cansaço, de falta de tempo de, às vezes, atender os dois ao mesmo tempo. Ainda mais essa fase de... tu está fazendo uma coisa com um, e o outro mãe, mãe, mãe, parece que riscou o disco... às vezes, a gente tem dificuldade... a gente resolve, nada de assustador, não, não, não”*. Mesmo se sentindo exausta, a mãe considerava essa fase como algo temporário e se consolava: *“às vezes, dá uma depressão assim, porque realmente, mais em função de cansaço de tudo... Mas ai eu penso, com toda a estrutura que a gente tem hoje... Então ah, tudo é passageiro”*. Portanto, mesmo achando difícil lidar com as manifestações particulares do segundo filho, a *“crise dos dois anos”* era vista como passageira.

### **3. Relação com a própria mãe e demais familiares**

A mãe contava ainda mais com a ajuda da empregada, que ficava com os filhos pela manhã e cuidava da casa à tarde: *“durante a semana, eu tenho a empregada, que cuida da casa e dele... E à tarde eles vão para a escola”*. Além dessa funcionária, que gostava muito do menino e com quem ele se sentia bem, a irmã

que era solteira e trabalhava por plantões, então quando tinha tempo livre continuava ajudando muito: *“quem mais me ajuda é a minha irmã... que ama eles de paixão, e sempre que ela pode assim, ela fica com eles, ou faz uma atividade... ela me ajuda bastante”*. Mesmo gostando desse apoio que recebia da irmã, a mãe apenas discordava da rigidez com que a tia tratava os meninos. Contudo, o segundo filho apreciava muito a companhia dela: *“Tanto que ele foi viajar agora, passou o feriadão fora com ela, foi a primeira vez que ele ficou longe, três dias. Ah então fica super bem com ela assim”*. Esse momento serviu para a mãe descansar e se sentir aliviada: *“eu dei uma zerada, sabe como se estivesse esvaziado, aquele balde cheio de stress assim... senti que foi muito bom”*. Além dessa irmã que não tinha filhos, outra irmã da mãe passou a ajudar um pouco mais com os cuidados do primogênito. Contudo, Natália a considerava pouco atenta aos cuidados dos meninos, então não costumava solicitar tanto a sua ajuda: *“mas também quebra um galho quando a gente precisa assim”*. A mãe ficava tranquila em poder confiar na irmã e na empregada, que conheciam os hábitos do segundo filho: *“a preocupação é sempre com o menor... poderia sair de férias e deixar com elas que eu realmente ficaria super tranquila”*.

Além de mostrar que gostava de estar com a empregada e com a tia, o menino já se expressava mais: *“consegue demonstrar o afeto que ele tem, de querer abraçar, de falar... Toca a campainha ele diz: ‘A dinda chegou’... Quer pegar o telefone, ai vou ligar para a dinda. Então isso que a gente percebe”*. Ao sentir que o cuidado com o segundo filho era espontâneo, a mãe ficava muito feliz, além de poder contar com esse apoio: *“Ah eu fico super feliz de poder contar com elas e saber que é bem cuidado, porque a gente vê que é uma coisa verdadeira assim, não é uma coisa forçada ou obrigada... Faz porque realmente gosta”*.

Quanto ao seu modelo de maternidade, nesse período em que o segundo filho estava com dois anos, Natália pensava na sua mãe, ainda sem acreditar como ela havia conseguido criar cinco filhas: *“eu penso na minha mãe, como é que ela conseguia com cinco filhos se com dois eu quase enlouqueço, apesar de que ela teve cinco meninas. Até por isso que eu amo os meninos, mas eu penso nela... Como é que faziam antigamente... há trinta, quarenta anos atrás, com bem menos recursos, praticamente, nenhum recurso, e sozinha”*. Ela não se lembrava de como sua mãe era com ela, dizendo que as irmãs se cuidavam entre si: *“era um tumulto... uma cuidava da outra, era uma confusão geral”*. Diante de todas as limitações de uma vida interiorana, ela pondera que o excesso de recursos disponíveis na atualidade, acabava gerando uma exigência maior nela: *“acho que é a gente que se estressa*



*demais... Quer, realmente, desempenhar o papel da mãe perfeita, ou mais perfeita possível, e a gente acaba criando muito mais problema do que talvez resolvendo”.*

A forma como ela cuidava do segundo filho era considerada diferente do jeito de sua mãe, pelo tempo que ela dispunha para o menino e da atenção que dividia apenas entre duas crianças: *“procuro dar muito amor... ficar conversando, acariciando. Então imagina, eu com um ali a mais já fico, imagina com mais três, quatro em volta... Eu procuro ter bastante contato assim”.* Devido a esse contato mais intenso, ela considerava o segundo filho muito próximo a ela: *“até por isso que ele é mais carinhoso, mais apegado a mim, porque justamente essa função. Meu marido... deixa ele chorar, até passar. Ah, eu já vou ali, procuro pegar ele, conversar”.*

Já o pai dela era diferente por ser menos afetivo, mas ela recordou momentos de proximidade, quando o ajudava, mesmo em coisas que um *“filho homem”* faria. Revelou que se considerava o *“homem da casa”*: *“de consertar um troço, meu marido aí queimou uma lâmpada, aí entupiu não sei o quê... Eu que tenho que fazer. Ah e, realmente, essa coisa de carinho assim, isso, realmente, não tinha muito esse contato... Que era um turbilhão de filhos e... mais machista de filhos que ficassem com a mulher, mulher que cuidasse”.*

#### **4. Relação com o marido**

Natália contava com o apoio do marido que era percebido como um pai bastante envolvido com os filhos: *“É um pai dedicado, um bom pai”.* Fez uma ressalva, contudo, de que ele fazia mais programas com o primogênito, pois o pequeno não se detinha por muito tempo nas atividades que o pai propunha, como ver um desenho na TV. A mãe atribuía isso à inquietude do segundo filho: *“se parar por quinze segundos é muito. Então ele já não tem muita paciência com o Leo, porque ele quer fazer com o Leo o que ele faz com o Fernando”.* Nesse momento, a mãe se percebia bem mais envolvida com o menor e se dava conta de que as idades eram próximas, como ela planejara, mas havia muitas singularidades: *“três anos de diferença, entre um e outro parece pouco, mas no desenvolvimento da criança é bastante, uma criança de dois anos é bem diferente de uma de cinco, a questão da própria independência tudo... é mais complicadinho de lidar com o pequeno. Então acaba sobrando sempre para mim”.*

O fato de o segundo filho também querer desafiar o pai: *“pelo próprio gênio do Leo, que ele é bem mais teimoso, bem mais genioso”*, deixava o pai sem paciência para lidar com ele e acabava deixando-a sobrecarregada. A mãe sentia que as cobranças ficavam mais a encargo dela, pois o marido não tinha tanta iniciativa quanto ela gostaria e lhe delegava muitas decisões, que faziam com que a parte

ruim fosse para ela: “*pergunta para a mãe, daí se a mãe diz que não, parece que uma mãe que é má na história*”. Por outro lado, a colaboração em termos de lazer e de deixá-la com mais tempo para os cuidados do pequeno eram apreciadas.

#### **Síntese Caso 4 – Natália: trabalho dobrado**

Na gestação do segundo filho, a mãe destacou reiteradas vezes que se sentia mais tranquila, pela experiência que tinha com o primogênito. Apesar de ter perdido um bebê no ano anterior e ter imaginado que poderia estar esperando gêmeos, Natália afirmou que a ansiedade só foi sentida durante o primeiro trimestre e que, depois, em alguns momentos até “*esquecia*” que estava grávida. Ela expressou suas expectativas em relação ao segundo filho baseada em comparações com o primeiro. Quanto ao apoio de familiares, destacou uma irmã que a ajudava muito e também o marido, considerado um pai envolvido com o primogênito. A mãe ainda expressou a alegria de ter mais um menino, por vir de uma família só de mulheres, contudo, o marido tinha expectativa de que fosse uma menina e tivessem um casal de filhos, já que o segundo era também o último bebê planejado pela família.

Quando o bebê estava prestes a completar seis meses, Natália falou de sua satisfação em poder se dedicar à maternidade do segundo filho, deixando inclusive de exercer suas atividades profissionais para isso. Nesse período em que a mãe conhecia o bebê, ele era descrito como calmo, mas já começava demonstrar um “*gênio forte*”. As comparações com o primogênito eram constantes, bem como a preocupação de não deixar de dar atenção a ele, mesmo com a maior dependência do bebê. A ajuda do marido era muito importante para Natália, assim como da sua irmã e da empregada. Ela se lembrou de sua infância e via as diferenças do tempo em que foi criada e de como criava os meninos, procurando dedicar-se exclusivamente aos cuidados das crianças.

Uma mudança mais acentuada na percepção de Natália, sobre o tornar-se mãe do segundo filho começou a ser expressa mais claramente após o menino ter completado um ano de idade. A mãe relatou que se sentia muito cansada e que o “*trabalho era dobrado*”. Assim, algumas opiniões que Natália sustentava ao longo do primeiro ano, passaram a ser revistas por ela, que já não achava o segundo tão mais fácil. Parece ter se iniciado aí o reconhecimento da impossibilidade de ser a mãe perfeita (Frost, 2006).

O segundo filho passou a demonstrar que era mais ativo e demandava mais atenção que o primeiro, tornando-se diferente do que ela imaginava. Ela passou a destacar seu crescimento acelerado. Contudo, Lebovici (1987) alerta para a necessidade de alguns pais que pensam que seus filhos devem revelar constantemente suas capacidades precoces, podendo interferir na relação. Seus relatos sobre as aquisições do bebê eram repletos de ambivalência, pois mesmo admirando seu crescimento, percebia que as vontades próprias do menino dificultavam seus cuidados. A resposta de cada mãe ao crescimento do filho é particular e permeada de suas fantasias, angústias e desejos específicos, podendo ser afetada pelas situações cotidianas. Essa fase requer novos ajustes, pois muitas vezes os avanços infantis e mudanças em termos de amadurecimento se dão de forma mais rápida para a criança do que para a mãe, o que foi percebido nesse caso, pelas reiteradas verbalizações da mãe que estava sentindo que os filhos cresciam muito rápido.

No caso de Natália, tornou-se claro o que a literatura aponta que para algumas mães é mais fácil cuidar de um bebê dependente, do quando ele começa a se desenvolver rumo à independência (Lopes et al, 2008; Mahler, 1982; Winnicott, 1963/1983), enquanto outras mães podem preferir lidar com crianças maiores. Para algumas mães, a distância e o respeito ao ritmo próprio da criança que está se individuando ocorre gradualmente. A mãe se adapta ao ritmo de desenvolvimento do filho, que está se separando e amadurecendo suas capacidades através da locomoção e linguagem. Embora para Natália, a fase da dependência também era bastante penosa, pelas demandas do segundo filho, concomitantes com as do primeiro, em suas necessidades específicas pela diferente faixa etária. A perda dessa proximidade pode ocasionar tristeza, mas também alívio na mãe que, nesse caso, entendia o ingresso do segundo filho na escola como algo necessário, admitindo que era difícil ficar todo o tempo com ele. O impacto é circular, embora centrado na mãe, se reflete na criança e volta para ela. Por isso, a separação-indivuação deve ocorrer de forma gradual, pois tanto uma autonomia forçada, quanto uma dependência prolongada podem trazer conflitos para a criança desenvolver seu sentimento de independência (Lopes et al, 2007; Mahler, 1982; Benedeck, 1983). Essas oportunidades contrastantes foram vivenciadas por Natália. Algumas situações concretas como o desmame e, por parte da criança, o caminhar e a fala assinalavam a crescente individuação infantil.

A ajuda do marido era apreciada, porém ela esperava mais iniciativa e compreensão por parte dele, pois mesmo ficando inteiramente dedicada aos cuidados das crianças, sentia-se muito cansada. O apoio da irmã e de uma funcionária se tornaram fundamentais para que a mãe pudesse voltar a estudar e planejar a retomada de sua carreira, como futura funcionária pública.

Após o menino completar dois anos, deu-se o momento em que mãe percebeu mais nitidamente as diferenças entre a maternidade do primeiro e do segundo filho. Natália deixou de afirmar que tudo era mais tranquilo. Fez até uma brincadeira dizendo que foi “*enganada*”, por todas as pessoas que costumavam afirmar que o segundo filho era mais fácil. Inaugurava-se uma fase em que era preciso aprender a tolerar incertezas. Por outro lado, ela passou a se perceber como uma mãe que tentava fazer o melhor, ao mesmo tempo em que reconhecia a impossibilidade ser “*ser perfeita*”. O fato de o caçula estar demonstrando cada vez mais sua autonomia fez com que a mãe sentisse que viviam a “*crise dos dois anos*”. Confirmou-se o que é apontado por Colarusso (1992), de que os “*terríveis dois anos*” são vivenciados com mais dificuldades pela mãe. A criança está em um momento de descoberta e exploração do mundo, com uma explosão em seu crescimento físico e psicológico, a partir das aquisições de desenvolvimento que ela passa a obter, tanto em termos motores, como de linguagem e sua capacidade ampliada de se relacionar e se comunicar. Não basta que se torne verbal, para que a comunicação seja facilitada. A literatura aponta que durante os primeiros anos da comunicação verbal, os pais respondem a expressões espontâneas do filho com um sentimento de satisfação, pois podem experimentá-la como uma extensão deles mesmos. Contudo, junto ao crescimento, novas exigências poderão trazer mais apreensão quanto ao desenvolvimento futuro, como no caso de Lorenzo, que passou a ser considerado uma criança difícil, quando começou a expressar mais claramente sua própria vontade. A mãe imaginava que teria um aumento gradativo de dificuldade em lidar com o menino, por seu “*gênio terrível*”, conforme o filho ingressasse em novas fases do desenvolvimento.

Nesse período, o tempo que mãe e filho passaram a ficar afastados também se prolongou, pois o menino estava na escola, no momento em que Natália estudava em casa e ficava com a empregada quando a mãe tinha curso, em turnos inversos. Os sentimentos de perda experimentados pela mãe costumavam ser alternados por uma crescente aproximação e intimidade, pois ela seguia referindo que o segundo filho era muito mais apegado a ela e até à empregada do que ao

pai, pela intensidade do convívio entre os dois. Iniciava-se aí um período em que a mãe tentava deixar de se ocupar mais dos filhos do que dela mesma. Embora, a divisão de tempo entre os filhos continuava afligindo Natália que se sentia extremamente cansada em ter que lidar com as diferentes necessidades de cada menino em suas idades.

Ela lembrava pouco de como sua mãe lhe cuidava nessa época, mas achava quase impossível entender como ela dera conta de cuidar de cinco filhos pequenos, pela falta de apoio e recursos da época. Ela tentava ser exclusiva com cada filho. É comum que a mãe queira superar a própria mãe com seus filhos (Benedeck, 1983; Brazelton, 1988). Além disso, a história pessoal que cada um constroi contém seus conflitos e desejos infantis, inclusive a agressividade e ambivalência em relação aos próprios pais (Freud, 1909/1908). A literatura também aponta que na medida em que a criança passa por cada fase de desenvolvimento, a mãe relembra sua própria infância, através da infância de seu filho (Kancyper, 1999; Colarusso, 1992). Os pais também podem fundir a sua experiência enquanto pais com a memória de seus próprios pais (Colarusso, 1992).

Assim, o apoio da irmã e da empregada, continuaram sendo importantes para ela “*dar uma zerada*” e manter-se calma. A ajuda do marido não era oferecida tão espontaneamente como ela gostaria, o que a sobrecarregava. Nesse sentido, a literatura aponta que o envolvimento ativo do pai com as crianças, em especial quando há mais de uma criança para ser cuidada, tem sido considerado um fator importante que interfere nos sentimentos de frustração e irritação da mãe de dois filhos. Além da ajuda prática, o suporte emocional contribui para a mulher se sentir sustentada em sua experiência da maternidade (Boulton, 1983; Gottlieb & Mendelson, 1995).

Mesmo com seu amadurecimento em relação ao tornar-se mãe de Lorenzo, Natália seguiu se utilizando de comparações, para descrever as particularidades de cada filho. Ainda assim, procurava manter seu espaço com cada um dos meninos individualmente. A mãe é total com cada filho e vive algo único com cada um, através de seu desenvolvimento, em sua integralidade (Benedek, 1983; Winnicott, 1966/1987). Sendo assim, uma mãe é capaz de internalizar a imagem psíquica de cada filho, individualmente (Benedek, 1983). Pode ser que compare os filhos, mas não os confunda, como no presente caso. Seguem tendo imagens e mantendo suas identidades distintas, o que corrobora a ideia de Kancyper (1999) de que a comparação propriamente dita, inaugura a lógica da diferença. É comum que na

primeira infância uma criança carregue uma imagem mais idealizada que os pais projetam nela. Ainda assim, deve haver espaço para que seja quem é, ainda que não se torne o que seus pais esperavam.

Ao longo do período em que foi acompanhada pelo estudo, Natália se empenhou para provar a si mesma que, apesar de ter sido bem criada por sua mãe, mesmo em meio a tantas irmãs, procurou reorganizar toda sua vida para dedicar-se intensamente ao cuidado de cada filho, a fim de que eles sentissem que eram exclusivos e de forma a criá-los com mais atenção. Podemos compreender o tornar-se mãe de Natália como um processo de amadurecimento e desenvolvimento recíproco evoluía com a maturidade dos filhos, podendo ser mantida pela lembrança de experiências passadas. O tempo entre as mudanças requerem adaptação contínua em termos emocionais, sendo essas perpassadas pelas questões de desenvolvimento. A maternidade é um processo psicológico que se desenvolve ao longo de todo ciclo vital. Alguns períodos críticos como a gestação, em que há interação de processos fisiológicos e psicológicos que demandam adaptações, assim como nos dois primeiros anos que se seguem ao nascimento, em que a interação entre mãe e filho, a partir das diferentes aquisições de cada fase, podem reativar na mãe conflitos originados naquela fase, com base na própria história de vida da mulher.

## CAPÍTULO IV

### DISCUSSÃO GERAL

Anteriormente, através da síntese de cada caso, foram apresentadas as particularidades para cada um dos eixos temáticos utilizados na presente pesquisa. A seguir serão apresentadas e discutidas as semelhanças entre os casos.

#### **4.1 Semelhanças entre os casos quando ao tornar-se mãe de um segundo filho: as repercussões do “complexo fraterno”**

Nesta seção, foram analisadas as eventuais semelhanças entre os casos, em cada um dos eixos e sua relação com a literatura, bem como a construção de hipóteses sobre a repercussão dos fenômenos encontrados, no processo de tornar-se mãe de um segundo filho, do terceiro trimestre gestacional ao segundo ano de vida dessa criança, com destaque para o impacto do “complexo fraterno” no processo de tornar-se mãe de um segundo filho.

As *impressões sobre a maternidade de um segundo filho* serão investigadas em conjunto nos quatro casos (M1 Dinorá, M2 Alice, M3 Constance, M4 Natália), da gestação ao segundo ano de vida da criança. No terceiro trimestre da gravidez, foram examinados os relatos das mães quanto ao *planejamento e reação à notícia da gestação, as transformações físicas e emocionais, reação à descoberta do sexo da criança, escolha do nome, sentimentos e expectativas quanto ao parto, preocupações quanto ao bebê, segundo filho como último*. Além disso, procurou-se compreender suas *expectativas em relação ao bebê*, como a mãe fazia para *criar espaço para o segundo filho*, e as *comparações com o primogênito*. Aos 6 meses do segundo filho, ainda no que se refere às impressões sobre a maternidade, buscou-se compreender os sentimentos maternos em relação a *estar novamente cuidando de um bebê, impressões sobre si como mãe de um segundo filho e como mãe de dois filhos*, bem como *dificuldades e preocupações*. Nessa mesma categoria, aos 12 e 24 meses, foram investigadas as subcategorias que procuravam entender como a mãe lidava com as *novas demandas e mudanças decorrentes do desenvolvimento infantil*, além dos sentimentos ligados à *experiência como mãe de dois filhos* e, especificamente, como *mãe de um segundo filho*, além das eventuais dificuldades e preocupações. As *impressões sobre o segundo filho*, em termos de suas características individuais, a *criação de*

*espaço*, bem como as *comparações* também seguiram sendo investigadas ao longo de todos os períodos.

Além das impressões sobre si e sobre o segundo filho, outras duas categorias foram analisadas nos quatro momentos do estudo, *a relação com a própria mãe e demais familiares*, em que se buscou examinar a *relação com a mãe na infância e atual, o modelo materno*, bem como a *posição da mãe na fratria em sua família de origem*. Ainda investigou-se *a relação com o marido, em termos de apoio e acolhimento*, em especial o auxílio à esposa, através do envolvimento com as crianças. Os aspectos que se destacaram serão apresentados no início de cada eixo. Por fim, as repercussões do “complexo fraterno” no tornar-se mãe de um segundo filho são apresentadas, a fim de se compreender esse processo.

#### **4.1.1 O “complexo fraterno” e seu impacto na maternidade**

A partir dos resultados dos quatro casos analisados e discutidos a seguir, podemos considerar o “complexo fraterno” como um importante conceito para se compreender a questão da posição não só da criança, mas da própria mãe na família. Retomamos que, embora outros autores tenham se debruçado sobre esse conceito, no presente estudo, foi utilizada a conceituação de Kancyper (1999, 2002, 2004), que define o “complexo fraterno” como um conjunto organizado de desejos hostis e amorosos, experimentado a respeito de seus irmãos. A identidade de cada pessoa é perpassada pela estrutura fraterna internalizada, pois transcende o que é vivido individualmente. Ao longo desse estudo, diversos aspectos ligados ao “complexo fraterno” de cada mãe foram sendo revelados de forma espontânea pelas mulheres entrevistadas, o que norteou a construção de hipóteses. A seguir, esse conceito será usado, a fim de compreender o processo de tornar-se mãe de um segundo filho, à luz da literatura psicanalítica e da psicologia do desenvolvimento.

#### **4.1.2 Impressões sobre o tornar-se mãe de um segundo filho**

Ao relatarem suas impressões sobre o tornar-se mãe de um novo bebê, chamou a atenção o fato de as participantes desse estudo terem recorrido a muitas *comparações* em relação à experiência anterior e entre os filhos, de forma natural. Sendo assim, optou-se por iniciar a discussão desse aspecto que destacadamente saltou aos olhos, pelo fato de terem sido espontâneas e constantes as comparações, desde a gestação, embora tenham decrescido ao longo dos dois últimos períodos



acompanhados pelo estudo, ainda se mantiveram presentes nos relatos maternos. Durante a gravidez, nos chamou a atenção a percepção por todas as mães de características físicas, como a de que o segundo filho era maior (M2), uma criança grande (M4), que era mais agitado e se mexia mais (M1, 3) do que o primogênito. Após o nascimento do bebê, as mães continuavam a recorrer às comparações entre as crianças, tanto em termos emocionais como físicos. Mesmo sendo considerado um bebê calmo, as mães já começavam a apontar diferenças sutis, a partir das características incipientes que despontavam no segundo filho. A literatura aponta que a partir do nascimento, ou seja, da chegada de um irmão, se modifica o funcionamento do sistema familiar (Lebovici, 1987). Pode se fazer uma analogia com a chegada do “estrangeiro”, daquele que, com sua presença, perturba o equilíbrio constituído. Com ele é introduzida a noção de mudança, a de paridade. No presente estudo, a partir do nascimento do segundo filho se deu o início de partilhas, negociações, julgamentos e comparações, em todos os casos (Britto, 2002; Goldsmid & Feres-Carneiro, 2007). O filho mais velho necessita reorganizar seu espaço e sua maneira de pensar levando em conta a existência do mais novo. A fratria desloca o primogênito do lugar único e privilegiado que este, até então, ocupava na relação com seus pais. Goldsmid e Feres-Carneiro retomam que os irmãos formam um subgrupo dentro da família, chamado de subsistema fraterno, ampliando o complexo edípico, transformando-o em complexo familiar. O relacionamento fraterno é formado e fortalecido durante a infância, apresenta o ápice dos conflitos e das transformações na adolescência e geralmente se reequilibra na idade adulta e na velhice, apresentando uma nova forma de manutenção da relação. Caso a mãe tenha vivido essa experiência, a chegada do segundo filho pode reeditar tais conflitos, ao longo do processo de tornar-se mãe.

Do primeiro ano em diante, quando o bebê passou a demonstrar mais ainda as suas habilidades a partir de seu crescimento, outro ponto em comum foi as mães terem atribuído o desenvolvimento mais destacado do segundo filho ao fato de terem o incentivo ou de terem o primogênito como professor. Além disso, o segundo filho foi considerado como mais difícil, no que se referia à expressão de vontade própria. O primogênito foi descrito como uma criança “fácil” (M1, 4), “dócil” (M2), “maleável” (M1). Além de uma maior idealização ligada ao primeiro, parecia se confirmar o temor de que o segundo desse mais trabalho no futuro e fosse mais agitado que o primeiro. Algo que parecia estar se delineando era o fato de o caçula ser visto como o questionador, criativo, enquanto o

primogênito ocuparia uma posição mais valorizada. No presente estudo, as mães tenderam a projetar muitos aspectos bons e apreciados no primogênito, enquanto que o segundo filho veio permitir projeção de partes diferentes ou não tão valorizadas pela mãe. Cabe lembrar que todo bebê pode carregar em si um potencial de decepção, quanto não está à altura das fantasias que os pais acalentam em relação ao futuro filho (Brazelton & Cramer, 1992).

Considerou-se que predominantemente até o primeiro ano, todas as mães recorreram a esse recurso de comparar, para compreender as diferenças entre os filhos. Mas já nesse período, em que o bebê estava com um ano, as comparações passaram a ser menos enfatizadas, diminuindo consideravelmente aos dois anos de vida do segundo filho. Tornamos a nos amparar em Kancyper (2004, p. 30), para compreender que a “comparação propriamente dita” possibilitou uma confrontação do semelhante, do diferente e do complementar entre os filhos. Essa comparação parecia inaugurar a lógica da tolerância e do relativo, favorecendo a compreensão da crescente complexidade e desenvolvimento de cada uma das crianças. Mesmo que o parâmetro utilizado pelas mães fosse o primogênito, já a partir do primeiro e de forma mais clara no segundo ano de vida do caçula, as diferenças entre eles se tornaram muito evidentes. Foi fundamental para as mães aceitarem as diferenças entre os irmãos, a fim de acolherem o segundo filho com suas características únicas. Implícitas a essas comparações estavam aspectos do “complexo fraterno” da mãe, que serão explorados a seguir.

Quando a mãe experienciou a chegada de um irmão, como no caso de Natália, ou mesmo quando ela era primogênita, como Constance, ou a caçula como Alice, a preocupação com o segundo filho parecia estar ligada ao seu próprio “complexo fraterno”, mesmo para Dinorá, que era filha única. Dividir o tempo e a atenção entre os filhos foi algo que angustiou todas as mães desse estudo. Assim, outra tarefa complexa com a qual as mulheres do presente trabalho tiveram que lidar, a partir da chegada de um segundo filho, foi o cuidado diferenciado para com cada uma das crianças. De acordo com o que foi experienciado na história pessoal de cada mulher, elas sabiam que quando nasce um bebê, o outro filho também sofre impacto emocional, com a ausência da mãe, e o medo de perder seu amor em prol do novo membro da família. O modo como a outra criança demonstra tais sentimentos frequentemente inclui a regressão e, até mesmo, a negação da própria mãe, como se não precisasse mais de seu amor e cuidados. Neste momento, é comum que se vinculem mais fortemente ao pai ou à

pessoa que os está atendendo, fortalecendo na figura materna o sentido de exclusão e de não conseguir realmente dar conta das antigas e novas responsabilidades (Bernazzani et al., 2004).

No segundo ano de vida, deu-se uma virada, quando as diferenças passaram a ser destacadas e uma maior discriminação entre os filhos foi percebida, e as mães (M1, 2, 3) recorreram cada vez menos às comparações entre as crianças. Elas passaram a falar do segundo filho, como alguém único, no sentido de ser diferente. Porém, as comparações também incluíram semelhanças e diferenças com o marido e com elas próprias. Sendo assim, a comparação propriamente dita foi a mais usada pelas mães dos casos do presente estudo, com o intuito de destacar a singularidade do segundo filho. Contudo, existem comparações de cunho mais patológico. Para Kancyper (2004), nos outros três tipos de comparação, a saber: masoquista, maníaca e obsessiva, a confrontação é substituída por um ato de provocação. Provocação que, ao gerar uma extrema dependência do objeto, impede o sujeito de ser ele mesmo, detendo suas possibilidades de evolução, deixando-o retido em uma interminável e infrutífera comparação. Na comparação masoquista, o sujeito supervaloriza o outro. Na comparação maníaca se ativam os mecanismos de negação, menosprezo e triunfo sobre o outro, bem como de controle e onipotência. Nestes dois últimos tipos de comparação todo poder é atribuído a um ser que permanece enaltecido e soberano, mas ao mesmo tempo incapacitado para tolerar o direito dos outros. Assim como na maníaca, na comparação obsessiva também se reanima uma fantasia narcisista singular, chamada pelo autor de “unicato<sup>3</sup>” (Kancyper, 1999). Essa fantasia se edifica como o ego ideal, puramente narcisista, conservando sua existência com base em desmentidas. É como se o sujeito fosse, em si mesmo, digno de amor, reconhecimento e de poder ilimitado. A presença de um irmão costuma originar o protesto fraterno pela ruptura de uma crença narcisista de poder ilimitado, tal qual sustentado por “sua majestade o bebê” (Freud, 1914/1969). Para Kancyper, tal crença inconsciente costuma ser colocada em cena nesse tipo de fantasia denominada de unicato.

---

<sup>3</sup> O unicato é uma denominação cunhada no final do século XIX, aplicada ao governo de um único partido reacionário e corrupto. O eixo desse sistema político era uma concepção absolutista de um poder executivo unipessoal, que inutilizava e avassalava aos outros, impedindo o estabelecimento de uma oposição organizada. In Romero, J. L. (1956). *Las ideas políticas en la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, p. 188.

Quando aos demais aspectos comuns em relação ao tornar-se mãe de um segundo filho, todas as mães planejaram a gestação do bebê, juntamente com seu marido. Mesmo com o planejamento, a reação à notícia da gravidez foi tanto de surpresa quando ocorreu antes do imaginado (M1, 3), como de alegria por terem conseguido engravidar novamente, após terem sofrido um aborto espontâneo antes da gestação desse bebê (M2, 4). As mudanças, em si mesmas, também foram destacadas pelas mães, a partir das diferenças entre o que sentiam em cada gestação, por uma não ser igual à outra (M1, 2, 3, 4). Ainda assim, sentimentos de tranquilidade e segurança estiveram associados ao gestar, pois todas as mães consideraram que não havia mais tanta surpresa na segunda gravidez, por já saberem identificar tanto os sintomas físicos, como o bebê mexendo. Era como se essa familiaridade endossasse a ideia de que a maternidade desse bebê seria mais fácil, por tudo que já sabiam da experiência anterior. Apenas Dinorá (M1) referiu estar se sentindo mais frágil emocionalmente. Em contraposição a esses aspectos emocionais, as transformações corporais foram sentidas com mais intensidade por todas. As mães foram unânimes em ressaltar que nessa gestação sentiam mais sintomas físicos, como enjôo, e destacadamente maior cansaço e menor disposição no cotidiano. Além disso, duas mães (M1, 2) tiveram intercorrências ao longo da gestação e tiveram que fazer repouso. As mães ainda associaram a diferença de idade entre as gestações e o fato de terem que cuidar do primogênito como fatores que agravavam a fadiga. A literatura aponta que a gestação de um primeiro e de um segundo filho são experiências qualitativamente diferenciadas, pela inclusão de mais um membro no sistema familiar, que ocasiona mudanças significativas nos relacionamentos (Coldebella, 2006; Frost, 2006; O'Reilly, 2004), assim como seu nascimento gera transformações nem sempre possíveis de se prever (Kojima et al, 2005; Krepner, 2000). Lebovici (1987) argumenta que mesmo que os nascimentos atuais sejam planejados, mais espaçados e menos numerosos, a experiência mostra que isso não torna menos difícil a vida das mães quando nasce um segundo filho.

O fato de as mães se apoiarem na experiência anterior, bem como os sentimentos de tranquilidade e segurança relatados no presente estudo, foi corroborado nas investigações sobre a transição para a maternidade de um segundo filho (Frost, 2006; O'Reilly, 2004). Ainda assim, algumas contradições em relação à certeza de que essa experiência seria mais tranquila se manifestaram através do temor de que o segundo filho fosse muito diferente do primeiro, que

começou a despontar já na gestação, em todas as mães. Considerar que o segundo seria mais fácil poderia ser um alento diante das novidades e incertezas que viriam com o nascimento do bebê. Nesse sentido, com sua sensibilidade característica, Winnicott (1964/1982b) nos lembra que cada bebê é desde o começo uma pessoa necessitando ser conhecida por alguém. Nesse caso, ainda recorrendo ao autor, nos referimos à gestante como alguém que será a anfitriã de um novo ser que está alojado nela (Winnicott, 1966/1987). Um dos desafios para as mães do presente estudo seria entrar em contato com o desconhecido que o segundo filho representava (Lopes et al, in press; Lopes, Vivian, Geara & Piccinini, manuscript in preparation).

Ao pensarem em como seria se tornar mãe de mais uma criança e lidar com dois filhos pequenos, todas as participantes associaram a experiência anterior e o conhecimento de um bebê, à segurança que sentiam, bem como reiteraram a sensação de tranquilidade, em diversos momentos do presente estudo, exceto no segundo ano. Um sentimento curioso foi apontado por Constance que afirmava que se esquecia da barriga (M3) e Natália que dizia sentir, em diversos momentos, que nem parecia estar grávida (M4). As duas mães (Dinorá e Alice) que fizeram repouso, contudo, não relataram esses sentimentos, pelo contrário, apontaram o incômodo de terem que lidar com os imprevistos dessa gestação. É consenso que a gestação desencadeia uma série de mudanças físicas que têm repercussões psíquicas. É como se as transformações externas se refletissem internamente na mãe. O tornar-se mãe é um processo que se inicia muito cedo. A mãe começa a se preparar para ser mãe de seus filhos, já na infância, enquanto ainda é apenas filha de sua mãe. Diversos autores têm destacado a ideia de que, durante a gravidez, a mulher reativa sentimentos de dependência em relação à própria mãe (Brazelton, 1988; Bydlowski, 1995; Stern, 1997; Merillo, 1988; Barnard & Scolchany, 2002) e se encontra em um estado regressivo (Lopes et al, 2010; Winnicott, 1956/2000). Assim, no presente estudo, ao mesmo tempo em que as mães encontravam-se regredidas, tinham que lidar com a possibilidade de regressão do filho mais velho e estar identificadas com as necessidades do novo bebê. A literatura sobre o tema aponta que os comportamentos regressivos, de dependência, do primogênito também são esperados e representam um desafio para a mãe (Oliveira & Lopes, 2008). Na verdade, a presença de um bebê propicia uma experiência de regressão em todos os membros familiares, possibilitando uma revivência de estados primitivos de desamparo (Caron, Fonseca & Lopes, 2008; Lopes et al, in press).

Ainda na gestação, todas as participantes fizeram menção à dependência de um bebê, o que as fazia lembrar-se do período intenso que estariam por vivenciar, a partir do nascimento do segundo filho. Aos seis meses, essa dependência seguia sendo experienciada intensamente. Torna-se importante acrescentar que para que a mãe se identifique com as necessidades de seu bebê, vale-se da identificação com aspectos de sua própria experiência infantil e projeta tais aspectos sobre o bebê (Brazelton & Cramer, 1992). Voltando à repercussão do “complexo fraterno”, na maternidade consideramos que além de projetar imagens ou modos de relações passadas, a mãe também projeta sobre a criança aspectos de seu próprio psiquismo. Vale voltar a enfatizar que os processos projetivos são parte do funcionamento normal das interações. A projeção em si não é só patológica, mas pode assumir esse caráter quando se reveste de certas características extremas (Brazelton & Cramer, 1992). Esse aspecto patológico não foi encontrado nos relatos do período em que foram acompanhadas pelo presente estudo.

Ao longo das quatro fases em que foram acompanhadas pelo estudo, todas as mães se preocuparam com o tempo e com a diminuição de atenção dada ao primogênito. Natália entendia que era o primogênito que sentia mais falta, por ser maior e ter tido exclusividade por algum tempo, enquanto o bebê, segundo ela, não entendia ainda esse momento. Dinorá destacou que a segunda filha não tinha “*o privilégio de ser única*”, como o primogênito havia sido e ela era, pois lembramos que essa mãe não tinha irmãos. Também Alice relatou que “*na maternidade de segunda viagem*” havia momentos em que procurava se dedicar à primeira filha, quando o menino dormia, enquanto Constance delegava ao marido o maior envolvimento com a primogênita quando estava mais ocupada com a segunda, embora sentisse falta de contato prolongado com a menina. Sendo assim, um ponto em comum, devido ao próprio contexto de um segundo filho, era que havia uma preocupação acentuada com o primogênito, em especial na gestação e aos seis meses do segundo filho. Todas as mães se questionavam sobre como dividir a atenção e os cuidados que antes eram exclusivos do primeiro filho. Após o nascimento e ao longo do desenvolvimento do segundo filho, as participantes dessa pesquisa continuavam a expressar sua inquietação quanto à redução do tempo dedicado ao mais velho, em virtude dos cuidados com o bebê, embora isso fosse decrescendo à medida que o segundo filho ia se tornando mais independente, o que foi percebido no primeiro ano e mais notável quando o caçula

tinha dois anos. Isso confirma o que foi apontado em alguns dos estudos revisados, em que as mães relataram um sentimento de perda de uma relação especial com o primogênito (Walz & Rich, 1993, Young et al, 1983) ou preocupação com a divisão e diminuição do tempo entre os filhos (Frost, 2006; O'Reilly, 2004; Utpon, 2000). Outra preocupação das mães era a aceitação do bebê por parte do primogênito (Richardson, 1983). O decréscimo de tempo para interagir com o primeiro filho, em função do nascimento do segundo, também foi relatado em diversos outros trabalhos, como cerne das inquietações maternas (Field & Reite, 1984; Kendrick & Dunn, 1980; Kowaleski-Jones & Dunifon, 2004). As novas demandas advindas da chegada de mais um filho não se resumem apenas ao tempo, mas também ao envolvimento afetivo (Adams, 1985; Raphael-Leff, 1997). Contudo, parece não haver consenso na literatura no que se refere aos sentimentos das mães. Alguns autores que buscaram compreender a perspectiva materna quanto ao segundo filho reportaram que o primogênito foi percebido como alguém que interferia na relação da mãe com o bebê, já que o segundo filho precisava de mais cuidados e dedicação do que o mais velho, especialmente nos primeiros meses (Frost, 2006; Kreppner, 1988). No presente estudo, tampouco foi verificada uma tendência a favorecer o segundo filho, conforme apontado na literatura, possivelmente em razão da idade das crianças. Alguns autores destacam o privilégio que o filho mais novo pode vir a deter, inclusive com uma tendência de favorecimento por ser o menor (Britto, 2002; Freitas, 2008; McHalle, Crouter, McGuire, & Updegraff, 1995).

A importância atribuída ao primeiro filho aparece até na motivação para ter um segundo filho. Ela esteve ligada aos pedidos do primogênito, em um dos casos (M3), em especial, em que a mãe disse que era impressionante como queria agradar a filha, tanto que lhe permitiu que o quarto da segunda filha fosse junto com o da irmã mais velha. Essa mãe também era primogênita e parecia estar identificada com sua própria menina. Além disso, Constance não se imaginava mãe de menino, por sua história familiar, em que tinha uma irmã mais nova. Essa mãe revestiu a primeira filha de cuidados durante a gestação, quando a criança chegou a lhe pedir para esquecer um pouco de sua barriga. Ao contrário e, justamente por seu histórico de convivência apenas com meninas, Natália se alegrou com o fato de ter dois filhos homens. As outras mães (M1, 2, 4) não mencionaram pedidos do primogênito de um irmão. Contudo encontrou-se nos relatos algo diferente do que foi descrito por Britto (2002), a saber, que o filho

mais novo teria a capacidade de perpetuar nos pais a imagem de frágil, dependente de cuidado e proteção, como se fosse um bebê, mesmo que a diferença de idade entre ele e o mais velho fosse pequena. A infantilização do caçula poderia representar uma necessidade de reter um dos filhos e, assim, manter viva a função de cuidar e proteger. No presente estudo, possivelmente pelo período abarcado, não esteve presente esse fenômeno, pois as mães pareciam apreciar o crescimento do segundo filho, bem como a maior capacidade de compreensão do primeiro.

Outro aspecto semelhante em todos os casos foi que os primeiros contatos com o bebê, através das ultrassonografias, emocionaram as mães, despertando sentimentos intensos diante da possibilidade de ver a evolução do segundo filho, a partir do exame. As duas mães (M2, 4) que tiveram um aborto mencionaram a fantasia de que poderiam estar esperando gêmeos, quando se descobriram grávidas do segundo filho. A literatura tem apontado que ao mesmo tempo em que a ultrassonografia propicia o contato da mãe com o feto, a imagem não costuma condizer com a fantasia do bebê imaginado (Barnard & Scolchany, 2002; Grigoletti, 2005). A ultrassonografia também tem sido usada notadamente para se conhecer o sexo da criança (Lebovici, 1987). Sendo assim, outro momento importante foi o da descoberta do sexo. Duas mães falaram que só se imaginavam mães de filhos do mesmo sexo, de menina (M3) ou de menino (M4). As outras duas mães (M1, 2) que esperavam filhos de sexos opostos do primogênito pareceram sentir que as novidades seriam ainda maiores, pois teriam a oportunidade de cuidar de um bebê de sexo diferente do que já conheciam. Contudo, a preferência de uma mãe por um menino ou menina é geralmente inconsciente (Serrurier, 1992). Durante a gravidez, uma mulher pode dizer que prefere um ou outro, mas é bem mais raro que reconheça espontaneamente o que a leva a ter mais ternura por um filho homem ou uma filha mulher. Muitas vezes, a mãe recorre a explicações superficiais ou chavões como “não faz diferença”, o que não foi confirmado pelas mães do presente estudo, que foram explícitas em suas preferências, baseadas em sua experiência pessoal, conforme mencionado a seguir.

O fato de ter uma filha do sexo feminino mobilizou, especialmente, Dinorá que mencionou que seria estranho amamentar uma menina. Já Alice estava inquieta com o fato de esperar por um filho homem, dizendo ter levado um tempo para se acostumar à notícia. Para Alice, o fato de o segundo ser um menino,



conferia ainda mais a sensação de que seria diferente, pois só tinha experiência com meninas e havia a ideia de que meninos eram mais difíceis, ao contrário de Dinorá, para quem a menina seria um grande desafio. O desconhecido e não familiar, nesses dois casos, em que o sexo era diferente do primeiro, inquietava essas mães (M1, 2). Já Constance e Natália afirmaram que só se imaginavam mães de menina e menino, respectivamente, por fatores já mencionados, ligados à sua história familiar. Devido ao fato de as mulheres tenderem a se identificar mais com uma filha menina, mais conflitos internos também podem surgir, em seu papel como mães de uma criança do sexo feminino (Parker, 2005). Essa criança pode evocar lembranças de conflitos não resolvidas na infância da mãe. Tais expectativas e confusões seriam mais frequentes com uma filha menina do que com um menino, por questões culturais e de criação de crianças. As filhas mulheres poderiam ocupar o papel de confidentes das mães que, por sua vez, também dependeriam das filhas. De acordo com Schaeffer (2006), um menino satisfaria mais o narcisismo fálico da mãe, enquanto uma menina, por ser do mesmo sexo que sua própria mãe, pode remetê-la à rivalidade e também à representação da substituta que ela esconde. Para Cramer (1997), há também a possibilidade de uma mãe ficar aliviada ao ver que seu bebê é diferente dela. Dessa forma, também podemos compreender a questão do sexo, a partir da possibilidade de confronto com o outro, o duplo, o intruso. Aí estão envolvidos compromissos narcisistas e intensa ambivalência. Além disso, a questão do “duplo” relaciona-se intimamente com o tema do estranho, já que o processo identificatório configura-se no sentido da ambivalência, entre o desconhecido e o conhecido. Para Freud (1919/1969), paradoxalmente, o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido e há muito familiar. Algumas novidades podem ser assustadoras, mas algo tem que ser acrescentado ao que é novo e não familiar, para torná-lo estranho. No estranho há uma reapropriação do passado em função do presente que de alguma forma faz com que este passado retorne com um viés de surpresa e temor. Ainda a partir da teoria freudiana, sabe-se que o duplo é marcado pelo fato de que o sujeito identifica-se com outra pessoa, de tal forma que fica em dúvida sobre o que é o seu eu (*self*). Em outras palavras, há uma duplicação, divisão e intercâmbio do eu (*self*). Sendo assim, o irmão pode ser simultaneamente um duplo de si e um estranho. Por sua proximidade consanguínea, favorece ser o depositário de certos aspectos inaceitáveis de si mesmo. Retomamos que o “complexo fraterno” exerce uma

função estruturante desde o começo da vida, independente da existência ou não de irmãos reais. Cabe destacar que também uma filha única, como Dinorá (M1), tem seu próprio “complexo fraterno”, ainda que seja com irmãos imaginários. O irmão, contudo, é um semelhante considerado a primeira aparição do estranho na infância (Kancyper, 2004).

A partir do relato materno, o segundo filho também parecia estar sendo esperado para propiciar a realização de alguns ideais não atingidos com o primogênito, como ter parto normal, por exemplo. Quanto ao parto, três das mães (M 2, 4) disseram que gostariam poder realizá-lo de forma diferente do primeiro, que havia sido cesáreo. Nenhuma delas pôde realizar o parto como gostaria, o que fez com que Dinorá (M1) pensasse em um terceiro filho para poder tentar parto normal, embora soubesse que essa possibilidade era remota. Ainda assim, o segundo filho era considerado o último, pelo menos na gestação, embora duas mães tivessem afirmado que gostariam de ter mais filhos (M2, 3) enquanto em outro caso era o marido que pensava em ter mais de dois filhos, mas ela discordava (M1) e um casal sempre quis ter dois (M4), considerando esse o número ideal. Nos três casos em que se pensava na possibilidade de mais um bebê, essa opinião foi sendo modificada, à medida que o caçula crescia, tanto que Dinorá (M1) havia descartado completamente essa hipótese e Alice (M2) contou que seu marido havia feito vasectomia, enquanto Constance (M3) não tocou mais no assunto. Sendo assim, a partir das mudanças ocorridas ao longo do desenvolvimento do segundo filho, todas as mães passaram a considerar suficiente ter dois filhos, eliminando a possibilidade de terem mais crianças, pelo menos até os 24 meses do caçula. Esses dados vão ao encontro do estudo etnográfico de Upton (2000), que afirmou que dois filhos era considerado um número ideal, uma espécie de modelo esperado pelas famílias americanas de classe média, pois criaria um equilíbrio no sentido de “um filho para a mãe e outro para o pai”. Também no estudo de Frost (2006), muitas mães relataram a chegada do segundo filho como algo que representava a criação de uma família completa. Outra influência importante apontada por Upton, quanto ao ideal em termos de filhos, foi a história familiar do casal, incluindo o número de irmãos da mãe e do pai. Além da experiência da mãe de ter tido ou não irmãos, também no presente estudo, o fato de não ter um filho único esteve entre as razões que impulsionaram as mães a terem o segundo filho. Além disso, foi citada a possibilidade de os irmãos fazerem companhia um para o outro (Knox & Wilson, 1978; Upton, 2000).

Kancyper (1999) alerta para que os filhos não sejam vistos como meros objetos para regular a estabilidade psíquica do casal parental, pois isso poderia gerar conflitos em termos de identidade entre os irmãos.

Uma particularidade no caso de Dinorá foi o sentimento de “*amar igual, de forma diferente*” os filhos, a bebê em função de suas necessidades e o menino, a partir de sua crescente independência, embora tivesse que lidar com sua regressão. O “complexo fraterno” dessa mãe também repercutiu no acolhimento do novo bebê. O segundo filho despertou diferentes sentimentos, pois era uma estreia para Dinorá, que se questionava como fazer para se tornar “*mãe dupla*”, tendo sido sempre única. As demais falaram sobre ser a caçula (M2), a primogênita (M3) ou apenas uma entre muitas meninas (M4). A posição que uma criança ocupa na sequência da família é um fator extremamente importante em sua vida (Freud, 1916/1969). Da mesma forma, a posição da mãe de um segundo filho, em sua família de origem, deve ser considerada na compreensão de seu processo de tornar-se mãe dessa nova criança. Se a mulher foi primogênita, filha única ou teve irmãos, essa é uma nova oportunidade para reelaborar possíveis conflitos infantis, através do bebê que chega à família. Mesmo que a mãe tenha sido filha única, ela tem seu próprio “complexo fraterno”, ainda que seja com irmãos imaginários. Assim, a relação horizontal com um irmão imaginário ou real auxilia, pois serve como modelo e objeto complementar de reconhecimento.

A partir do nascimento e do contato com o bebê nos primeiros meses, as mães passaram a perceber as diferenças sutis entre os filhos e continuavam destacando ser difícil ter que dividir seu sentimento e o tempo entre as crianças. Essa foi considerada uma fase extenuante apontada por Dinorá e Alice como um momento em que não havia outra opção, a não ser a dedicação total. Por outro lado, estar novamente com um bebê trazia muito prazer e o sentimento de realização, sentimento destacado por todas as mães. Sendo assim, a interação entre o passado da mãe e os cuidados do bebê ocorria de forma constante, em especial nos períodos regressivos iniciais (Brazelton & Cramer, 1992). A mãe pode identificar-se com o bebê, até mesmo não nascido ou no processo de nascer, de maneira altamente sofisticada, pois ela já foi um bebê que foi cuidado. Para Winnicott (1969/2005), o bebê traz para a situação apenas uma capacidade em desenvolvimento de chegar a identificações cruzadas na experiência de mutualidade. Ambos chegam de formas diferentes a esse ponto. Isso pertence à capacidade que a mãe tem de adaptar-se às necessidades do bebê. O autor lembra

que, além de já ter tido a experiência de ter sido cuidada, a mãe pode ter experienciado a chegada de irmãos, como no caso de três mães desse estudo (M 2, 3, 4) e também já pode ter cuidado de outros bebês da família (C2).

Quando o bebê completou doze meses, as duas mães que se dedicavam exclusivamente aos cuidados dos filhos passaram a fazer uma retomada de planos de estudo e trabalho (M1, 4). Assim, a partir do crescimento do segundo filho, criou-se espaço para elas retomarem suas atividades profissionais. Intensos sentimentos ambivalentes das mães perpassaram o período compreendido entre um e dois anos. Foram evidenciados mais relatos de que as mães estavam muito cansadas e sobrecarregadas com o “*trabalho dobrado*”, o que as deixava com menos paciência para lidar com o segundo filho (M2, 3 e 4) e sentimentos de culpa, por não estarem tão disponíveis como gostariam. Decorrido o primeiro ano de vida do segundo filho, apoiar a exploração desse bebê foi o próximo passo para as mães deste estudo. Cramer (1997) destaca que a descoberta do mundo, física e psicologicamente, é uma experiência compartilhada. As crescentes diferenças entre o primeiro e o segundo filho também ocasionam mudanças na forma de a mãe lidar com cada criança, aos dois anos. É comum que o filho mais novo seja tratado de maneira diferente do primogênito (Britto, 2002; Furman & Lanthier, 2002). A mãe de um segundo filho pode ser muito diferente do que era como mãe do primogênito (Bornstein, 2002). Assim, lidar com a singularidade de cada criança, em suas diferentes faixas etárias, tornava-se um desafio para a mulher, assim como descobrir-se uma nova mãe.

Em especial, quando o segundo filho completou dois anos, deu-se uma evidente desidealização diante da realidade do tornar-se mãe do segundo filho (M1, 2, 4). Todas as mães passaram a destacar que estava mais difícil ser mãe de duas crianças, mas que se sentiam mais maduras e preparadas para lidar com os desafios. Por outro lado, estabeleceu-se um processo de trocas e reciprocidade, em que duas mães expressaram que estavam aprendendo com o segundo filho, já que o primeiro “*não foi escola*”, pois era uma criança completamente diferente que havia chegado e mostrava seu jeito próprio, fazendo a mãe reaprender (M1, 2). A mãe também está aprendendo sobre si enquanto aprende sobre o bebê. E de um filho para o outro, a mãe se modifica, assim como sua forma de exercer a maternidade (Brazelton, 1988; Szejer & Stewart, 2002). Assim, tornar-se mãe também faz parte de um processo complexo vivido com cada filho, a partir de seu desenvolvimento. O incremento na autonomia infantil remeteu as mães à “*crise dos*

*terríveis dois anos*”. Confirmou-se o que é apontado pela literatura, que esse período costuma ser vivenciado com mais dificuldades pela mãe, já que a criança está em um momento de descoberta e exploração do mundo, com uma explosão em seu crescimento físico e psicológico, a partir das aquisições de desenvolvimento que ela passa a obter, tanto em termos motores, como de linguagem e sua capacidade ampliada de se relacionar e se comunicar (Colarusso, 1992; Lopes et al 2007, 2009). Nesse período, parecia estar caindo por terra a ideia de que o segundo era mais fácil, a partir da realidade de maior demanda que acompanhava o desenvolvimento infantil. Assim, todas as mães desse estudo, em especial quando o segundo filho completou dois anos, reconheceram terem mais dificuldades, tanto pelo desconhecido representado pela criança como pelas exigências de duas crianças em idades pré-escolar. Upton (2000) declarou que as mudanças advindas da chegada de um segundo filho foram percebidas como mais difíceis pelos casais participantes de seu estudo, pelo aumento de tarefas, gastos e envolvimento com duas crianças pequenas. Assim, torna-se importante considerar não apenas o desenvolvimento infantil, mas também o amadurecimento da mãe, que se encontra especialmente suscetível a lembranças do período em que era criança (Tyson, 2000; Stern, 1997), influenciando na forma de lidar com o filho. Tornar-se mãe é uma experiência influenciada pela história pessoal da mãe (Passos, 2007; Stern, 1997; Szejer & Stewart, 2002; Upton, 2000; Winnicott, 1966/1987). Ser mãe de um filho é diferente de ser mãe de dois (Frost, 2005; Maldonado, 1994; O’Reilly, 2004). Ainda pode ocorrer que a mãe queira tornar-se melhor e superar a própria mãe (Colarusso, 1990; Stern, 1997), conforme relatado nos casos aqui analisados.

Outro ponto importante, ainda na gestação, foi *criar espaço para o segundo filho*. Este começou a se constituir como um desafio para todas as participantes do presente estudo. Os preparativos para receber mais uma criança na família incluíram a organização do espaço físico, como o quarto, a qual foi deixada para o período mais próximo ao nascimento. Ainda assim, as quatro mães providenciaram adaptações na casa, para abrir um espaço para o bebê, ao mesmo tempo em que, internamente, passavam a se preparar para a proximidade do nascimento. A primogênita foi incluída por Constance (M3), tanto na decisão de onde o bebê dormiria quanto na escolha do nome (M3), enquanto as demais mulheres não fizeram menção direta a esse envolvimento. Algumas sutilezas e particularidades contribuía para a percepção desse bebê como alguém que traria

consigo o desafio de acolher alguém novo e desconhecido, bem como ter que dividir o tempo com o primeiro filho, o que foi mencionado como uma preocupação pelas quatro mães desse estudo. Sobretudo quando se trata de um segundo filho é preciso criar espaço na família para acolher essa criança (Frost, 2006; Lopes et al, 2010; Richardson, 1983). A mãe é desafiada a criar um espaço físico, mas o maior desafio é o espaço emocional a ser criado com a chegada do bebê (Raphael-Leff, 1997). Isso exige uma redefinição de papéis e a adaptação de todos os membros familiares envolvidos (Dessen & Braz, 2000). Ao compartilhar suas aspirações e fantasias quanto ao segundo filho, esse espaço começa a ser criado, tanto para a mãe quanto para os familiares. Contudo, o desconhecido que representa o novo bebê ainda está por vir. Novamente, considera-se que a posição da mãe enquanto irmã e filha, em sua história pregressa, repercutiram nesse processo. Também no estudo de Frost (2006), as mães de um segundo filho se apoiaram em sua experiência e posição como irmãs para buscar compreender os próprios filhos.

No período seguinte, aos seis meses, o bebê tomava bastante tempo das mães, mas foi visto como calmo, por todas elas, o que lhes possibilitava dar atenção ao primogênito, em momentos de descanso dos cuidados do segundo filho. Contudo, a partir dos 12 meses e, mais ainda, aos 24 meses, o caçula ia conquistando seu espaço, através de sua independência, chamando a atenção da mãe e demandando maior envolvimento, a partir da demonstração de suas habilidades e crescimento. O desenvolvimento do caçula também favorecia uma aproximação deste com o irmão mais velho, com o pai e demais familiares. Assim, a relação do segundo filho com a mãe passou a ser sentida como diferente e única. A partir da maior independência da criança, seu espaço parecia estar mais assegurado. Ainda assim, havia a preocupação com a divisão da atenção com o filho mais velho e aumento gradativo de dúvidas e questionamento quanto à forma de lidar com o segundo, visto como desafiador em todos os casos. A crescente independência infantil tanto pode contribuir para que a mãe volte a ter mais espaço para si e para a família quanto para que os irmãos comecem a desenvolver uma relação entre si (Frost, 2006). Pode também agregar novas demandas emocionais para a mãe que tem que lidar com filhos em idade diferente (Vivian, 2006) e com as crescentes exigências decorrentes do desenvolvimento nos dois primeiros anos (Lopes et al, 2007; 2009). Brazelton e Cramer (1992) sublinharam que para conhecer realmente o bebê, a mãe precisa respeitar os sinais individuais

do filho, ou seja, equilibrar a identificação projetiva com a percepção das diferenças da criança. Além de ser uma unidade, precisa ser capaz de separar-se. O ambiente muda rapidamente, com os bebês e as crianças pequenas propondo uma contínua renovação em função dos progressos de seu desenvolvimento motor e psíquico (Guedeney e Lebovici, 1999). Nessa mesma direção, Winnicott (1965/1993) chamou a atenção para o fato de que o cuidado materno muda de acordo com o crescimento da criança, indo ao encontro tanto da dependência do bebê quanto dos primeiros movimentos do mesmo rumo à independência. Da mesma forma, o autor lembra que não há dois bebês iguais, a mãe é diferente com cada filho (Winnicott, 1967/1987), conforme constatamos nos relatos das participantes. Sendo assim, as características particulares de cada criança influenciam a forma como a mãe as trata individualmente. No presente estudo, as mães relataram momentos em que perdiam a calma com o segundo filho (M2, 3, 4), por considerá-lo uma criança mais difícil, somando-se a isso a sobrecarga de ter que cuidar de duas crianças pequenas. Além disso, a literatura ainda aponta que fatores como a idade que separa um filho de outro, circunstâncias psicossociais e o apoio econômico e emocional que a mãe recebe, repercutem nas reações da mulher tanto durante a gravidez como após o nascimento (Krieg, 2007; Mercer, 2004; O'Reilly, 2004; Upton, 2000). No presente estudo, as mães já com um filho pequeno tiveram de dar lugar ao novo, que passou a ocupar um lugar emocional específico na família. Ao mesmo tempo, todas afirmaram que estavam aprendendo a lidar com a divisão de tempo e espaço em suas próprias vidas, a partir do crescimento do segundo filho e de seu amadurecimento como mãe de dois filhos.

#### **4.1.3 Impressões sobre o bebê e relação com o segundo filho**

Especificamente quanto às expectativas, sentimentos e impressões em relação ao segundo filho explorados no presente estudo, encontramos que, ainda na gestação, as mães declararam não terem gerado muita expectativa em relação a esse bebê, quanto às características emocionais, o que parecia tanto indicar respeito para que o novo pudesse surgir, como um menor grau de investimento narcísico nessa segunda criança. Dinorá, Alice e Constance afirmaram que tinham a sensação de que só conheceriam realmente o bebê após o nascimento. Mesmo dizendo não terem gerado tantas expectativas quanto às características físicas e psicológicas do segundo filho, o sexo foi um dos aspectos que mobilizou as mães,

em especial porque esse bebê era considerado o último da família. Todas as mães, mesmo dizendo que sabiam que diferenças estariam por vir, recorriam ao senso comum para justificar seu temor sobre como seria o segundo filho, pois quando um é tranquilo o outro é um terror. Para compreender o fato de as mães não gerarem tantas expectativas, podemos recorrer a Britto (2002), que considera que o primogênito é pioneiro, inaugura diversas experiências pelas quais a família passa ao longo do seu processo de desenvolvimento. Também Kancyper (2002) afirma que, sobre o segundo filho, costumam recair idealizações menos diretas e maciças e também menos precisas e mais próximas ao ideal do ego do que ao ego ideal parental. Já o primogênito, costuma ser reconhecido como o legítimo herdeiro, sendo muitas vezes investido de identificações preestabelecidas. Às vezes, o primeiro filho pode não querer ser questionado quando ao seu lugar exclusivo, como único e privilegiado herdeiro perante os irmãos. O autor afirma ainda que o irmão mais novo, frequentemente, costuma ser eximido do papel de portador e fiador responsável pela tradição familiar vigente. Enquanto ele pode ser o questionador e o criador, o primogênito pode tender a assumir um papel conservador, como epígono, ou seja discípulo da geração anterior. Sob esse aspecto, pode-se pensar que o segundo filho também teria uma oportunidade de ser acolhido de forma mais livre. Já essa peculiaridade das mães do presente estudo de procurarem não gerar tanta expectativa, poderia indicar um conseqüente investimento narcísico diferente. As referências à imagem futura da criança estão sempre presentes (Brazelton & Cramer, 1992; Cramer, 1997), contudo no caso de um segundo filho essas expectativas foram menos destacadas pelas mães entrevistadas nessa pesquisa.

Ainda com base nos resultados apresentados nesse estudo confirmou-se o que Kancyper (2004) relatou, a partir da experiência com a clínica psicanalítica. Para o autor, o irmão mais novo, frequentemente, costuma ser aquele que tenta descobrir, conquistar e cultivar territórios. Enquanto isso, o primogênito estaria mais identificado com o projeto dos pais, como que destinado a ocupar o lugar da prolongação e da fusão com a identidade parental. Essa identificação seria imediata, direta e especular. Assim, o filho mais novo teria um percurso identificatório mais complicado com os progenitores, pois já haveria um lugar ocupado pelo primogênito, caso esse permanesse investido como o legítimo herdeiro ou o reconhecido duplo, por meio da progenitura. O percurso identificatório do caçula geraria um trabalho psíquico adicional a esse filho, mas



que seria o que justamente pode propiciar buscas e novas incursões em territórios desconhecidos. Também para Kancyper (2002), o filho mais velho viria ao mundo para deter as feridas narcísicas do pai e para completar o casal, inaugurando sua função parental e o mais moço para nivelar a homeostase do sistema narcisista materno. Baseado nos postulados freudianos, o autor mencionou a importância exercida pela complacência materna quanto ao filho mais novo, enquanto que no primogênito se estabeleceria um contrato narcisista com o pai, no qual prevalecem fantasias de especularidade e fusão, permeadas de ambivalência. Assim, as relações entre o complexo materno e paterno, bem como os efeitos do ego ideal, com formação essencialmente narcisista, como um estado de ser algo a ser alcançado incidiriam mais sobre o primogênito. Enquanto que as do ideal de ego, que conotam um estado do que ainda é preciso alcançar, exerceriam maior influência no psiquismo do filho mais novo.

Após o nascimento do segundo filho, as impressões sobre essa criança estiveram pautadas no convívio cotidiano, nos cuidados e na própria relação com o bebê. As mães tanto se surpreenderam pela descoberta do jeito próprio do segundo filho, quanto confirmaram o que imaginavam, em termos de características ligadas ao sexo da criança. Contudo, o segundo filho foi considerado um bebê mais ativo, tanto quando era menino (M 2 e 4), como quando era menina (M1 e 3). Além disso, cabe retomar a necessidade de um tempo para se conhecer a criança, pois de acordo com Winnicott (1964/1982b), a história de um ser humano não começa aos cinco anos, nem aos dois, nem aos seis meses, mas ao nascer e até mesmo antes de nascer. Cada criança é uma pessoa que necessita ser conhecida por alguém, em nosso caso, pela mãe. Ainda de acordo com Brazelton e Cramer (1992), é necessário que a mãe possa idealizar para que consiga tolerar as frustrações inerentes ao cuidado do bebê, como a própria ambivalência em relação à criança. Pelo fato de o filho ser uma projeção de seu ego ideal, ele se torna infinitamente precioso para os pais. Assim, todos os bebês encerram em si a promessa de realização de ideais que até então estiveram latentes ou frustrados. Contudo, uma idealização extrema pode aprisionar o filho e cercá-lo de exigências ligadas aos ideais parentais. Por outro lado, sabe-se que o segundo filho não desfruta de um período exclusivo, como o filho único, contudo isso pode torná-lo mais cooperativo, tendo em vista que ele não experimentou o “destronamento” pelo qual o primogênito passou (Furman & Lanthier, 2002; Steiner, 1999), embora isso não tenha sido o foco do presente estudo.

Quanto ao temperamento do segundo filho, já aos seis meses, o bebê foi percebido como demandando mais atenção e parecendo ser mais exigente, a partir do relato de todas as mães do presente estudo (M1, 2, 3, e 4). Através de expressões sutis como “*não é porque é o segundo que eu vou jogar*” (C1) denunciavam que esse bebê poderia estar sendo sentido como um intruso na relação com o primogênito. Essa mãe, que era filha única, “*brincava*” que daria a maninha para outra família ou confirmava a brincadeira do pai, de que ele teria que trocar de mãe, parecendo reforçar a fantasia de haver espaço para um único filho na família. Outro exemplo dessa fantasia de “unicato” (Kancyper, 1999) foi dado pela mãe e primogênita Constance, que se alegrou em voltar ser “*única*” para os pais, quando a irmã mudou-se para outro estado. Lembramos que essa mãe que se esquecia da barriga na gestação e evitava conversar com o bebê na frente da filha mais velha, paradoxalmente, afirmou que tinha tido a sensação de ter se esquecido da primogênita, quando a segunda filha nasceu, era como se ela só tivesse esse bebê. Já Alice passou a ver no filho características de uma criança caçula, como ela foi, gostando de estar sempre acompanhado da irmã e dos primos mais velhos. Natália passou a admitir que seria bom poder passar um tempo afastada do segundo filho. Mesmo querendo oferecer sua presença e dedicação integral ao meino, fazendo diferente de sua mãe. Lembramos que ela foi criada em meio a cinco irmãs e sentia-se pouco exclusiva por isso. O sentimento materno de intrusão por parte de um filho ou de outro podem ser inconscientemente influenciados pela própria experiência materna, em suas vivências com a própria mãe ou irmãos em sua família de origem (Kancyper, 1999; Raphael-Leff, 1997). Sendo assim, ao colocar o filho mais velho na situação de ‘apenas mais um, um entre outros’, a fratria possibilita sua introdução na rede de relações sociais. A fantasia de ser alguém único, de ser o único a contar para os outros e no mundo é comum. Abandonar essa ideia é difícil, mas necessário para viver entre os outros, com toda a sua vulnerabilidade (Ruffo, 2003).

Assim, nos períodos seguintes do estudo, algumas formas de se referir ao segundo filho denotavam sutilmente a diferença para as mães do presente estudo. Todas fizeram alguma referência ao fato de estarem mais esgotadas e impacientes com essa criança, bem como menção a descuidos considerados até como negligência (M1, 3) ou constatação de que o menor se machucava mais (M2), relatos de que tinham menos preocupação, embora não deixassem de se importar

porque era o segundo filho (M1, 3) ou brincadeiras de que dariam a criança para outra família (M1). Todas as mães expressaram ambivalência em momentos ligados às dificuldades de lidar com essa criança e recorreram a exemplos como terem sorte por haver uma tela para não jogar o filho pela janela (M4) ou terem vontade de sumir (M1, 4). Ao mesmo tempo em que se frustravam, pareciam se dar conta da impossibilidade de perfeição com dois filhos. A literatura aponta que os sentimentos hostis e agressivos têm sido pouco investigados no processo de tornar-se mãe, bem como a ambivalência e idealização (Baraitser & Noack, 2007; Caron et al, 2000; Frost, 2006; Hoffmann, 2004; Nimela, 1980). Hoffmann (2004) faz uma observação importante quanto à agressividade, ao mencionar que as mães podem sentir ansiedade, culpa e vergonha de expressar temas ligados às fantasias agressivas, o que ocasiona profundas dificuldades nas mulheres em lidar com sua própria raiva em relação aos filhos e das crianças em relação a elas. Tolerar sentimentos ambivalentes – de amor e ódio - permite à mãe falhar e ainda assim atender às necessidades das crianças e às suas próprias (Frost, 2006; Parker, 2005). Ainda há a hipótese aventada por Serrurier (1992) de que as diferenças entre os filhos, não percebidas de forma consciente pela mãe pode se manifestar através de um tratamento distinto com cada criança, em que um pode ser privilegiado em detrimento de outro. A sutileza está contida nos detalhes do cuidado com o filho, da mesma forma que a violência sutil que precisa ser reconhecida e integrada (Caron, Matte, Cardoso, Lopes & Dalcin, 2000). Portanto, essa sutileza do cotidiano também está repleta de gestos, palavras ou sensações ambivalentes e violentas, das quais fazem parte a experiência real e não idealizada do tornar-se mãe. Assim, é importante que a mãe entre em contato com esses sentimentos, para que não venha a negá-los e tornar invisível uma distinção, que pode vir a se expressar em detalhes dos cuidados cotidianos, em que um filho pode ser favorecido em detrimento de outro. Quanto à inevitável ambivalência, Parker (2005) corrobora que tais sentimentos acompanham a maternidade de forma implícita ou explícita e isso faz parte de seu desenvolvimento adulto como mãe. A autora aponta que a ambivalência é vital para a mãe e para a criança, pois auxiliaria a dupla a funcionar de forma separada, ao invés de unitária. Para Parker, se a ambivalência for pensada e compreendida, pode se tornar uma força criativa que auxilia o crescimento pessoal e o amadurecimento. Naturalmente, além das possíveis frustrações, medos e falhas, o exercício da parentalidade também traz consigo prazeres intrínsecos, privilégios e benefícios (Bornstein, 2005).

O tornar-se mãe de um segundo filho foi perpassado também pela trajetória de desenvolvimento rumo à independência do bebê. Nos casos aqui discutidos, em especial, à medida que o desenvolvimento infantil se processava, as mães percebiam mudanças na forma de exercer a maternidade dessa criança (Colarusso, 1990). Assim, existe uma interferência recíproca, já que o bebê afeta a mãe e a mãe o bebê (Barnard & Scolchany, 2002; Lopes et al, 2007; 2009). Constatou-se, ainda, a partir dos relatos das mães que, cuidar de mais de um filho em idades diferentes pode ser uma experiência desafiadora e desgastante, ainda que repleta de realizações. Ao mesmo tempo em que a mãe se sente realizada por satisfazer o filho pequeno em sua dependência, pode sentir-se incompetente se não conseguir atender às demandas da criança mais velha. Lidar com este desafio configura-se também como uma oportunidade de amadurecimento através da maternidade. Diante do exposto, diversos aspectos da história pessoal de cada mãe, revelaram a centralidade de seu “complexo fraterno” (Kancyper, 2004), no processo de tornar-se mãe de um segundo filho, também permeados pela sua relação com a própria mãe, enquanto filha, que se remodelava a partir da gestação e se modificava diante da chegada de um novo bebê.

#### **4.1.4 Relação com a própria mãe**

A partir do que foi apresentado na seção anterior, assim como o desenvolvimento infantil contribuiu para o amadurecimento da mãe, constatou-se que, concomitantemente ao processo de separação-indivuação da criança (Mahler, 1982), as mulheres do presente estudo puderam reviver, através da relação com o segundo filho, um processo semelhante, denominado na vida adulta de terceira individuação (Colarusso, 1990), em relação à própria mãe. A partir desse processo que ocorre inicialmente com a criança, Mahler marcou um passo evolutivo na maternidade, que se daria através da passagem do bebê de colo para aquele que já pode se separar fisicamente da mãe, aumentando a possibilidade de despertar conflitos. Para Colarusso (1990) o nascimento e, sobretudo, o desenvolvimento dos filhos repercute de maneiras diferentes no processo de individuação da mulher, em relação à própria mãe. Em três dos casos (Dinorá, Alice e Constance), a gestação e o nascimento do bebê tiveram impacto nas transformações ocorridas na relação dessas mulheres que se tornavam mães de um segundo filho, com a própria mãe. No caso de Natália, essa relação se deu com a irmã mais próxima, que estava no lugar de uma figura feminina de apoio para

aquela mãe. Percebeu-se que o relacionamento era qualitativamente diferente daquele que elas tinham com o marido. Isso corrobora o que é apontado por Stern (1997), no que diz respeito à matriz de apoio, tema que se refere à necessidade da mãe de criar, permitir e aceitar uma rede de apoio protetora para si, para que possa realizar as tarefas como o bebê, mantendo seus cuidados e promovendo seu desenvolvimento psicoafetivo. Uma das funções dessa matriz seria de ordem psicológica, pois a mãe precisa sentir-se apoiada, valorizada e apreciada. As figuras maternas da mãe são evocadas para auxiliar nesse sentido, pois com a chegada de um filho observa-se uma tendência à reativação e reorganização do relacionamento da mãe com sua própria mãe. Além disso, as mães que já haviam inaugurado a maternidade com o primeiro filho estavam mais confiantes e seguras para permitir a aproximação de outra figura feminina. A partir dos relatos maternos, tanto as mães quanto as avós perceberam as mudanças com a chegada do segundo filho, que contribuíram para resgatar e estreitar laços entre mãe e filha. Todas referiram que, de alguma maneira, estavam conseguindo autorizar outras figuras femininas e de apoio a se aproximarem e realizarem cuidados do bebê, que antes imaginavam que só elas podiam fazer.

No presente estudo, também nos chamou a atenção que as comparações não foram feitas somente entre os filhos. Todas as participantes avaliaram o modelo materno, no processo de tornar-se mãe de um segundo filho. Em especial, considerando sua posição na família, tanto no caso de Dinorá, que era filha única, como de Alice, a caçula, de Claudia, a primogênita e de Natália, que se sentia apenas mais uma filha, dentre as cinco meninas da família. Quanto às comparações com a mãe, para Colarusso (1990), estas são feitas constantemente, de forma consciente e inconsciente. São relacionadas à forma como a mulher cria seu filho e como ela mesma foi criada e podem que contribuir para o seu próprio processo de individuação frente à genitora. Além disso, como já foi apresentado, para atender às necessidades do bebê a mãe se vale da identificação com aspectos de sua própria experiência na infância que também são projetados sobre o bebê (Brazelton & Cramer, 1992). Em meio a todos esses processos psíquicos pelos quais a mulher passa diante da gestação e chegada de mais uma criança, a mãe precisa criar espaço para que o segundo filho possa ser acolhido em sua individualidade e para conhecer essa criança de fato como ela é, vivendo uma experiência de mutualidade (Winnicott, 1969/2005). Para tanto, a mulher precisa, paulatinamente, desembaraçar-se dessa identificação para poder respeitar os sinais

individuais e objetivos do filho (Brazelton & Cramer, 1992; Winnicott, 1963/1983). Torna-se necessário um equilíbrio entre a identificação projetiva, de semelhanças, e a percepção das diferenças do bebê. De acordo com os resultados analisados nessa pesquisa, ao longo do desenvolvimento infantil, em especial a partir das aquisições de independência do segundo filho, as mães foram sendo desafiadas tanto a separar-se dessa criança, quanto a estarem disponíveis para atender suas necessidades, com as demandas concomitantes do primogênito. Este foi um dos aspectos mais ressaltados, gerando ambivalência nas mães, mas também lhes fornecendo uma oportunidade de amadurecimento. Um movimento correlato parecia ocorrer em relação à própria mãe, com afastamentos e aproximações da genitora. Corroborou-se ainda a importância da experiência prévia da mãe, de tornar-se irmã, sua história e posição na família, a ajuda da avó materna, além do número de irmãos repercutindo no tornar-se mãe de um segundo filho (Kancyper, 2004, 2002, 1999).

Além da intensificação do relacionamento com a própria mãe, a partir de uma maior aproximação desde a gestação, prosseguindo pelas etapas seguintes em que foram acompanhadas, a relação de apoio e acolhimento com os demais familiares e figuras de apoio também foi tema dos relatos maternos ao longo desse estudo. Na gestação, todas as mães fizeram alguma menção a lembranças que tinham de sua própria infância, mas em dois casos também passou a ocorrer uma aproximação maior devido ao fato de terem que fazer repouso (Alice e Dinorá). Alice, particularmente, recordou o fato de sua mãe ter tido que fazer repouso em sua gestação, assim como ela. Ainda tornou-se importante para as mães reavaliarem seu modelo materno e poderem falar de sua mãe. Voltamos a pensar que esses fenômenos são favorecidos pelo estado regressivo em que as mães se encontravam. Constatou-se que, no período inicial, quando as mães sentiam-se desamparadas e regredidas, ressurgia a vontade de ser cuidada por sua própria mãe ou marido. Para Bydlowski (2002), é fundamental dar palavra à criança que a mulher foi, pois isso ajuda a gestante a revigorar a criança que ela carrega. Quanto ao “complexo fraterno”, a partir da proximidade da chegada de um bebê, é possível que a mãe possa recuperar, através de um dos filhos, alguns capítulos de sua própria história de vida não elaborados ou não integrados (Kancyper, 1999). Os pais também podem fundir a sua experiência enquanto pais com a memória de seus próprios pais (Colarusso, 1992).

Após o nascimento do segundo filho, a relação com a própria mãe se intensificou em termos da presença mais constante da avó materna, o apoio nos cuidados dos netos, nos casos de duas das mães (Dinorá e Constance). Nesse estudo, a intimidade conquistada com a própria mãe parecia fruto do amadurecimento e da segurança adquirida pelas participantes que estavam mais tranquilas para contarem com essa ajuda, sem se sentirem desautorizadas. É consenso na literatura que o nascimento do bebê renova ou intensifica os sentimentos da mãe em relação à própria mãe. Assim, a mulher pode sentir-se ambivalente e reativar conflitos, bem como sentir que precisa da própria mãe para ajudá-la com o bebê e com suas próprias necessidades (Balsam, 2000; Cramer, 1997; Frost, 2006; Stern, 1997). A avó materna tem recebido destaque na literatura, nos poucos estudos que mencionam sua importante função de apoio à própria filha, no contexto da chegada de um segundo filho (Dessen & Braz, 2000; Pereira, 2006; Rustin, 2007). É como se a mulher precisasse entender mais profundamente quem era sua mãe, o que ela representava para ela e com que partes dela se identificar ou não ao tornar-se mãe. Assim, ao se comparar também pode se diferenciar da própria mãe e estabelecer sua identidade como mãe de dois filhos.

Quando o segundo filho estava com um ano de idade, as mães também pareciam avaliar os cuidados que haviam recebido e tentar constituir seu próprio modelo de maternidade. Todas referiram que não gostariam de repetir alguns aspectos de sua própria criação, como excessivas expectativas sobre a criança (Dinorá), rigidez demasiada (Alice), tempo escasso para estar com os filhos (Natália) ou interagir e brincar pouco com as crianças, restringindo-se aos cuidados com alimentação e higiene (Constance). Isso significa que as mães seguem reorganizando a identidade materna com o segundo filho. Frost (2006) apontou a maternidade de um segundo filho como uma nova oportunidade para a mãe criar seu próprio estilo de cuidado, incluindo a questão de não replicarem aspectos vivenciados em sua própria família. A mãe pode se apoiar nas lembranças das relações que teve com seus pais, o que consolidará suas trocas com os filhos (Cramer, 1997). Para o autor, quando se estudam de perto as mães e os bebês, percebe-se nitidamente a articulação entre o passado e o futuro. A transmissão de uma herança cultural de uma geração à seguinte é absolutamente fascinante. Graças a uma base de identificação com seus próprios pais, a mãe pode inserir seu filho na tradição familiar, sem fazê-lo carregar o peso de uma projeção

de seus conflitos pessoais. Brazelton e Cramer (1992) alertam que a evocação do passado também pode ser dar através de seu oposto. Isso pode ocorrer quando a mãe lembra-se de seus próprios pais como extremamente rígidos e tornam-se incapazes de frustrar os próprios filhos. Assim, nos primeiros meses, Natália parecia querer prover a criação de um relacionamento ideal para compensar o sentimento de que tivera pouca atenção da mãe na própria infância. Contudo, ela foi se dando conta da impossibilidade de ser uma mãe perfeita e admitiu que era melhor para a relação dela com o segundo filho voltar a ter momentos distante da criança, confiando seus cuidados à babá ou à irmã que a ajudava bastante.

Esse tipo de balanço seguiu sendo realizado até o momento final em que as mães foram acompanhadas nessa pesquisa. Ao longo de todo o estudo, mas em especial no segundo ano da criança, a relação com a própria mãe pareceu transcender as questões de apoio e acolhimento, ainda que estas se mantivessem presentes em três casos (Alice, Constance e Dinorá) e também para Natália, através de sua irmã. Contudo, as mães também pareciam assimilar que, além das diferenças e da possibilidade de se tornarem uma mãe diferente ou até mesmo melhor do que fora a sua, havia o reconhecimento de alguns cuidados e atenção que tinham recebido e a satisfação de observar o envolvimento da avó e demais familiares com o segundo filho. Conforme apresentado, ter um novo bebê também repercutiu na relação da mãe com seus próprios pais (Colarusso, 1990). As mães do presente estudo passaram a se reconhecer no que pareciam com seus pais, em termos da capacidade de cuidar e amar, física e emocionalmente, seus filhos. É ainda comum que a mãe espere se tornar uma mãe melhor que a sua própria mãe ou tema não conseguir se tornar tão boa quanto ela foi (Brazelton & Cramer, 1992; Colarusso, 1990; Stern, 1997). Todas as mães avaliaram seu modelo materno, ao longo do desenvolvimento do segundo filho, retomando inclusive sua posição na família e a forma como foram criadas. Também no presente estudo foram feitas comparações, conscientes e inconscientes, entre a forma como cada mãe cuidava de seu bebê e maneira como foi criada, gerando conexões entre as gerações (Colarusso, 1990; Stern, 1997).

Tornou-se importante, além da possibilidade de receber apoio da mãe, a presença de outra figura feminina, como a irmã, no caso de Natália e a babá de Alice. Além disso, três participantes (M2, 3, 4) desse estudo contavam com o auxílio de uma babá ou empregada. Já na gestação, todas as mães relataram que passaram a se permitir pedir mais ajuda, com a chegada do segundo filho, tanto da



mãe, como do marido, de outros familiares (irmãs) e pessoas contratadas para os cuidados dessa criança. Essa maior necessidade de amparo seguiu sendo destacada, com o decorrer do desenvolvimento do segundo filho, nos demais períodos em que foram acompanhadas pelo estudo. Uma particularidade no caso de Constance foi a troca de babás e a dificuldade de encontrar uma pessoa de confiança após uma empregada considerada muito boa, mas que saiu da casa da família para cuidar de seu próprio filho. Em termos de cuidadores substitutos, cabe retomar um paradoxo apontado por Winnicott (1966/1999). Para o autor, ao mesmo tempo em que a mãe pode odiar quem descuide de seu filho, também costuma sentir ciúmes de alguém que cuide melhor de seu bebê do que ela própria. Aí também pode estar envolvida a expressão do “complexo fraterno”, quando a mãe considera uma figura de apoio como rival nos cuidados do filho, o que pareceu estar menos presente com o segundo filho.

Voltando às mudanças na relação com a própria mãe, sabemos que a mulher ampara sua capacidade de amar um filho, física e emocionalmente, a partir do reconhecimento de poder cuidar, como foi cuidada (Colarusso, 1990). A mãe de Dinorá ficou muito feliz por ter uma neta e foi o nascimento dessa menina que reaproximou as duas. Assim, as três gerações femininas da família ficaram mais unidas, a partir da chegada de outra mulher que também era a única menina, ainda que segunda. Esse fato não tinha se dado quando da chegada do primogênito. Tornar-se mãe é uma experiência que envolve três gerações. Nesse mesmo sentido, Winnicott (1964/1999) afirma que a mulher é três. Outra forma de compreender a possibilidade de regredir e de se identificar com o bebê que acomete mais facilmente as gestantes e mães de uma criança pequena pode ser através da dupla identificação, com a mãe e com o bebê (Brazelton & Cramer, 1992). Através desse processo, a mulher desempenha e elabora os papéis e atributos da mãe e do bebê. Para que isso ocorra, ela baseia-se nas experiências de convivência que teve com a própria mãe e na época em que ela era bebê. Além da relação especial com a mãe, o pai do segundo filho foi uma figura importante nesse estudo.

#### **4.1.5 Relação com o marido**

Assim como a exclusão temporária do primogênito foi necessária para que a mãe pudesse atender às necessidades do bebê, o pai do segundo filho pareceu aproximar-se do mais velho e criar com ele uma nova dupla em todos os casos, a

partir dos relatos maternos. Embora não se configure como enfoque do presente estudo, pode-se pensar na hipótese de o “complexo fraterno” do marido perpassar também a relação com o novo bebê, já que nos momentos iniciais, devido ao afastamento da esposa para se dedicar ao caçula, o pai que também se sente excluído, pode aproximar-se bastante do primeiro, o que foi explícito no caso de Constance (M3). Um exemplo do “complexo fraterno” da mãe e do marido foi mencionado por Dinorá, que falou das “brincadeiras” dela e do esposo, que aludiam à exclusão sentida com a chegada do segundo filho. Por vezes, a mãe dizia para o mais velho que poderiam deixar a bebê na rua, e diante dos protestos do menino, oferecia outra alternativa, ainda mais difícil: *“Não vamos deixar a maninha [dormindo fora de casa] então, vamos dar a maninha pra outra família”*. Assim, não só o primogênito voltaria a ser filho único, mas também ela voltaria a ser mãe única. Ela parecia sentir ter perdido seu espaço junto ao marido e ao primogênito, já que os dois estavam muito unidos. O pai, por sua vez, também vivenciara sentimentos de exclusão com a chegada de uma irmã e agora, novamente, com o segundo filho. Isso foi ilustrado pela brincadeira que o marido fez com o filho mais velho, que disse que quando ele fez cinco anos teve que trocar de mãe, assim como aconteceria com o primogênito: *“quando a gente faz cinco anos a gente tem que trocar de mãe, porque daí chegou o prazo de validade da mãe... minha mãe não era a minha mãe, ela ficou sendo a minha mãe depois dos cinco anos, eu tinha outra mãe”*. Cabe lembrar que essa mesma irmã de Pedro também teve um filho no mesmo período em que a família de Dinorá. A pouca atenção recebida da sogra foi motivo de reclamação. Pode-se pensar que o “complexo fraterno” perpassava não somente o psiquismo materno, como também o paterno, quando este perdia a mãe e a esposa, diante da chegada de mais um bebê. As outras mães do presente estudo também mencionaram que gostariam de voltar a ter um tempo somente com o primogênito.

Outra questão instigante em relação ao marido foi o fato de ele ser identificado como uma espécie de depositário de características temidas do segundo filho. Por exemplo, Alice atribuía o temperamento agitado do menino aos traços herdados do marido e já previa alguma conflitiva ligada ao âmbito escolar, como havia acontecido com o esposo. Ela trabalhava na área de educação e apreciava muito o desempenho acadêmico. Natália recorria à negativa, quando dizia não querer atribuir ao marido as características difíceis do segundo filho, embora ligasse o menino à semelhança física com o pai. No caso de Constance, o

marido era quem apontava que a segunda filha se parecia com a mãe, no jeito e na aparência.

Os demais aspectos comuns quanto à *relação com o pai de seus filhos*, em termos do apoio e acolhimento e a participação do pai nos cuidados com o primogênito foi fundamental para todas as mães. Desde a gestação, começaram a ser promovidos movimentos de aproximação entre o pai e o primogênito, espontaneamente em dois casos (M1 e 3) e estimulados pela mãe, quando elas consideravam (M2 e 4) que poderiam propiciar um envolvimento maior do marido com o bebê. Também se fez necessária uma presença mais efetiva do pai, nos cuidados do primeiro filho, nos casos em que a mãe teve de fazer repouso (M1, 2) ou estava se sentindo sobrecarregada e mais cansada ao final da gestação (M 3, 4). Cabe retomar que Dinorá e Natália (M1 e 4) deixaram de trabalhar e fizeram uma pausa em suas carreiras e estudos, a fim de priorizar o cuidado dos filhos, dedicando-se mais intensamente à maternidade, ao longo do período em que foram acompanhadas pelo estudo. O marido era o principal provedor em seus lares, contudo, elas voltaram a se dedicar aos estudos ou trabalhar em tempo parcial, a partir do primeiro ano de vida do segundo filho. Também no caso de Alice, a chegada do segundo filho impulsionou o marido a buscar maiores condições de incrementar a renda para prover financeiramente a família que havia crescido. Apenas no caso de Constance, o marido, além de trabalhar tanto quanto a esposa, era considerado até mais envolvido do que ela nas tarefas ligadas à primogênita e à casa, tais como preparar o jantar ou dar banho nas crianças. Corroborou-se, para as mães desta pesquisa, a ideia winnicottiana transmitida por Dias (2003), de que o papel do pai, neste momento, é de extrema importância, na função de proteção da mãe e provedor do lar. Além disso, a presença e ajuda efetiva do pai do bebê trazem apoio moral à mãe (Winnicott, 1964/1982c). Para o autor, as crianças são muito sensíveis ao clima que se cria no lar e à estabilidade que sentem na relação dos pais, mesmo quando ainda não sabem que os pais existem como pessoas separadas dela, e entre si.

Um relato curioso feito por Dinorá e Natália denotou que mesmo apreciando o envolvimento do marido com o segundo filho, elas pareciam comparar o cuidado do pai e o delas. Duas mães (M3 e M4) mencionaram que se não fosse pela amamentação, o marido poderia dar conta também do bebê. Dinorá disse saber que as meninas, caso da segunda filha, costumam se relacionar intensamente com o pai. O que foi apontado também por Constance, embora para

Alice, o fato de a primogênita ser do sexo feminino parecia não contribuir para uma aproximação com o pai. Winnicott (1964/1982c), ao nos falar sobre o pai, aventa que para certas mães é mais fácil suportar a amizade entre pai e filho do que entre pai e filha. Os laços entre pai e filha evoluem naturalmente quando não há rivalidade e ciúmes da própria mãe. Contudo, se o pai e a mãe são felizes em suas relações mútuas essas fortes dedicações entre pai e filha não serão concebidas como rivais da dedicação existente entre os pais. Os irmãos constituem neste aspecto uma grande ajuda, ao representarem um degrau entre pais e tios e os homens em geral. Ainda quanto às questões edípicas, para o autor, é também conhecido que um menino e seu pai encontram-se, por vezes, num estado de rivalidade em relação à mãe. Quando os casais se sentem seguros do amor recíproco, isto não é motivo para suscitar angústia. A possibilidade de contato do pai com os filhos, seja ele menino ou menina, é uma experiência que costuma ser recordada com carinho por toda vida. Nem sempre é fácil para a mãe mandar a filhinha passear com o pai, quando ela própria adoraria sair sozinha com ele. Mas, por vezes, se puder fazer com que o pai saia com as crianças, ou com uma delas, estará acrescentando bastante ao seu valor como mãe e esposa.

Ainda a partir dos casos analisados, resgatamos a ideia de que a mãe estabelece vínculos com o passado, por meio de seus filhos e pela relação vivida com os genitores. O amor dos pais é possível justamente devido a essas antigas ligações. A sintonia e empatia com o bebê são enfatizadas pelo reconhecimento de estados emocionais ou sentimentos já conhecidos de relações anteriores, com os próprios pais. Também a hostilidade, ciúmes ou ressentimentos podem ser transferidos de antigos para novos relacionamentos (Brazelton & Cramer, 1992). Todos os tipos de fantasmas podem rondar o quarto do bebê (Fraiberg, Andelson & Shapiro, 1994). Assim, um novo bebê pode ser visto como irmão da mãe ou do pai e trazer à tona sentimentos específicos que caracterizavam a relação anterior. Em tais casos, a mãe ou o pai podem ressentir-se, inconscientemente, do afeto e das gratificações que o bebê recebe, revivendo o ciúme experimentado quando do nascimento de um rival. Novas ligações são baseadas em antigas, contudo torna-se importante reconhecer a individualidade de cada filho.

Em todos os casos, o pai no princípio assumia muitas tarefas com o filho mais velho, mas com o crescimento do segundo filho também passou a ser mais solicitado pela mãe a auxiliar com essa criança. A partir do primeiro ano, três das mães (M1, 2, 4) passaram a destacar que esperavam mais iniciativa do marido

para ajudar com o caçula. Iniciava-se aí, além de uma maior aproximação do segundo filho com o pai, a crescente interação entre os irmãos. Em especial, no segundo ano, houve uma aproximação maior dos pais com o filho mais novo. Esse fato foi destacado por duas mães (2, 3), também como parte do amadurecimento do marido. Enquanto que outras duas (1, 4) reconheciam o apoio do marido, mas continuavam esperando mais iniciativa e envolvimento do esposo com o segundo filho. Nesse aspecto, concordamos com Winnicott (1968/1987), para quem as mulheres que acabaram de ter seus bebês encontram-se elas mesmas regredidas e em estado de dependência, o que foi percebido nos dois primeiros períodos desse estudo. Em nível ideal, para desempenhar sua tarefa, a mãe necessita sentir-se amada na sua relação com o pai da criança, e aceita nos círculos familiares, assim como nos mais amplos, que constituem a sociedade. No contexto em que se faz presente um segundo filho, diversos autores apontam que o pai, através de seu apoio à esposa e maior envolvimento com o filho mais velho, exerce um papel fundamental nesse momento de transição familiar, compreendido pelos dois primeiros anos que se sucedem ao nascimento dessa criança (Dessen, 1992; Dunn & Kendrick, 1986; Gottlieb & Mendelson, 1995; Stewart, Mobley, Van-Tuyl & Salvador, 1987). Vimos anteriormente que a figura materna costuma ser evocada com a função de valorizar e apoiar a mãe (Stern, 1997). Para o autor, ainda no que diz respeito à matriz de apoio, essa rede de sustentação tem como outra de suas funções a presença de alguém que proteja a mãe fisicamente, provendo suas necessidades vitais e permitindo que possa dedicar-se ao bebê. O pai parece cumprir melhor essa primeira função, enquanto que as figuras maternas da mãe são evocadas para auxiliar nos aspectos emocionais. Sendo assim, para que a mãe possa oferecer sua presença sensível e acolhimento ao segundo filho, precisa também estar se sentindo amparada. No presente estudo, todas as mães relataram uma maior complexidade do vínculo objetal com o cônjuge, o que corroborou a ideia de Colarusso (1990) de que um filho aproximaria o casal. Além disso, a ajuda prática e o suporte emocional do marido contribuem para a mulher se sentir sustentada em sua experiência da maternidade (Boulton, 1983; Gottlieb & Mendelson, 1995).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do que foi apresentado no presente estudo, vimos que a trajetória de tornar-se mãe de um segundo filho foi sendo alterada com o crescimento da

criança e o amadurecimento da própria mãe. As impressões sobre si como mãe de um segundo filho, bem como a relação com essa criança e o primogênito, com a própria mãe, com o marido, demais familiares e pessoas que participavam dos cuidados, fornecendo apoio e acolhimento, foram se transformando desde a gestação e no decorrer dos dois primeiros anos de vida do caçula. Dinorá que não sabia como faria para dividir seus sentimentos tornou-se uma mãe dupla que aprendia sobre a maternidade também com a segunda filha, que não tinha o privilégio de ser única, mas era diferente. Alice, ao viver sua aventura diferente, passando por uma revoluçãozinha, como mãe de um menino teve momentos em que se sentia ressentida, doída e rachada por ter que se dividir, até reaprender com o segundo filho, contudo muito satisfeita por poder se experimentar como mãe de menina e de menino. Já Constance que não expressava ansiedades diante da chegada de mais uma filha, gerando poucas expectativas, tornou-se uma mãe descabelada, sobrecarregada, mas feliz e realizada até concluir que ter duas filhas era complicado, mesmo com a experiência anterior. A partir de sua experiência, Natália que estava tranquila por ter mais um menino e iniciou dizendo que seria mais fácil, conclui que havia sido enganada e pensou que uma mãe teria que ser como um polvo, com uma dúzia de tentáculos, para conseguir atender a todos. A partir das características do segundo filho e das comparações entre as crianças, as mães desse estudo foram estabelecendo as diferenças e aprendendo a lidar com os novos desafios. Nos casos aqui investigados, o “segundo mudou tudo” (Upton, 2000).

Sendo assim, a relação com o segundo filho também teve o impacto das expectativas e sentimentos maternos. Observou-se que independente da inauguração da maternidade com o primogênito, a chegada de um novo bebê pareceu inclusive transformar a mulher em uma mãe diferente. A criação gradativa de espaço para mais uma criança constituiu-se num desafio que se deu paralelo à conquista de autonomia do segundo filho. As mães que se diziam experientes, tranquilas e seguras, por já terem tido de lidar com um bebê, achando que seria fácil cuidar do próximo, se surpreenderam e aprenderam com o segundo filho, a partir de suas particularidades, que foram se revelando ao longo dos dois primeiros anos. Assim, a partir do desenvolvimento do segundo filho, as mães puderam se deparar com desafios ligados ao crescimento, acompanhando a aquisição de independência da criança, evocando memórias de sua história pessoal, bem como vivenciando um processo de separação-indivuação em

relação à própria mãe. Esse processo de individuação se deu a partir da proximidade com as figuras maternas, que elas permitiram e aceitaram, somente com esse bebê, de acordo com seus relatos. Sendo assim, tornar-se mãe de um segundo filho repercutiu na relação com a própria mãe, que foi vista pelas participantes como um modelo, que mediou o que gostariam de fazer e as diferenças que percebiam em sua identidade materna. Sabemos que a mulher ampara sua capacidade de amar um filho, física e emocionalmente, a partir do reconhecimento de poder cuidar, como foi cuidada (Colarusso, 1990).

A partir dessas transformações vivenciadas com a gestação e chegada do segundo filho, a relação da mãe com a própria mãe também passou por mudanças. No presente estudo, o novo bebê contribuiu para estreitar laços entre mãe e filha. Todas as participantes conseguiram permitir a aproximação da avó materna, de maneira diferente do que haviam feito com o primogênito. O fato de terem inaugurado a maternidade com o primeiro filho, parecia ter lhes conferido mais confiança e segurança para que a mãe e outras figuras femininas se aproximassem e as ajudassem, nesse novo momento da maternidade. Além disso, as mulheres expressavam que queriam entender mais profundamente quem era sua mãe, pensando em seu modelo, para assim se diferenciar e se identificar com o que consideravam importante para uma mãe de dois filhos. A literatura aponta que a chegada de um filho pode propiciar essa reorganização do relacionamento com a mãe (Colarusso, 1990; Stern, 1997). E esse processo continua com o segundo filho.

A relação com o pai do segundo filho também foi permeada por mudanças, a partir do momento em que o marido passou a se encarregar mais do primogênito, em especial nos dois primeiros períodos acompanhados pelo estudo. Szejer e Stewart (2002) apontam que o pai pode se sentir excluído desde a gestação, o que pareceu ocorrer nos casos aqui estudados, pela segunda vez. Nesse sentido, foi nítida a aproximação do pai com o filho mais velho, no momento em que se dava sua segunda exclusão. Assim, parecia se criar uma nova dupla com a chegada do bebê. Contudo, as mães também relataram sentir falta do período em que podiam se dedicar apenas ao primogênito. A partir do primeiro ano, iniciou-se uma aproximação gradativa do pai com o filho mais novo, que se intensificou no segundo ano. Para compreender esse aspecto, recorreremos novamente a Kancyper (1999), para quem o primeiro filho costuma ser investido pelo pai, como suporte do ideal narcisista de onipotência e imortalidade. Recai sobre ele o ego ideal de

outro indivíduo, através de identificações primárias. Para o autor, o pai procuraria recuperar, através do primogênito, o estado chamado de onipotência do narcisismo infantil. Ele seria investido como seu duplo especular, ideal e imortal, enquanto que sobre o segundo filho, as identificações seriam menos precisas e mais próximas do ideal de ego, conotando um estado do que ainda é preciso alcançar. Diante dessas evidências, pode-se pensar na hipótese de que o “complexo fraterno” do pai também interferia no tornar-se mãe de um segundo filho. Kancyper aponta, ainda, que as frequentes identificações narcisistas que costumam recair sobre o primogênito têm um aspecto defensivo para o pai. Elas servem para amainar um amplo leque de afetos que envolvem, além das angústias e dos sentimentos de culpa inconscientes e conscientes, outra série de efeitos hostis, tais como ódio, ciúmes, ressentimento e inveja diante da presença do primeiro filho. Nesse estudo, é plausível supor que o primogênito que chegara como intruso e rival, provocando exclusão e gerando uma desarticulação libidinal no casal, passara a ser visto como um aliado do pai, a partir da chegada do segundo filho e da vivência de uma nova exclusão temporária. O “complexo fraterno” também representaria uma possibilidade de elaborar e eventualmente superar a ambivalência edípica através de outras figuras da família. Contudo, essas questões precisam ser melhor exploradas em um estudo que se dedique à perspectiva paterna do “complexo fraterno”, pois no presente estudo este tema foi apenas evidenciado a partir das falas das mães sobre seu marido, enquanto pai do segundo filho. Por fim, o papel de apoio e acolhimento foi destacado, além das questões acima apresentadas.

A partir do que foi estudado, as impressões sobre o tornar-se mãe de um segundo filho sofreram transformações, desde a gestação até o segundo ano de vida. O amadurecimento das mães, que referiram se sentirem mais seguras pela experiência anterior foi destacado pelas participantes. Inicialmente, o fato de terem tido o primogênito fez com que elas considerassem que seria “mais fácil” cuidar do segundo. Contudo, com o desenvolvimento da criança e os desafios cotidianos, essa impressão foi se transformando, em especial, a partir do primeiro e mais destacadamente no segundo ano de vida do caçula. As mulheres passaram a considerar que ainda tinham que aprender, pois cada filho era único.

A relação com o segundo filho e as impressões da mãe sobre esse bebê foram repletas de comparações com o primogênito. Quanto às comparações, inicialmente, o que parecia uma dificuldade da mãe de perceber essa criança como



alguém singular, com o passar do tempo foi se mostrando como um recurso para diferenciar os filhos, inaugurando a lógica do relativo, a partir das confrontações entre o semelhante, o diferente e o complementar entre os filhos (Kancyper, 1999). A mãe é total com cada filho e vive uma experiência diferente com cada um, através de seu desenvolvimento, internalizando a imagem psíquica de cada criança, individualmente (Benedek, 1983; Winnicott, 1966/1987). No presente estudo, as mães comparavam os filhos, mas não os confundiam. Elas seguem tendo imagens e mantendo suas identidades distintas de cada criança. Contudo, na primeira infância as crianças costumam carregar mais uma imagem idealizada que os pais projetam nelas, mas que deve dar espaço para que sejam quem são, não o que os genitores esperam (Benedek, 1983). A partir do crescimento e da maior independência do segundo filho, foi sendo criado espaço para que ele se tornasse reconhecido por sua singularidade, tornando-se inconfundível com o primeiro.

Outro fator importante, encontrado no presente estudo, foi o relato das mães, que afirmaram terem gerado menos expectativas em relação ao segundo filho, em especial, na gestação. As mães afirmavam que a novidade seria quando a criança nascesse. Podemos compreender essa tentativa de não gerar tantas expectativas, a partir de Winnicott (1966/1987), quando se refere à mãe que espera um filho, como uma anfitriã de um novo ser alojado nela, tendo que aguardar pela chegada do desconhecido. Ao tentar esperar pelo segundo filho nessa postura, as mães também pareciam indicar o diferente investimento narcísico nesse bebê. Nesse sentido, o fato de o segundo filho não ser o mais investido narcisicamente também possibilitou às mães falarem de sentimentos ambivalentes e vivenciar o tornar-se mãe dessa criança, de forma menos idealizada. Assim, a verdadeira criança parecia se revelar, a partir de seu crescimento e do tempo necessário para que a mãe a conhecesse. Uma nova mãe também emergia nesse processo. A criação de espaço para acolher mais um bebê tem sido pouco explorada na literatura, mas representa um enorme desafio para a mãe, que tem que se dividir entre as crianças, o marido e demais familiares.

A relação com a própria mãe foi sendo modificada desde a gestação, até o período final desse estudo. Uma aproximação gradativa da avó materna foi uma conquista do processo de tornar-se mãe de um segundo filho, não apenas em termos de apoio, mas de afinidade e identificação com um modelo dessa figura feminina e de crítica aos pontos de divergência. Em geral, a partir das semelhanças e particularidades encontradas nos casos, saltou aos olhos, apenas

num “segundo” momento, a importância do “complexo fraterno” e seu impacto na maternidade, a partir da forma de se relacionar com o segundo filho.

Diante do exposto, o “complexo fraterno” permeou o tornar-se mãe de um segundo filho, tanto no que se referiu às impressões das mulheres sobre si próprias como mãe dessa criança, quanto na relação com o bebê, a mãe e o marido, desde a gestação até o segundo ano do caçula. Cabe destacar que as repercussões do “complexo fraterno” na maternidade de um segundo filho não foram investigados em estudos anteriores e a construção de hipóteses foi sendo realizada durante a análise e discussão dos resultados. Nos dois estudos sobre a maternidade de um segundo, apenas Frost (2006) mencionou que as mães se apoiaram em sua experiência e posição como irmãs para buscar compreender os dois filhos. Contudo, a autora não explorou aspectos ligados diretamente ao “complexo fraterno”. Quanto à relação das participantes com suas próprias mães, também não houve discussão que aprofundasse esse aspecto, a não ser quando Frost citou que as mães de um segundo filho, não queriam replicar aspectos considerados inadequados em sua própria história, como estabelecer uma relação distante com os filhos. O’Reilly (2004) enfatizou a possibilidade de planejar intervenções em contexto hospitalar, tendo em vista sua formação em enfermagem e seu trabalho em maternidades. Nenhum desses estudos se deteve ao significado do segundo filho para o tornar-se mãe.

Sendo assim, depois de entrar num terreno desconhecido que foi o estudo do tornar-se mãe de um segundo filho, construir hipóteses para compreender de forma profunda esse processo e sair com a possibilidade de ter encontrado pensamentos diferentes e férteis, tão distantes do senso comum, foi a principal riqueza dessa pesquisa. Recomenda-se que estudos futuros usem este conceito como norteador da análise e interpretação dos dados. Essa tese agregou não somente conhecimento, mas uma revisão de meu próprio percurso acadêmico e pessoal, em que ter produzido a dissertação, observando através do método Bick, uma mãe com quatro filhos pequenos, em idades próximas, cheguei a esse segundo estudo, a tese, realizada com quatro mães com dois filhos. A sensação é que valeu à pena me embrenhar por um terreno pouco explorado, que foi deixado em segundo plano, também na literatura. Assim, a tese também propiciou que o entendimento do tema se construísse a partir dos relatos das mães. Considera-se uma contribuição desse estudo a investigação de aspectos envolvidos no tornar-se mãe do segundo filho, incluindo o bebê, a avó materna e o pai da criança, bem

como o aprofundamento desse tema no contexto nacional. Ainda assim, outros estudos que incluíssem mais participantes poderiam trazer novos subsídios às ideias que foram aqui apresentadas. Da mesma forma, incluir o pai e sua percepção da chegada de um segundo filho, bem como os atravessamentos do “complexo fraterno” na parentalidade, poderia ampliar o entendimento do tema.

## REFERÊNCIAS

- Adams, W. J. (1985). The missing triad: the case of two-child families. *Family Process*, 24, 409-413.
- Arendell, T. (2000). Conceiving and investigating motherhood: The decade's scholarship. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 1192-1207.
- Balsam, R. H. (1996). The pregnant mother and the body image of the daughter. *Journal of the American Psychoanalytical Association*, 44(Suppl.), 401-427.
- Balsam, R. H. (2000). The mother with the mother. *Psychoanalytic Quarterly*, 69, 465-492.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trans.). São Paulo, Brasil: Edições 70/Livraria Martins Fontes.
- Barker, C.; Pistrang, N., & Elliot, R. (1994). *Research Methods in Clinical and Counseling Psychology*. New York: Wiley.
- Barnard, K. E. & Scolchany, J. E. (2002). Mothering. In Marc. H. Bornstien (Ed.) *Handbook of Parenting: Being and Becoming a Parent*. 2. ed. V. 3. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Barros, I. P. M. de (2004). *Características psicológicas da primeira e da segunda gravidez: o uso do DFH e do TAT na assistência pré-natal*. Unpublished master's thesis. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Universidade de São Paulo. Dissertation Abstract, retrieved in January 08, 2008, from Banco de Teses CAPES database. São Paulo, Brasil.
- Baydar, N.; Greek, A., & Brooks-Gunn, J. (1997). A longitudinal study of the effects of the birth of a sibling during the first 6 years of life. *Journal of Marriage and the Family*, 59, 939-956.
- Baydar, N., Hyle, P., & Brooks-Gunn, J. (1997). A longitudinal study of the effects of the birth of a sibling during preschool and early grade school years. *Journal of Marriage and the Family*, 59, 957-965.
- Benedek, T. (1983). La condición de progenitor durante el ciclo de vida. Em Anthony, E. J., & Benedek, T. *Parentalidad*. (pp. 190-211). Buenos Aires: ASSAPIA Amorrortu Editores.
- Benghozi, P. & Féres-Carneiro, T. (2001). Laço fraterno e continente fraterno como sustentação do laço genealógico (pp. 112-118). In: Féres-Carneiro, T. *Casamento e família: do social à clínica*. Rio de Janeiro: Nau Editora.
- Bernazzani, O., Conroy, S., Marks, M. N., Siddle, K. A., Guedeney, N., Bifulco, A. Asten IN PRESS Figueiredo B.; Gorman L. L.; Bellini, S.; Glatigny-

- Dallay, E.; Hayes S.; Klier, C. M.; Kammerer, M. H.; Henshaw, C. A.; (2004). Contextual assessment of the maternity experience: Development of an instrument for cross-cultural research. *The British Journal of Psychiatry*, 46, 24-30.
- Bigner, J. J. (1974). Second borns' discrimination of sibling role concepts. *Developmental Psychology*, 10(4), 564-573.
- Bornstein, M. H. (2005). Parenting Matters. *Infant and Child Development*, 14, 311-314.
- Brazelton, B. T. (1988). O desenvolvimento do apego: uma família em formação. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brazelton, B. T., & Cramer, B. G. (1992). As primeiras relações. (M. B. Cipolla, Trans.). São Paulo: Martins Fontes.
- Britto, N. (2002). *Rivalidade fraterna: o ódio e o ciúme entre irmãos*. São Paulo: Ágora.
- Brown, S.; Small, R. (1997). Being a 'good mother'. *Journal of Reproductive & Infant Psychology*, 15(2), 185-201.
- Brusset, B. (1987). El vinculo fraterno y el psicoanálisis. *Revista de Psicoanálisis*, 44(2), 313-323.
- Bydlowski, M. (2002). O olhar interior da mulher grávida: transparência psíquica e representação do objeto interno. In L.C. Filho, M.E.G. Corrêa & P.S. França (Eds.). *Novos olhares sobre a gestação e a criança de 0 a 3 anos - Saúde perinatal, educação e desenvolvimento do bebê*. Brasília: L.G.E.
- Bydlowski, M. (1995). La relation foeto-maternelle et la relation de la mère à son foetus. In *Nouveau traité de psychiatrie de l'enfant et de l'adolescent* (pp. 1881-1891). Paris: Presses Universitaires de France.
- Caron, N. A.; Fonseca, M.; Lopes, R. C. S. (2008). The baby and his majesties: some reflexions on human helplessness. *Infant Observation*, 11(1), 67-76.
- Caron, N. A.; Matte, L. D. da S.; Cardoso, M. G.; Lopes, R. de C. S., & Dalcin, V. E. (2000). Vivenciando a violência sutil: o impacto emocional diante de tendências humanas comuns. In Caron, N. (Ed.) (2000). *A relação pais-bebê: da observação à clínica* (pp. 45-59). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (2001). *As mudanças no ciclo de vida: uma estrutura para a terapia familiar*. (M. A. V. Veronese, Trans.). Porto Alegre: Artes Médicas.

- Choi, P., Henshaw, C., Baker, S. & Tree, J. (2005). Supermum, superwife, supereverything: performing femininity in the transition to motherhood. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 23(2), 167-180.
- Colarusso, C. A. (1990). The third individuation: the effect of biological parenthood on separation-individuation process in adulthood. *Psychoanalytic Study of the Child*, 45, 179-194.
- Colarusso, C. A. (1992). *Child and adult development: a psychoanalytic introduction for clinicians*. New York: Plenum Press.
- Coldebella, N. (2006). *Expectativas e sentimentos de gestantes primíparas e secundíparas sobre seus bebês*. Unpublished master's thesis. Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- Correia, M. de J. (1998). Sobre a maternidade. *Análise Psicológica*, 3(16), 365-371.
- Cramer, B. (1997). *Segredos femininos: de mãe para filha*. (P. C. Ramos, Trans.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cramer, B., & Palácio-Espasa, F (1993). *Técnicas psicoterápicas mãe-bebê: estudos clínicos e teóricos*. (F. F. Settineri, Trans.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cunha, J., & Nunes, M. (1993). *Teste das fábulas: Forma verbal e pictórica*. São Paulo, SP: Centro Editor de Testes e Pesquisa em Psicologia.
- Cutting, A. L., & Dunn, J. (2006). Conversations with siblings and with friends: Links between relationship quality and social understanding. *British Journal of Developmental Psychology*, 24(1), 73-87.
- Dessen, M. A. (1992). *Efeitos do nascimento de uma segunda criança no comportamento e nas relações entre o primogênito e genitores*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Dessen, M. A. (1984). *Interações pais-primogênito quando da chegada de uma segunda criança na família – um estudo de caso*. Unpublished master's thesis. Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2000). Rede social de apoio durante as transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), 221-231.
- Dias, E. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.

- Dunn, J. (2005). Commentary: Siblings in their families. *Journal of Family Psychology, 19*(4), 654-657.
- Dunn, J. (1995). From one child to two: what to expect, how to cope, and how to enjoy your growing family. New York: Fawcett Books.
- Dunn, J. (1983). Sibling relationships in early childhood. *Child Development, 54*, 787-811.
- Dunn, J., Brown, J., & Beardsall, L. (1991). Family talk about feeling states and children's later understanding of other's emotions. *Developmental Psychology, 27*, 448-455
- Dunn, J.; Davies, L. C., & O'Connor, T. G. (2000). Parent's and partner's life course and family experiences: links with parent-child relationships in different family settings. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 8*, 955-968.
- Dunn, J., & Herrera, C. (1997). Conflict resolution with friends, siblings, and mothers: A developmental perspective. *Aggressive behavior, 23*, 343-357.
- Dunn, J., & Kendrick, C. (1981). Social behavior of young siblings in the family context: Differences between same-sex and different-sex dyads. *Child Development, 52*(4), 303-311.
- Dunn, J.; & Munn, P. (1985). Becoming a family member: conflict and development of social understanding in the second year. *Child Development, 56*, 480-492.
- Dunn, J.; Plomin, R., & Daniels, D. (1986). Consistency and change in mother's behavior toward young siblings. *Child Development, 57*, 348-356.
- Faimberg, H. (1985). El telescopaje de generaciones: la genealogia de ciertas identificaciones. *Revista de Psicoanálisis, 42*(5), 1043-56.
- Fagundes, E. A. (2002). *Relação mãe-filho primogênito diante da chegada do segundo filho*. Unpublished master's thesis. Universidade São Marcos. Dissertation Abstract, retrieved in January 11, 2008, from Banco de Teses CAPES database. São Marcos, SP, Brasil.
- Ferrari, A., Piccinini, C., & Lopes, R. de C. S. (2006). O narcisismo no contexto da maternidade: algumas evidências empíricas. *Psico, 37*(3), 271-278.
- Field, T., & Reite, M. (1984). Children's responses to separation from mother during the birth of another child. *Child Development, 55*(4), 1308-1316.

- Fraiberg, S.; Adelson, E., & Shapiro, V. (1994). Fantasmas no quarto do bebê: uma abordagem psicanalítica dos problemas que entavam a relação mãe-bebê. *Revista do Ceapia*, 7(7), 12-33.
- Freitas, A. P. C. O. (2008). *Práticas educativas parentais em relação ao filho único e ao primogênito em famílias com dois filhos*. Unpublished master's thesis. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.
- Freud, S. (1969). Sobre o narcisismo. In J. Salomão (Ed.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 14, pp. 77-108). Rio de Janeiro: Imago. (Original published in 1914)
- Freud, S. (1969). O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. Conferência XXI. In J. Salomão (Ed.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 16, pp. 325-342). Rio de Janeiro: Imago. (Original published in 1916)
- Freud, S. (1969). O Tabu da Virgindade (contribuições à psicologia do amor III). In J. Salomão (Ed.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. XI, pp. 197-216). Rio de Janeiro: Imago. (Original published in 1918[1917]).
- Freud, S. (1969). O estranho. In J. Salomão (Ed.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 17, pp. 235-269). Rio de Janeiro: Imago. (Original published in 1919)
- Freud, S. (1969). Psicologia de grupo e a análise do ego. In J. Salomão (Ed.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 18, pp. 79-154). Rio de Janeiro: Imago. (Original published in 1921)
- Freud, S. (1969). O ego e o id. In J. Salomão (Ed.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 19, pp. 15-80). Rio de Janeiro: Imago. (Original published in 1923)
- Freud, S. (1969). O mal-estar na civilização. In J. Salomão (Ed.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (Vol. 21, pp. 67-148). Rio de Janeiro: Imago. (Original published in 1930)
- Frost, N. (2006). Taking the other out of mother: A qualitative study of the transition to second-time motherhood using narrative analysis. Doctoral Thesis. Birbeck College, London, UK.



- Frost, N. (2005). Taking the other out of mother: A qualitative study of the transition to second-time motherhood using narrative analysis. In *Counselling and Psychotherapy Research*, 5(2), 150-186.
- Furman, W., & Lanthier, R. (2002). Parenting Siblings. In Marc. H. Bornstien (ed.) *Handbook of Parenting: Children and Parenting*. 2. ed. V. 1. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Goldsmith, R. & Féres-Carneiro, T. (2007). A função fraterna e as vicissitudes de ter e ser um irmão. *Psicologia em Revista*, 13(2), 293-308.
- Goldstein, L., Diener, M., & Mangelsdorf, S. (1996). Maternal characteristics and social support across the transition to motherhood: Associations with maternal behavior. *Journal of Family Psychology*, 10, 60-71.
- Golse, B. (2002). O que temos aprendido com os bebês. In L. Corrêa Filho, M.E.G. Corrêa & P.S. França. (Eds.) *Novos olhares sobre a gestação e a criança de 0 a 3 anos - Saúde perinatal, educação e desenvolvimento do bebê*. Brasília: L.G.E.
- Golse, B. (2003). Sobre a psicoterapia pais-bebê: narratividade, filiação e transmissão. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Gottlieb, L., & Baillies, J. (1995). Firstborns' behaviors during a mother's second pregnancy. *Nursing Research*, 44, 356-362.
- Gottlieb, L. N., & Mendelson, M. J. (1995). Mothers' moods and social support when a second child is born. *Maternal-Child Nursing Journal*, 23(1), 3-14.
- Grigoletti, L. V. S. (2005). A influência da ultra-sonografia na representação do filho imaginário – filho real. *Psico*, 36(2), 149-157.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia – GIDEP/UFRGS/CNPq (2005a). *Ficha de Contato Inicial*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia – GIDEP/UFRGS/CNPq (2005b). *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia – GIDEP/UFRGS/CNPq (2005c). *Entrevista de Dados Demográficos*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia – GIDEP/UFRGS/CNPq (2005d). *Entrevista sobre a Gestação e as Expectativas da Gestante*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia – GIDEP/UFRGS/CNPq (2006e). *Experiência da Maternidade e o Desenvolvimento do Segundo Filho aos 6 meses*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia – GIDEP/UFRGS/CNPq (2006f). *Experiência da Maternidade e o Desenvolvimento do Segundo Filho aos 12 meses*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia – GIDEP/UFRGS/CNPq (2007g). *Experiência da Maternidade e o Desenvolvimento do Segundo Filho aos 24 meses*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia – GIDEP/UFRGS/CNPq (2006h). *Relacionamento familiar aos 6 meses do segundo filho*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia – GIDEP/UFRGS/CNPq (2006i). *Relacionamento familiar aos 12 meses do segundo filho*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia – GIDEP/UFRGS/CNPq (2007j). *Relacionamento familiar aos 24 meses do segundo filho*. Instrumento não-publicado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Guendouzi, J. (2005). “I feel quite organized this morning”: How mothering is achieved through talk. *Sexualities, Evolution and Gender*, 7(1), 17-35.
- Hare-Mustin, R. T., & Broderick, P. C. (1979). The myth of motherhood: A study of attitudes toward motherhood. *Psychology of Women Quarterly*, 4(1), 114-129.

- Hoffman, L. (2003). Mothers' Ambivalence with Their Babies and Toddlers: Manifestations of Conflicts. *Journal of American Psychoanalytic Association*, 51, 1219-1240.
- Hoffman, L. (2004). When Daughter Becomes Mother: Inferences from Multiple Dyadic Parent-Child Groups. *Psychoanalytic Inquiry*, 24(5), 629-656
- Hollingshead, A. (1975). *The four-factor index of social status*. Yale University. (Unpublished manuscript)
- Houzel, D. (1997). Lês dimensions de la parentalité. *Journal de la Psychanalyse de l'Enfant, Les Parents*, 21, 165-189.
- Houzel, D. (2004). Los retos de la parentalidad. In L. Solis-Ponton (Ed.). *La parentalidad: desafío para el tercer milenio: un homenaje internacional a Serge Lebovici* (pp. 27-31). México: Editorial El Manual Moderno.
- Kaës, R. (2005). O complexo fraterno. In R. Kaës. *Os espaços psíquicos comuns e compartilhados: transmissão e negatividade* (pp. 139-154). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kancyper, L. (2004). El complejo fraterno: estudio psicoanalítico. Buenos Aires: Lumen (Tercer Milenio).
- Kancyper, L. (2002). O complexo fraterno e suas quatro funções. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 9(1), 9-38.
- Kancyper, L. (1999). *Confronto de gerações: estudo psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kehl, M. R. (2000). Existe a função fraterna? (pp. 31-47). In M. R. Kehl (Ed.). *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Kendrick, C., & Dunn, J. (1980). Caring for a second baby: Effects on interaction between mother and first-born. *Developmental Psychology*, 16 (4), 303-311.
- Knox, D., & Wilson, K. (1978). The Differences between Having One and Two Children. *The Family Coordinator*, 27(1), 23-25.
- Kojima, Y. (1999). Mothers' adjustment to the birth of a second child: a longitudinal study on use of verbal and nonverbal behaviors toward two children. *Psychological Reports*, 84(1), 141-144.
- Kojima, Y.; Irisawa, M., & Wakita, M. (2005). The impact of a second infant o interactions of mothers and firstborn children. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 23(1), 103-114.

- Kowaleski-Jones, L., & Dunifon, R. (2004). Children's home environment: Understanding the role of family structure changes. *Journal of Family Issues*, 25, 3-28.
- Kramer, L., & Ramsburg, D. (2002). Advice given to parents on welcoming a second child: a critical review. *Family Relations*, 51, 2-14.
- Kreppner, K. (2000). The child and the family: interdependence in developmental pathways. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(1), 11-22.
- Kreppner, K. (1988). *Changes in parent-child relationships with the birth of the second child*. In R. Palkovitz & M. B. Sussman (Eds.). New York: The Haworth Press.
- Kreppner, K, Paulsen, S, & Schuetze, Y. (1982). Infant and family development: From triads to tetrads. *Human Development*, 25(6), 373-391.
- Krieg, D. L. B. (2007). Does motherhood get easier the second-time around? Examining parenting stress and marital quality among mothers having their first or second child. *Parenting: Science and Practice*, 7(2), 149-175.
- Kruger, L-M. (2003). Narrating motherhood: The transformative potential of individual stories. *South African Journal of Psychology*, 33(4), 198-204.
- Jenkins, J. M., Dunn, J., O'Connor, T. G., Rasbash J., & Behnke, P. (2005). Change in maternal perception of sibling negativity: within- and between-family influences. *Journal of Family Psychology*, 19(4), 533-541.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (1995). *Vocabulário de psicanálise*. (P. Tamen, Trans.) São Paulo: Martins Fontes.
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas*. (Heloisa Monteiro & Francisco Settineri, Trans.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lebovici, S. (1992). Maternidade. (pp. 41-61). In G. Costa & G. Katz. *Dinâmica das relações conjugais*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lebovici, S. (1987). *O bebê, a mãe e o psicanalista*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Levitt, M., Weber, R. & Clark, M. (1986). Social network relationships as sources of maternal support and well-being. *Developmental Psychology*, 22, 310-316.
- Liamputtong, P., Yimyam, S., Parisunyakul, S., Baosoung, C., & Sansiriphun, N. (2004). When I become a mother!: Discourses of motherhood among Thai women in Northern Thailand. *Women's Studies International Forum*, 27, 589-601.

- Lopes, R. C. S.; Oliveira, D. S. de; Pereira, C. R. R.; Vivian, A. G.; Piccinini, C. A. Desafios para a maternidade no contexto da gestação e do nascimento de um segundo filho. In *Parentalidade: Da gestação à escola* (in press). Piccinini, C. A. & Alvarenga, P. (Eds).
- Lopes, R. C. S.; Vivian, A. G.; Geara, G. B., & Piccinini, C. A. “Às vezes, eu fico com medo do novo”: Expectativas e sentimentos maternos em relação ao segundo filho na gestação. (manuscript in preparation).
- Lopes, Piccinini, C., R. S., Rossato, C. R., & Oliveira, D. S. (2005). *Estudo Longitudinal sobre o Impacto do Nascimento do Segundo Filho na Dinâmica Familiar e no Desenvolvimento Emocional do Primogênito*. Projeto de pesquisa não publicado, apoiado por recursos do CNPq. Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Lopes, R. C. S., Vivian, A., Oliveira, D. S., Silva, C., Piccinini, C., & Tudge, J. (2009). “Quando eles crescem, eles voam”: Percepções e sentimentos maternos frente ao desenvolvimento infantil aos 18 - 20 meses. *Psicologia em Estudo, 14*(2), 221-232.
- Lopes, R. C. S., Caron, N. A., Thormann, L. L., & Ribas, A. (2009). Tornar-se mãe no processo de amadurecimento: implicações para a ética do cuidado. Trabalho apresentado no II Colóquio Winnicott de Porto Alegre: A ética do cuidado.
- Lopes, R. C. S., Oliveira, D. S., Vivian, A. G., Bohmgahren, L. M. C., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos maternos frente ao desenvolvimento da criança aos 12 meses: convivendo com as novas aquisições infantis. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 23*(1), 5-16.
- Lopes, R. C. S., Vivian, A., Oliveira, D. S., Silva, C., Piccinini, C., & Tudge, J. (2009). “Quando eles crescem, eles voam”: Percepções e sentimentos maternos frente ao desenvolvimento infantil aos 18 - 20 meses. *Psicologia em Estudo, 14*(2), 221-232.
- Lorensen, M., Wilson, M. E., & White, M. A. (2004). Norwegian families: transition to parenthood. *Health Care for Women International, 25*, 334-348.
- Mahler, M. (1982). *O processo de separação-individuação*. (H. M. de Souza, Trans.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original published in 1979)
- Maldonado, M. T. (1994). *Psicologia da gravidez*. 14. ed. Petrópolis: Vozes.

- Maldonado, M. T., Dickstein, J., & Nahoum, J. C. (1996). *Nós estamos grávidos*. São Paulo: Saraiva.
- McHalle, S. M., Crouter, A. C., McGuire, S. A., & Updegraff, K. A. (1995). Congruence between mothers' and fathers' differential treatment of siblings: links with family relations and children's well-being. *Child Development*, *66*, 116-128.
- Mercer, R. T. (2004). Becoming a mother versus maternal role attainment. *Journal of Nursing Scholarship*, *36*, 3, 226-232.
- Möller, K. Hwang, C. P. & Wickberg, B. (2006). Romantic attachment, parenthood and marital satisfaction. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, *24*(3), 233-240.
- Muslow, M.; Caldera, Y.; Pursley, M.; Reifman, A., & Huston, A. (2002). Multilevel factors influencing maternal stress during the first three years. *Journal of Marriage and Family*, *64*, 944-956.
- Nelson, A. M. (2003). Transition to motherhood. *Journal of Obstetric, Gynecologic, & Neonatal Nursing*, *32*, 465-477.
- Nimela, P. (1980). The emotional development of children during the formative years with respect to modern ambivalence and the idealization of motherhood. *Nordisk Psykologi*, *32*, 157-159.
- Oliveira, D. S. (2006). *Os comportamentos de dependência e de independência do primogênito e as percepções maternas no contexto de gestação do segundo filho*. Unpublished master's thesis. Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- O'Reilly, M. M. (2002). The experience of maternal transition to second-time parenthood. Doctoral Thesis. University of Connecticut, USA.
- O'Reilly, M. M. (2004). Achieving a New Balance: Women's Transition to Second-Time Parenthood. *Journal of Obstetric, Gynecologic, & Neonatal Nursing*, *33*(4), 455-462.
- Passos, M. C. (2007). Funções materna e paterna em famílias homoparentais (pp. 269-282). In Féres-Carneiro, T. (Ed.). *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Passos, M. C. (2005). Nem tudo que muda, muda tudo: um estudo sobre as funções da família (pp. 11-23) In Féres-Carneiro, T. (Ed.). *Família e casal: efeitos da contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio.

- Parker, R. (2005). *Torn in two: The experience of maternal ambivalence*. London: Virago Press.
- Pereira, C. R. R. (2006). *Impressões e sentimentos maternos sobre o relacionamento mãe-primogênito durante a gestação do segundo filho*. Unpublished master's thesis. Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Pereira, C. R. R. (2009). *A rivalidade fraterna da gestação aos 24 meses do segundo filho*. Unpublished doctoral dissertation project. Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Pereira, C. R. R., & Piccinini, C. A. (2007). O impacto da gestação do segundo filho na dinâmica familiar. *Estudos de Psicologia, 24*(3), 385-395.
- Piccinini, C. A., Pereira, C. R. R., Marin, A. H., Tudge, J. (2007). O nascimento do segundo filho e as relações familiares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 23*(3), 253-262.
- Piccinini, C. A., Lopes, R. S., Gomes, A. G., Nardi, T. (2008). Gestação e a constituição da maternidade. *Psicologia em Estudo, 13*(1) 63-72.
- Piccinini, C. A.; Gomes, A. G.; Moreira, L. E. & Lopes, R. C. S. (2004). Expectativas e sentimentos da gestante em relação ao seu bebê. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 20*(3) 223-232.
- Raeff, C. (1996). A cultural analysis of maternal self-conceptions. *Journal of Applied Developmental Psychology, 17*, 271-306.
- Raphael-Leff, J. (1997). *Gravidez: a história anterior*. (R. D. Pereira, Trans.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Resolução nº 016/2000, de 20/12/2000. Dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos. Conselho Federal de Psicologia.
- Richardson, P. (1983). Women's perceptions of changes in relationships shared with children during pregnancy. *Maternal-Child Nursing Journal, 12*, 75-88.
- Romero, J. L. (1956). *Las ideas políticas em la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- Rosen, K., & Burke, P. (1999). Multiple attachment relationships within families: mothers and fathers with two young children. *Developmental Psychology, 35*(2), 436-444.

- Ruffo, M. (2003). *Irmãos: como entender essa relação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Rustin, M. (2007). Taking account of siblings: a view from child psychotherapy. *Journal of Child Psychotherapy*, 33(1), 21-35.
- Salmela-Aro, K., Nurmi, J-E.; Saisto, T., & Halmesmäki, E. (2000). Women's and men's personal goals during transition to parenthood. *Journal of Family Psychology*, 14(2), 171-186.
- Shelton, N., & Johnson, S. (2006). 'I think motherhood for me was a bit like a double-edged sword': The narratives of older mothers. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 16, 316-330.
- Solis-Ponton, L., & Lebovici, S. (Eds.) (2006). *Ser pai, ser mãe, parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Stake, R. (1994). *Handbook of quality research*. London: Sage.
- Steiner, D. (1999). The toddler and the wider world (pp. 48-62). Em Debbie Hindle & Marta Vaciago Smith. *Personality development: a psychoanalytic perspective*. London: Routledge.
- Stern, D. N. (1997). *A constelação da maternidade: o panorama da psicoterapia pais/bebê*. (M.A.V. Veronese, Trans.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Stern, D. N., Bruschiweiler-Stern, N., & Freeland, A. (1999). *El nacimiento de una madre: como la experiencia de la maternidad te cambia para siempre*. Barcelona: Paidós Ibérica.
- Stewart, R. B. (1990). *The Second Child: Family Transition and Adjustment*. London: Sage.
- Stewart, R. B., Mobley, L. A., Van Tuyl, S. S., & Salvador, M. A. (1987). The firstborn's adjustment to the birth of a sibling: A longitudinal assessment. *Child Development*, 58, 341-355.
- Szejer, M., & Stewart, R. (2002). *Nove meses na vida da mulher: Uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento* (M. N. B. Benetti, Trans.), 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Tardy, R. W. (2000). "But I am a good mom": The social construction of motherhood through health-care conversations. *Journal of Contemporary Ethnography*, 29(4), 433-473.
- Teti, D. M., Sakin, J. W., Kucera, E., Corns, K., & Eiden, R. D. (1996). And baby makes four: predictors of attachment security among preschool-age firstborns during the transition to siblinghood. *Child Development*, 67, 579-596.



- Trad, P. (1990). On becoming a mother: In the throes of development transformation. *Psychoanalytic Psychology*, 7(3), 341-361.
- Tudge, J. R. H. & Frizzo, G.F. (2002). *Classificação baseada em Hollingshead do nível sócio-econômico das famílias do estudo longitudinal de Porto Alegre: da gestação à escola*. Manuscrito não publicado. Porto Alegre. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Tyson, P. (2000) Amor e ódio, mãe e filha, crescendo como mulher. *Revista Latino-Americana de Psicanálise – FEPAL*, 4(1), 45-56.
- Upton, R. (2000). "The Next One Changes Everything": Parental Adjustment to the Second Child Among Middle-Class American Families. The Center of Ethnography for Everyday Life. University of Michigan. Retrieved in September 9, 2007, from <http://ceel.psc.isr.umich.edu/pubs/papers/ceel008-00.pdf>.
- Vivian, A. G. (2006). O desenvolvimento emocional de um bebê em uma família numerosa: uma aplicação do método Bick. Unpublished Master's Thesis, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Volling, B. L. (2005). The transition to siblinghood: A developmental ecological systems perspective and directions for future research. *Journal of Family Psychology*, 19(4), 542-549.
- Walz, B. L., & Rich, O. J. (1983). Maternal tasks of taking-on a second child in the postpartum period. *Maternal-Child Nursing Journal*, 12(3), 185-216.
- Weaver, J. J., & Ussher, J. M. (1997). How motherhood changes a life – a discourse analytic study with mothers of young children. *Reproductive & Infant Psychology*, 15(1), 51-69. Retrieved in September 10, 2007 from [www.scholar.google.com.br](http://www.scholar.google.com.br).
- Winnicott, D. W. (2005). A influência do desenvolvimento emocional sobre os problemas de alimentação. In D. W. Winnicott. *Pensando sobre crianças*. (M. A. V. Veronese, Trans.). 2. reimp. Porto Alegre: Artmed. (Original published in 1967)
- Winnicott, D. W. (2005). A experiência mãe-bebê de mutualidade. In D. W. Winnicott *Explorações psicanalíticas* (pp. 195-202) (J. O. de A. Abreu, Trans.). Porto Alegre: Artes Médicas (Original published in 1969)
- Winnicott, D. W. (2000). A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional (pp. 288-304). In D. W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise:*

- Obras escolhidas* (D. L. Bogomoletz, Trans.). Rio de Janeiro: Imago. (Original published in 1950-55).
- Winnicott, D. W. (2000). A preocupação materna primária (pp. 399-405). In D. W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas* (D. L. Bogomoletz, Trans.). Rio de Janeiro: Imago. (Original published in 1956).
- Winnicott, D. W. (2000). Retraimento e regressão (pp. 347-354) In D.W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação*. (J. L. Camargo, Trans.). São Paulo: Martins Fontes. (Original published in 1954)
- Winnicott, D. W. (2000). O desenvolvimento emocional primitivo (pp. 218-232). In D. W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas* (D. L. Bogomoletz, Trans.) Rio de Janeiro: Imago. (Original published in 1945).
- Winnicott, D. W. (1999). A criança no grupo familiar (pp. 123-136). In D.W. Winnicott. *Tudo começa em casa*. (D. P. Sandler, Trad.) 3. ed. São Paulo: Martins Fontes. (Original published in 1966)
- Winnicott, D. W. (1999). Este feminismo (pp. 183-195) In D.W. Winnicott. *Tudo começa em casa*. (D. P. Sandler, Trad.) 3. ed. São Paulo: Martins Fontes. (Original published in 1964)
- Winnicott, D. W. (1993). O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. In D. W. Winnicott (pp. 21-28). *A família e o desenvolvimento individual*. (M. B. Cipolla, Trans.). São Paulo: Martins Fontes. (Original published in 1960)
- Winnicott, D. W. (1993). The family and emotional maturity (pp. 207-214). In D. W. Winnicott. *Family and individual developmnt*. Cambridge: Perseus Publishing. (Original published in 1965)
- Winnicott, D. W. (1993) Fatores de integração e desintegração na vida familiar (pp. 59-72). In D. W. Winnicott. *A família e o desenvolvimento individual*. (M. B. Cipolla, Trans.). São Paulo: Martins Fontes. (Original published in 1957)
- Winnicott, D. W. (1990). A importância da mãe (pp. 132-133). *A natureza humana*. (D. L. Bogomoletz, Trans.) Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1987). The ordinary devoted mother (pp. 49-55). In D.W. Winnicott. *Babies and their mothers*. Cambridge: Perseus Publishing. (Original published in 1966)
- Winnicott, D. W. (1987). Environmental health in infancy (pp. 49-55). In D.W. Winnicott. *Babies and their mothers*. Cambridge: Perseus Publishing. (Original published in 1967)

- Winnicott, D. W. (1987). Communication between infant and mother, and mother and infant, compared and contrasted (pp. 70-81). In D.W. Winnicott. *Babies and their mothers*. Cambridge: Perseus Publishing. (Original published in 1968)
- Winnicott, D. W. (1983). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo (pp. 38-54). In D. W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (I. C. S. Ortiz, Trans.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original published in 1963).
- Winnicott, D. W. (1982). Alimentação do bebê (pp. 31-36). In D.W. Winnicott. *A criança e o seu mundo*. (A. Cabral, Trans.) Rio de Janeiro: LTC. (Original published in 1945)
- Winnicott, D. W. (1982a). Conheça seu filhinho (pp. 19-25). In D.W. Winnicott. *A criança e o seu mundo*. (A. Cabral, Trans.) Rio de Janeiro: LTC. (Original published in 1964)
- Winnicott, D. W. (1982b). Mais ideias sobre os bebês como pessoas (pp. 95-103). In D.W. Winnicott. *A criança e o seu mundo*. (A. Cabral, Trans.) Rio de Janeiro: LTC. (Original published in 1964)
- Winnicott, D. W. (1982c). E o pai? (pp. 127-133). Em D.W. Winnicott. *A criança e o seu mundo*. (A. Cabral, Trans.) Rio de Janeiro: LTC. (Original published in 1964)
- Winnicott, D. W. (1975). O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil (pp. 153-162). In D. W. Winnicott. *O brincar e a realidade* (J. O. A. Abreu & V. Nobre, Trans.). Rio de Janeiro: Imago. (Original published in 1967)
- Young, P. C., Boyle, K., & Colletti, R. B. (1983). Maternal reaction to the birth of a second child: another side of sibling rivalry. *Child Psychiatry & Human Development*, 14(1), 43-48.

## ANEXO A

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pelo presente Consentimento, declaro que fui informado(a), de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do presente Projeto de Pesquisa, que busca investigar o impacto do nascimento do segundo filho na dinâmica familiar e no desenvolvimento emocional do primogênito.

Estou ciente de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa; terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo a eventuais vínculos com a instituição através da qual fui contatado(a).

Em caso de eventuais desconfortos trazidos pela participação nesta pesquisa, quando caracterizada a necessidade de atendimento psicológico, tenho clareza de que o pesquisador responsabilizar-se-á por meu encaminhamento para um Serviço de Atendimento Emocional gratuito.

Concordo em participar do presente estudo, bem como autorizo, para fins de pesquisa e de divulgação científica a utilização de anotações e gravações realizadas comigo e meu filho. Entendo que o Instituto de Psicologia da UFRGS manterá em sigilo a minha identidade e a da minha família, e que os dados coletados serão arquivados neste mesmo Instituto e serão destruídos depois de decorrido o prazo de cinco anos.

Os pesquisadores responsáveis por este Projeto de Pesquisa são: Prof. Dr. César Augusto Piccinini 3305-5058.

Data:     /     /

Nome do participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

Pesquisador responsável: \_\_\_\_\_

## ANEXO B

### Ficha de Contato Inicial

(adaptada de GIDEP/Nudif, 1998, em 2005)

Nome da mãe:.....

Escolaridade:.....

Trabalha? ( ) sim ( ) não O que faz?.....

Esta é a tua segunda gravidez?.....

O teu primeiro filho é menino ou menina?.....

Qual a idade do teu filho (a)?.....

Com quantos meses tu estás?.....

Tu já sabes o sexo do bebê?.....

Como está tua saúde?.....

Quantos anos tu tens?.....

O pai do bebê vive contigo? Há quanto tempo?.....

Como é o nome dele?.....

Qual é a idade dele?.....

O que ele faz? Qual é a escolaridade dele?.....

Ele tem outros filhos?.....

Endereço:.....

Telefone:.....

Data da Entrevista:.....

Data prevista para o nascimento do bebê:.....

Alternativa de contato (nome):.....

Telefone:.....

## ANEXO C

### Entrevista de Dados Demográficos (GIDEP/Nudif, 2005)

*Eu gostaria de algumas informações sobre você e o teu marido:*

***Esposa:***

- Nome:.....
- Data de nascimento:..... Escolaridade (ano concluído): .....
- Religião:..... Praticante: ( ) sim ( ) às vezes ( ) não
- Estado Civil: ( ) casada ( ) solteira ( ) separada ( ) viúva ( ) com companheiro
- Moras com o pai do bebê? ( ) sim ( ) não Desde quando:.....
- Quem mais mora na casa? .....
- Tu trabalhas fora? ( ) sim ( ) não ( ) desempregada
- O que tu fazes (ias)?.....Horas/semana:..... Não trabalha há ..... meses
- Grupo étnico: .....

***Marido:***

- Nome:.....
- Data de nascimento:..... Escolaridade (ano concluído): .....
- Religião:..... Praticante: ( ) sim ( ) às vezes ( ) não
- Tu trabalhas fora? ( ) sim ( ) não ( ) desempregado
- O que tu fazes (ias)?.....horas/semana:..... Não trabalha há ..... meses
- Grupo étnico: .....

***Filho:***

- Nome:.....
- Data de nascimento:..... Frequenta creche/escola: ( ) sim ( ) não

***Endereço para contato:***.....

Cidade:..... CEP .....

Telefone:.....

Telefone do emprego/contato: Esposa ..... Marido .....

Telefone de um parente/amigo para contato:.....

## ANEXO D

### ENTREVISTA SOBRE A GESTAÇÃO E AS EXPECTATIVAS DA GESTANTE<sup>1</sup> (Terceiro trimestre de gestação) (GIDEP/Nudif, 2005)

**1. *Eu gostaria que tu falasses sobre a tua gravidez, desde o momento em que tu ficaste sabendo, até agora.***

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como tu te sentiste ao receber a notícia da gravidez? Foi uma gravidez planejada?
- Tu precisaste fazer algum tratamento para engravidar?
- Como é para ti estar grávida do segundo filho?
- Como tu te sentiste no início da gravidez (física e emocionalmente)? E agora, como tu te sentes?
- Quais as tuas preocupações em relação à gravidez e ao bebê?
- Como tu te sentes em relação ao parto?
- Como está a tua saúde, desde o início da gravidez até agora?
- Tu tens ido ao médico para acompanhar a gravidez? Quantas vezes tu já foste?
- Já fizeste alguma ecografia? Como tu te sentiste ao ver o bebê?
- Tu viste algo, no bebê, que tenha te chamado à atenção?
- Como tu estás te sentindo em relação às mudanças do teu corpo?

**2. *Tu poderias contar como tem sido para o teu marido, desde que soube da gravidez até agora.***

- Que tipo de apoio tu tens esperado dele durante este período?
- Que tipo de apoio ele tem te oferecido?

**3. *Tu poderias me contar um pouco sobre a reação da tua família e da família do teu marido em relação à tua gravidez.***

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como a tua família reagiu à tua gravidez? (ex. tua mãe e teu pai)
- Como reagiu a família do teu marido? (ex. tua sogra e teu sogro)
- Algum familiar (ou amigo, ou profissional) tem te ajudado durante a gravidez?
- Quem tu esperas que vá te ajudar?

**4. *Agora eu gostaria que tu falasses sobre o teu bebê...***

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- O que tu já sabes sobre o bebê?
- Tu já sabes o sexo do bebê?
- *(Se sabe o sexo)* Como te sentiste quando soubeste que era menina/menino? E como o teu marido se sentiu?
- Alguma coisa mudou entre vocês (*família*) após saber o sexo do bebê?
- *(Se não sabe o sexo)* O que tu gostarias que fosse, menina ou menino? Por quê? E o teu marido?
- Vocês já pensaram num nome para o bebê? Quem escolheu? Algum motivo para a escolha do nome?
- Tu sentes o bebê se mexer? Desde quando? Como é que foi?
- Vocês costumam tocar a barriga ou falar com o bebê? Como tu te sentes?

**5. *Como tu imaginas que vai ser o bebê quando nascer?***

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Que características físicas tu imaginas que o bebê vai ter?
- Como tu imaginas que vai ser o temperamento, o jeito dele? Por quê?
- Com quem tu achas que o bebê vai ser parecido? Por quê?

**6. Como tu imaginas o teu relacionamento com o bebê quando ele nascer?**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como tu te imaginas como mãe deste bebê?
- Como tu te imaginas atendendo o teu bebê (alimentando, consolando, brincando, fazendo dormir)?
- Tem mais alguma coisa que tu te imaginas fazendo com o bebê?
- Como tu te imaginas lidando com o bebê quando ele chorar?
- Como tu te imaginas lidando com o bebê quando ele não quiser comer/mamar?
- Como tu te imaginas lidando com o bebê quando ele não quiser dormir?

**7. Como tu imaginas o relacionamento do teu marido com o bebê?**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Em que tu achas que ele vai te ajudar?

**8. Tu achas que o bebê irá mudar a tua vida e a do teu marido?**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Em que aspectos tu pensas que ocorrerão mudanças (financeiro, social, familiar)?
- Como tu achas que vais te sentir com estas mudanças?
- E quanto ao relacionamento de vocês dois, tu achas que será afetado pelo nascimento do bebê? Como?

**9. Como tu achas que o bebê vai ser quando crescer?**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como tu imaginas que vais criar o teu/tua filho/a?
- O que tu esperas para teu/tua filho/a quando ele/a crescer?
- O que mais tu esperas para ele/a?
- O que tu não gostarias para ele/a?
- Vocês planejam ter outros filhos?

**10. Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?**

<sup>1</sup>Entrevista adaptada por Coldebella, Lopes, Oliveira, Pereira & Piccinini (2005) para ser aplicada a gestantes grávidas do segundo filho.



## ANEXO E

### ENTREVISTA SOBRE A MATERNIDADE E O DESENVOLVIMENTO DO SEGUNDO FILHO AOS SEIS MESES (NUDIF, 2005)

#### 1. Eu gostaria que tu falasses sobre o bebê nestes primeiros meses...

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como está o desenvolvimento/crescimento do/a (2ºfilho)?
- O/a (2ºfilho) tem apresentado algum problema de saúde em particular? Que cuidados exigiu?
- O que ele é capaz de fazer que mais te chame atenção (quais as suas habilidades)?
- Como tu descreverias o jeito do/a (2ºfilho)?
- Era como tu imaginavas? *(Se não era)* O que está diferente?
- Com quem tu achas que ele/a é parecido? *(física e emocionalmente)*  
Era como tu imaginavas? Como tu te sentes com isto?

#### 2. Eu gostaria que tu me falasses sobre o teu dia-a-dia com o/a (2ºfilho).

*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Como está a alimentação do/a (2ºfilho)? Ele/a mama no peito? [idem]
- (Caso houve desmame)* Como foi o desmame?
- Como está o sono do/a (2ºfilho)?
- Em que momentos ele/a chora?
- Como é o comportamento do/a (2ºfilho) no banho, na troca de roupa e/ou de fralda?
- Que tarefas tu tens assumido com relação aos cuidados do/a (2ºfilho)? [idem]
- Que coisas tu mais gostas de fazer com ele/a? Por quê?
- Que coisas tu menos gostas de fazer com ele/a? Por quê?
- Tu costumavas brincar com o/a (2ºfilho)? Com que frequência?
- Que tipo de brincadeira vocês costumam fazer?
- Como ele/a reage a estas brincadeiras?
- Onde o/a (2ºfilho) passa a maior parte do tempo?
- Como tem sido os momentos em que tu ficas longe do/a (2ºfilho)? [idem]  
E quando vocês se reencontram?

#### 3. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre como está sendo a experiência de ser mãe pela segunda vez...

*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Como tu estás te sentindo cuidando novamente de um bebê?
- Que dificuldades tu tens sentido?
- Tu imaginavas que seria assim?
- Como tu te descreverias como mãe do/a (2ºfilho)?
- E como foi o parto? E os primeiros dias depois? Foi como tu imaginavas?

#### 4. Tem outras pessoas te ajudando a cuidar do/a (2ºfilho)?

*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Quantas horas esta pessoa fica?
- Como tu te sentes com outras pessoas cuidando do bebê?
- O que te agrada? O que te incomoda?
- Como o/a (2ºfilho) reagiu no início quando outra(s) pessoa(s) ficava(m) com ele/a?  
E hoje, como ele reage?
- Como esta pessoa é com ele/a?

#### 5. O/a (2ºfilho) foi para a creche/escolinha?

*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

*(Se o bebê foi para a creche/escolinha)*

- Desde quando ele fica na creche/escolinha?
- Como foi a adaptação dele? Como ele está hoje em relação à creche/escolinha?
- Como tu te sentiste? Como tu te sentes hoje em relação à creche?

*(Se não foi para a creche/escolinha)*

- Vocês estão pensando em colocar o bebê na creche/escolinha? Quando? Porque escolheram colocar na creche/escolinha?

**Tu gostarias de acrescentar mais alguma coisa a tudo isso que a gente conversou...**

<sup>1</sup>Entrevista adaptada por Coldebella, Lopes, Oliveira, Pereira & Piccinini (ordem alfabética) com base em outras entrevistas similares do *Núcleo de Infância e Família – NUDIF*, do Instituto de Psicologia da UFRGS.

## ANEXO F

### ENTREVISTA COM A MÃE SOBRE O RELACIONAMENTO FAMILIAR

(Sexto mês de vida do segundo filho)

(NUDIF, 2005)

**1. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o/a (primogênito) desde que o (2º filho) nasceu.**

*(Caso não tenha mencionado) Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como ele reagiu ao teu afastamento durante a hospitalização? [Como tu te sentiu?]
- Como o/a (primogênito) reagiu à chegada do/a (2º filho)? [Idem]
- Como está o relacionamento dele/a com o/a (2º filho)? [Idem]
- Como ele costumava se comportar quando tu estás atendendo/cuidando o/a (2º filho)?
- Alguma coisa parece agradar o/a (primogênito) em relação ao/a (2º filho)?
- E alguma coisa parece desagradar o/a (primogênito) em relação ao/a (2º filho)?

**2. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o relacionamento do/a (primogênito) com vocês, com os parentes e com outras crianças desde que o/a (2º filho) nasceu.** *(Caso não tenha mencionado) Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (primogênito) em relação a ti desde que o/a (2º filho) nasceu? O que aconteceu? [Idem]
- E com o teu marido, tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (primogênito) em relação a ele desde que o/a (2º filho) nasceu? O que aconteceu? [Idem]
- E o que mudou no relacionamento de vocês três (tu, teu marido e teu filho) desde que o/a (2º filho) nasceu? O que aconteceu? [Idem]
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento dele/a com os familiares desde que o (2º filho) nasceu?
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento dele/a com as outras crianças desde que o/a (2º filho) nasceu?

**3. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre a tua experiência de ser mãe de dois filhos.**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como tu estás te sentindo como mãe de dois filhos?
- Como tu te descreverias como mãe de dois filhos?
- Que coisas tu costumava fazer com o/a (primogênito)? E com o/a (2º filho)?
- Tu tens alguma dificuldade como mãe de dois filhos? [Idem]
- Tu vivenciaste alguma situação ou período estressante desde que o/a (2º filho) nasceu? Como foi? [Idem]

**4. Eu gostaria que tu falasses como tu vês o teu marido/companheiro como pai de dois filhos.**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como tu o descreverias como pai de dois filhos?
- Como é o jeito dele lidar com o/a (primogênito)? E com o/a (2º filho)?
- Que coisas ele costuma fazer com o/a (primogênito)? E com o/a (2º filho)?
- Que tipo de apoio ele tem oferecido para atender/cuidar dos dois filhos?
- Vocês têm alguma discordância com relação aos cuidados das crianças? Em quê? Como ele reage?

**5. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o teu relacionamento com o teu marido agora que vocês têm dois filhos.**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como está o teu relacionamento com o teu marido desde que o (2º filho) nasceu?
- Vocês têm algum momento só para vocês dois? Com que frequência isto acontece? O que vocês fazem?
- Tu percebeste alguma mudança no relacionamento de vocês desde que o/a (2º filho) nasceu? [Idem]
- Que tipo de apoio o teu marido tem te oferecido neste momento?
- Que tipo de apoio tu tens esperado dele?
- Tu solicitas ajuda dele? E com relação ao cuidado das crianças? Como ele reage?
- Algum familiar (ou amigo, ou profissional) tem te ajudado?

**6. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o dia-a-dia da tua família agora que vocês têm dois filhos...**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como é um dia típico da tua família?
- Como são os momentos em que estão todos juntos? O que mudou desde o nascimento do (2º filho)?
- Como é um dia típico de fim de semana da tua família? O que mudou desde o nascimento do (2º filho)?
- Teve alguma mudança na família de vocês depois do nascimento do (2º filho)? [Idem]

**7. Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?**

<sup>1</sup>Entrevista elaborada por Coldebella, Lopes, Oliveira, Pereira & Piccinini (ordem alfabética).

## ANEXO G

### ENTREVISTA SOBRE A MATERNIDADE E O DESENVOLVIMENTO DO SEGUNDO FILHO AOS DOZE MESES (GIDEP/Nudif, 2006)<sup>1</sup>

#### **1. Eu gostaria que tu falasses sobre o bebê agora que ele/ela está com um ano...**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como está o desenvolvimento/crescimento do/a (2º filho)?
- O/a (2º filho) tem apresentado algum problema de saúde em particular? Que cuidados exigiu?
- O que ele/a é capaz de fazer que mais te chame atenção (quais as suas habilidades)?
- Como tu descreverias o jeito do/a (2º filho)?
- Era como tu imaginavas? *(Se não era)* O que está diferente?
- Com quem tu achas que ele/a é parecido? *(física e emocionalmente)* Era como tu imaginavas? Como tu te sentes com isto?
- Que coisas o/a (2º filho) mais gosta de fazer? Que coisas ele/a menos gosta?
- Que tipo de coisas ele/a faz que te desagradam? Como tu reages?
- E ele/a como fica ao perceber que te desagradou?

#### **2. Eu gostaria que tu me falasses sobre o teu dia-a-dia com o/a (2º filho).**

*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Como está a alimentação do/a (2º filho)? Ele/a mama no peito? [Como tu te sentes?]
- *(Se não mama no peito)* Como foi o desmame? Quando aconteceu? Como tu te sentiste com isto?
- *(Se ainda mama no peito)* Tu tens intenção de parar de amamentá-lo? Quando?
- Ele/a usa bico/chupeta? Em que momentos?
- *(Se ainda usa bico/chupeta)* Tu tens intenção que ele/a largue o bico/chupeta?
- Como está a comunicação do *(nome)* com vocês? Como tu te sentes com isso?
- Como está o sono do/a (2º filho)?
- Quem de vocês participa mais deste momento?
- Ele/a tem um quarto só para ele/a ou dorme com alguém?
- Em que momentos ele/a chora? Quem o acalma? Como esta pessoa o acalma?
- Como é o comportamento do/a (2º filho) no banho, na troca de roupa e/ou de fralda?
- Que tarefas tu tens assumido com relação aos cuidados do/a (2º filho)? [idem]
- Que coisas tu mais gostas de fazer com ele/a? Por quê?
- Que coisas tu menos gostas de fazer com ele/a? Por quê?
- Tu costumava brincar com o/a (2º filho)? Com que frequência?
- Que tipo de brincadeira vocês costumam fazer?
- Como ele/a reage a estas brincadeiras?
- Onde o/a (2º filho) passa a maior parte do tempo?
- Como tem sido os momentos em que tu ficas longe do/a (2º filho)? [idem] E quando vocês se reencontram?

#### **3. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre a experiência de ser mãe pela segunda vez...**

*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Como tu estás te sentindo cuidando novamente de um bebê?
- Que dificuldades tu tens sentido?
- Tu imaginavas que seria assim?
- Como tu te descreverias como mãe do/a (2º filho)?

#### **4. Tem outras pessoas te ajudando a cuidar do/a (2º filho)?**

*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Quantas horas esta pessoa fica?
- Como tu te sentes com outras pessoas cuidando do bebê?
- O que te agrada? O que te incomoda?
- Como o/a (2º filho) reagiu no início quando outra(s) pessoa(s) ficava(m) com ele/a? E hoje, como ele reage?
- Como esta pessoa é com ele/a?

**5. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre algum objeto preferido do/a (2º filho)...**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Qual é este objeto? *(Caso não seja um objeto)* Seria uma parte do corpo *(da criança/mãe/pai)*?
- Em que momentos o/a *(2º filho)* procura este objeto? E o que ele faz?
- Tu lembras quando isto apareceu?

**6. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre os momentos em que o/a (2º filho) fica longe de ti...**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Quais são estes momentos? Como ele/a reage? E tu, como te sentes?
- Como são os momentos em que vocês se reencontram? Como ele/a reage? E tu, como te sentes?
- Com quem ele/a é mais agarrado? E tem mais alguém? Em que momentos tu percebes isso? Como tu te sentes?

**7. O/a (2º filho) foi para a creche/escolinha?**

*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

*(Se o/a 2º filho foi para a creche/escolinha)* Desde quando ele fica na creche/escolinha?

- Como foi a adaptação dele? Como tu te sentiste?
- Como ele está hoje em relação à creche/escolinha? Como tu te sentes?
- Como ele/a reage ao afastamento de ti para ir à creche/escolinha?  
*(Se não foi para a creche/escolinha)* Vocês estão pensando em colocar o bebê na creche/escolinha? Quando?
- Porque escolheram colocar na creche/escolinha?

**8. Tem outras pessoas te ajudando a cuidar do/a (2º filho)?**

*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Quantas horas esta pessoa fica?
- Como tu te sentes com outras pessoas cuidando do bebê?
- O que te agrada? O que te incomoda?
- Como o/a *(2º filho)* reagiu no início quando outra(s) pessoa(s) ficava(m) como ele/a? E hoje, como ele reage?
- Como esta pessoa é com ele/a?

**7. Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?**

<sup>1</sup>Entrevista adaptada de GIDEP (1998) por (ordem alfabética): Coldebela, Lopes, Oliveira, Pereira e Piccinini (2005). Contribuíram para a adequação desses instrumentos para a presente idade da criança: Aline Groff Vivian, Ana Paula Freitas, Joice Sonogo e Lis Guimarães.

## ANEXO H

### ENTREVISTA SOBRE O RELACIONAMENTO FAMILIAR AOS 12 MESES DO SEGUNDO FILHO - Versão Mãe (GIDEP/Nudif, 2006)<sup>1</sup>

**1. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o dia-a-dia da tua família agora que o/a (2º filho) tem um ano...** (Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como é um dia típico da tua família?
- Como são os momentos em que estão todos juntos? O que mudou nesses últimos meses?
- Como é um dia típico de fim de semana da tua família? O que mudou nesses últimos meses?
- Teve alguma mudança na família de vocês agora que o/a (2º filho) está com um ano?

**2. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o relacionamento do (primogênito) com o/a (2º filho) agora que ele/a tem um ano...** (Caso não tenha mencionado) Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como está o relacionamento dele/a com o/a (2º filho)? Como tu te sentes?
- Tu percebeste alguma mudança no relacionamento do/a (primogênito) com o/a (2º filho) agora que ele/a tem um ano? O que aconteceu? Como tu te sentes?
- O que parece agradar o/a (primogênito) em relação ao o/a (2º filho)?
- E o que parece desagradar o/a (primogênito) em relação ao o/a (2º filho)?
- Como o/a (primogênito) costuma reagir quando algo lhe desagrada? E tu, como costumavas agir nesses momentos?
- Como o/a (primogênito) costuma se comportar quando tu estás atendendo/cuidando o/a (2º filho)?
- Ele/a participa de alguma forma desses momentos? O que ele/a costuma fazer? Tu solicitas esta participação?
- Ele/a interage com o/a (2º filho)? O que eles costumam fazer?
- Ele/a tem demonstrado alguma curiosidade, preocupação ou interesse sobre o/a (2º filho)?
- O que ele tem dito?
- Tu percebeste alguma mudança de comportamento do/a (primogênito) agora que o/a (2º filho) está com um ano? Como tu te sentes?

**3. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o relacionamento do/a (primogênito) com vocês, com a família e com outras crianças agora que o/a (2º filho) está com um ano...** (Caso não tenha mencionado) Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (primogênito) em relação a ti? O que aconteceu? Como tu te sentes com isto?
- E com o teu marido, tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (primogênito) em relação a ele agora que o/a (2º filho) está com um ano? O que aconteceu? Como tu te sentes?
- Tu percebeste alguma mudança no relacionamento de vocês quatro (tu, teu marido, o primogênito e o segundo filho) agora que o/a (2º filho) tem um ano? O que aconteceu? Como tu te sentes?
- Como é a relação do/a (primogênito) com os demais familiares?
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento dele/a com relação aos familiares agora nos últimos meses? Como tu te sentes?
- Como é a relação do/a (primogênito) com as outras crianças?
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (primogênito) em relação às outras crianças nos últimos meses?

**4. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre a tua experiência de ser mãe de dois filhos, agora que o/a (2º filho) está com um ano...** (Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como tu estás te sentindo como mãe de dois filhos?
- Como tu te descreverias como mãe de dois filhos?
- Que coisas tu costumavas fazer com o/a (primogênito)? E com o/a (2º filho)? E com os dois juntos?
- Tu tens encontrado alguma dificuldade como mãe de dois filhos? Quais são? Como tu te sentes?
- Tu vivenciaste alguma situação ou período estressante nesses últimos meses? Como foi? Como tu te sentes? E como mãe de dois filhos?
- Tu vivenciaste alguma situação agradável nesses últimos meses? Qual? Como tu te sentes? E como mãe de dois filhos?

**5. *Eu gostaria que tu falasses como tu vês o teu marido/companheiro como pai de dois filhos...***

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como tu o descreverias como pai de dois filhos?
- Como é o jeito dele lidar com o/a (*primogênito*)? E com o/a (*2º filho*)? E com os dois juntos?
- Que coisas ele costuma fazer com o/a (*primogênito*)? E com o/a (*2º filho*)? E com os dois juntos?
- Vocês têm alguma discordância com relação aos cuidados do/a (*primogênito*)? Quais são?
- E com relação aos cuidados do/a (*2º filho*)? Quais são?

**6. *Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o teu relacionamento com o teu marido agora que o (2º filho) tem um ano...***

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como está o relacionamento com o teu marido?
- Vocês têm algum momento só para vocês dois? Com que frequência isto acontece? O que vocês fazem?
- Tu percebeste alguma mudança no relacionamento de vocês agora que o/a (*2º filho*) está com um ano? Como tu te sentes?
- Que tipo de apoio o teu marido tem te oferecido neste momento?
- Que tipo de apoio tu esperas dele?
- Tu solicitas ajuda dele? E com relação ao cuidado das crianças? Como ele reage?
- Algum familiar (ou amigo, ou profissional) tem te ajudado?

**7. *Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?***

<sup>1</sup> Entrevista adaptada de GIDEP (1998) por (ordem alfabética): Coldebela, Lopes, Oliveira, Pereira e Piccinini (2005). Contribuíram para a adequação desses instrumentos para a presente idade da criança: Aline Groff Vivian e Ana Paula Freitas (2007).

## ANEXO I

### ENTREVISTA SOBRE A MATERNIDADE E O DESENVOLVIMENTO DO SEGUNDO FILHO AOS VINTE E QUATRO MESES

(Adaptada de GIDEP/Nudif, em 2007)<sup>1</sup>

#### **1. Eu gostaria que tu falasses sobre o/a (2º filho) agora que ele está com dois anos...**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como está o desenvolvimento/crescimento do/a (2º filho)?
- O/a (2º filho) tem apresentado algum problema de saúde em particular? Que cuidados exigiu?
- O que o/a (2º filho) é capaz de fazer que mais te chame atenção?
- Em que momentos tu percebes isso?
- Como tu descreverias o jeito do/a (2º filho)?
- Que coisas o/a (2º filho) mais gosta de fazer? Que coisas ele/a menos gosta?
- Que tipo de coisas ele/a faz que te desagradam? Como tu reages?
- E como ele/a fica ao perceber que te desagradou?
- Tu achas que o crescimento/desenvolvimento do/a (2º filho) tem afetado tua relação com ele/a? *(Se sim)* Como tem afetado [modificado, interferido, alterado]?

#### **2. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre:**

##### **a) Alimentação do/a (2º filho)**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como tem sido a hora das refeições para o (2º filho)? Ele/a se alimenta sozinho?
- Ele/a costuma solicitar a tua ajuda nesse momento? O que tu fazes?
- Tu percebeste alguma mudança na alimentação do/a (2º filho) nesses últimos meses?  
Como tu te sentes?
- *(Se ainda mama)* Ele/a tem usado a mamadeira?
- Tu tens a intenção de que ele/a largue a mamadeira? Quando pensas fazer isto? Como?
- Tu tens percebido alguma mudança do/a (2º filho) quanto à mamadeira nesses últimos meses?  
Como tu te sentes?
- Tu achas que essas questões de alimentação do/a (2º filho) tem afetado tua relação com ele/a? *(Se sim)* Como tem afetado?

##### **b) Uso do bico/chupeta pelo/a (2º filho)**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Ele/a tem usado bico/chupeta?  
*(Se ainda usa)*
- Tu tens a intenção de que ele/a largue o bico/chupeta? Quando pensas fazer isto?
- Tu tens percebido alguma mudança no uso do bico/chupeta do/a (2º filho) nesses últimos meses? Como tu te sentes?
- Tu achas que o uso do bico/chupeta do/a (2º filho) tem afetado tua relação com ele/a? *(Se sim)* Como tem afetado?

##### **c) Linguagem/fala do/a (2º filho)**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como está a fala/linguagem do/a (2º filho)?
- Tu tens percebido alguma mudança na fala/linguagem do/a (2º filho) nesses últimos meses?  
Como tu te sentes?
- Tu achas que a linguagem/fala do/a (2º filho) tem afetado tua relação com ele/a? *(Se sim)* Como tem afetado?

##### **d) O sono do/a (2º filho)**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como está o sono dele/a? Como tem sido a hora de dormir do/a (2º filho)?
- Ele/a consegue pegar no sono sozinho?
- Ele/a costuma solicitar tua presença nesse momento? Quem de vocês participa mais deste momento?
- Ele/a tem um quarto só para ele/a ou dorme com alguém?
- Tu tens percebido alguma mudança no sono do/a (2º filho) nesses últimos meses? Como tu te sentes?
- Tu achas que estas questões de sono do/a (2º filho) tem afetado tua relação com ele/a? *(Se sim)* Como tem afetado?

**e) O controle do xixi e do cocô do/a (2º filho)**

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como está o controle do xixi e do cocô do/a (2º filho)?
- Ele/a costuma solicitar tua ajuda nesse momento? O que tu fazes?
- De que forma o controle do xixi e do cocô do/a (2º filho) tem afetado tua relação com ele/a?
- Como tu costumavas reagir frente a sua solicitação?
- Tu tens percebido alguma mudança no controle do xixi e do cocô do/a (2º filho) nesses últimos meses? Como tu te sentes?
- Tu achas que o controle do xixi/cocô do/a (2º filho) tem afetado tua relação com ele/a? (Se sim) Como tem afetado?

**f) Cuidados e higiene pessoal: hora do banho; troca de fraldas/roupas; escovação de dentes**

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como é o comportamento do/a (2º filho) na hora do banho?
- Como é o comportamento do/a (2º filho) na troca de fraldas?
- Como é o comportamento do/a (2º filho) durante a troca de roupa?
- Como é o comportamento do/a (2º filho) durante a escovação de dentes?
- Ele/a costuma solicitar tua ajuda? O que tu fazes?
- Tu tens percebido alguma mudança nestes comportamentos nos últimos meses? Como tu te sentes?
- Tu achas que a hora do banho do/a (2º filho) tem afetado tua relação com ele/a? (Se sim) Como tem afetado?
- Tu achas que a troca de fraldas do/a (2º filho) tem afetado tua relação com ele/a? (Se sim) Como tem afetado?
- Tu achas que a troca de roupas do/a (2º filho) tem afetado tua relação com ele/a? (Se sim) Como tem afetado?
- Tu achas que a escovação de dentes do/a (2º filho) tem afetado tua relação com ele/a? (Se sim) Como tem afetado?

**g) O choro/manha do/a (2º filho)**

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Em que momentos ele/a chora? [Como tu te sentes?] Quem o acalma? Como esta pessoa o acalma?
- Tu tens percebido alguma mudança no choro/manha do/a (2º filho) nesses últimos meses? Como tu te sentes?
- Tu achas que essas questões do choro/manha do/a (2º filho) tem afetado tua relação com ele? (Se sim) Como tem afetado?

**3. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre as brincadeiras do/a (2º filho)...**

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Qual a brincadeira preferida dele/a?
- Ele/a costuma brincar sozinho/a? Em que momentos?
- Ele/a costuma brincar com o (primogênito)? O que ele/a faz? Ele divide os brinquedos com o/a (primogênito)?
- Ele/a costuma brincar com outras crianças?
- Tu costumavas brincar com ele/a (2º filho)? De quê?
- Tu tens percebido alguma mudança nas brincadeiras do/a (2º filho) nestes últimos meses? Como tu te sentes?
- Tu achas que as brincadeiras do/a (2º filho) têm afetado tua relação com ele/a? (Se sim) Como tem afetado?

**4. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre algum objeto preferido do/a (2º filho)...**

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Qual é este objeto? (Caso não seja um objeto) Seria uma parte do corpo (do 2º filho/mãe/pai)?
- Em que momentos o/a (2º filho) procura este objeto? E o que ele faz?
- Tu lembra quando isto apareceu?
- Tu tens percebido alguma mudança do/a (2º filho) em relação a este objeto nos últimos meses? Como tu te sentes?
- Tu achas que esse objeto preferido do/a (2º filho) tem afetado tua relação com ele/a? (Se sim) Como tem afetado?

**5. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre os medos do/a (2º filho)...**

- Ele/a apresenta algum tipo de medo? Qual? Quando começou?
- Tu percebeste alguma mudança nos medos dele/a nos últimos meses?
- Tu achas que esses medos do/a (2º filho) tem afetado tua relação com ele/a? (Se sim) Como tem afetado?



**6. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre os momentos em que o/a (2º filho) tem ficado longe de ti.**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Quais são estes momentos? Como ele/a reage quando vocês se separam? Como tu te sentes?
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (2º filho) nestes momentos de separação nos últimos meses? Como são os momentos em que vocês se reencontram? Como ele/a reage? Como tu te sentes?
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (2º filho) nesses momentos de reencontro?
- Com quem ele/a está mais agarrado? E tem mais alguém? Em que momentos tu percebes isso? Como tu te sentes?
- Tu percebeste alguma mudança neste comportamento (agarrado) nesses últimos meses? Como tu te sentes?
- Tu achas que esses momentos em que o/a (2º filho) tem ficado longe de ti tem afetado tua relação com ele/a? *(Se sim)* Como tem afetado?

**7. Eu gostaria que tu falasses sobre a escolinha/creche do/a (2º filho)?**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

*(Se a criança foi para a escolinha/creche):*

- Como está o/ (2º filho) na escolinha/creche?
- Tu percebeste alguma mudança nos comportamentos do/a (2º filho) em relação à escolinha/creche nesses últimos meses? Como tu te sentes?
- Tu achas que a ida para a escola do/a (2º filho) tem afetado tua relação com ele/a? *(Se sim)* Como tem afetado?

**8. Eu gostaria que tu falasses sobre outras pessoas que ajudam a cuidar do (2º filho)?**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Quanto tempo esta pessoa fica com o/a (2º filho)?
- Como tu te sentes com outras pessoas cuidando do/a (2º filho)?
- O que te agrada? O que te desagrada?
- Como o/a (2º filho) reage quando outra/s pessoa/s ficam com ele?  
Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (2º filho) em relação às pessoas que ficam com ele nesses últimos meses? Como tu te sentes?
- Tu achas que os cuidados dessa pessoa em relação ao/a (2º filho) tem afetado tua relação com ele/a? *(Se sim)* Como tem afetado?

**9. Eu gostaria que tu falasses sobre como o/a (2º filho) reage às frustrações...**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como o/a (2º filho) reage quando é contrariado?
- Como o/a (2º filho) lida com limites? (aceita, não aceita, briga?) Como ele/a fica quando recebe um não? Como ele/a reage?
- Ele/a tem crises de birra?  
*(Se sim)* Em que situações? Como tu lidas com isso? Como tu te sentes?
- Como tu lidas quando o/a (2º filho) não quer fazer algo que é necessário? O que tu fazes?  
Como tu te sentes?
- E o pai dele como lida quando o/a (2º filho) não quer fazer algo que é necessário? Como tu te sentes?
- Tu achas que essas reações/situações do/a (2º filho) tem afetado tua relação com ele/a? *(Se sim)* Como tem afetado?

**10. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre a experiência de ser mãe do/a (2º filho) neste momento...**

*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

- Como tu estás te sentindo como mãe do/a (2º filho) neste momento?
- Que dificuldades tu tens sentido?
- Tu imaginavas que seria assim?
- Como tu te descreverias como mãe do/a (2º filho)?
- Tu pensas em alguém como modelo de mãe quando tu lidas com o/a (2º filho)? Quem seria?
- Como ela é/era como mãe?
- Tu evitas algum modelo de mãe que tu já conhecestes quando tu lidas com o/a (2º filho)?
- E a tua mãe, como tu imaginas que ela era contigo quando tu tinhas a idade do/a (2º filho)? O que tu lembras?
- O teu jeito de cuidar do (2º filho) é parecido ou diferente do dela, quando tu tinhas a idade do/a (2º filho)?
- E o teu pai, como tu imaginas que ele era contigo quando tu tinhas a idade do/a (2º filho)? O que tu lembras?
- O teu jeito de cuidar do (2º filho) é parecido ou diferente do dele, quando tu tinhas a idade do/a (2º filho)?
- Tu achas que o teu jeito de cuidar do/a (2º filho) tem afetado tua relação com ele/a? *(Se sim)* Como tem afetado?

**11. Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?**

<sup>1</sup>Entrevista adaptada de GIDEP (1998) por (ordem alfabética): Coldebela, Lopes, Oliveira, Pereira e Piccinini (2005). Contribuíram para a adequação desses instrumentos para a presente idade da criança: Aline Groff Vivian e Ana Paula Freitas.

## ANEXO J

### ENTREVISTA SOBRE O RELACIONAMENTO FAMILIAR AOS 24 MESES DO SEGUNDO FILHO - Versão Mãe (GIDEP/Nufid, 2006)<sup>1</sup>

**1. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o dia-a-dia da tua família agora que o/a (2º filho) tem dois anos...**

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como é um dia típico da tua família?
- Como são os momentos em que estão todos juntos? O que mudou nesses últimos meses?
- Como é um dia típico de fim de semana da tua família? O que mudou nesses últimos meses?
- Teve alguma mudança na família de vocês agora que o/a (2º filho) está com um ano?

**2. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o relacionamento do (primogênito) com o/a (2º filho) agora que ele/a tem um ano... (Caso não tenha mencionado) Tu poderias falar um pouco mais sobre...**

- Como está o relacionamento dele/a com o/a (2º filho)? Como tu te sentes?
- Tu percebeste alguma mudança no relacionamento do/a (primogênito) com o/a (2º filho) agora que ele/a tem um ano? O que aconteceu? Como tu te sentes?
- O que parece agradar o/a (primogênito) em relação ao o/a (2º filho)?
- E o que parece desagradar o/a (primogênito) em relação ao o/a (2º filho)?
- Como o/a (primogênito) costuma reagir quando algo lhe desagrada? E tu, como costumavas agir nesses momentos?
- Como o/a (primogênito) costuma se comportar quando tu estás atendendo/cuidando o/a (2º filho)?
- Ele/a participa de alguma forma desses momentos? O que ele/a costuma fazer? Tu solicitas esta participação?
- Ele/a interage com o/a (2º filho)? O que eles costumam fazer?
- Ele/a tem demonstrado alguma curiosidade, preocupação ou interesse sobre o/a (2º filho)?
- O que ele tem dito?
- Tu percebeste alguma mudança de comportamento do/a (primogênito) agora que o/a (2º filho) está com um ano?  
Como tu te sentes?

**3. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o relacionamento do/a (primogênito) com vocês, com a família e com outras crianças agora que o/a (2º filho) está com um ano...(Caso não tenha mencionado) Tu poderias falar um pouco mais sobre...**

- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (primogênito) em relação a ti? O que aconteceu? Como te sentes com isto?
- E com o teu marido, tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (primogênito) em relação a ele agora que o/a (2º filho) está com um ano? O que aconteceu? Como tu te sentes?
- Tu percebeste alguma mudança no relacionamento de vocês quatro (tu, teu marido, o primogênito e o segundo filho) agora que o/a (2º filho) tem um ano? O que aconteceu? Como tu te sentes?
- Como é a relação do/a (primogênito) com os demais familiares?
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento dele/a com relação aos familiares agora nos últimos meses? Como tu te sentes?
- Como é a relação do/a (primogênito) com as outras crianças?
- Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (primogênito) em relação às outras crianças nos últimos meses?

**4. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre a tua experiência de ser mãe de dois filhos, agora que o/a (2º filho) está com dois anos...**

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Como tu estás te sentindo como mãe de dois filhos?
- Como tu te descreverias como mãe de dois filhos?
- Que coisas tu costumavas fazer com o/a (primogênito)? E com o/a (2º filho)? E com os dois juntos?
- Tu tens encontrado alguma dificuldade como mãe de dois filhos? Quais são? Como tu te sentes?
- Tu vivenciaste alguma situação ou período estressante nesses últimos meses? Como foi? Como tu te sentes?  
E como mãe de dois filhos?
- Tu vivenciaste alguma situação agradável nesses últimos meses? Qual? Como tu te sentes?  
E como mães de dois filhos?

**5. Eu gostaria que tu falasses como tu vês o teu marido/companheiro como pai de dois filhos...**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como tu o descreverias como pai de dois filhos?
- Como é o jeito dele lidar com o/a (*primogênito*)? E com o/a (*2º filho*)? E com os dois juntos?
- Que coisas ele costuma fazer com o/a (*primogênito*)? E com o/a (*2º filho*)? E com os dois juntos?
- Vocês têm alguma discordância com relação aos cuidados do/a (*primogênito*)? Quais são?
- E com relação aos cuidados do/a (*2º filho*)? Quais são?

**6. Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre o teu relacionamento com o teu marido agora que o (*2º filho*) tem dois anos...**

*(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...*

- Como está o relacionamento com o teu marido?
- Vocês têm algum momento só para vocês dois? Com que frequência isto acontece? O que vocês fazem?
- Tu percebeste alguma mudança no relacionamento de vocês agora que o/a (*2º filho*) está com dois anos? Como tu te sentes?
- Que tipo de apoio o teu marido tem te oferecido neste momento?
- Que tipo de apoio tu esperas dele?
- Tu solicitas ajuda dele? E com relação ao cuidado das crianças? Como ele reage?
- Algum familiar (ou amigo, ou profissional) tem te ajudado?

**7. Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?**

<sup>1</sup> Entrevista adaptada de GIDEP (1998) por (ordem alfabética): Coldebela, Lopes, Oliveira, Pereira e Piccinini (2005). Contribuíram para a adequação desses instrumentos para a presente idade da criança: Aline Groff Vivian e Ana Paula Freitas (2007).

## ANEXO L

### ESTRUTURA DE CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS TEMÁTICAS

#### *Gestação*

1. Impressões sobre si como mãe de um segundo filho
  - Reação à notícia da gestação
  - Transformações físicas [como se sente com mudanças no corpo] e emocionais
  - Reação à descoberta do sexo da criança
  - Escolha do nome
  - Parto
  - Dificuldades/preocupações
  - Sentimentos /Expectativas
  - Diferenças x semelhanças
  - 1.1 criar espaço para receber mais um filho
  - 1.2 comparações
2. Expectativas em relação com o segundo filho
  - Características individuais: gênero, diferença de idade e temperamento
  - Impressões sobre a criança
  - Com quem ele se parece física e emocionalmente
  - Expectativas para o futuro
  - Realizações que não teve com o primogênito
3. Relação com a própria mãe
  - apoio e acolhimento
  - posição na família de origem
  - relação na infância e atualmente
  - modelo materno
    - demais familiares e figuras de apoio
4. Relação com o marido
  - apoio e acolhimento

#### *6 meses*

1. Impressões sobre si como mãe de um segundo filho
  - Estar novamente com um bebê
  - Dificuldades/preocupações
  - Sentimentos /Expectativas como mãe de um segundo filho
  - Como mãe de dois filhos
  - Diferenças x semelhanças na maternidade
  - 1.1 criar espaço para receber mais um filho
  - 1.2 comparações
2. Impressões sobre o bebê e relação com o segundo filho
  - Características individuais: gênero, diferença de idade e temperamento
3. Relação com a própria mãe
  - apoio e acolhimento
  - relação na infância e atualmente
  - modelo materno
    - demais familiares e figuras de apoio
4. Relação com o marido
  - apoio e acolhimento

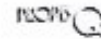
## ESTRUTURA DE CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS TEMÁTICAS

(continuação)

*12 e 24 meses*

1. Impressões sobre si como mãe de um segundo filho
  - Experiência de tornar-se mãe
  - Novas demandas: Diferenças x semelhanças na maternidade
  - Mudanças decorrentes do desenvolvimento do segundo filho
  - Dificuldades/preocupações
  - Sentimentos /Expectativas como mãe de um segundo filho
  - Como mãe de dois filhos
  
  - 1.1 criar espaço para receber mais um filho
  - 1.2 comparações
2. Relação com o segundo filho
  - Características individuais: gênero, diferença de idade e temperamento
3. Relação com a própria mãe
  - apoio e acolhimento
  - relação na infância e atualmente
  - modelo materno
    - demais familiares e figuras de apoio
4. Relação com o marido
  - apoio e acolhimento

## ANEXO M



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA  
CARTA DE APROVAÇÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul analisou o projeto:

Número : 2004373

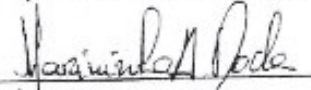
Título : Estudo longitudinal sobre o impacto do nascimento do segundo filho na dinâmica familiar e no desenvolvimento emocional do primogênito

Pesquisador (es) :

<u>NOME</u>	<u>PARTICIPAÇÃO</u>	<u>EMAIL</u>	<u>FONE</u>
CESAR AUGUSTO PICCININI	PESQ RESPONSÁVEL	piccinini@portoweb.esm.br	33165246
RITA DE CASSIA SOBREIRA LOPES	PESQUISADOR	sobreiralopes@portoweb.com.	33165245

O mesmo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, reunião nº 35 , ata nº 56 , por estar adequado ética e metodologicamente e de acordo com a Resolução 196/96 e complementares do Conselho Nacional de Saúde.

Porto Alegre, quinta-feira, 28 de abril de 2005

  
p/ José Roberto Goldim  
Coordenador do CEP-UFRGS